

CLEOPATRA *and* FRANKENSTEIN

COCO MELLORS

Índice

Folha de rosto
direito autoral
Dedicação
Epígrafe
Conteúdo
Capítulo Um: Dezembro
Capítulo Dois: junho
Capítulo três: julho
Capítulo Quatro: Início de agosto
Capítulo cinco: final de agosto
Capítulo Seis: Início de setembro
Capítulo sete: final de setembro
Capítulo Oito: Outubro
Capítulo Nove: Janeiro
Capítulo Dez: Fevereiro
Capítulo Onze: Início de março
Capítulo doze: Ainda em março
Capítulo Treze: Final de março
Capítulo Quatorze: Abril
Capítulo Quinze: Maio
Capítulo Dezesseis: Agosto
Capítulo Dezessete: Janeiro
Agradecimentos
Sobre o autor
Sobre a Editora

CLEÓPATRA E FRANKENSTEIN

Coco Mellors

4th ESTATE • *London*

direito autoral

4º Estado
Uma marca da HarperCollins *Publishers*
1 London Bridge Street
Londres SE1 9GF
www.4thEstate.co.uk

HarperCollins *Publishers*
1º Andar, Edifício Watermarque, Ringsend Road,
Dublin 4, Irlanda

Este eBook foi publicado pela primeira vez na Grã-Bretanha pelo 4th Estate em 2022

Direitos autorais © Coco Mellors 2022

Coco Mellors afirma o direito moral de ser identificada como a autora desta obra

Design da capa por Jo Thomson
Pintura da capa por Gill Button

Um registro de catálogo para este livro está disponível na Biblioteca Britânica

Este romance é inteiramente uma obra de ficção. Os nomes, personagens e acontecimentos nele retratados são obra da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Todos os direitos reservados sob as convenções internacionais e pan-americanas de direitos autorais. Mediante o pagamento das taxas exigidas, você obteve o direito não exclusivo e intransferível de acessar e ler o texto deste e-book na tela. Nenhuma parte deste texto pode ser reproduzida, transmitida, baixada, descompilada, submetida a engenharia reversa, armazenada ou introduzida em qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, agora conhecido ou doravante inventado, sem a permissão expressa por escrito da HarperCollins

Fonte ISBN: 9780008421762
Edição Ebook © Novembro 2021 ISBN: 9780008421786 See More

Versão: 2021-12-03

Dedicação

Para minha mãe, que acreditou

Epígrafe

Metade de mim como uma noz
Erguer a parte de mim que é oca
Da parte que dá fruto.

— OMOTARA JAMES

Vamos ficar com fome um pouco mais.
Não vamos nos machucar se pudermos.

— MAYA C. POPA

Conteúdo

Cobrir
Folha de rosto
direito autoral
Dedicação
Epígrafe

Capítulo Um: Dezembro
Capítulo Dois: junho
Capítulo três: julho
Capítulo Quatro: Início de agosto
Capítulo cinco: final de agosto
Capítulo Seis: Início de setembro
Capítulo sete: final de setembro
Capítulo Oito: Outubro
Capítulo Nove: Janeiro
Capítulo Dez: Fevereiro
Capítulo Onze: Início de março
Capítulo doze: Ainda em março
Capítulo Treze: Final de março
Capítulo Quatorze: Abril
Capítulo Quinze: Maio
Capítulo Dezesseis: Agosto
Capítulo Dezessete: Janeiro

Agradecimentos
Sobre o autor
Sobre a Editora

CAPÍTULO UM

dezembro

Ela já estava dentro do elevador quando ele entrou. Ele acenou com a cabeça para ela e se virou para fechar o portão de ferro com um estrondo. Eles estavam em um prédio de fábrica reformado em Tribeca, do tipo que ainda é servido, de forma incomum, por elevadores de carga. Eram apenas os dois, lado a lado, olhando para a frente enquanto o mecanismo gemia em movimento. Além da cruz de metal do portão, eles observaram as paredes de cimento do prédio deslizarem.

"O que você está recebendo?" Ele dirigiu isso ao ar à sua frente, sem se virar para ela.

"Desculpe?"

“Fui mandado buscar gelo”, disse ele. "O que você precisa?"

"Oh nada. Estou indo para casa.

“Às dez e meia na véspera de Ano Novo? Essa é a coisa mais triste ou a mais sábia que já ouvi.”

“Vamos me permitir e dizer o mais sábio,” ela disse.

Ele riu generosamente, embora ela não se sentisse particularmente espirituosa. "Britânico?" ele perguntou.

"Londres."

“Sua voz soa como a sensação de morder uma maçã Granny Smith.”

Agora ela ria, com menos abandono. "Como você se sente?"

"Em um mundo? Crocante.

“Em vez de morder um Pink Lady ou um Golden Delicious?”

“Você conhece suas maçãs.” Ele deu a ela um aceno respeitoso. “Mas é insanidade sugerir que você soa como um Golden Delicious. Esse é um sotaque do meio-oeste.

Eles chegaram ao andar térreo com um baque suave. Ele abriu a porta para ela passar.

"Você é um homem estranho", disse ela por cima do ombro.

"Inegavelmente." Ele correu na frente para abrir a porta do prédio. “Acompanhar esse homem estranho à delicatessen? Eu só preciso ouvir você dizer mais algumas palavras.

"Mm, como o quê?"

“Como o alumínio.”

“Você quer dizer alumínio?”

“Ah, aí está!” Ele cobriu as orelhas com prazer. “Essa sílaba extra. A-luh-mi-

nee-uhm. Isso me desfaz.”

Ela tentou parecer cética, mas estava se divertindo, ele percebeu.

"Você é facilmente desfeito", disse ela.

Ele a surpreendeu ao parar para pensar nisso com genuína seriedade.

“Não,” ele disse eventualmente. "Eu não sou."

Eles estavam na rua. Em frente a eles, uma loja que vendia letreiros de néon banhava a calçada com salpicos de amarelo, rosa e azul. MILLER L ITE . _ VIVE NUDES . _ _ NÓS MORREREMOS POR VOCÊ .

"Cadê?" ela perguntou. “Eu poderia usar mais alguns cigarros.”

“Cerca de dois quarteirões naquela direção.” Ele apontou para o leste. "Quantos anos você tem?"

"Vinte e quatro. Velho o suficiente para fumar, se você está pensando em me dizer para não fumar.

“Você tem a idade perfeita para fumar”, disse ele. “Tempo acumulado para resolver e satisfazer. É assim que o poema de Larkin funciona?

“Oh, não cite poesia. Você pode acidentalmente *me desfazer.* ”

“'Eu canto o corpo elétrico'!” ele chorou. “'Os exércitos daqueles que amo me cercam e eu os envolvo'!”

“Sha-la-la! Não vou ouvir você!

Ela pressionou as palmas das mãos nos ouvidos e correu à frente dele pela rua. Um carro tocando uma música pop jubilosa passou. Ele a alcançou na luz, e hesitantemente, ela soltou as mãos de sua cabeça. Ela estava usando luvas de pelica de couro rosa. Suas bochechas também estavam rosadas.

“Não se preocupe, é só disso que me lembro”, disse ele. "Você está seguro."

“Estou impressionado que você se lembre de algum.”

"Eu sou mais velho que você. Minha geração teve que memorizar essas coisas na escola.”

"Que idade?"

"Mais velho. Qual o seu nome?"

— Cleo — disse Cleo.

Ele assentiu.

“Apropriado.”

"Como assim?"

“Cleópatra, a destruidora original dos homens.”

“Mas eu sou apenas Cleo. Qual o seu nome?"

"Frank", disse Frank.

"Abreviatura de?"

“Abreviado para nada. Qual seria a abreviação de Frank?

"Não sei." Cléo sorriu. “Frankfurter, incenso, Frankenstein…”

“Frankenstein parece certo. Criador de monstros.”

“Você faz monstros?”

"Mais ou menos", disse Frank. “Eu faço anúncios.”

“Eu tinha certeza de que você era um escritor”, disse ela.

"Por que?"

"Crisp", disse Cleo, levantando uma sobrancelha.

“Abri uma agência”, disse Frank. “Estamos para onde vão as pessoas que não

se dão bem como escritores.”

Eles caminharam até encontrarem a bodega 24 horas brilhando na esquina, ladeada por baldes de rosas de cabeça pesada e cravos espumosos. Frank abriu a porta para ela com um jingle. Na brilhante fluorescência do interior da loja, eles se olharam abertamente pela primeira vez.

Frank estava, ela estimou, em seus trinta e tantos ou quarenta e poucos anos. Olhos gentis, foi seu primeiro pensamento. Eles enrugaram automaticamente quando encontraram os dela. Cílios longos e macios que roçavam nas lentes dos óculos, conferindo seu olhar angular rosto de uma suavidade surpreendente. Cabelo escuro encaracolado, eriçado como lã de ovelha, ralo um pouco no topo. Agora, sentindo os olhos dela nisso, ele passou a mão pelos cabelos constrangido. A pele do dorso da mão e do rosto era sardenta, ainda bronzeada apesar do inverno. Combinava com seu cachecol de caxemira bege, enfiado em um sobretudo bem cortado. Ele tinha a compleição leve e enérgica de um dançarino aposentado, um corpo que sugeria economia e inteligência. Cleo sorriu com aprovação.

Ele sorriu de volta. Como a maioria das pessoas, ele notou primeiro o cabelo dela. Pendia sobre seu ombro em duas cortinas douradas, abrindo-se para revelar aquele primeiro ato tão esperado: seu rosto. E foi uma performance, o rosto dela. Ele sentiu instintivamente que poderia assistir por horas. Ela havia desenhado grossas asas negras sobre as pálpebras, no estilo dos anos 1960, terminando cada movimento com uma minúscula estrela dourada. Suas bochechas estavam polvilhadas com algo brilhante e dourado também; brilhava como champanhe na luz. Um pesado casaco de pele de carneiro a envolvia, combinado com as luvas de pelica cor-de-rosa que ele notara antes e uma boina branca de lã. Nos pés, botas de cowboy creme bordadas. Tudo nela era deliberado. Frank, que passou grande parte de sua vida cercado de pessoas bonitas, nunca conheceu ninguém que se parecesse com ela.

Constrangido com a franqueza de seu olhar, Cleo se virou para examinar uma prateleira cheia, inoportunamente, com latas de comida de gato. Ela estava usando muita maquiagem, ela se preocupou, e parecia um palhaço na luz.

"Meu irmão", disse Frank ao homem atrás do balcão. "Feliz Ano Novo."

O homem ergueu os olhos do jornal, onde lia sobre mais torturas sancionadas pelo governo em seu país. Ele se perguntou o que fez esse homem branco pensar que eles eram irmãos, então sorriu.

"E para você", disse ele.

“Onde está o gelo?”

“Sem gelo.” Ele encolheu os ombros.

“Que tipo de delicatessen não vende gelo?”

“Este”, disse o homem.

Frank ergueu as mãos em sinal de rendição.

"Ok, sem gelo." Ele se virou para Cleo. "Você quer seus cigarros?"

Cleo estava examinando os preços dos cigarros na prateleira. Ela puxou a carteira, que, notou Frank, não era bem uma carteira, mas um bolsa de veludo recheada com papéis e invólucros. Seus dedos longos vasculharam hesitantemente o conteúdo.

"Você sabe o que?" ela disse. “Eu tenho alguns papéis de enrolar aqui. Vou

pegar um saco de tabaco. Um pequeno. Quanto custa isso?"

Frank observou toda a postura do homem relaxar enquanto ela se dirigia a ele. Era como observar a frente de uma geleira se dissolver no mar; ele derreteu.

"Menina bonita", ele murmurou. “Quanto você quer pagar?”

Um rubor vermelho subia de seu pescoço até o queixo.

"Deixe-me pegar isso", disse Frank, dando um tapa no cartão de crédito. “E...” Ele pegou uma barra de chocolate ao leite. "Isto também. Caso você fique com fome.

Cleo lançou-lhe um olhar agradecido, mas não hesitou.

"Pacote de Capris, por favor", disse ela. “Os magentas.”

Do lado de fora, Cleo examinou a rua de cima a baixo.

"Você nunca vai pegar um táxi esta noite", disse Frank. "Onde você mora?"

“East Village,” ela disse. “Perto do Tompkins Square Park. Mas vou apenas caminhar, não é muito longe.

"Vou caminhar com você", disse ele.

“Não, você não deve,” ela protestou. "É muito longe."

"Eu pensei que não era longe?"

“Você vai perder a contagem regressiva.”

“Foda-se a contagem regressiva”, disse Frank.

“E o gelo?”

"Você tem razão. O gelo é importante.

O rosto de Cleo caiu. Frank riu. Ele começou a marchar para o norte, então ela não teve escolha a não ser segui-lo. Ele olhou para encontrá-la trotando ao lado dele e diminuiu a velocidade.

"Você está quente o suficiente?"

“Ah, sim”, disse ela. "Você é? Quer meu chapeau?

"Seu o quê?"

"Meu chapéu. Ele usa boina, então geralmente falo com ele em francês.

"Você fala francês?"

“Só um pouco. Posso dizer, tipo, 'Chocolat chaud avec chantilly' e 'C'est cool mais c'est fou.'”

"O que isso significa?"

“'Chocolate quente com chantilly' e 'É legal, mas é uma loucura.' Ambas as frases surpreendentemente úteis. Então, você o quer?

“Acho que não fui feito para usar uma boina.”

“Bobagem”, disse Cleo. “O mundo é o seu chapéu.”

"Você sabe o que?" Frank tirou o chapéu da cabeça de Cleo e o colocou corajosamente sobre a sua. "Você tem razão."

“Magnífico”, disse ela. “Allez!”

Eles caminharam para o leste em direção a Chinatown. Um grupo de mulheres usando cartolas prateadas e óculos escuros 2007 passou por eles. Um tocou uma corneta de festa perto da cabeça de Frank e o grupo explodiu em gritos de alegria. Ele tirou a boina da cabeça.

“Não seria festivo da minha parte dizer que odeio o Ano Novo?” ele perguntou.

Cléo deu de ombros. “Eu costumo comemorar apenas o Ano Novo Lunar.”

Frank esperou, mas ela não deu mais detalhes.

“Então, qual foi a melhor parte do ano passado para você?” ele perguntou.

"Só uma coisa?"

“Pode ser qualquer coisa.”

“Puxa, deixe-me pensar. Bem, mudei para um antidepressivo que realmente me permite atingir o orgasmo novamente. Isso pareceu uma vitória.”

"Uau. OK. Eu não estava esperando isso. Essas são ótimas notícias."

“Clitoriana e penetrante.” Cleo deu-lhe dois polegares. "E você? Qual foi a sua coisa favorita que aconteceu no ano passado?”

“Deus, nada que se compare a isso.”

“Não precisa ser tão pessoal! Desculpe, o meu foi estranho. Eu estou envergonhado."

“O seu ficou ótimo! Isso é um grande negócio. Eu apenas trato minha miséria à moda antiga, com grandes doses de álcool e repressão”.

"Como isso está funcionando para você?"

Frank imitou seus dois polegares para cima e continuou andando.

“De qualquer forma, acho realmente impressionante que você esteja se cuidando”, disse ele.

Outro grupo de foliões havia se separado entre eles, abafando esta última declaração. Ele escalou ao redor deles para voltar para o lado dela, repetindo-se.

“Isso é uma coisa gentil de se dizer. Eu só tenho um monte de...” Ela acenou vagamente em direção a uma pilha de lixo espalhada na calçada ao lado deles. “Coisas da minha família. Eu tenho que ser cuidadoso." Ela limpou a garganta. "De qualquer forma. Conte-me sobre o seu ano.

“Melhor momento do ano passado? Provavelmente apenas coisas de trabalho. Ganhei um prêmio por um anúncio que dirigi. Isso foi muito bom.”

“Que maravilha! Qual prêmio?”

“Chama-se um Leão de Cannes. Eles são um grande negócio na minha indústria. É estúpido, realmente.

"Não, não é. Eu adoraria ganhar um prêmio por alguma coisa.”

"Você vai", disse ele com confiança.

Eles passaram por dois homens, ostensivamente estranhos, mijando contra uma parede em um silêncio confortável. Frank ofereceu a mão a Cleo enquanto ela pulava sobre os jatos gêmeos de urina. Ela balançou a cabeça.

"Homens!"

A mão dela permaneceu na dele, e então ela a afastou para remexer em sua bolsa.

“Então,” ele disse. "Você tem alguém em particular com quem você está, hum, tendo esses orgasmos?"

Frank estava se esforçando para usar o tom de “amigo curioso”, mas temia ter acabado se tornando um “conselheiro clínico de saúde sexual preocupado”.

“Tanto clitoriana *quanto* vaginal?” Cleo brincou.

Frank limpou a garganta.

"Sim... aqueles."

Cleo deu a ele um olhar malicioso e de soslaio.

“Só eu agora.”

Seu rosto se abriu involuntariamente em um sorriso. Ela riu.

“Oh, você gosta desse pensamento, não é? E você? Todo mundo da sua idade

não deveria ser casado?

“Não, eles mudaram essa lei”, disse Frank. “Agora é opcional.”

“Graças a Deus”, disse Cleo e acendeu um cigarro.

Eles seguiram para o norte até a Broome Street, passando por vitrines que vendiam plantas domésticas e leituras psíquicas, lustres e misturadores de cozinha de tamanho industrial. Eles falaram sobre as resoluções de Ano Novo e o que há de antiquado e quem eles conheceram na festa (Cleo: uma pessoa; Frank: todos). Eles falaram sobre o anfitrião da festa, um famoso chef peruano chamado Santiago, que Frank conhecia há vinte anos. A colega de quarto de Cleo era recepcionista no restaurante Santiago's, e foi assim que ela foi convidada, embora essa colega de quarto tivesse fugido com um artista performático islandês logo depois que ela chegou. Eles falaram sobre Pina Bausch e Kara Walker e Paul Arden e Stevie Nicks e James Baldwin.

“Existe uma coleção de ensaios que adoro do curador Hans Ulrich Obrist”, disse Cleo. “Chama-se *Línguas Afiadas, Lábios Soltos, Olhos Abertos* ... Não me lembro do resto.”

"Um homem de poucas palavras."

“Oh, você o leu?”

“Não, é só que esse título é – não importa. Continuo querendo ler mais”, admitiu.

Cléo deu de ombros. “Basta comprar um livro e lê-lo.”

"Certo. Eu não tinha pensado nisso.”

“De qualquer forma, em um dos ensaios ele fala sobre ser capaz de dizer como uma pessoa é generosa como amante pelo quão curiosa ela é. Você deve realmente *contar* em sua cabeça quantas perguntas eles fazem em um minuto. Se pedem quatro ou mais, então gostam de agradar.”

“E se eles não perguntarem nada?”

“Então você pode presumir que eles não comem xoxota. Ou, você sabe, idiota, se essa for a sua bolsa.

"Pussy", disse Frank rapidamente. “É a minha bolsa.”

Ela deu a ele outro de seus olhares divertidos.

“Eu meio que imaginei.”

"E você?"

"Minha bolsa? Dick. Ela riu, então inclinou a cabeça para pensar melhor. “Talvez com um saco de boceta. Mas apenas um pequeno. Como uma daquelas bolsinhas que você usa na ópera.

Frank assentiu. “Uma bolsa noturna de boceta.”

"Exatamente. Ao contrário de, tipo, uma mochila cheia de pau.

“Uma maleta de pênis.”

“Uma carga completa de pau.”

“Uma mochila de tesão.”

O rosto de Cleo se iluminou com o riso, e então ela o enterrou nas mãos como se estivesse apagando um fósforo.

“Deus, pareço carnívoro. Vamos mudar de assunto, por favor.

"Então..." Frank respirou fundo. "O que você faz? De onde você é? Quando você se mudou para Nova York? Você tem irmãos e irmãs? Quando é seu aniversario? Qual é o seu horóscopo? Pedra do nascimento? Tamanho de

sapato?"

Cleo soltou outra gargalhada. Frank sorriu.

"Vá em frente, então", disse ele. "De onde você é?"

"Você realmente quer saber tudo isso sobre mim?"

“Quero saber tudo sobre você”, disse ele, e ficou surpreso ao descobrir que falava sério.

Cleo disse a ele que ela se mudou muito enquanto crescia, mas sua família acabou se estabelecendo no sul de Londres. Seus pais se separaram quando ela era adolescente, e seu pai, um engenheiro afável, mas distante, rapidamente se casou novamente e adotou o filho de sua nova esposa. Sua mãe morreu no último ano de Cleo na universidade na Central Saint Martins. Ela ainda não tinha encontrado uma maneira de falar sobre isso. Ela não tinha família próxima em casa, o que a deixou sem amarras, mas também, ela acrescentou rapidamente, completamente livre.

Sem nada que a prendesse a Londres e uma pequena herança de sua mãe que poderia cobrir um vôo e dois anos de aluguel barato, ela se candidatou a uma bolsa para estudar pintura em um programa de pós-graduação em Nova York. Ela chegou com vinte e um anos. Para ela, aquele MFA significava dois anos em uma órbita suave de sua cama, para uma tela, para grades, para a cama de outras pessoas e de volta para uma tela. Ela havia se formado na primavera anterior e trabalhava como designer têxtil freelancer para uma marca de moda desde então. O salário não era bom e eles não ofereciam benefícios, mas dava a ela dinheiro suficiente e tempo livre para alugar um quarto considerável no East Village, que ela também usava como estúdio de pintura. Seu maior medo agora era que seu visto de estudante expirasse no início do verão e ela não tivesse planos para o que fazer a seguir.

“Você pinta todos os dias?” perguntou Frank.

“Todo mundo sempre pergunta isso. Eu tento. Mas é difícil."

"Por que?"

“Às vezes, o processo é como... Ok, você sabe quando está arrumando um armário...”

"Isso é um armário?"

“Sim, seu americano, um armário. Primeiro, você tem que tirar tudo de dentro dele, e chega o momento em que você está olhando em volta e está uma bagunça total. E você pensa, *merda* , por que eu comecei isso? Está pior do que antes de começar. E então lentamente, peça por peça, você coloca tudo de lado. Mas antes que você possa criar ordem, você tem que fazer uma bagunça.”

"Estou seguindo."

“É assim que a pintura é para mim. Inevitavelmente, chega um momento em que tiro tudo de mim, e é só... é o caos na tela. Eu sinto que nunca deveria ter começado. Mas então eu continuo, e de alguma forma as coisas encontram sua ordem. Sei quando terminei porque sinto... sinto esse *clique* que significa que tudo está em seu lugar. Está tudo onde deveria estar. Paz absoluta.”

“Quanto tempo isso dura?”

“Talvez sete ponto cinco segundos. E então começo a pensar na próxima peça.”

“Parece cansativo”, disse Frank.

“Mas aqueles sete pontos cinco segundos são...”

Ela olhou para o céu dramaticamente. Frank esperou.

"Como você diria, eles me desfazem", disse ela.

Eles passaram por um homem vestindo um smoking e um boá de penas verdes, vomitando sobre um hidrante.

“Acho que os boás de penas deveriam voltar”, disse Cleo.

“Acho que você é uma pessoa excepcional”, disse Frank.

"Você não me conhece bem o suficiente para dizer isso", disse Cleo, claramente encantada.

“Eu sou um bom juiz dessas coisas.”

"Então eu vou ter que acreditar na sua palavra."

Eles estavam em Little Italy, onde as ruas eram repletas de restaurantes italianos aparentemente idênticos, com toalhas de mesa xadrez vermelho e tigelas de plástico com macarrão presas nas janelas. Acima de suas cabeças, fios de lâmpadas vermelhas, brancas e verdes lançavam losangos de luz na rua abaixo. Na janela de um apartamento no terceiro andar, um grupo de pessoas fumava uma janela, seus corpos recortados contra a luz amarela da sala atrás deles. "Feliz Ano Novo!" eles gritaram para ninguém em particular. Cleo e Frank passaram por uma pizzaria tranquila na esquina, onde um homem solitário empilhava cadeiras de plástico para passar a noite.

“Você quer uma fatia?” perguntou Frank.

Cleo passou os dedos pelas borlas da bolsa. “Não tenho dinheiro.”

“Vou comprar uma coisa para você”, disse ele.

“Largue *alguma coisa* ,” ela disse levemente. "E você tem a verdade sobre o assunto."

“Você acha que estou tentando comprar *você* ?”

“No fundo, todos os homens não estão tentando comprar mulheres?”

“Você realmente acredita nisso?”

“Eu não *acredito* nisso.”

“Isso é incrivelmente injusto.”

"Ok, me diga por que estou errado."

Ele se virou para encará-la e exalou lentamente. Ele realmente só queria uma fatia.

“Acho que os homens são ensinados a comprar coisas para as mulheres, sim. Não porque queremos ser seus donos ou controlá-los, mas porque é uma forma de mostrar que estamos interessados ou nos importamos, o que não exige muita, sei lá, vulnerabilidade. Não fomos ensinados a nos comunicar do jeito que você é. Recebemos essas ferramentas muito limitadas e primitivas para nos expressarmos e, sim, comprar a porra de uma refeição é uma delas. Mas as mulheres também *esperam* isso de nós...”

Cleo estava pulando de alegria para interrompê-lo, mas ele ergueu a mão, determinado a terminar. “Vai para os dois lados. Você diz que estou tentando comprá-lo, mas ficaria ofendido se eu não me oferecesse para pagar.

"Eu não faria!" ela explodiu. "E a única razão pela qual vou deixar *você* pagar é porque estou com o triplo da grana agora."

“Então agora eu *estou* pagando? Veja, é aí que eu chamo de besteira. Você quer as duas coisas. Você quer ter tantos princípios e estar acima de tudo, mas

assim que isso se torna inconveniente para você, você está bem com um homem pagando a conta.

“Você está *brincando* comigo? Talvez eu esteja falido por causa, não sei, da diferença salarial entre gêneros, ou anos de sexismo sistêmico limitando minhas oportunidades de trabalho, ou o fato de que tive que largar meu último emprego como babá porque o pai não parava de me dar em cima, ou...”

Agora foi a vez de Frank pular.

“Não é por isso que você está falido! Você está falido porque tem vinte e quatro anos e é um artista que trabalha meio período! Você não pode culpar todos os seus problemas por ser mulher!”

Cleo aproximou o rosto do de Frank e falou tão baixinho que suas palavras foram quase um suspiro. Ele tinha a esperança insana de que ela estava prestes a beijá-lo.

“Sim, eu posso,” ela disse.

Frank se virou e entrou na pizzaria. "Você é legal", disse ele por cima do ombro. “Mas você é louco.”

“Soa melhor em francês!” ela gritou de volta.

Cleo acendeu outro cigarro e bateu os pés na calçada como um cavalo de corrida inquieto. Ela pensou em ir embora só para irritá-lo, mas sabia que se arrependeria instantaneamente. Não havia nada a fazer a não ser ficar de pé e fumar. Frank pediu duas fatias de pizza, olhando ansiosamente por cima do ombro para se certificar de que ela ainda estava do lado de fora. Ele já havia decidido que, se ela fosse embora, correria atrás dela e pediria desculpas. Mas a parte de trás de sua cabeça loira ainda estava à vista, agora cercada por uma nuvem de fumaça.

Lá fora, ele entregou a ela uma fatia. Um fio âmbar de óleo percorreu o frágil prato de papel.

"Aqui", disse ele. “Para compensar os anos de sexismo sistêmico.”

"Wanker", disse Cleo e deu uma mordida.

"Você está na América agora", disse Frank. “Aqui, eu sou apenas um idiota.”

Eles caminharam com suas fatias pela Elizabeth Street. À frente deles, um casal estava do lado de fora de um bar sob a luz de um lampião, representando um drama atemporal para duas pessoas. A mulher apertava os calcanhares contra o peito e chorava em lamentos longos e agudos enquanto o namorado sacudia seus ombros, repetindo: “Tiffany escuta, escuta Tiffany, Tiffany escuta…”

"Eu odeio dizer isso", sussurrou Frank quando eles passaram. "Mas eu não acho que Tiffany está ouvindo."

Cleo se virou para olhar para eles. "Você acha que eles estão bem?"

“Eles vão ficar bem. A véspera de Ano Novo é a principal noite de luta para os casais. É como fogos de artifício e lutas. Os dois itens básicos de um bom ano novo.

“Acabamos de ter nossa primeira briga?” Cleo perguntou.

Frank entregou-lhe um guardanapo. "Eu não sei", disse ele. "Você manteve seus sapatos."

Cléo riu. “Seria preciso muito mais do que isso para me tirar das minhas botas de caubói.” Ela amassou o guardanapo e jogou-o habilmente em uma lata de lixo na esquina. “Lutar pode ser uma coisa boa, de qualquer maneira. Veja Frida

Kahlo e Diego Rivera. Eles se divorciaram, voltaram a ficar juntos, se separaram de novo…”

“Mas você já pensou que eles criaram sua arte apesar da luta, não por causa dela?”

"Quem se importa?" disse Cleo entre garfadas de massa. “A questão é que eles conseguiram.”

Frank assentiu vagamente. Ele pegou o prato de papel dela e dobrou-o em um quadrado perfeito com o seu. Ele esperava que eles passassem por um lugar para reciclar logo.

“Estou morrendo de vontade de ir à casa deles na Cidade do México”, disse Cleo.

“Está cheio de filas de turistas”, disse Frank. “E sinais de Não Toque em todas as superfícies.”

"Desapontamento." Cleo parecia desanimada.

"Mas ainda vale a pena ver", acrescentou Frank rapidamente. “Há uma coleção emoldurada de borboletas pendurada acima da cama de Kahlo sobre a qual Patti Smith escreveu um poema quando a visitou. E todas as roupas dela, é claro. Ela tinha um estilo incrível, como você.

Cleo sorriu feliz com o elogio. “Aqueles, eu adoraria ver.”

“Vamos na semana que vem”, disse Frank. “Toda a cidade está cheia de arte. É o lugar perfeito para você.”

"Semana que vem? Bem desse jeito?"

"Claro. Por que não? Fechei o escritório e tenho milhares de milhas aéreas que preciso usar.

"OK." Ela riu. "Estou dentro." Ela balançou o cabelo. “Cidade do México, porra!”

Frank, que planejava trabalhar durante toda a próxima semana no escritório vazio, nunca foi um viajante espontâneo - mas gostou da ideia de que poderia ser. Ele tinha os meios, mas não o incentivo. E aqui estava Cleo com o oposto. Ambos se viraram ao mesmo tempo. Ele hesitou, então a puxou para um abraço. O cabelo dela cheirava como sabão e amêndoas e cigarros. Seu peito cheirava a lã úmida e a uma colônia cara que ela reconheceu, tabaco adoçado com baunilha.

“E eu não estou tentando comprar você,” ele acrescentou, soltando-a. "Eu só gostaria de vê-lo com você."

“Eu sei,” ela disse. “Eu gostaria de ver com você também.”

Eles cruzaram o Bowery e vagaram pelo East Village, onde a alegria na rua assumiu um tom sutil de agressão. As pessoas gritavam do lado de fora das grades e entravam e saíam das portas. Mais casais brigavam em mais esquinas. Na entrada do parque, um grupo de crust punks, vestidos com trajes militares surrados e jaquetas de couro cravejadas, agitavam delicadamente estrelinhas acima de suas cabeças emaranhadas. Um pit bull vestindo um lenço com o símbolo da anarquia desenhado nele ergueu os olhos do travesseiro de suas patas para observar as faíscas caírem em muda admiração.

Eles chegaram a um prédio sem elevador em ruínas na St. Mark's. O vidro fumê da porta da frente estava rabiscado com pichações incompreensíveis. Frank se perguntou, não pela primeira vez, que marca esses escrevinhadores anônimos achavam que estavam fazendo. Cleo virou-se para ele, tímida de novo.

"Você quer se sentar no meu saguão comigo?"

"Por que seu lobby?"

Cleo escondeu o rosto nas mãos.

“É melhor do que o meu apartamento?” ela disse por entre os dedos.

Ela enfiou as chaves na porta e fez sinal para que ele entrasse. Frank não achou educado apontar que o saguão era apenas uma escada. Cleo sentou-se nos degraus de linóleo desgastados e acendeu um cigarro.

“Você fuma aqui?”

Ela deu de ombros.

"Todo mundo faz."

Ele a observou exalar correntes gêmeas de fumaça de suas narinas. “Não acredito que não notei você no Santiago's”, disse ele.

“Cheguei tarde. Eu... É estúpido, mas não consegui decidir o que vestir. É uma espécie de ansiedade social, eu acho. Se estou nervoso para ir a alguma coisa, mudo umas cem vezes. Fica cada vez mais tarde, o que obviamente só me deixa mais ansiosa. Normalmente, acabo hiperventilando com uma pilha de roupas no chão. Parece bobo, mas na verdade é bem terrível.”

Frank assentiu com simpatia. "Então, o que você acabou vestindo?"

"Essa noite? Oh, apenas esta coisa que eu fiz.

"Entendo?"

Cléo levantou uma sobrancelha. Ela apertou o cigarro entre os lábios e se levantou para desabotoar os botões de madeira de sua pele de carneiro. O que ela estava usando não era tanto um vestido, mas uma rede feita de fios dourados brilhantes. Foi tecido apenas o suficiente para dar uma sugestão do corpo dentro. Ele podia ver, muito vagamente sob a treliça brilhante, o contorno de seus mamilos e umbigo. Ela era como um peixe macio e ágil pego em uma rede brilhante.

"Deixe-me subir", disse ele.

"Não", disse ela, sentando-se novamente. “Meus colegas de quarto podem estar em casa. E” – ela exalou a fumaça seriamente – “vamos fazer sexo.”

"O que há de errado com isso?"

“Vou embora em alguns meses.”

“Acho que podemos terminar antes disso.”

Cleo reprimiu um sorriso. “Só não quero me envolver”, disse ela.

Ela olhou para baixo entre os joelhos. Frank se agachou na frente dela. “Receio que seja tarde demais para isso.”

"Você pensa?"

“Anexei no momento em que ouvi você dizer alumínio.”

Cleo olhou para ele por baixo de suas pálpebras aladas.

“Al-um-in-ium,” ela disse suavemente.

Frank apertou o coração. "Ver? Estou ferrada."

"Não, *estou* ferrada", disse ela. “Sou eu que tenho que sair.”

"Onde você irá?"

"Não sei. Ouvi dizer que Bali é legal.

Ela não se sentia tão casual quanto parecia.

“Não voltou para casa na Inglaterra?”

“A Inglaterra não é minha casa.”

Cleo apagou o cigarro no degrau de metal da escada. Ele sentiu que havia mais na história ali, mas não se intrometeu. Ela olhou para o relógio para evitar mais perguntas.

“Já passa da meia-noite!”

“Isso não está certo”, disse Frank.

“Sério,” ela disse. “Estamos conversando há tipo...”

“Não, quero dizer, *isso*. A véspera de Ano Novo não é para ser tão boa.

"É para ser ruim?"

“É para ficar bem. Você sabe? Muito *bem* . Nunca, nem uma vez na minha vida, superou minhas expectativas.”

“Você sabe, na Dinamarca eles pulam de uma cadeira para significar pular para o ano novo.”

“Você é escandinavo?”

"Por que? Porque sou loira? Cléo revirou os olhos. “Não, Frank. Eu só sei algumas coisas.

"Isso você faz." Frank levantou-se e limpou as pernas da calça teatralmente. "Ok, vamos fazer isso."

"Pular? Mas não temos uma cadeira.

“Uma escada é tão boa quanto uma cadeira.”

Cleo olhou para a escada atrás deles.

“Mas vamos começar de cima”, disse ela. “Comece o ano em alta.”

Eles subiram para o primeiro patamar. Eles tiveram que limpar cerca de dez degraus para pousar no andar térreo abaixo. Era o tipo de brincadeira que as crianças brincavam, desafiando-se a subir cada vez mais alto. Ele pegou a mão dela. Ela apertou de volta. Ambos pularam.

CAPÍTULO DOIS

Junho

Cleo não queria usar branco, mas esperava um bolo de casamento. Ela mesma poderia ter pedido em uma das padarias italianas no Lower East Side, o tipo de lugar onde todas as superfícies são cobertas com açúcar de confeiteiro ou pó, mas deixou o planejamento da refeição para Santiago, que era conhecido para seus jantares extáticos e orgiásticos. Santiago achou que deveriam abrir mão de um bolo tradicional e, como nada mais em seu casamento com Frank estava se revelando tradicional, ela não insistiu no contrário.

Na verdade, Cleo não insistiu em nada sobre o casamento. Ela comprou um vestido para a ocasião, mas o que escolheu foi azul. Era final de junho, quente demais para qualquer coisa elaborada, e a ideia de usar branco sempre lhe parecera ridícula. Ela não era virgem desde os quatorze anos. Ela deixou Frank deslizar as mãos dentro de sua calcinha em sua escada na primeira noite em que se conheceram. Parecia que ele estava traçando o alfabeto em seu clitóris. *L, M, N, O … POW!* Não, não havia nenhuma razão para usar branco.

Ela encontrou o vestido que usava enterrado nos fundos de uma loja vintage caríssima na Perry Street, uma combinação de seda líquida tão mais barata do que qualquer outra coisa que depois ela se preocupou que pudesse ser uma camisola. Quando ela o deslizou sobre a cabeça, ela sentiu como se tivesse pegado uma faca para a superfície do céu, deslizou um pouco do fundo e gastou a casca.

Frank ainda conseguiu superá-la, no entanto, aparecendo na prefeitura em um smoking marfim de três peças. Cleo estava esperando na escada, comendo um cachorro-quente do carrinho próximo — ela nunca comera um antes, raciocinou, e hoje era um dia de estreias — quando viu a cartola branca dele balançando acima da rua cinzenta. Ela largou o cachorro-quente meio comido e jogou a cabeça para trás, deliciada.

"Bem?" Frank virou os calcanhares para que ela pudesse vê-lo. Atrás dele, uma família de turistas tirou sua fotografia.

“Você é um exibicionista incorrigível.”

"Veja, quando você diz isso", disse Frank, "ainda soa como um elogio."

Ele passou a mão pela curva sedosa de suas costas e segurou seu traseiro.

“Parece que vamos a dois casamentos diferentes?” ela perguntou.

“Você está fantástica”, disse Frank. “Como um pequeno lago.”

"Você parece ..." Cleo fez uma pausa para absorvê-lo completamente. "Como você."

Era verdade. Partes iguais de chapeleiro maluco e estrela glam rock envelhecida, Frank parecia surpreendentemente natural no smoking.

“Estou com cheiro de naftalina?” Frank esticou a garganta para ela cheirar, e ela enfiou o nariz na pele bronzeada acima do colarinho dele.

"Não. Sabonete e...” Ela jogou a cabeça para trás. "Gin?"

“Tive um pequeno antes de partir. Tive! É o dia do meu casamento! Venha, vamos entrar.

“ No dia *do nosso* casamento, querida,” disse Cleo.

“Nosso, seu, meu, deles...” Frank começou a cantarolar. Ele agarrou a mão dela e eles subiram os degraus dois de cada vez.

O que é um casamento, pensou Cleo, senão um sonho particular tornado público, uma fantasia suspensa entre dois mundos como uma cama de gato? Mas Cleo nunca sonhou em se casar. O que ela fantasiou foi seu primeiro show solo como artista, um dia dedicado exclusivamente a ela. O que a assustava era que recentemente era mais fácil imaginar a abertura do que as pinturas reais. Ela se preocupava por ser uma daquelas artistas que se preocupam mais em ser artistas do que em fazer arte. Era um medo tão baixo, tão desesperadamente comum, que ela nunca o mencionou a ninguém, nem mesmo a Frank.

Como não haviam pensado em convidar uma testemunha, Frank correu para fora e pediu ao vendedor de cachorro-quente que se juntasse a eles. Ele surpreendeu os dois chorando baixinho durante toda a cerimônia, que durou menos de cinco minutos. Expulso de volta ao sol, Cleo o abraçou enquanto Frank insistia em mastigar uma nota de $ 100 na palma da mão antes de se despedir. O casal caminhou para o norte até a Canal Street, então parou e sorriu timidamente um para o outro, sem saber como proceder. Frank ergueu a mão, ainda segurando a dela, para verificar o relógio.

“Tenho algumas horas até o jantar. Quer tomar uma bebida?

Cléo balançou a cabeça. Eles haviam convidado trinta convidados para o jantar de casamento, mas inevitavelmente mais apareceriam. A coisa toda foi apresentada como um capricho, uma representação vertiginosa da idade adulta. Isso não era irracional para Cleo, que acabara de completar 25 anos, mas Frank estava na casa dos 40. Velho demais, pensou ela, para se considerar jovem demais para se casar. Ela olhou ao redor. Do outro lado da rua, uma loja anunciava leituras de aura de US$ 10.

"Que tal?"

Frank parecia cético. "Você acha que eles vão me fazer uma bebida lá dentro?"

Eles abriram mão do sol da rua e atravessaram uma cortina de contas para entrar na loja silenciosa e escura. Cheirava a incenso e comida para viagem. O som agudo e agudo da música de harpa substituiu a discórdia da Canal Street lá fora. Atrás de um balcão que exibia uma variedade de cristais e bijuterias, uma chinesa de meia-idade sorriu para eles.

"Você se casou hoje?" ela perguntou, apontando para o smoking de Frank. “Que bom que você veio aqui.”

Ela acenou para Cleo se sentar em uma cadeira de espaldar alto em frente a uma câmera antiquada em um tripé e mostrou a ela onde colocar as palmas das mãos de cada lado, em dois discos de metal.

"Tão bonita", disse ela, olhando para ela. “Agora, não se mexa.”

Ela sumiu debaixo de um pedaço de pano preto preso na parte de trás da câmera, apertou um botão, que soltou um *puf macio* , depois reapareceu. Cleo não esperava sentir nada profundo quando a foto foi tirada, mas ela esperava um pouco mais do que o tipo de brusco eficiência que se pode encontrar no DMV. Frank ocupou o lugar dela, e ela observou enquanto ele ajustava a gravata-borboleta. Ela viu um flash de seu eu mais jovem, o ansioso aluno do ensino médio tirando sua foto do anuário. Ele olhou para a lente da câmera por baixo de seus longos cílios e sorriu, timidamente, como se esperasse agradar. A engenhoca soltou outro *puf* e Cleo sentiu o coração se contrair. Ela o amava, sim.

Depois eles ficaram no balcão de vidro, olhando para suas fotos. A aura de Cleo era roxa e amarela, enquanto a de Frank era vermelha e verde.

“Isso significa que somos compatíveis?” perguntou Cleo ansiosamente.

“Há quanto tempo vocês estão juntos?” perguntou a mulher.

“Seis meses”, disse Frank.

A mulher assentiu.

“Oitenta por cento do relacionamento”, disse ela, “é tolerar a diferença”.

“Qual é o outro vinte por cento?” perguntou Frank.

A mulher deu de ombros. "Porra."

Ela realizou o restante da leitura com brusquidão superficial. A aura de Frank sugeria que ele era criativo, carismático e preocupado com dinheiro. Cleo disse que era intuitiva, sensível, teimosa e precisava beber mais chá de ervas. Era isso. Frank pagou à mulher e se curvou afetadamente antes que Cleo pudesse puxá-lo de volta pelas cortinas de contas. Ela olhou para ele através do sol.

"O que você acha?" ela perguntou. “Somos compatíveis?”

"Bem, temos pelo menos vinte por cento do relacionamento para baixo."

Então ele a abraçou e eles se beijaram por um longo tempo, sem constrangimento ou ostentação, enquanto ao redor deles pirâmides brilhantes de frutas envelhecidas no calor de Chinatown, fileiras de relógios de diamante piscavam ao sol e mulheres agitavam seus leques. aberto e fechado como pensamentos não totalmente realizados.

“Felicitações e parabéns!”

Santiago sorriu para eles ao abrir a porta, seu grande corpo parcialmente coberto por um avental listrado e manchado de molho. Ele estava brandindo uma garrafa de champanhe em uma mão e uma colher de pau na outra. De cabelos desgrenhados e constituição robusta, ele lembrava a Cleo algum deus mitológico amigável. Ela se submeteu a um beijo molhado em cada bochecha, depois deu uma colherada de beterraba dourada. Atrás dele, todas as superfícies da grande cozinha estavam cobertas de comida. Havia beterraba com queijo de cabra, filé mignon fatiado ao molho de pimenta-do-reino moída, ceviche de limão, aspargos assados, amêijoas banhadas em vinho branco, cuscuz de pérolas, erva-doce lascada e parmesão e três outros tipos de salada, um deles composto por inteiramente de flores comestíveis.

"O maior chef do mundo", disse Frank, passando o braço em volta da cintura larga de Santiago. “Lembra quando você trabalhava naquele lugar que anunciava carnes processadas como se fosse uma coisa boa? E olhe para você agora!

Cleo chamou a atenção de Santiago e sorriu. Todo mundo que Frank conhecia era a melhor *coisa* do mundo. Sua meia-irmã Zoe era a melhor atriz, seu melhor amigo Anders era o maior diretor de arte e jogador de futebol amador, e Cleo, bem, Cleo era a pintora mais talentosa, a pensadora mais profunda, a mulher mais bonita do mundo. Por que? Porque Frank não teria se casado com mais ninguém.

Frank arrancou uma das flores comestíveis da tigela de madeira e colocou-a na língua, depois gesticulou para que Cleo fizesse o mesmo. Ela mordeu um cacho de pétalas amarelas e fechou os olhos. Tinha um sabor apimentado e um pouco doce, como alcaçuz misturado com páprica. Frank fez um som de aprovação e pegou outro.

“Eu sabia que não poderia decepcioná-los”, disse Santiago, observando-os. "Vocês dois entendem o prazer." Ele fez sinal para que se sentassem à mesa de jantar.

Santiago havia aberto recentemente seu próprio restaurante e estava em uma onda de sucesso comercial e de crítica. Seu loft era uma mistura de objetos falsos encontrados e móveis de design exorbitantes; mesas laterais de blocos de concreto e caixas de leite vintage misturadas com tapetes de couro e espreguiçadeiras modernistas. O efeito era incrivelmente impressionante, como um cachorro andando sobre as patas traseiras.

“Como foi a cerimônia?” ele perguntou. “Você sabe que eu me casei na Prefeitura também.” Ele piscou para Cleo. “Foi assim que essa ameaça à sociedade chegou à América.”

“Foi fenomenal”, disse Frank, usando um pano de prato para abrir a garrafa de champanhe. “Nossa testemunha era o cara do carrinho lá fora. Kamal. Cara legal. Ele chorou!"

"Você está mentindo para mim." Santiago bateu palmas de alegria.

“Eu comprei um cachorro-quente dele antes”, disse Cleo. “Então ele não era um completo estranho.”

"Você não poderia ter pedido a alguém de um dos outros casamentos para ser sua testemunha?"

"Qual teria sido a graça disso?" perguntou Frank.

"Tudo para a história", disse Cleo, acenando para Frank.

“E é por isso que o amamos”, disse Santiago, batendo no ombro de Frank. “Minha sogra foi nossa testemunha. Parecendo, desculpe-me por dizer isso, mas é verdade, ela estava sentada em um palito de kebab o tempo todo. Mães desaprovadoras, você sabe.

Ele sorriu para Frank.

"Frank não precisa se preocupar com isso comigo", disse Cleo, e fez um barulho que não era bem uma risada.

Frank deu um beijo no topo da cabeça dela. Santiago pegou a garrafa dele e serviu três taças de champanhe.

“Devíamos enviar a Kamal uma garrafa dessa coisa”, disse Frank, engolindo a maior parte de um só gole.

“Eu não sabia que você era casado antes”, disse Cleo a Santiago.

“Pelo meu visto”, disse Santiago. “Ela era uma dançarina que eu conhecia. Mas também estávamos apaixonados, sabe, por um momento.

"O que aconteceu?" Cleo perguntou.

Frank tornou a encher seu copo.

“Caramba, ela morreu”, disse Santiago. “Overdose. Sim, foi uma verdadeira chatice. Linda mulher, linda alma.”

Cleo gostaria de fazer outra pergunta, mas Santiago se levantou para verificar a comida e Frank quis ouvir música, e a conversa escapou como fumaça.

Quando os convidados do casamento começaram a chegar, eles haviam terminado duas garrafas de champanhe e provado todos os pratos. A ex-colega de quarto de Cleo, Audrey, veio primeiro. Quadris estreitos, lábios carnudos e tatuagens com citações de livros que ela havia lido apenas parcialmente, ela era o que Frank chamava de um dos vadios de Cleo. Cleo foi beijá-la, mas Audrey mostrou sua longa língua rosada.

“É assim que os monges tibetanos se cumprimentam”, disse ela.

"Eu pensei que você fosse coreano?" disse Frank.

Audrey revirou os olhos. Cleo cobriu a boca de Frank com a mão.

“Os monges tibetanos bebem champanhe?” ela perguntou e entregou um copo a Audrey.

Audrey protraiu a língua novamente e pressionou uma pílula nela.

“Apenas quando misturado com Klonopin.” Ela engoliu com um gole e foi procurar Santiago, em cujo restaurante era recepcionista.

Em seguida, o amigo mais próximo de Cleo, Quentin, chegou. As duas se conheceram durante as primeiras semanas de Cleo em Nova York e se tornaram inseparáveis, cada uma tão solitária e à deriva quanto a outra. Quentin cresceu entre Varsóvia e Nova York; sua avó era uma herdeira polonesa que acreditava que gays não existiam em seu país, o que significava que Quentin nunca teria que trabalhar um dia em sua vida, mas também deveria ficar no armário pelo resto dela. No que dizia respeito à família, Cleo era sua namorada há dois anos.

“Ainda não te perdoei por não me convidar para ser sua dama de honra”, disse ele, beijando Cleo. “Mas eu comprei um presente de casamento para você. É *muito* caro.”

"Querida, eu não acho que você deveria dizer isso a eles."

Este era o ex-namorado de Quentin, Johnny. Johnny tinha a tez de um rato-toupeira-pelado e a mesma expressão furtiva, como se procurasse constantemente um buraco para desaparecer. Ele era uma escolha estranha de parceiro para Quentin, cuja natureza era como uma grande entrada estendida.

"Eu sempre pensei que você seria o primeiro a se casar com ela", disse Frank.

“Eu também”, disse Quentin tristemente.

O restante dos convidados chegou e Cleo ocupou seu lugar na cabeceira da mesa. Ela distribuiu pratos e apresentou conhecidos e aceitou parabéns enquanto a sala ficava barulhenta e alegre. A maioria era amiga de Frank; publicitários e arquitetos e designers, pessoas que encontraram a interseção entre criatividade e economia, que fizeram coisas belas, mas não sofria por isso. Ela sorriu e encheu os copos e tentou se concentrar nas conversas que aconteciam ao seu redor.

“As pessoas não sabem, mas o polonês é uma língua muito poética”, dizia um acadêmico careca, que não falava polonês, a Quentin, que falava. “Você sabe quando eles traduziram *Os Flintstones* , eles colocaram tudo em rima?”

“Desculpe não ter ligado de volta para você”, exclamou um convidado para

outro do outro lado da sala. “Eu joguei meu telefone pela janela depois de um corte de cabelo ruim!”

Cleo se levantou e tentou passar pelos convidados até o banheiro.

“… E agora ele só quer falar sobre tomar ayahuasca”, dizia uma mulher de turbante para Zoe. “Ele vai ao Peru para as cerimônias e age como se fosse uma habilidade rara que ele aprendeu. Eu fico tipo, querida, é uma droga, não um diploma.”

“Meu professor de atuação disse que isso neutralizou completamente o ego dele”, disse Zoe. “Pelo menos por algumas semanas.”

Zoe foi o único membro da família que eles convidaram. Aos dezenove anos, ela também era a pessoa mais jovem ali. Frank e Zoe quase não se pareciam em nada, apesar de serem meio-irmãos, em parte pela diferença de idade, em parte porque o pai de Zoe era negro e o de Frank, como a mãe, era branco. De óculos, sardento e cabelos cacheados, Frank era encantadoramente bonito, mas raramente era a pessoa mais bonita da sala. Zoe, por outro lado, era de tirar o fôlego. Seu rosto tinha a simetria de uma escultura de Brâncuşi. Seu cabelo era uma confusão de cachos com mechas de cobre e ouro. Ela não parecia ter poros. Toda vez que Cleo olhava para ela, ela não conseguia deixar de procurar por um defeito.

A mulher de turbante se virou para incluir Cleo na conversa. Cleo conseguia se lembrar de seu trabalho, crítica gastronômica, mas não de seu nome. Isso era, ela pensou, um tipo de lapso de memória comum aos nova-iorquinos.

“Cleo, você cria,” ela declarou vivamente. “Você acha que tomar ayahuasca melhoraria sua pintura?”

“Acho que preciso do meu ego.” Cléo riu. “É praticamente a única coisa que me leva à tela hoje em dia.”

"Bem, Frank diz que você é muito talentoso", desdenhou o crítico gastronômico de turbante. “Talvez sua geração finalmente restaure a proeminência da pintura no mundo da arte.”

Cleo sorriu graciosamente. Mesmo em seus escritos, essa crítica tinha um jeito de elogiar com ar de indiferença, como se tivesse apenas um número finito e nunca tivesse certeza se agora era a ocasião de entregar um.

“Aqui está a esperança”, disse Cleo.

“Não que Frank fosse tendencioso ou algo assim”, disparou Zoe.

Cleo sentiu seu rosto cair. Toda vez que ela encontrava Zoe, ficava com a sensação de que a garota mais nova não gostava dela. Claro, isso só a deixou mais desesperada pela boa opinião de Zoe, embora desconfortavelmente ciente de que estava cortejando a aprovação de um adolescente mal-humorado. Ela havia levantado a tensão para Frank antes, mas ele evitou o conflito com sua agilidade habitual.

A crítica gastronômica parecia ter perdido o interesse na conversa agora que ela não estava mais falando, e um silêncio constrangedor caiu entre Cleo, que ainda se esforçava para parecer despreocupada, e Zoe, cujos olhos dourados estavam pousados nela com uma calma predatória. Felizmente, Frank logo começou a chamar o nome de Cleo do outro lado da sala.

“Cley, você precisa ouvir essa história de Anders!” ele gritou, ainda no meio da risada. “Você também, Zo!”

Frank havia abandonado a cartola e o paletó, mas deixou o guardanapo enfiado na camisa. Seus óculos estavam ligeiramente tortos, um sinal revelador de que ele já estava quase bêbado. Zoe saltou, deixando Cleo atrás dela.

"Você senta aqui, minha noiva", disse Frank e puxou Cleo em seu colo.

“Ok, eu começo do começo”, disse Anders.

Zoe, para quem não havia assento disponível, pairava sobre o ombro de Anders. Anders era da Dinamarca e trabalhou por muitos anos como diretor de arte de Frank antes de sair para chefiar o departamento de arte de uma revista de moda feminina. Como Zoe, ele era quase injustamente atraente, um ex-modelo na verdade, mas enquanto Zoe parecia irradiar seu próprio calor, Anders emanava uma frieza nórdica.

“Então”, disse Anders, “machuquei muito meu joelho jogando tênis.”

“Em um jogo que ganhei, se bem me lembro”, disse Frank.

“Você só 'relembra' os jogos que ganhou”, disse Anders. “E não é uma vitória tão grande se o seu adversário está ferido, não é? De qualquer forma, eu vou para casa e a dor é muito forte, insuportável. Lembro que tenho alguns relaxantes musculares que sobraram de uma lesão anos atrás. Eles expiraram, mas acho que vou tentar um. Eu pego, esqueço tudo, passo a tarde no telhado com os amigos bebendo cerveja, talvez uma garrafa de rosé. Percebo que preciso ir ao banheiro, então entro no elevador e aperto o chão. Naquela época, eu morava em um apartamento onde o elevador dava direto para...”

"Ótimo apartamento", disse Frank.

“Sim, foi muito bom”, disse Anders. “Agora, de repente, eu percebo—”

"O que aconteceu com ele de novo?" perguntou Frank.

Anders fez um gesto distraído com as mãos.

“Christine manteve depois que desistimos, você sabe disso. Ela ainda mora lá com o filho.

"Aquela cadela", disse Frank.

“Frank,” disse Cleo.

"Cleo", disse Frank. “Você não conhecia essa mulher. Abra-a e, em vez de um coração, você encontrará um ábaco.

"Você ainda não deveria ligar...", disse Cleo.

“Você prefere que eu a chame de vadia?”

“Eu prefiro que você não a chame de nada.”

“Qual é o plural de ábaco, afinal?” disse Frank. “Abaci?”

“Não é,” disse Zoe com confiança.

Cleo duvidava que Zoe já tivesse visto um ábaco.

“O elevador desce”, continuou Anders. “As portas se abrem e percebo que não posso me mover. Estou fodidamente paralisado. Se eu largar o corrimão, vou tombar como uma árvore.”

"Esteve lá." Frank assentiu. “Dois comprimidos de ácido em uma fazenda no interior do estado quando eu tinha dezesseis anos. Acabou deitado em um cocho de porco a noite toda.

"O que você fez?" perguntou Zoe.

"Nada", disse Frank. “Eu não conseguia sair do vale.”

“Não *você* ,” disse Zoe.

“Eu também não poderia fazer nada!” disse Anders. “Eu esperei, esperando

recuperar o movimento logo, e eventualmente o elevador foi chamado para outro andar. As portas se abrem e uma jovem família está em seu apartamento olhando em mim. Esqueci-me de dizer que estou só de calção de ténis, sem camisa, sem sapatos, e não consigo nem abrir a boca para me desculpar."

"Quente," disse Zoe.

"Nem pense nisso", disse Frank.

"Estou parado olhando como um grande viking babando enquanto eles se escondem no canto do elevador", disse Anders. "Eles estão com medo de mim!"

Frank riu e estendeu a mão por trás de Cleo para pegar um dos profiteroles que Santiago estava desfilando pela sala enquanto cantava "That's Amore".

"Eventualmente, volto para o telhado e todo mundo está perguntando onde eu estive", continuou Anders. "Eu explico a situação para eles, como finalmente rastejei de barriga do elevador até o banheiro, me apoiei no toalheiro para fazer xixi, o que, como você pode imaginar, não teve tanto sucesso. E sabe o que eles dizem? 'Ei cara, isso parece incrível! Você tem mais?' Estou lhe dizendo, neste momento percebo que nunca vou entender os americanos.

Zoe, cansada de ficar de pé, ou talvez de não ser o centro das atenções, espremeu-se ao lado de Anders no estreito conjunto de caixas de maçã em que ele estava empoleirado, um ato que teria sido difícil se Zoe não fosse tão frágil quanto um cervo. Anders sorriu, revelando uma boca de dentes espaçados e irregulares, e a perfeita simetria de seu rosto foi momentaneamente quebrada.

"Ah, sim, os americanos são todos viciados em pílulas", disse Frank. "Já ouvi essa antes."

Zoe bagunçou o cabelo loiro de Anders. Cleo se perguntou se eles iriam dormir juntos, ou possivelmente já haviam dormido. Isso não era difícil de imaginar, já que Anders tinha dormido com todo mundo — inclusive Cleo.

"Não estou dizendo que todos são viciados em drogas", disse Anders. "Estou apenas apontando que há uma diferença cultural em termos de atitudes em relação à automedicação. Me apoie aqui, Cleo.

Aconteceu logo depois que ela conheceu Frank, quando ela ainda achava que deixaria o país em alguns meses, após uma festa com bar aberto e, posteriormente, letal. Depois de uma foda breve e insatisfatória em seu sofá Chesterfield, Anders a dispensou casualmente. *Tenho certeza que você prefere ir dormir em sua própria cama?*

"Anders acha que todo mundo na América está tomando alguma coisa", disse Frank.

"A expansão da indústria farmacêutica aqui fala por si", disse Anders.

Tudo o que Cleo precisava saber sobre luxúria e sua humilhação, ela aprendeu no momento em que se viu voltando do apartamento de Anders para casa com o sêmen dele ainda cobrindo seu estômago. Nenhum deles havia contado a Frank.

"Ok, ok, vamos reduzir ao mínimo a crítica cultural", disse Frank. "Já que Cleo está prestes a se tornar uma de nós."

"O que?" Cleo voltou à conversa ao ouvir seu nome.

"Você está se tornando um americano," disse Zoe incisivamente. "Certo? É para isso que serve tudo isso?

Ela girou seu longo dedo ao redor da sala.

"Sim. Quer dizer, não... — tropeçou Cleo.

“Primeiro você precisa se inscrever para ser um residente permanente”, acrescentou Anders. "É o que ela quer dizer." Ele deu a ela um olhar tranqüilizador.

“Primeiro vem o amor, depois vem o casamento, depois vem um pedido de green card e um monte de papelada”, Frank cantou.

A bainha do vestido de Cleo havia caído sobre o joelho. Ela olhou para baixo para alisá-lo e notou, pela primeira vez, uma pequena marca de seda na costura. Escrito em letra cursiva feminina havia uma palavra: “Íntimos”. Então era uma camisola. Ela tinha usado uma camisola em seu casamento. Lentamente, Cleo baixou a cabeça.

“Só nunca perca seu sotaque,” Zoe disse, passando o braço em volta da cintura de Anders para garantir ainda mais seu assento. “Os sotaques britânicos são tão difíceis de acertar. Meu treinador de voz diz que pareço cockney.

“Eu nunca perdi o meu”, disse Anders. "Infelizmente."

"Sim, você ainda parece o Exterminador do Futuro." Frank riu.

“Ele era austríaco, seu idiota”, disse Anders.

Cleo ergueu os olhos ao ouvir seu nome ser chamado do outro lado da sala. Ela se virou para ver o rosto de Audrey espiando pela porta do banheiro, murmurando *Socorro* . Cleo se levantou para se desculpar e deu um beijo na boca de Frank. Outra lufada de vinho.

“Não se esqueça de beber água”, disse ela.

Audrey estava inclinada sobre a pia quando entrou, esfregando ferozmente uma mancha de vinho tinto na frente de sua camisa. Parecia um caso fútil até que Audrey lembrou que o truque para manchas de vinho tinto era derramar vinho branco sobre elas, algo sobre neutralização. Cleo correu para a cozinha, voltou com uma garrafa de pinot grigio da geladeira e, por instrução de Audrey, começou a espirrar no peito de Audrey enquanto ela estava na banheira, ofegante.

“Merda, estou encharcado. Está fora?

Cleo olhou para a camisa de Audrey, que tinha ficado com um tom de urina amarela, a mancha vermelha inalterada no centro. Audrey puxou-o para fora de seu corpo com uma sucção molhada para inspecionar. Eles trocaram um longo olhar, então explodiram em gargalhadas. Audrey tirou a camisa e ficou de sutiã.

"Você acha que eu posso usar isso?"

"Espere", disse Cleo, pulando para fora da banheira e abrindo o cesto de roupa suja. Ela pegou uma camisa social que parecia bastante limpa e a ofereceu a Audrey. Era longo o suficiente para ser um vestido nela. Ela o prendeu na cintura com o cinto, depois se examinou no espelho.

"Nada mal." Ela levantou a gola. “De qualquer forma, a única roupa que alguém vai lembrar é a sua.”

Cleo sentou-se na borda fria da banheira com os joelhos juntos. Seu cabelo formava uma cortina em torno de seu rosto virado para baixo. "Audrey", ela sussurrou. “Parece que estou de camisola?”

Audrey se virou e se ajoelhou na frente dela. “Essa é uma pergunta muito estranha, Cley,” ela disse. “Desde que você parece a porra de um anjo.”

Audrey puxou a cortina de cabelo para trás e beijou-a na bochecha, depois voltou para o espelho para corrigir o delineador com a ponta do dedo.

“Anders é bonito como um assassino em série”, disse o reflexo de Audrey. Cleo assentiu lentamente, tentando manter o rosto neutro. "Eu já te contei sobre quando ficamos juntos?"

"Você fez?"

Cleo ficou surpresa ao sentir uma pontada de ciúme.

“Épocas atrás,” disse Audrey. “Era como uma cômoda com a chavinha saindo e caindo em cima de mim.”

Cleo podia sentir seu rosto começar a ficar vermelho de vergonha. Mas não, era outra coisa, algo mais leve, mais quente. Foi uma risada.

“E ele tentou enfiá-lo, você sabe, nas costas”, disse Audrey.

"Não!"

As duas garotas estavam rindo. Audrey encostou-se na pia para recuperar o fôlego. “Talvez seja por isso que ele nunca me ligou.” Ela suspirou.

"Você pensa?"

“Se eu gostasse de sexo anal”, disse ela, “toda a minha vida poderia ser diferente”.

A sobremesa havia sido servida enquanto eles estavam no banheiro. Além da torre de profiteroles, havia bandejas de prata com morangos mergulhados em chocolate branco, pratos de cerejas Rainier vermelhas e douradas, tigelas de chantilly e doce de leite quente, potes de amêndoas cor-de-rosa e uma caixa de chocolate. charutos. Os convidados mal tocaram em nada. Cleo suspeitava que havia tanta cocaína circulando que metade deles não tinha apetite. Ela sentiu um pouco de conforto ao pensar que o bolo pelo qual secretamente ansiava - um creme de manteiga de três camadas com glacê recortado, faixas de fita de cetim branco e uma cascata de rosas cor-de-rosa foscas - também não seria apreciado.

Santiago tilintou o copo com uma colher e pediu silêncio. Ele se equilibrava precariamente em uma caixa de leite, envolvendo a sala com um sorriso.

"Discurso!" um dos convidados fumando na janela gritou. “Cale a boca para o discurso!”

Alguém se moveu para abaixar a música, e a conversa se acalmou em conjunto, como se o botão de volume controlasse toda a sala.

“Não sou bom com palavras”, começou Santiago, batendo nervosamente com a colher na coxa. “Eu expresso meus sentimentos através da minha comida. Mas eu queria dizer algo para comemorar esta linda ocasião entre dois queridos amigos, um velho e um novo.”

“Você quer dizer um velho, um jovem!” alguém gritou para uma pitada de aplausos.

“Mas ambos são jovens de espírito”, objetou Santiago. “Cleo e Frank, vocês dois se conheceram nesta mesma casa – ou, pelo que entendi, no meu elevador. Agora vejo vocês dois sentados aqui, tão felizes e apaixonados, rodeados de amigos, e espero que não se importem se eu me permitir um pouco de orgulho de casamenteira. E assim ofereço-vos estes versos de *Dom Quixote* que são muito amado em meu país natal: 'El amor mira con unos antojos que hacen parecer oro al cobre, á la probreza riqueza, y á las lagañas perlas.'”

Santiago olhou em volta com expectativa para um vago murmúrio de aprovação. “Ah, vejo que tenho que traduzir para vocês, gringos. Significa 'O amor olha através de óculos que fazem o cobre parecer ouro, a pobreza parecer

riqueza e as lágrimas parecerem pérolas. Ele se virou para Cleo e Frank com um sorriso caloroso. “Mas, claro, aos meus olhos vocês dois já são ouro.”

A sala explodiu em aplausos e um barulho de talheres no vidro.

"Agora", disse Santiago, radiante, "vamos ficar bêbados e dançar!"

Eles moveram os móveis para as paredes, empilhando pratos de comida pela metade e cigarros amassados na mesa de jantar. O som de uma banda brasileira estridente, agitado e feliz, encheu a sala. Uma das amigas de Cleo, uma dançarina treinada em Batsheva que se tornou babá, executou uma sequência de movimentos ginásticos que resultou na reviravolta de vários potes de peônias e em um chute no rosto de um maquiador francês. Garrafas vazias empilhadas no balcão da cozinha, na mesa, no peitoril da janela. Todo mundo queria colocar a próxima música.

Cleo estava dançando descontraidamente com Quentin quando Frank a pegou no meio do giro e a conduziu pelo corredor, longe dos convidados, até o quarto de Santiago. A cama estava coberta de presentes. Ele fechou a porta atrás deles.

"Eu mal vi você", disse ele, puxando-a para ele.

Eles se beijaram profundamente, ansiosamente. Do lado de fora, eles podiam ouvir as pessoas rindo. Alguém mudou a música, e o som de uma velha faixa de soul deslizou por baixo da porta, o familiar riff de guitarra preenchendo a sala. Frank a pegou nos braços e a guiou ao redor da cama. Ele era um dançarino surpreendentemente habilidoso, com uma confiança que vinha com a idade. Foi uma das coisas que ela mais gostou de saber sobre ele.

"Primeira dança." Frank estava rindo. “Primeira dança dos casados.”

Ele a mergulhou para trás, bem no chão, e seu coração parou. Ele estava bêbado. Ele a largaria. Mas ele a puxou de volta e a prendeu a ele, lentamente balançando os quadris dela no ritmo dele. Então ele foi deslizando as alças de seu vestido uma a uma. Ela estava em uma poça de seda azul no chão. Ela estava usando calcinha de renda branca com uma pequena roseta rosa no centro, sua única concessão ao tradicional traje de casamento. Ele recuou para admirá-la. Ela se sentia muito jovem, muito bonita. Deleitar-se com os outros, deliciar-se com eles, isso era o que ela sempre quis. Frank puxou-a para a frente e beijou-lhe as orelhas, o pescoço, a clavícula, os mamilos. Ele se ajoelhou para beijar sua caixa torácica, seu umbigo, seus quadris.

“Você tem um gosto,” ele disse, sua boca cheia com a pele dela, “delicioso.”

Ele a pegou e a sentou na cômoda. Cleo encostou a cabeça no espelho. Em frente a ela, a janela emoldurava um quadrado lilás do céu através da janela. Ele abriu as pernas dela e se ajoelhou diante dela. Com muita ternura, ele deslizou sua calcinha para o lado e puxou-a para sua boca. Suas mãos estavam em seu cabelo, segurando a parte de trás de sua cabeça. A língua de Frank era como uma pequena chama. Cleo voltou os olhos para o teto e suspirou. Então Frank deslizou seus dedos dentro dela, movendo-os lentamente enquanto a chama de sua língua a lambia, e havia apenas calor, sem mais pensamento. Ela empurrou os nós dos dedos na boca. *Demais.* Ela jogou a cabeça para trás com um grito agudo.

A cabeça de Frank voltou a aparecer. Seus olhos estavam correndo em torno de sua cabeça.

"Você está bem?"

Cleo se virou para ver o que ele estava olhando. Era uma rachadura fina no centro do espelho. Pendurado na fissura estava uma única mecha de seu cabelo loiro. Ela tocou a ponta dos dedos na nuca.

“Está sangrando?” ele perguntou.

“Acho que não”, disse ela. “Eu mal senti isso.”

Frank sorriu.

"Bem, você estava ocupado com outras coisas."

Ele foi inspecionar sua cabeça e beijou-a suavemente na cabeça.

“O que dizemos a Santiago?” ela perguntou.

"Ele não vai notar", disse Frank confiante. "Vamos." Ele a levantou da cômoda e entregou-lhe o vestido do chão. “Fuja da cena do crime.”

Eles deixaram o quarto para encontrar Quentin definhando contra a parede do lado de fora. Ele tinha uma caixa embrulhada para presente nas mãos.

“Eu sei,” ele disse, “o que vocês dois estavam fazendo.”

"Você tem o coração dela", disse Frank, e riu. “Deixe-me ficar com o corpo dela.”

“Não seja vulgar”, disse Quentin. “Quer abrir seu presente de casamento?”

Cleo desamarrou as fitas de gorgorão e deslizou para fora da tampa da caixa, puxando camadas esvoaçantes de papel de seda. Dentro havia um ovo Fabergé. Era o creme e o azul claro dos céus pintados por Michelangelo, envoltos em uma treliça de ouro cravejada de diamantes. Cleo puxou-o cuidadosamente para fora da caixa; ele se apoiava em quatro pernas douradas como uma carruagem em miniatura e parecia surpreendentemente pesado em suas mãos.

"É tão bonito", ela respirou. “Ah, Quentin.”

“Não é de verdade”, disse Quentin rapidamente. “Da Rússia imperial ou qualquer coisa. São três milhões de dólares. Mas é da mesma empresa. E, bem, achei que você iria gostar.

Frank colocou o braço em volta dos ombros de Quentin e apertou. "É ótimo", disse ele. “Então Cléo.”

“Tem mais”, disse Quentin. “Quando o primeiro ovo foi dado à família real russa, ele continha uma surpresa. Uma gema dourada, e dentro dela havia uma galinha dourada, e dentro dela havia uma pequena coroa. Cada ovo é feito para ter uma surpresa dentro. Então... abra.

No topo da esfera havia um fecho de ouro segurando cada lado da treliça juntos. Cleo clicou e o ovo se abriu. Dentro havia um fino pedestal dourado projetando-se de um piso azul-celeste. Ele continha um pequeno baú de metal incrustado de joias.

“Abra isso também”, disse Quentin.

Cleo levantou a tampa do baú com a ponta do dedo. Dentro havia um frasco de pó branco. Frank explodiu em gargalhadas.

“Acho que essa é a parte do presente que é para Frank”, disse Cleo.

“Para vocês dois”, disse Quentin. "E eu."

“Obrigada”, Cleo disse, fechando o ovo e beijando a bochecha de Quentin. “É a minha nova coisa favorita.”

Ela foi colocá-lo na cama de Santiago, mas Quentin agarrou seu braço e a puxou em direção ao banheiro.

“Não, não”, disse ele. “Você vem aqui comigo.”

Cleo entregou o ovo para Frank com um sorriso cansado. Claramente, ela estava destinada a passar a maior parte do casamento no banheiro.

“Vou entreter a turba”, disse Frank. "Ir."

Quentin a puxou atrás dele e fechou a porta. Ele removeu seu próprio esconderijo e pegou suas chaves.

"Eu teria me casado com você, você sabe." Ele levou uma chave à narina e cheirou com força. "Se você precisasse de mim."

“Eu o amo.” Sua voz era mais afiada do que ela pretendia. “Não é só o visto.”

“Eu sei, eu sei”, disse Quentin. “É tão estranho que você seja realmente casado.”

Cleo estava se olhando no espelho, prendendo o cabelo em uma trança, principalmente para dar algo para as mãos fazerem. Ela tocou a parte de trás de seu crânio com cuidado. Ali estava o ponto sensível onde sua cabeça colidiu com o vidro. Quentin lhe ofereceu a chave, mas ela balançou a cabeça. Ele deu de ombros e inalou ele mesmo.

“Existem motivos piores para se casar com alguém”, disse Cleo.

“Existem melhores”, disse Quentin, esfregando as gengivas com o dedo.

"E como você saberia?" Cleo disparou.

"Ei." Quentin veio e ficou atrás dela. Ele passou os braços em volta da cintura dela e pousou o queixo em seu ombro. "Acalmar. Ninguém acha que você fez algo errado. Eu sei que vocês se amam. Eu sempre vou te amar mais, isso é tudo.

“Eu sei”, disse Cleo. “Limpe o nariz.”

Quentin pegou um pouco de papel higiênico e soprou nele, inspecionando o conteúdo antes de jogá-lo na lixeira.

“Eu definitivamente te amo mais do que Johnny me ama”, disse ele. Sua voz era dura e brilhante. “Acho que ele está me roubando. Bem, acho que ele está roubando minhas vitaminas. Eu não estou brincando! Centenas de dólares deles. Mas quando perguntei a ele sobre isso, ele enlouqueceu e alegou que eu devo ter levado todos e esquecido. Quem diabos toma tantas vitaminas e esquece? Ele nem me deixou meu magnésio, que você *sabe que* preciso para me manter regular.

“Isso é terrível”, disse Cleo, reprimindo um sorriso. “O magnésio é... Bem, é crucial, na verdade. Essencial."

“Pelo menos você sabe que Frank nunca vai roubar suas coisas”, disse Quentin. Ele disparou os olhos para cima e para baixo dela. “Não que você tenha muito para roubar.”

"Sabe, eu gostaria que ele colocasse isso em seus votos", disse Cleo, desviando o insulto antes que pudesse ser assimilado. '"Eu prometo amar você, protegê-lo e nunca roubar suas merdas inúteis.'"

“Ou coloque a mão em um fogão aceso”, disse Quentin. “Como meu pai fez com minha mãe.”

Quentin tinha o dom de desviar uma conversa do claro para o escuro, como apagar a luz.

"Ele realmente fez isso?" perguntou Cléo.

Ele estava olhando para baixo. Seus longos cílios projetavam sombras leves sobre suas bochechas.

"Polônia." Quentin deu de ombros como explicação.

“Eu não sabia”, disse Cleo.

"Por que você?" Ele olhou para cima, seu rosto subitamente cheio de possibilidades. “ *Agora* você vai fazer uma linha comigo?”

Cleo revirou os olhos e cedeu com o menor aceno de cabeça.

“Você está linda,” ele disse enquanto ela se ajoelhava ao lado dele sobre o assento do vaso sanitário. “Como uma noiva criança.”

Do lado de fora do banheiro, um grupo se reunia em volta da porta da frente, lutando para encontrar os sapatos e encher os copos. As tigelas de creme e doce de leite estavam marcadas com pontas de cigarro. Zoe estava desmaiada no sofá com o paletó de Frank sobre ela.

"Aí está você." Frank veio atrás dela. Ele esfregava o olho com o nó do dedo, para frente e para trás, como uma criança sonolenta. “Vamos subir no telhado para fazer fogos de artifício. Fogos de artifício de casamento.

"Qual é a diferença?" Cleo perguntou, mas Frank já estava desaparecendo escada acima.

No telhado, o horizonte piscante de Manhattan estendia-se diante deles contra um céu negro aveludado.

“Eu tinha alguns fogos de artifício que sobraram do fim de semana prolongado”, disse Santiago, desempilhando os pacotes de néon. "Mas eu tenho alguns novos para a ocasião."

Dia Memorial. Parecia muito tempo atrás agora, mas na verdade foram apenas algumas semanas. O visto de estudante de Cleo venceu no final do mês, e a empresa para a qual ela trabalhava como designer têxtil não podia pagar. para patrociná-la. Como um último viva, ela presumiu, Frank a levou para sua cabana raramente usada no norte do estado. Como nenhum dos dois sabia dirigir ou era particularmente doméstico, foram três dias de camas desfeitas, cereal para o jantar e pura felicidade privada.

Frank moveu-se para o outro lado do telhado e tentou preparar um fogo de artifício, apoiando-o entre duas garrafas de vinho. Ele deu uma guinada para a frente, espalhando as garrafas ao redor de seus pés.

"Ei, cara", disse Santiago, vindo por trás para segurá-lo. “Por que você não me deixa fazer isso. Vá assistir com Cleo.

“Quem tem um isqueiro?” Frank gritou, ignorando-o. Ele bateu nos bolsos da calça. Alguém atirou uma para ele, mas ela passou longe, voando pela lateral do telhado para a escuridão além. Anders apareceu pela porta e, trocando um longo olhar com Santiago, conseguiu guiar Frank de volta para onde uma multidão de convidados se reunia para assistir. Cléo pegou sua mão.

Foi no trem de Hudson para casa que ele a convidou. Ela estava entrando e saindo do sono em seu ombro, sua bochecha pressionada contra a coroa de sua cabeça. *Cléo, meu Cléo.* Uma faixa negra de rio corria ao lado deles, quase indistinguível dos campos escuros e das árvores além. *O que você pensaria?* Ela podia ver o reflexo de giz do rosto de Frank brilhando na janela. Ele parecia um santo. *O que você acha de nos casarmos?*

Santiago gritou para que todos se afastassem enquanto ele e Anders acendiam os primeiros fogos de artifício. Raios brilhantes de luz dispararam atrás deles, suspensos momentaneamente na forma de estrelas. O céu crepitava de luz. De repente, Frank soltou a mão dela e disparou pelo telhado, dobrado na cintura. Ele

se lançou para um foguete e o acendeu direto com a mão, lançando-o em um ângulo que por pouco não atingiu o ombro de Anders.

"Que porra é essa?" ela podia ouvir Anders gritando enquanto Frank corria de volta.

Ele pegou a mão dela novamente e apertou com força. Faíscas caíram sobre eles. Os fogos de artifício ganharam força, iluminando os rostos da multidão no telhado em flashes. Cleo observou o perfil de Frank na luz. *Boom Boom Boom.* Ele estava olhando para a frente, mandíbula cerrada, olhos úmidos e reflexivos.

Ela não havia contado a Quentin qual era o verdadeiro voto de Frank. Ele a surpreendeu ao pedir para dizer algo no final da cerimônia, após a leitura do roteiro habitual. Ele estava visivelmente nervoso, seu gregário habitual havia desaparecido. Quando ele finalmente falou, foi uma única frase. *Quando a parte mais escura de você encontra a parte mais escura de mim, isso cria luz.*

CAPÍTULO TRÊS

Julho

Menos de um mês depois do casamento de Cleo e Frank, Quentin e Johnny terminaram. Cleo havia parado de passar todo o seu tempo livre com Quentin, o que significava que de repente ele tinha muita energia extra para se concentrar em Johnny — e achá-lo carente. Descobriu-se que Johnny era apenas mais uma rainha católica irlandesa com problemas com a bebida. Ele tinha pais republicanos que secretamente adorava e o tipo de pelo corporal que poderia ser descrito como uma pele. Quentin estava melhor sem ele.

Agora que Johnny se fora e Cleo estava sempre ocupada com Frank, Quentin tinha tempo para fazer o que quisesse, como ficar acordado a noite toda assistindo anime, ou fumar um cigarro atrás do outro na cama, ou ir a orgias apenas para convidados - o que era exatamente o plano. para aquela noite. O convite havia sido colocado dentro de seu armário na academia: “We Want You. Evento Privado. E-mail para detalhes. Ele já tinha ouvido falar dessas festas antes, dirigidas por uma rede clandestina de gays cuja missão era trazer de volta o sexo grupal da era pré-AIDS em ambientes seguros, mas glamorosos. Este foi seu primeiro convite, e o conhecimento de que ele havia sido observado, escolhido, enviou uma onda de prazer através dele.

Johnny nunca teria permitido isso. Ele era muito sério, muito crítico. De qualquer maneira, Quentin só pretendia dormir com ele uma ou duas vezes, mas Johnny se insinuou na vida de Quentin com seu prestatividade agressiva. Para a festa de aniversário de Quentin com o tema da Revolução Francesa, por exemplo, Johnny comprou um livro de receitas francês antigo e se ofereceu para fazer para Quentin qualquer bolo que ele gostasse. Quentin escolheu uma torta de pêra composta por centenas de pétalas de massa dobradas e vitrificadas individualmente, não porque gostasse particularmente de tortas de pêra, mas porque parecia a mais trabalhosa. Johnny fez para ele sem reclamar, e quando Quentin parou sob o brilho âmbar de suas velas de aniversário de 26 anos, olhando para aquelas centenas de pétalas de massa dobradas individualmente e vitrificadas, ele teve certeza de que a torta era evidência de um amor tão puro, tão obediente, que ele nunca encontraria igual.

Mas desde que admitiu a Cleo que Johnny estava roubando dele, ele começou a suspeitar cada vez mais que talvez fosse ele, não Johnny, quem estava sendo explorado. Tudo havia chegado ao auge alguns dias antes, quando Quentin, que gostava de manter seu grande apartamento de arenito a 65 graus gelados durante os meses de verão, foi vestir seu suéter de caxemira laranja favorito. Depois de

procurar em vão, ele desceu as escadas para encontrar Johnny usando-o.

"Esse é o meu suéter", disse ele.

"Então?"

“Você sabe que é o meu favorito. Comprei na liquidação da Barneys Warehouse com Cleo.

Johnny revirou os olhos. "Você está um pouco obcecada, querida."

“Com o Barney's?”

“Com Cléo.”

Quentin exalou um bufo suave entre o desdém e o embaraço. "Ela é minha melhor amiga."

“Não deveria ser eu?” perguntou Johnny.

Ele deu uma mordida no cereal de chocolate orgânico da tigela de cerâmica de Quentin. Um fio de leite marrom escorria de seu queixo pela frente do suéter de Quentin. Johnny lambeu os dedos e cutucou a mancha. Quentin se encolheu. O dedo de Johnny só conseguiu triturar o leite ainda mais nas fibras do tecido. Uma leve gota marrom ainda era perceptível contra a caxemira laranja. Quentin podia sentir o calor crescendo atrás de seus olhos.

"Tire isso", disse ele.

"O que?" Johnny riu. "Não."

Quentin levou as mãos trêmulas às têmporas.

“TIRE ISSO !” ele gritou.

A boca de Johnny ficou momentaneamente aberta. Manchas marrons de chocolate haviam se acumulado nos cantos. Ele deu um pulo e arrancou o suéter para revelar sua barriga macia e sardenta por baixo.

“Jesus, Quentin!” Ele arremessou o borrão laranja em sua direção. “São apenas *coisas.* Isso importa? Isso te faz feliz?”

“Isso não me deixa *infeliz* ”, disse Quentin.

“As coisas não são as pessoas, Quentin”, disse Johnny com a satisfação presunçosa dos verdadeiramente obtusos.

“ *As coisas* não me tratam como um idiota,” disse Quentin. “ *As coisas* não roubam minha identidade.”

“ *Roubar sua identidade?* Johnny agarrou o peito nu e lançou os olhos suplicantes ao redor da sala, como se estivesse se apresentando para o público de um programa de entrevistas durante o dia. — Cleo lhe contou isso?

Ela não tinha, na verdade - ela sempre foi diplomática de boca fechada sobre o assunto de Johnny -, mas foi gratificante fazer Johnny pensar que ela tinha.

“Ela só está tentando me proteger”, disse Quentin afetado. “Isso é o que *os melhores* amigos fazem.”

Johnny beliscou seu rosto em uma carranca nada atraente.

“Cadela britânica,” ele zombou.

“Você gostaria mais dela se ela fosse de Ohio como você?” disparou Quentin.

“Pela centésima vez, Quentin, Cincinnati é uma das cidades mais *européias* da América.”

Quentin não conseguiu conter a zombaria.

"Ver!" exclamou Johnny. “Você é um esnobe, assim como ela. Vocês dois me deixaram sozinho por uma *hora* no casamento dela. É óbvio que ela não acha que sou bom o suficiente para você.

“Talvez seja porque você não é”, disse Quentin.

Johnny engasgou dramaticamente. “Tudo o que sempre fiz foi amar você”, disse ele. “Você está muito fodido para saber como é isso.”

“Talvez”, disse Quentin. Ele se abaixou para pegar o suéter e o pendurou no ombro, reunindo todo o seu orgulho com ele. “Mas vou me contentar em saber como é a caxemira italiana.”

Quentin se orgulhava dessa frase, que ele achava que parecia algo saído de um filme, acertando o timbre certo entre resignação e esperança. Ele estava orgulhoso disso até que Johnny deu um passo em sua direção e lhe deu um tapa no queixo. Parecia um fogo de artifício explodindo em seu rosto.

"Você e ela se merecem", disse ele.

Normalmente, Quentin o teria corrigido desdenhosamente (você e *ela* merecem!), mas ele estava muito atordoado para dizer qualquer coisa quando Johnny começou a sair furioso de casa, ainda sem camisa. Ao som da porta batendo, Quentin se surpreendeu ao cair no choro. Ele embalou o lado de seu rosto com uma mão e esperou que eles passassem. Quando não o fizeram, ele ligou para Cleo.

Dentro de meia hora, ela estava em sua cozinha. Ela estava usando um vestido bordado mexicano tradicional, o cabelo preso em duas longas tranças rabo de peixe nas costas e amarrado com fitas brancas. Ele achava o estilo dela muito boêmio para seu gosto, mas apreciava que ela sempre se esforçava com a aparência. Ela colocou uma garrafa de seu refrigerante japonês favorito e um pacote de Advil na mesa da cozinha na frente dele, inspecionando seu rosto com um olhar preocupado.

"Você está com hematomas", disse ela. "O que aconteceu?"

“Ele estava usando meu suéter”, disse Quentin, mal-humorado. “E ele é um psicopata.”

“Você tem ervilhas congeladas?”

Ela abriu a porta do freezer para revelar uma grande garrafa congelada de vodca e três maços de cigarros poloneses. Ela levantou uma sobrancelha para Quentin. Ele encolheu os ombros.

“Mantém-nos frescos.”

Cleo removeu a garrafa e a enrolou em um pano de prato. Ela sentou-se em frente a ele e segurou-o cuidadosamente em sua mandíbula. Seus olhos não paravam de vazar.

"Machuca?" ela perguntou.

Quentin balançou a cabeça e enxugou o rosto rudemente com as costas da palma da mão.

“Não sei por que estou...” Ele se interrompeu e esfregou as mãos nas calças. Ele tentou rir, mas escapou de sua garganta como um soluço.

"É apenas macio", disse Cleo, segurando o rosto dele com a palma da mão. "Ele conseguiu sua parte tenra, só isso."

Ele abaixou a cabeça e pressionou sua testa contra a dela. Ele estava prestes a dizer a ela que tudo dele era a parte sensível quando o telefone dela tocou e ela se afastou.

"Vou dizer a Frank para nos encontrar aqui, certo?" ela disse.

Quentin sentiu uma pontada de irritação.

"Ou você não poderia?"

“Quentin.” Ela assumiu sua severa voz maternal. “Você sabe o quanto ele trabalha, e os fins de semana são nosso único tempo real juntos. Por favor, não seja difícil sobre isso.”

"Você não pode simplesmente pagar a fiança?" Quentin choramingou. “Você foge das coisas o tempo todo. É um dos seus maiores atributos.”

“Mas eu não quero. Passei a manhã inteira pintando e agora quero ver meu marido.

“Você pode simplesmente chamá-lo de Frank. Eu odeio toda essa porcaria de 'meu marido'.

“Mas ele é meu marido!”

“Só porque você precisava de um visto.”

“Pela centésima vez, *não é* apenas um casamento com visto.” Ela exalou cansadamente. "Por que você está agindo assim? Você gosta de Frank, lembra? Ele me faz mais feliz do que qualquer pessoa que já conheci…”

Cleo iniciou um monólogo sobre a felicidade conjugal dela e de Frank, mas Quentin havia perdido o interesse. Quentin gostava de Frank — ele sempre gostava de festas e, ao contrário da ninhada de skatistas sujos e artistas de rua com quem Cleo geralmente saía, ele tinha pelo menos algum dinheiro —, mas não era a pessoa de Cleo. Quentin foi. No fundo, Quentin suspeitava que ele e Cleo acabariam juntos, não romanticamente, é claro, mas como verdadeiras almas gêmeas, envelhecendo juntos em alguma casa em ruínas no centro da cidade, cercados por cães com pedigree e peles vintage. Frank foi apenas um breve interlúdio nos tropos da heterossexualidade tradicional para Cleo. Ele e Cléo pertenciam juntos, eram mais como uma família um para o outro do que qualquer uma de suas famílias reais jamais fora. Eram praticamente irmãs.

“... Até parei de tomar antidepressivos”, Cleo estava dizendo.

Quentin voltou a atenção.

“Amor, não. Isso *não é* uma boa ideia para você. Lembra da triste Cleo de antigamente? Ninguém precisa dela para fazer um retorno.

“Isso foi só porque eu estava sozinho e, você sabe, todas as coisas com minha mãe. Minha vida é muito diferente agora. Tenho Frank, tenho uma casa adequada...

“À casa dele.”

“ *Nossa* casa. Só acho que estou muito mais preparado para ser feliz agora. Sei quem eu sou."

Quentin sentiu uma onda de preocupação, seguida por uma onda de apatia. No final, ela faria o que quisesse.

"É a sua vida." Ele encolheu os ombros. “Só deixe-me fazer uma pergunta. E você tem que responder honestamente.” Ele olhou profundamente em seus olhos. “Qual foi a última vez que você esteve com um homem hétero, estou falando *de qualquer* homem hétero, e ele disse algo mais interessante do que você já estava pensando?”

Cleo riu e se virou.

"Vou dizer a Frank para nos trazer o almoço", disse ela.

“Vou considerar isso como um nunca.”

Quando Frank chegou, carregado com sacos de comida para viagem, o queixo

de Quentin estava manchado de roxo e produzia um latejar surdo e doloroso. Cleo correu para cumprimentar Frank como se ele fosse um soldado voltando da guerra com despojos, mexendo nas vasilhas de plástico com sopa de missô, salada de algas e arroz.

“Pelo menos agora você pode dizer que levou um soco em pé”, disse Frank. “Isso é mais do que posso dizer.”

Quentin olhou para cima e para baixo em Frank.

“Por que isso não é surpreendente?”, disse ele. "Lembre-me por que você está aqui de novo?"

Cleo lançou-lhe um olhar suplicante.

"Ei, eu estava preocupado com você", disse Frank, tirando a mão de Cleo. “De qualquer forma, pode ser bom ter um homem por perto, sabe, caso ele volte.”

“Na minha experiência, ter um homem por perto geralmente é o problema”, disse Quentin.

Frank riu. “Sem discordâncias aqui.”

Mas quando Johnny voltou mais tarde naquela noite, Quentin ficou feliz por ter Frank ali. Eles estavam assistindo a um dos documentários favoritos de Quentin, *Princess Diana: Her Life in Jewels* , enquanto bebiam chaves de fenda com a vodca agora quente quando ouviram a porta da frente se abrir. Johnny gritou o nome de Quentin. Sua voz soava grossa e abafada. Cleo pôs a mão na perna de Quentin e fez sinal para que ele não se mexesse. Frank se levantou e foi para a sala da frente. Quentin podia ouvi-los murmurando, depois a voz de Johnny ficando mais alta, exigindo vê-lo. Quentin se desvencilhou de Cleo e se aproximou do hall de entrada.

“Ele não quer *me ver* ?” Johnny estava tagarelando. “Não quero vê- *lo* .”

"Tudo bem", disse Frank, conduzindo-o em direção à porta. “Por que você não volta quando estiver sóbrio?”

“Você sabe que ele pensa que é uma mulher, certo?” Johnny continuou. “Todos os vestidos dele...” Johnny começou a cacarejar. “Ele nunca vai conhecer alguém melhor do que eu.”

Atrás da porta da frente, Quentin podia ouvir o som de uma sirene passando. Ocorreu-lhe o pensamento de que, se você escutasse com bastante atenção em Nova York, sempre ouviria uma sirene. Alguém, em algum lugar, estava sempre se machucando.

“Tudo bem, estou indo”, disse Johnny.

Quentin espiou da sala de estar para o corredor. Johnny estava parado no degrau mais alto da varanda, cuja silhueta era recortada pelo poste de luz amarelo. Ele se virou para ir, então mudou de ideia e cambaleou para encarar Frank novamente.

“Gays querem namorar *homens* ”, disse ele. “Essa é a *realidade.* ”

"Chega", disse Frank. "Vá dormir."

“Eu *vejo* você, Quentin!” Johnny gritou por cima do ombro de Frank. “Pequena aberração trans!”

Frank fechou a porta e ficou de costas para Quentin. Johnny ainda estava gritando algo sobre a realidade na rua lá fora. Quentin vigiava as costas de Frank. O que ele estava pensando? Ele o estava julgando? Com pena dele? Ele provavelmente pensou que era apenas mais um viado fodido com um armário

cheio de vestidos. Ele deve pensar que ele era patético. Frank se virou e chamou sua atenção. Ele se aproximou e apertou o ombro de Quentin.

"Eu tenho que dizer," Frank disse, "eu gostava mais dele quando o conhecia menos."

Quentin não falara com Johnny desde então, mas não conseguia parar de pensar no que ele havia dito. O que *a realidade* tem a ver com qualquer coisa de qualquer maneira? Quentin odiava a realidade. A realidade era suada e feia. Eram manchas de desodorante em roupas pretas, creme para herpes e contas de serviços públicos. Eram namoradas falsas e jantares formais em ternos mal ajustados. Era seu pai dando-lhe um sermão em um inglês ruim sobre ser um homem. Era toda a Polônia, aquela loja de sucata decadente de um país, com seus cães vadios e florestas secretas onde os homens fodiam uns aos outros no escuro e depois voltavam para casa para suas esposas. Não, Quentin queria *fantasia* , e era exatamente por isso que ele iria à orgia naquela noite.

A noite não poderia chegar rápido o suficiente. O sol poente lançava uma luz dourada sobre os prédios enquanto Quentin passeava com sua dachshund, Lulu, pela vizinhança. Era a hora da noite em que as lojas ainda estavam abertas, mas os bares e restaurantes já começavam a encher, e um ar de indústria e frivolidade impregnava as ruas. Ele entrou em seu apartamento e despejou comida de cachorro em uma tigela, pensando em quem poderia ligar.

Não sua mãe, que estava mergulhando com seu novo namorado em uma ilha particular onde, ela disse a ele encantada, telefones celulares não eram permitidos. Ele tentou o número de seu pai, mas seu telefone foi direto para o correio de voz; já passava da meia-noite em Varsóvia. Ele tentou Cleo novamente. Nenhuma resposta. Ele pensou em ligar para Johnny. Em vez disso, ele abriu sua caixa de entrada e rolou até o e-mail com o endereço da orgia, relendo-o novamente em busca de alguma pista, mas a informação era a mesma, é claro. Depois ligou para o traficante, que atendeu no segundo toque. Ele pediu o de sempre e se sentou no parapeito da janela para acender outro cigarro. O céu lá fora estava se tornando um azul escuro e machucado.

O endereço dado era em uma parte do Brooklyn onde ele nunca tinha estado antes. O único prédio não residencial era uma lavanderia algumas portas adiante. As luzes foram deixadas acesas durante a noite, iluminando o piso de vinil xadrez e as fileiras de máquinas de lavar prateadas.

Ele preparou um par de refrigerantes de vodca antes de sair, muito forte, ele percebeu agora enquanto balançava a cabeça. Parecia um tanque de água sendo sacudido de um lado para o outro. Ele decidiu não comer naquele dia, o que pode ter sido um erro. Entrando no fraco halo de luz lançado pela janela da lavanderia, ele tirou o frasco do bolso da jaqueta e o inspecionou. Já estava meio vazio. Ele deveria ter trazido dois com ele, pensou com irritação, enquanto batia duas pequenas protuberâncias nas costas da mão. Era a forma que ele menos gostava de fazer coca, bagunçada e ineficiente, mas ele queria ser rápido. Ele se sentiu melhor quase instantaneamente, aquela clareza aguda e amarga mudando sua mente para o foco novamente, dando-lhe um propósito.

Ele não disse a ninguém que estava vindo para cá. Quando Cleo ligou de volta, ele já estava no táxi e não queria ser dissuadido. Ele suspeitava que mesmo garotas como ela, do tipo socialmente liberal e sexualmente aventureiras,

no fundo ficavam um pouco enojadas com o que os homens faziam juntos. Ele não conseguia imaginar ter o tipo de discussão franca com ela que outras namoradas tiveram durante o brunch, rindo sobre o tamanho do pênis e orgasmos indescritíveis. *E então eu o deixei mijar na minha boca enquanto seu namorado poderoso assistia! Mais uma rodada de mimosas!*

Ele tinha visto isso uma vez, a forma como Cleo recuou quando ele contou a ela sobre as casas de banho que frequentou antes de conhecer Johnny. Eles estavam no banco de trás de um táxi indo de uma festa para outra; ele havia tomado tanta ketamina que mal conseguia levantar a cabeça — *como um bebê, como um bebê* , ele ficava repetindo. Enquanto ele tagarelava sobre o que ele havia pedido àqueles homens para fazerem com ele, o que ele havia feito com eles, ele viu, como se de uma grande distância, Cleo virar o rosto lentamente, lentamente em direção à janela, deixando-o apenas uma lasca de seu perfil, majestosa e distante, focando seus olhos no brilho úmido dos semáforos além, e uma vergonha - ele quase podia sentir o gosto agora, junto com o gotejamento da coca - uma vergonha terrível e amarga o dominou. . *Agora chega, chega.*

Ele tocou a campainha e foi conduzido a um saguão de entrada escuro, onde um homem careca vestindo uma tanga de couro e uma coleira pontiaguda estava sentado em um banquinho, guardando uma segunda porta.

"Nome?" ele perguntou e examinou sua lista para confirmar. “Prova de negativa?”

Quentin removeu um pedaço de papel. Ele havia sido testado no início daquela semana em preparação e ficou surpreso com o alívio que sentiu ao obter o resultado negativo. Ele usava preservativos, mas algumas vezes com Johnny eles os haviam dispensado. Não havia nada como fazer um teste de HIV para se convencer imediatamente de que você tinha. O careca olhou para ele e assentiu.

“Verifique todas as roupas e pertences antes de entrar. Não há telefones celulares dentro.

Quentin riu, mas o homem olhou para ele inexpressivamente, esperando.

"Você está falando sério? Tirar minha roupa aqui?

Quentin pensou em se virar, mas parecia um desperdício, depois de horas de espera, mais a corrida de táxi e o dinheiro da droga, não pelo menos ver o que havia dentro. Ele tirou a camisa e se ajoelhou para desafivelar as sandálias gladiadoras. Com alguma dificuldade conseguiu tirar o short de couro. Ele dobrou tudo o mais cuidadosamente que pôde e passou para o porteiro.

“Essas são peças de colecionador”, disse Quentin. “Eles valem mais do que você.”

“Roupa de baixo também”, disse o careca.

Quentin beliscou a ponta do nariz, respirou fundo e puxou a cueca para baixo. Em troca, o homem entregou a ele uma pulseira de plástico em espiral com uma etiqueta redonda com um número, não muito diferente do tipo dado em piscinas públicas.

"Qual é o próximo?" Quentin perguntou. “Uma busca completa na cavidade?”

"Você pode colocar isso lá dentro", disse ele. “Só não deixe ninguém pegar a pulseira.”

“Essa coisa fabulosa?” disse Quentin. “Eu não sonharia com isso.”

O homem se mexeu na cadeira para indicar que Quentin deveria passar. Ele

abriu a porta e entrou em um longo e estreito corredor que conduzia a outra porta, atrás da qual podia ouvir a batida insistente e contundente da música tecno e o murmúrio sombrio das vozes dos homens. Ele teria adorado outro solavanco, um pequeno solavanco para passar pela porta, mas é claro que as drogas estavam com suas roupas. Nu, exceto por sua pulseira amarela, Quentin se sentia exposto de uma forma profundamente antierótica. Na verdade, ele pensou, toda a experiência até agora tinha sido tão sexy quanto um check-in na prisão.

Ele abriu a porta e entrou no que parecia ser uma grande sala de estar. Um mural que brilha no escuro representando banhistas gregos musculosos cobria toda uma das paredes. Fontes de pedra falsas de jovens querubins mijando água pontilhavam o espaço. Luzes estroboscópicas piscaram no alto. Em frente a uma cabine de DJ improvisada, atrás da qual um homem oleado com um enorme conjunto de chifres de carneiro balançava, uma pequena multidão de homens nus dançava. O lugar todo parecia barato; eles buscaram a fantasia grega e acabaram com um restaurante grego.

Quentin vagou pela periferia da sala, onde cortinas pretas separavam áreas menores e privadas. Ele espiou pelo vão entre um e viu uma pilha de homens, cinco, talvez seis, transando uns com os outros. Isso o lembrou do interior de uma colmeia, toda aquela atividade enxameante. Espiando para a próxima área, ele cruzou os olhos com um homem de pescoço grosso que bombeava ferozmente uma figura encapuzada abaixo dele de quatro. Ele sustentou o olhar de Quentin por um longo e feroz momento antes de revirar os olhos.

Quentin estava se perguntando se deveria sair - ele não se sentia desinibido o suficiente para entrar na pista de dança, muito menos em uma das áreas privadas - quando viu um garoto alto se movendo com grande velocidade e deliberadamente em sua direção. Ele estava sorrindo de um jeito que parecia sugerir que ele estava esperando Quentin .

“Zdravstvuyte,” ele disse, colocando a mão levemente no ombro de Quentin.

Quentin o encarou em silêncio. Ele era muito atraente, com a cabeça recém-raspada que dava a seu crânio uma aparência vulnerável de recém-nascido. Seu rosto estava cheio de contradições; olhos pálidos e sensíveis acima de um nariz torto de boxer, lábios femininos e um queixo forte e quadrado. Quentin deixou seu olhar vagar por seu torso sinuoso até seu pênis longo e reto, aninhado em uma cama de cabelo escuro.

"Foi você quem colocou o bilhete no meu armário?" Quentin perguntou, sentindo-se ridículo.

"Observação?" O sorriso do menino se transformou em confusão. “Sinto muito, não. É que eu tinha certeza de que você era russo.

“Não”, disse Quentin. Então, sentindo que o estava decepcionando, acrescentou. "Polonês. Eu sou originalmente polonês.”

“Ah!” O rosto do menino se iluminou novamente. “É por isso então.”

“Por que você pensou que eu era russo?”

O menino moveu os olhos levemente para cima e para baixo em Quentin.

"Suas sobrancelhas", disse ele e riu.

Era um som brilhante e surpreendente, como água brotando repentinamente de uma torneira que parece seca. As sobrancelhas de Quentin foram, de fato, frequentemente comentadas. Aveludados e escuros, com cílios longos e grossos

para combinar, eles eram um dos poucos benefícios que ele conseguia pensar por ser do Leste Europeu.

“Sinto muito por não ser russo”, disse Quentin, pensando desesperadamente em algo para dizer.

"Polonês é melhor", disse o menino e deu de ombros. “Você tem menos problemas.”

Ele agarrou a mão de Quentin e a apertou. Sua mão era macia e áspera, como a língua de um gato. Quentin podia sentir seu próprio pênis mexer com o toque dele.

"Eu sou Alex", disse o menino.

“Quentin. Posso pegar uma bebida para você? ele perguntou.

"Sim", disse o menino, ainda sorrindo. “E eu pego um para você também. Ouvi dizer que eles estão livres.

Alex guiou Quentin até o bar, que era um pedaço de compensado sobre dois caixotes, atrás do qual outro homem incrivelmente musculoso, este de chifres, servia bebidas em copinhos de plástico.

“É um bar seco, rapazes”, ele gritou do outro lado da mesa. "Você quer um refrigerante?"

Quentin e Alex se entreolharam.

“Eu conheço um lugar muito legal onde podemos ir se você quiser,” Alex disse. “Do outro lado da ponte.”

Lá fora, era como ser exilado do Éden; ambos estavam repentinamente cientes de sua nudez. Recuperaram suas roupas com o careca, que pegou seus braceletes com a mesma inescrutabilidade vazia de antes, e se vestiram rapidamente no corredor. Quentin observou Alex com o canto do olho. Suas roupas eram muito simples, uma camiseta branca, jeans largos, tênis e uma jaqueta jeans desbotada. Eles pareciam quase deliberadamente escolhidos para revelar o mínimo possível sobre o usuário. Uma vez completamente vestidos, ambos se encararam, como se fosse a primeira vez.

Alex riu. “Você está vestida para uma festa diferente.”

O bar para o qual Alex o levou no Lower East Side não tinha placa e ficava no fundo de uma escada rachada e apagada que não parecia mais ser usada.

"Cuidado", disse Alex, virando-se para oferecer a mão.

Lá dentro, o espaço era pequeno e semelhante a uma caverna, com uma luz vermelha difusa se acumulando no tampo pegajoso do bar de mogno e no espelho manchado atrás. Arrumado nas prateleiras acima das garrafas de licor brilhantes havia uma coleção de samovares. Mesas redondas atarracadas e cadeiras de madeira espigadas davam para um palco ligeiramente elevado. Homens sentavam-se caídos em volta das mesas, e Quentin tinha a sensação de que nunca saíam, eram tão permanentes no lugar quanto as cadeiras e os samovares. Alex cumprimentou o barman idoso e conversou facilmente em russo enquanto servia três copos de vodca.

“Nostrovia!” eles disseram.

Cada um bebeu seu copo em um longo e delicioso gole, gesticulando para Quentin fazer o mesmo. O barman já estava enchendo a bebida dele e de Alex enquanto Quentin engolia a dele.

"Outro", disse Alex. Ele afetou seu forte sotaque eslavo. “Esta noite, você

bebe como um russo.”

“Tenho que ir ao banheiro”, disse Quentin.

"OK. Depressa, também há uma apresentação começando agora.”

No banheiro, Quentin bateu o restante do frasco no dispensador de papel higiênico de metal, um objeto aparentemente projetado para essa mesma atividade, e tirou seu cartão de crédito. Havia o suficiente para duas linhas curtas, mas decentemente gordas, não o ideal, mas o suficiente para formar uma pausa nas nuvens de vodca que já nublavam sua mente. Ele tirou um canudinho da carteira e cheirou a primeira linha. Delicioso. Ele pensou brevemente em guardar a segunda linha para mais tarde, então imediatamente a aspirou pela outra narina.

Quando ele reapareceu, a apresentação havia começado. No palco, em uma poça de luz prateada, uma mulher cantava. Ela estava sinuosamente magra em um vestido dourado de alças que descia entre os seios pequenos. Seus joelhos e tornozelos ossudos se projetavam sob um par de meias arrastão. Alex gesticulou para que eles se sentassem em uma das mesas mais próximas do palco e trouxe uma garrafa de vodca e dois copos do bar. Ao avistá-lo, a cantora mandou um beijo em sua direção. Ele assentiu e cobriu o coração com a palma da mão. Ela lançou seus cílios longos e escuros para baixo e balançou ligeiramente de um lado para o outro, cantando em voz baixa que soava como uma agulha rasgando a seda.

Alex serviu outro copo para cada um deles e bebeu o dele em um movimento suave e experiente. Quentin bebeu o dele também enquanto Alex assentiu com aprovação. A essa distância, Quentin podia ver que a tez da cantora, apesar do pó branco que ela havia coberto, era da cor azeda do vinho branco. Ao longo de seu queixo, a sombra escura da barba por fazer estava começando a aparecer, e Quentin sentiu, apesar de si mesmo, um arrepio de horror. Não poder passar, esse era o seu maior medo.

Eles sentaram-se para beber sem falar enquanto o cantor se apresentava. Ela balançava e os homens balançavam também, espelhando-se nela, e logo a sala estava balançando, as paredes e o chão e o pequeno exército de samovares, e Quentin teve a sensação de que todos estavam sendo puxados, para frente e para trás, por aquele balanço constante. movimento dos quadris da cantora. Ele se perguntou o que Cleo pensaria se pudesse vê-lo aqui. Ela nunca se encontraria em um lugar como aquele com uma pessoa como Alex — itinerante, misterioso, talvez um pouco perigoso. Ou talvez em algum momento ela tivesse, mas não agora, não depois de conhecer Frank. Seu casamento lhe dera acesso a um mundo que ele nunca conheceria. Ela não o admitiria, talvez nunca o soubesse conscientemente, mas o deixara para trás. Ela havia se tornado aceitável.

Por fim, a cantora falou suavemente no microfone e juntou as palmas das mãos. Quentin entendeu que era sua última música. Quando as primeiras notas foram tocadas, um murmúrio de reconhecimento percorreu o compasso, e os homens começaram a bater palmas no mesmo ritmo.

“Ah!” Alex disse, batendo palmas também. “Esta é uma canção russa muito famosa. Dos ciganos.

"O que ela está dizendo?" perguntou Quentin.

"Deixe-me ver." Alex esticou o pescoço para frente para ouvir com mais

atenção. “Ela canta agora, 'estávamos andando de *troika* ' - não sei como traduzir isso, talvez uma carruagem - 'com sinos tocando. Longe estavam as '- como você diria -' luzes brilhantes. Como eu gostaria de poder seguir, para tirar a tristeza da minha vida'... Não soa tão bem traduzido.”

“Parece muito russo”, disse Quentin.

“Sim, é lindo e triste como a Rússia”, disse Alex, olhando para a figura brilhante no palco. "Ela canta bem."

"E ela? Você acha que ela é bonita e triste? perguntou Quentin.

"Claro", disse Alex. "Você não?"

“Você não é algum tipo de caçador de travestis, é?”

Alex se virou na cadeira para encará-lo.

“Nunca ouvi essa expressão”, disse ele. "Mas não. Quando cheguei aqui, havia alguém como ela, não ela, mas como ela, que se tornou como uma mãe para mim. Você não a acha bonita?

“Tenho vestidos melhores”, disse Quentin.

Alex riu e serviu o resto da vodca.

"Então talvez você devesse estar lá em cima", disse Alex.

Quentin inclinou a cabeça para trás para esvaziar o copo. Uma nuvem de luz vermelha girou em torno de sua cabeça.

“Eu deveria ter sido uma menina”, disse ele. “Isso é o que eu deveria ter sido. Eu deveria ter nascido menina.

Lá fora, o ar frio lambeu sua pele. Eles pegaram um táxi de volta para a casa de Quentin, e ele ficou aliviado ao ver pela janela figuras escuras ainda fumando do lado de fora das grades. Ele odiava ser o último a ir para casa. Eles pararam em frente ao seu prédio e ele pagou o táxi, tirando as notas da carteira às cegas.

“Você é rico”, disse Alex baixinho enquanto Quentin abria a porta da frente.

“Minha avó”, disse ele, deixando cair as chaves e a carteira no chão do corredor.

"Eu, eu sou muito pobre", disse Alex.

"Quer uma bebida?" Quentin disse, levando-o até a cozinha.

Lulu correu para eles quando eles entraram, gritando de alívio por ter Quentin de volta para ela.

“É como você!” Alex riu, levantando-a para deixá-la cheirar seu rosto. “Vocês são gêmeos.”

Ele a colocou no chão e ela deslizou em seus calcanhares. Quentin tentou empurrá-la com o pé, mas perdeu o equilíbrio e tropeçou no balcão.

"Você tem um pouco de vodca?" Alex perguntou.

"Claro. Tem água com gás e acho...

“Só a vodca”, disse Alex. “Desde que esteja frio.”

“Eu também tenho isso”, disse Quentin, removendo seus outros dois frascos de seu esconderijo dentro da gaveta de talheres. "Se você quiser."

Os olhos de Alex se voltaram para sua mão estendida. À luz da cozinha, Quentin pôde ver que eles estavam estranhamente pálidos, com pupilas pretas brilhantes do tamanho de moedas.

“E gelo?” Alex perguntou baixinho.

"Hum, claro." Quentin se virou para o freezer, mas Alex agarrou seu antebraço.

“Não,” ele disse impacientemente. “ *Gelo.* Cristal."

Quentin olhou para ele alarmado.

“Você quer dizer *metanfetamina* ? Deus não."

"Tentaste?" Alex perguntou, deixando cair o braço.

“Bem, não”, disse Quentin. “Mas por que fazer isso quando você pode fazer isso?”

"Porque é assim", disse Alex, apontando para os frascos. “Tempo tudo.”

Quentin olhou para ele com ceticismo. Ele tinha visto o que acontecia com homens que ficavam viciados em cristal. Seus rostos acabaram parecendo um dos brinquedos de mastigar de Lulu.

"É realmente tão bom?" ele perguntou.

“Na Rússia, temos um ditado. 'Se você vai se afogar, afogue-se em águas profundas.'”

Quentin balançou a cabeça, sem saber o que aquilo significava.

"OK." Alex sorriu seu sorriso de dentes afiados. “Esta noite, faremos do seu jeito.”

Então caiu de joelhos, como se se oferecesse como um presente aos pés de Quentin.

Uma hora depois, Quentin estava cambaleando pela sala de estar com botas de cano alto e um vestido de seda, cantando junto com uma brilhante faixa de discoteca enquanto Alex assistia do chão. Espalhado ao redor deles estava metade do conteúdo do guarda-roupa secreto de Quentin: uma variedade de vestidos de cetim e veludo, saltos agulha que não combinavam e perucas de cabelo real. Alex estava usando um cabelo loiro platinado torto e cortando mais linhas em um prato, rindo enquanto Quentin tentava dançar em cima do sofá rechonchudo, seus tornozelos dobrando sob ele. Quentin caiu de joelhos, ainda cantando, e ergueu o vestido para revelar a faixa de coxa entre o topo de suas botas e sua cueca boxer. Ele se sentia ágil e sexy, feminino e livre. Alex agarrou seu pulso e o puxou, uma confusão de pernas e calcanhares, até o chão.

Ele tirou a peruca da cabeça e rolou para cima de Quentin, de modo que ficaram cara a cara, com as mãos em cada lado da cabeça de Quentin. Alex estava respirando com dificuldade; Quentin podia ver pedaços de pó branco grudados nos pelos de suas narinas enquanto exalava. Quentin virou o rosto para o lado e jogou os braços acima da cabeça. Não queria mais ver, só queria sentir e ser sentido, textura sobre textura. Alex estendeu a mão e abriu as pernas de Quentin, deslizando o vestido pelas coxas. Ele puxou a cueca de Quentin para baixo e enfiou a mão entre suas nádegas para acariciá-lo, circulando com a ponta de dois dedos, abrindo-o.

“Sua boceta está tão molhada,” Alex murmurou no ar acima do rosto de Quentin.

"Isso é?" disse Quentin. Ele pretendia soar provocador, mas em vez disso a pergunta saiu genuína, sua voz sinceramente aguda.

"Mm", disse Alex. “Está faminto por mim.” Ele se atrapalhou para desabotoar a calça jeans e liberou seu pênis entre as pernas de Quentin. Ele se manteve ereto quando começou a empurrar para dentro de Quentin.

“Espere”, disse Quentin, mais alto do que pretendia. Ele levou as mãos ao peito de Alex. "Eu preciso de algo. Tem azeite na cozinha.

“Não, não”, murmurou Alex, pegando os braços de Quentin e prendendo-os acima de sua cabeça. “Garotas não precisam dessas coisas. Você está molhada, você já está molhada para mim.

Ele deixou Alex cuspir na palma da mão e empurrar para dentro dele, e a dor se misturou com aquela palavra, *garota* .

Quentin acordou de costas com o brilho nos olhos. Eles fizeram uma cama no chão da sala usando as almofadas do sofá e dois casacos de pele de Quentin. Ambos estavam nus, as costas de Alex curvadas para o lado de Quentin. Quentin se virou e gentilmente segurou a nuca de Alex com a mão. Alex se mexeu imediatamente, virando-se de costas e protegendo os olhos com a dobra do braço. Um raio de sol riscou seu rosto.

“Nós dormimos?” ele perguntou.

“Um pouco”, disse Quentin.

"Água", disse ele.

Alex levantou-se rigidamente, pegando a cueca do chão com o pé e jogando-a na mão. Ele o vestiu e caminhou até a cozinha. Quentin se apoiou nos cotovelos e observou Alex abrir a torneira, inclinando-se para beber direto da torneira como um gato. Ele jogou a água no rosto e no pescoço.

Alex voltou da cozinha e começou a tirar as roupas da pilha no chão sem olhar para Quentin.

"Você tem que ir?" Quentin perguntou.

“Sim, eu deveria trabalhar hoje.”

Quentin se levantou e procurou sua própria cueca. Enquanto ele os vestia, o dia, com sua ressaca ácida e depressão oca, parecia uma dívida insuportável a pagar. Ele se moveu para trás de Alex e descansou sua bochecha contra a parte de trás de seu ombro, sentindo o áspero brim de sua jaqueta contra sua pele.

“Você pode ficar,” ele disse nas costas de Alex. "Se você quiser. Ficar."

Alex virou-se para encará-lo com um olhar perplexo e inquisitivo. Ele não disse nada.

“Vou acompanhá-lo até lá fora”, disse Quentin. “Deixa eu me vestir.”

Subiu as escadas para seu quarto e ficou indeciso diante das roupas que ainda permaneciam em seu guarda-roupa. Vestiu um short de basquete e uma camiseta velha de Johnny's e desceu as escadas. Alex estava de sapatos e estava parado em frente à mesa de jantar, olhando atentamente para uma pilha de euros.

"Você precisa disso?" Alex disse, virando-se para Quentin. “Posso trocar por dólares.”

"Seriamente? Acho que você está se vendendo um pouco aquém. Quentin tentou forçar uma risada. "Isso será apenas cerca de sessenta."

"Não é *para* nada", disse Alex. “É apenas um presente. Você não precisa disso. Veja... — ele se abaixou para pegar um bilhete que havia caído no chão debaixo da mesa. “Você deixa por aí como se nada.”

"Tudo bem, pegue", disse Quentin, sentindo-se envergonhado pelos dois. “Você está certo, não é nada. Vamos."

Ele seguiu Alex pelo corredor, observando o suave quadrado branco de seu pescoço acima de sua jaqueta se mover. Chegaram à porta e Quentin pegou a carteira e as chaves que havia deixado cair na noite anterior. Ele tentou sorrir. Seu rosto parecia uma coisa nova e mais frágil.

Caminharam juntos até a esquina e se despediram sem se tocar. Quentin foi na direção oposta e sentou-se em uma varanda para acender um cigarro. Ele podia sentir as pessoas olhando para ele enquanto passavam em suas corridas matinais ou conduziam seus filhos ao parquinho no final do quarteirão. Ele não se importava. Ele logo iria para casa buscar Lulu, levá-la para passear. Talvez compre algumas flores no mercado do fazendeiro. Ele olhou para o telefone. Cleo estava ligando. Afinal, o dia estava apenas começando.

CAPÍTULO QUATRO

Início de agosto

F rank estava tendo um longo dia. Não apenas seu novo cliente, o segundo maior fabricante de rum da América do Sul, pediu mais *uma* edição de um anúncio de TV de quinze segundos que deveria ter sido embrulhado e entregue semanas atrás, mas esse anúncio em particular era de uma filmagem que eles haviam realocado para Buenos Aires, o que significava que Frank não pôde comparecer, apesar de ter prometido ao cliente que supervisionaria todas as filmagens *pessoalmente* , porque coincidiu com a semana em que se casou com Cleo, e as filmagens que ele agora se viu olhando de a filmagem em que ele não estivera presente, mas agora deveria fingir que havia supervisionado, foi, aos olhos de Frank, manchada, não, *arruinada* , pela presença de um extra tão colossalmente errado que Frank teve que questionar se ele estava cercado por incompetentes, ou se alguém de sua equipe realmente queria transar com ele. Ele também estava de ressaca. Dolorosamente, regiamente de ressaca.

"Aqui", disse Frank, apontando um dedo para a tela grande que mostrava a silhueta dele e do editor, um cara pálido que ele pensou que poderia ser chamado de Joe. "Certo. Lá. Eu sou o único que vê esse grande cara branco sem camisa no quadro? Diga-me, sério, você não pode vê-lo?

“Ah, sim”, disse o editor, estalando os dedos com uma satisfação tão óbvia que Frank teve de se conter para não estalar os dedos como se fossem palitos de pão. "O que ele está fazendo lá?"

“O que ele está fazendo lá”, Frank disse com lenta deliberação, “é estragar o tiro. O que ele está fazendo ali é interromper um ambiente cuidadosamente coreografado de jovens argentinos geneticamente abençoados — que, aliás, estão recebendo taxas sindicais — com seu, seu... nem sei como se chama isso. Porcino! Sua aparência suína.

“Talvez ele devesse adicionar um pouco de realidade à cena?”

Frank deu ao editor um olhar assassino. Eles filmaram na Argentina pelo melhor valor de produção, embora qualquer sinal de autêntica cultura sul-americana tenha sido flagrado no próprio produto (a empresa estava tentando se desassociar do mercado latino). O anúncio apresentava um cara branco suburbano, mas incrivelmente bonito, sentado sozinho em um bar. Ele pede uma bebida - um copo de rum brilhante como uma joia - joga de volta e de repente é transportado para uma praia tropical. Uma multidão de foliões atraentes (bronzeados, mas de uma forma familiar de aparência européia) se reúne ao seu redor. Enquanto uma garota esticada de biquíni passa para ele outra bebida, um

avião estampado com o logotipo da marca puxa uma faixa declarando “Há uma festa em algum lugar. Encontre-o ”no céu azul vazio.

A ironia de que Frank deveria trabalhar neste anúncio em particular enquanto se sentia como ele, como se seu cérebro fosse uma bola de algodão embebida em álcool isopropílico secando lentamente ao sol, não passou despercebida por ele. Ele tinha ido encontrar Anders depois do trabalho na noite anterior com a inocente intenção de assistir aos destaques do jogo daquele dia da Premier League. Anders já estava lá quando ele chegou, contando as façanhas sexuais da noite anterior para o barman.

“Estou lhe dizendo”, disse ele, sinalizando para o barman trazer a Frank a mesma cerveja preta que ele estava bebendo, “se os gêneros tivessem sido invertidos, teria sido agressão sexual”.

"Então você está dizendo que não ficou duro?" Frank subiu em uma banqueta e olhou para Anders por cima dos óculos.

"Bem." Anders passou as mãos pelos cabelos cor de areia e ofereceu seu sorriso banguela. “Eu não queria ofendê-la. Mas ela certamente era a agressora. Muito agressivo para mim, na verdade.

"Você tem sorte de Cleo não estar aqui", disse Frank, tomando um gole sedento do copo de cerveja que apareceu diante dele. “Esse comentário definitivamente causaria protestos feministas.”

“Talvez”, disse Anders vagamente, voltando-se para o brilho da tela. “Ah, você viu isso passar? Lindo!"

"A propósito, só estou bebendo cerveja esta noite", disse Frank, tomando outro gole profundo. “Cerveja Solo.”

Anders levantou uma sobrancelha loira. — Cleo decidiu isso por você?

Frank tinha notado que Anders era incomumente calado sobre o assunto de Cleo. Ele se perguntou se Anders estava com ciúmes dela. Ele e Anders tiveram uma amizade de décadas que foi aprofundada e ameaçada por uma intensa rivalidade. Quando Anders se separou de sua ex-namorada Christine, foi Frank em cujo sofá ele dormiu por semanas enquanto procurava um novo lugar. Nenhum dos dois tinha um relacionamento sério há anos — eles eram os contatos de emergência um do outro, pelo amor de Deus —, então deve ter sido desconcertante para Anders ver Frank passar de solteiro para casado em apenas alguns meses.

Ou talvez, pensou Frank, Anders tivesse ciúmes *dele* . Quem não gostaria de estar com alguém como Cleo, tão atenciosa, especial e linda, depois do desfile de modelos sem graça que Anders namorou desde Christine? De qualquer maneira, a ideia de que ele tinha algo que Anders queria deu a Frank um brilho interior de satisfação.

"Então você quer que eu corte a foto?" perguntou o editor. “Mesmo que isso signifique que vamos perder o periquito no galho ali?”

Frank voltou a focar os olhos na tela, olhando para o slogan horrível pendurado como um veredicto divino no céu. A coisa toda era, claro, merda não adulterada. O que havia começado como um anúncio que iria subverter os padrões da propaganda de bebidas alcoólicas tornou-se um anúncio que estava jogando *fora* dos padrões da propaganda de bebidas alcoólicas e agora evoluiu para um anúncio que estava apenas tentando atender *aos* padrões da propaganda

de bebidas alcoólicas.

"Sim", disse Frank, abrindo sua terceira Coca Diet do dia. “É isso que eu quero que você faça, Joe.”

“Cara, meu nome é Myke”, disse Joe. “Com um y.”

“Não até você tirar aquele babaca sem camisa da minha tacada, não é”, disse Frank.

Frank não ficou surpreso com o resultado do anúncio, mas no fundo ele ainda era um pouco idealista. Ele pulou a faculdade e começou como redator aos dezoito anos, chegando à maioridade em uma época em que ainda era possível fazer um trabalho que parecia, de alguma forma, importante. Ele tinha o dom de contar histórias e um forte olho visual; ele tinha ambições de escrever e dirigir filmes, mas o dinheiro da família com o qual sua mãe viveu prodigamente por anos havia secado e a publicidade era a aposta mais confiável. Ele ganhou prêmios e comprou seu próprio apartamento aos trinta e poucos anos, mas não esqueceu o que seu ex-chefe, um ícone que havia sido um dos criativos por trás da campanha “Just Do It” da Nike, havia insultado ele em seu festa de aposentadoria. *Se você quer fazer boa arte, não entre na publicidade. E se você quer fazer boa propaganda, não fique na América.*

“Frank?” A cabeça de seu assistente Jacky apareceu na porta. "Eu tenho Zoe em espera em seu escritório."

Jacky era natural do Queens, com cabelo loiro tingido de algodão-doce e delineador azul-marinho que Frank tinha certeza de que estava tatuado. Nos quinze anos em que foi sua assistente, ela nunca esqueceu um compromisso, nunca deu informações sobre Frank a curiosos e apenas uma vez ligou para dizer que estava doente, com apendicite.

"Por que ela não ligou para o meu celular?"

"Ela diz que você nunca responde a ela."

“Há uma razão para isso.” Frank empurrou sua cadeira para Jacky e pegou a mão dela, lançando-se em uma pirueta sentado embaixo dela. Jacky deu a ele um sorriso conhecedor.

“Família da família, querida. Ela diz que é importante.

“Tudo é importante com Zoe,” disse Frank. "Ela é uma atriz."

Zoe foi o resultado do que sua mãe alegou ser uma gravidez surpresa em seus quarenta e poucos anos, mas que Frank suspeitava ser um último esforço para criar um interesse comum com seu segundo marido, Lionel. Lionel era um notável afro-americano do meio-oeste, com um negócio imobiliário de sucesso moderado e talento para o squash. Ele também foi o primeiro homem para não deixar a mãe de Frank passar por cima dele, um fato que Frank reconheceu com respeito relutante. A mãe de Frank se divorciou de seu pai quando Frank tinha dois anos, levando seu pai a voltar para a Itália e começar uma nova família com uma esposa que, presumivelmente, não deixava facas em sua cama quando ele ficava fora até tarde.

“O que você vai fazer quando eu voltar?” Frank voltou-se para o editor, que olhava desanimado para a tela.

“Tire o babaca sem camisa da cena,” ele disse em um tom baixo e monótono.

Frank riu e deu um tapa nas costas dele.

"Esse é o espírito." Ele deu-lhe uma pequena piscadela. “Myke com um y.”

Frank seguiu Jacky para a luz branca do corredor. Honestamente, ele estava grato a Zoe pela desculpa para deixar a soporífica suíte de edição. Ele prefere falar com ela do que com qualquer outro membro de sua família.

“Apenas pense, querido,” disse Jacky, com seu talento habitual para ler os pensamentos dele, “pode ser sua mãe.”

Lionel e sua mãe criaram Zoe em Manhattan, depois a matricularam em um colégio interno depois que se mudaram para o Colorado para abrir uma luxuosa loja de roupas de esqui. A mãe de Frank adorava esquiar; ele cresceu acompanhando-a em viagens de esqui para os Alpes e Aspen. Ela vinha de dinheiro e tinha uma disposição real dentro e fora das pistas. O nariz comprido e a testa branca e arqueada davam-lhe o ar imperioso de um cão de caça russo. Mas ela era jovem quando teve Frank e o tratou mais como um companheiro do que como um filho.

Enquanto crescia, ele frequentemente jantava com ela em restaurantes perto de seu apartamento no Upper East Side; ela pedia escargot, salada de trufas ou bife tártaro, pratos não adequados ao paladar indelicado de uma criança, e falava sobre sua vida com a mesma franqueza que faria com qualquer adulto . *Oh, os homens têm medo das mulheres da minha idade. Eles acham que qualquer mulher com mais de trinta anos tem uma armadilha para ursos em vez de uma cadela!* Ocasionalmente, eles roubavam os talheres, só por diversão, rindo enquanto passavam pelas portas de mãos dadas, facas de manteiga deslizando pelas pernas da calça. Mesmo agora, quando pensa na risada de sua mãe, ele pode ouvir o barulho de talheres na calçada.

"Little Z", disse ele, pegando o telefone. Ele olhou pela janela para a agradável agitação do Madison Square Park abaixo. “O que eu disse sobre adultos com empregos?”

“Fraaaaaank.” A voz de Zoe era alta e aguda.

"Zooooooo", repetiu Frank, imitando elaboradamente amarrar uma corda em volta do pescoço para o benefício de Jacky, que estava demorando na porta para garantir que ele atendeu. Jacky balançou a cabeça, mas seus olhos sorriam com o bom humor que permitiu que ela tolerasse as travessuras de Frank por mais de uma década. Frank notou que ela havia deixado uma garrafa de água e dois Advil ao lado do telefone.

"Não é engraçado!" A voz de Zoe gemeu em seu ouvido. “Estou no Bete Israel. Tive uma convulsão no teatro e o diretor de palco me trouxe para cá. Eu deveria fazer uma varredura cerebral, mas eles querem colocar essa cola esquisita no meu cabelo. Ela levantou a voz, presumivelmente para o benefício de algum pessoal médico apressado ao alcance da voz. “ *O que nunca vai acontecer!* Você pode descer aqui? Estou enlouquecendo."

Zoe foi diagnosticada com epilepsia no internato depois de ter uma convulsão enquanto invadiu o dormitório de um menino bêbada. Foi Frank quem passou os fins de semana da família no programa de vida selvagem (ou “não-uma-reabilitação”, como sua mãe se referia) em que ela passou o último semestre do ensino médio, e foi Frank quem assumiu as mensalidades de Zoe na Tisch e alugou seu segundo ano, quando o negócio de esqui de sua mãe falhou em gerar lucros.

Ele até deu a Zoe uma mesada mensal para que ela pudesse se concentrar nos

ensaios para a produção de *Antígona de Tisch* naquele verão, mas ele parou com isso quando ele e Cleo decidiram se casar. Havia um limite de jovens artistas femininas rebeldes que um homem poderia sustentar ao mesmo tempo. Mas ele nunca deixou de se preocupar com Zoe e ainda faria qualquer coisa, iria a qualquer lugar, para garantir que ninguém tocasse um fio de cabelo em sua cabeça sem sua permissão.

"Eu estarei lá", disse Frank. “Dê-me quinze minutos.”

Ele se lançou para sua bolsa no sofá de couro branco, inadvertidamente puxando o telefone e uma pilha de papéis de sua mesa.

"Eu entendi!" gritou Jacky do corredor.

A pressa do elevador enviou uma onda de náusea através dele. Ele colocou os óculos escuros e tentou respirar fundo, apoiando a cabeça no aço frio das paredes quando pararam nos andares 24, agora 19, agora 11... Deus, ele estava ficando velho. Quando ele tinha a idade de Cleo, ele conseguia ficar fora a noite toda antes do trabalho, até mesmo espremendo tempo para ir à academia na hora do almoço. Agora, se ele não soubesse que estava de ressaca, teria pensado que estava morrendo.

Ele e Anders beberam mais algumas cervejas e terminaram os destaques, que terminaram em alta com um lindo gol a vinte e cinco metros de distância. O espírito comemorativo levou Frank até o bar do porão de um restaurante no centro da cidade, onde Anders conhecia alguém fazendo algo com alguma revista. Ele estava lá embaixo no bar, a música pulsando ao seu redor, e Anders estava passando para ele uma dose. Então ele estava conversando com o DJ e comprando outra rodada para ele, para Anders, para um cara de gravata borboleta, para qualquer um. Ele estava no banheiro cortando falas na pia com duas garotas, ambas chamadas Sara, que achavam tudo que ele dizia hilário. Ele estava na pista de dança novamente e uma música que ele conhecia estava tocando e ele estava se sentindo bem, bem, bem. Ele foi esmagado em um táxi com outras cinco pessoas indo para ele não tinha certeza para onde. *Há uma festa em algum lugar. Encontre-o.* Então ele estava em seu corredor, parado em frente à porta de seu apartamento, tentando descobrir como colocar a chave na fechadura quando havia um buraco, três chaves, e ele estava vendo em dobro.

Quando Frank finalmente conseguiu abrir a porta, encontrou Cleo sentada no escuro, olhando para a porta da frente. A única concessão que ela fez à entrada dele foi fechar os olhos contra a barra de luz amarela do corredor que batia em seu rosto. O pensamento dela silenciosamente ouvindo-o lutar para colocar as chaves na fechadura enviou uma onda de humilhação através dele. Ele fechou a porta atrás de si com um cuidado inútil, como se ainda tentasse não acordá-la. Quando ele se virou, o olhar dela era tão direto que o assustou. *Por que você faz isso consigo mesmo?*

A verdade era que ele não tinha mais ideia de por que bebia do que por que seu coração bombeava sangue ou seus pulmões absorviam oxigênio. Simplesmente aconteceu. Não havia linguagem para explicar isso, então ele simplesmente a contornou, deixando-a sentada no escuro, e caiu cegamente na cama. Quando ele acordou naquela manhã, ela já tinha ido embora.

No táxi, a caminho do hospital, Frank baixou o vidro da janela, tentando se refrescar, e pegou o telefone. Ele ficou sentado com o polegar pairando sobre o

contato de Cleo por cinco quarteirões. Quando ele finalmente ligou, pedindo que ela viesse encontrá-lo lá, nada em seu tom de voz revelava calor ou frieza. Ouvi-la era como tentar testar a temperatura da água do banho com luvas de risco biológico.

Frank foi até o departamento de radiologia pelas portas de vaivém de aço e encontrou Zoe enrolada na sala de espera, folheando desapaixonadamente o *New Yorker* . Ela estava usando seu traje nouveau boêmio habitual de um vestido minúsculo com estampa de oncinha, alpargatas e brincos de argola gigantes. Um internista que passava deu uma segunda olhada quando Zoe desdobrou as pernas debaixo dela. Frank resistiu ao impulso, como sempre fazia, de latir para ela se esconder. Afinal, ele não era seu pai.

"Você está aqui!" Zoe saltou do sofá e se lançou sobre Frank para um abraço. As pulseiras dela tilintavam em volta das orelhas dele.

"Você está bem?" ele perguntou, dando tapinhas em seus ombros, seu rosto, seu cabelo. "Não está ferido?"

Zoe sorriu. “Sim, estou bem. Melhor agora que você está aqui.

“Cleo está vindo também.”

As narinas de Zoe se dilataram em um movimento familiar de frustração. Ela tinha um rosto aberto e leonino e olhos salpicados de bronze que tinham uma luz própria. A beleza dela era uma leve fonte de preocupação para Frank, decorrente de uma sensação incipiente de que toda mulher realmente atraente que ele conhecia era secretamente profundamente infeliz.

"Por que *ela está* vindo?"

"Porque ela é da família agora", disse ele. “Não seja assim, Zo.”

“Tanto faz,” disse Zoe.

Frank ficou perplexo com a hostilidade de Zoe em relação a Cleo. Parecia um dado adquirido para ele que ela adoraria ter Cleo como uma irmã mais velha, especialmente porque as duas mulheres eram tão parecidas: obstinadas, criativas e jovens, irreprimivelmente irreverentes. Zoe provavelmente estava apenas intimidada; Frank sabia que ela iria superar isso e amar Cleo em breve. Todos os outros fizeram.

Zoe se jogou de volta na cadeira da sala de espera e olhou tristemente para a frente, ocasionalmente emitindo um suspiro dramático. Momentos depois, uma enfermeira de cabelos castanhos soltos apareceu ao lado deles, segurando uma prancheta.

"Bem, você parece recuperado", disse ele.

“Este é meu irmão mais velho,” disse Zoe, inclinando o queixo para Frank.

Frank viu o familiar lampejo de surpresa no rosto da enfermeira. Ele esperava um *irmão de pele cor de caramelo* , não um cara branco de óculos e aparência vagamente judia.

“Frank, você vai perguntar a eles por que eu tenho que fazer esse teste estúpido?” Zoe choramingou.

"Não se preocupe, vamos obter todas as informações", disse Frank, verificando seu telefone para ver se Cleo havia enviado uma mensagem a que distância ela estava. “Tenho certeza que é a melhor coisa para você.”

"Isso é." A enfermeira assentiu ansiosamente. “É chamado de eletroencefalograma, ou EEG, e nos permite ver a atividade em seu cérebro

usando eletrodos colocados ao redor da cabeça. Nós o mapeamos em um computador e, com sorte, poderemos descobrir o que está causando suas convulsões.

“Eles têm que colocar cola no meu cabelo”, disse Zoe.

"Sim", disse a enfermeira com um olhar de preocupação tão genuína que Frank se perguntou quanto tempo ele poderia durar neste trabalho. “Usamos um adesivo bastante forte no couro cabeludo para garantir que os eletrodos permaneçam no lugar. Mas sai em algumas lavagens, ou pelo menos foi o que ouvi de outros pacientes.

“Sim, pacientes *brancos* talvez”, disse Zoe, balançando a cabeça de cachos grossos. “Você tem alguma ideia de como isso é difícil de manter?”

Frank colocou o braço em volta dos ombros estreitos dela e beijou o topo de sua cabeça. “Esse é realmente o único jeito?” ele perguntou.

“Ah, tem outro jeito”, disse a enfermeira alegremente, entregando-lhe a prancheta. “Ainda não sabemos.”

Quando Cleo chegou, Zoe estava acomodada em uma cama de hospital como uma Medusa deitada, uma dúzia de eletrodos brotando em espiral de sua cabeça. A enfermeira havia usado algo chamado gel de abrasão para esfoliar o couro cabeludo antes de colocar os discos, um processo que pareceu a Frank tão confortável como ter seu crânio massageado por uma lixadeira de cinta. Zoe segurou a mão dele durante todo o processo, seu rosto mudando de resignação para pura raiva.

Frank viu Cleo antes que ela o visse. Ela ficou parada por um momento, olhando ansiosamente para cima e para baixo no corredor. Ele ficou impressionado, mais uma vez, com o quão jovem ela era. Ela ainda parecia a filha de alguém. Ela os avistou e correu. Frank permaneceu sentado timidamente. Ele tentou chamar sua atenção, mas sua atenção estava em Zoe. Ele procurou em seu rosto traços de raiva ou desapontamento, mas estava calmo. Cleo se abaixou para cumprimentar Zoe, seu cabelo caindo para frente em uma cortina dourada que deixou Frank fora do palco.

Talvez fosse a sensação de alívio, depois desconforto, que ele sentiu ao ver Cleo, mas ele se lembrou de estar com sua mãe. Essa vergonha era como ele se sentia quando ela chegava para buscá-lo na escola. Ela estava sempre atrasada, sempre aborrecida, como se a vida dele fosse algo que ele tivesse concebido para incomodá-la. Ela não o cumprimentou com abraços ou perguntas sobre seu dia como as outras mães e babás faziam. Só quando voltaram para casa e os primeiros cubos de gelo estavam no copo e regados com gim, depois que ela o mandou acender seu cigarro no fogão e levá-lo para ela, ela finalmente ouviu suas histórias sobre o dia dele, todo o rosto dela se suavizando enquanto o gim entrava em sua corrente sanguínea.

“Só você poderia fazer uma bata de hospital parecer tão bonita”, disse Cleo. Ela ofereceu a Zoe um lenço de papel para a lágrima que estava escorrendo por sua bochecha.

“Estou bem,” Zoe disse, ignorando.

Zoe estava chorando antes de Cleo chegar? Frank estava tentando não fazê-la se sentir pior olhando para ela. Ele era tão ruim nessas coisas.

“Trouxe um par de lenços para que possamos enrolar seu cabelo depois”, disse

Cleo. “E eu peguei uma garrafa de hamamélis. Eu li que vai tirar a cola suavemente.

Frank nunca valorizou particularmente a bondade nas pessoas. Sua mãe não o havia ensinado, ele supôs. Ele sempre se sentiu atraído por personagens, pessoas com talento, ambição ou gosto pela diversão. O tipo de pessoa que, como Frank, tende a se colocar em primeiro lugar. Mesmo com Cléo, foi a sua inteligência e carga sexual que o atraiu; ele nunca havia considerado se ela era uma boa pessoa. Agora, observando-a tirar lenços de sua bolsa como um mágico tirando lenços de um chapéu, ele percebeu que estava errado. Diversão era bom quando você era jovem, mas conforme você ficava mais velho era a gentileza que contava, a gentileza que aparecia.

“São apenas amostras antigas que fiz para o trabalho”, disse Cleo.

“Você ainda trabalha com essa marca?” perguntou Zoe.

Cléo balançou a cabeça. “Estou me concentrando mais na minha própria pintura.”

"Bom para você", disse Zoe.

Frank não tinha certeza, mas pensou ter visto Cleo se encolher. Zoe virou-se para se dirigir a Frank. “A propósito,” ela disse, “você ficará feliz em saber que consegui um novo emprego. É esta boutique na Christopher Street.

“O fim do bougie perto da Citarella, ou a parte com todas as sex shops gays?” perguntou Frank.

“Bougie,” disse Zoe. “Comecei na semana passada.”

"Isso é ótimo", disse Frank. “Você descobriu através de um de seus amigos da escola?”

“Eu conheci o dono em uma festa.” Zoe deu de ombros.

Frank revirou os olhos para Cleo. Tal irmão, tal irmã, ele supôs. Cleo ergueu as mãos e deixou os rolos coloridos de tecido passarem por elas. Uma foi pintada com galhos floridos no estilo dos desenhos a tinta japonesa, outra com formas abstratas em azul elétrico e a última com flores vermelho-sangue enrugadas salpicadas de sombras. Frank continuou tentando chamar a atenção de Cleo entre as faixas de tecido, mas seu rosto estava obscurecido de vista. Ele teria preferido que ela estivesse abertamente zangada com ele, pelo menos saberia como ela se sentia.

“As papoulas,” disse Zoe. “Eu fico com vermelho.”

“Você pode ficar com o que quiser”, disse Cleo.

“Obrigada,” disse Zoe. "Realmente."

E uma paz momentânea foi negociada. A enfermeira reapareceu através da divisória.

“Parece que estamos dando uma festa aqui”, disse ele.

“Oi, sou a cunhada”, disse Cleo, estendendo a mão para cumprimentá-lo.

“Que sorte eu tenho?” A enfermeira sorriu. “Duas lindas mulheres aqui em um dia. Vocês duas poderiam ser modelos.

"Bem, Zoe poderia", disse Cleo.

“Não depois do que você fez com meu cabelo,” disse Zoe.

"Vamos falar com um médico de verdade em breve?" perguntou Frank.

“Após o teste, teremos um especialista para orientá-lo sobre os resultados. Assim que tivermos feito todas as coisas difíceis. A enfermeira piscou para Zoe.

“Vocês podem relaxar e conversar no primeiro tempo, mas Zoe, vou pedir para você não se mexer. E então faremos cerca de quinze minutos de silêncio para monitorá-lo em estado de repouso. Parece um plano?

Cleo e Frank sentaram-se ao lado de Zoe enquanto a enfermeira ligava o monitor. Linhas vermelhas rabiscadas começaram a dançar na tela.

“Essa é a sua atividade cerebral”, disse a enfermeira. "Bem legal, hein?"

“Claro,” disse Zoe. “Quer trocar de lugar?”

“Ah, quando eu estava treinando, passei por coisas piores do que isso”, disse ele. Ele se inclinou para ela de forma conspiratória. “Costumávamos praticar enemas um no outro.”

Cleo tentou conter o riso segurando um lenço na boca, mas acabou bufando ruidosamente dentro dele. Zoe sorriu para a enfermeira.

“Parece sexy,” ela disse, enfiando a ponta rosada de sua língua entre os dentes da frente.

“Vocês dois são incorrigíveis pra caralho”, disse Frank.

A enfermeira voltou a fechar a cortina e eles ficaram sentados por um momento, ouvindo o bipe do monitor. Frank olhou para o relógio; já passava das quatro.

“Bom, não vou voltar a trabalhar hoje”, disse ele, pondo os pés na lateral da cama de Zoe.

“Nem eu,” disse Zoe. "Vamos tomar uma bebida depois disso, fazer uma tarde disso."

"Absolutamente não", disse Frank, voltando a se sentar. — Tenho certeza de que foi isso que trouxe você aqui. Era isso que você estava fazendo ontem à noite?

"Eu estava brincando!"

"Você estava?"

“Eu não bebi tanto,” disse Zoe, olhando diretamente para o teto. “Eu me senti bem quando fui para o ensaio.”

"Você teve a convulsão no teatro?" perguntou Cléo.

"Você estava com aquele seu colega de quarto?" perguntou Frank. “Aquela que anda com os viciados em drogas?”

Frank teve uma sensação estranha daquela garota quando ajudou a mudar Zoe para o apartamento. Ela tinha um rato de estimação, o que praticamente dizia tudo.

“Ela trabalha em uma troca de seringas”, disse Zoe. “Isso é um pouco diferente.”

Frank fez um barulho para ilustrar que não era.

“De qualquer forma, foi horrível”, continuou Zoe. “Eu derrubei todo o pano de fundo da caverna de Antígona.”

— Antígona sofreu pior — murmurou Cleo.

“O diretor de palco me trouxe aqui depois”, disse Zoe. — Eu disse a ele que ligaria para você. Zoe mexeu com tristeza em seu vestido de hospital. “Aposto que meu substituto está *emocionado* . Ela está morrendo de vontade de fazer o papel.

"Você trouxe isso para si mesmo, Zo", disse Frank. “Você sabe que não deve beber durante a medicação.”

As linhas onduladas no monitor ao lado dela estavam começando a se mover mais rápido.

"Ignore-o", disse Cleo. "Ele está apenas sendo um homem sobre isso."

Ela esfregou o braço de Zoe suavemente. Zoe, no entanto, não iria ficar do lado de Cleo em vez de Frank. Ela afastou o braço.

“Foi você quem se casou com ele”, disse ela. Então, incapaz de resistir a cutucar Frank também, ela acrescentou: "Embora Deus saiba por quê."

"Para um visto", disse Frank. “Você sabe disso, Zo.”

Ele não deveria culpar Cleo, realmente, por tentar se relacionar com Zoe, mas o incomodava ter sempre que ser o cara mau. Além disso, ele estava cansado de “homem” ser usado como sinônimo de “idiota”. Para sua satisfação, ele viu os olhos de Cleo arregalados de surpresa.

“Isso não é justo,” ela disse suavemente.

“Mas *você* ,” ele disse, virando-se para Zoe. “Meu pequeno parasita ingrato. Eu só quero que você se cuide.”

“Eu sei,” Zoe disse, dando um tapinha na bochecha dele. "Agora pare de me fazer mexer, você ouviu o enfermeiro."

“Você pode simplesmente chamá-lo de enfermeiro”, disse Cleo.

Frank sorriu apesar de si mesmo; ele sabia que Cleo não deixaria isso passar. Eles voltaram a ficar em silêncio, o bipe incessante do monitor marcando o tempo.

“Ok, sem bebidas,” disse Zoe eventualmente. "Filme? Está muito quente para estar lá fora de qualquer maneira. Havia algo na IFC que eu queria ver.”

“Deus, eu não vou lá desde…”, disse Frank. “Você se lembra, Cley?”

“Eu me lembro”, disse Cleo.

"O que?" disse Zoé.

“Acho que teria sido nosso primeiro encontro oficial”, disse Cleo. Ela estava olhando para Zoe, mas ela estava falando com ele. “Não que tenhamos realmente namorado no sentido tradicional.”

“Na maioria das vezes, apenas fodemos”, disse Frank.

“Nojento,” disse Zoe.

"Mas preciso", disse Cleo, dando a Frank o menor canto de seu sorriso. “Fomos ver um filme daquele realizador norueguês. Qual o nome dele? Sempre muito deprimente?

“Eu conheço esse,” disse Zoe. “Os noruegueses são tão sombrios.”

— E quanto a Bergman? disse Frank.

"Sueco", disseram Cleo e Zoe em uníssono.

“De qualquer forma, Bergman também é deprimente”, disse Zoe. “Você sabia que a taxa de divórcio na Suécia dobrou depois que *Cenas de um Casamento* foi lançado?”

Este fato pairou no ar por um instante.

"De qualquer forma", disse Frank, desviando a conversa do divórcio e voltando para a memória que ele queria que Cleo tivesse, "foi no meio daquela enorme tempestade de neve."

Era a última tempestade do inverno, em meados de março, que amontoava um metro e meio de neve na cidade e a envolvia em um silêncio que Frank nunca antes testemunhara. Havia algo de milagroso em se encontrarem no cinema

vazio, que provavelmente ainda estava aberto, os dois sentados sozinhos no escuro, o cheiro de lã úmida e manteiga derretida envolvendo-os. Depois, eles caminharam cegamente por ruas brancas rodopiantes, os faróis ocasionais de um carro rastejando passado iluminando seu caminho. Não havia táxis, então eles entraram em uma padaria italiana na Bleecker Street que ainda estava aberta. Cleo pediu um chocolate quente estilo veneziano que era mais grosso que calda e queimou a pele do céu da boca.

“Fomos a uma padaria”, disse Cleo. “E imediatamente começaram a discutir.”

“Acho que você quer dizer discutir apaixonadamente os méritos cinematográficos do filme”, disse Frank.

“Achei a atriz principal terrível”, disse Zoe.

“Bem, nossa discussão acalorada foi sobre a escolha do pai de se alimentar primeiro, quando arriscou a vida para conseguir uma refeição para a família durante a guerra”, disse Frank.

“Frank estava realmente defendendo ele”, disse Cleo.

"Você disse", disse Frank, segurando os olhos de Cleo, "que eu simpatizava com o pai porque sempre coloquei minhas próprias necessidades em primeiro lugar."

Cleo foi a primeira mulher que conseguiu excitá-lo criticando-o. Ela foi inteligente sobre isso, perspicaz de uma forma que o fez se sentir indefeso, mas *visto*, realmente considerado, pela primeira vez em sua vida.

“Isso é meio duro,” disse Zoe.

“Isso foi antes de ela saber tudo o que faço por *você* ”, disse ele.

“Ele se levantou, pegou meu chocolate quente e saiu da padaria”, disse Cleo. “Ele até deixou a jaqueta. Achei que ele estava furioso, mas quando olhei para cima, ele estava do lado de fora, segurando meu copo para pegar a neve.

"Por que?" perguntou Zoe, reprimindo um bocejo.

“Para esfriar”, disse Cleo.

“Para fazê-la rir”, disse Frank.

Parecia quase impossível imaginar a severidade do frio agora durante o calor de agosto, da mesma forma que é impossível pensar em estar com fome quando se está cheio. Frank tentou se lembrar das nuvens rasas de fumaça que sua respiração produzia e da sensação de flocos de neve pesados afundando na pele fina de sua camisa. O que ele conseguia lembrar com absoluta clareza era a aparência de Cleo sentada na janela, seu lindo rosto brilhante e cabelos cor de mel. Tudo nela era dourado então, a pilha de anéis de ouro ela estava sempre saindo da pia dele, a primeira surpresa de seus pelos púbicos leves e sedosos. Ela até cheirava a mel, um pouco de creme com o qual sempre se ensaboava, reclamando que sua pele era muito sensível para os rigorosos invernos de Nova York.

“Podemos falar sobre mim de novo agora?” perguntou Zoe.

Mas Frank estava olhando para Cleo. Ela sustentou seu olhar. Ela sorriu, e ele foi perdoado pela noite passada. Ela *era* sensível, ele sabia disso, mas também era dura. Ele gritou com ela da rua, mas ela não ouviu. *Feliz* ? Isso era o que ele estava chamando pela janela, através da neve rodopiante. *Eu te fiz feliz agora?*

CAPÍTULO CINCO

final de agosto

O grupo Climaxing to Consciousness se reunia todas as sextas-feiras em um estúdio de ioga quente na Canal Street, acima de uma loja que anunciava leituras de aura a US$ 10. Zoe foi persuadida a vir por sua colega de quarto, Tali, que tinha cabelo cor de spray Windex e dizia coisas como “Sua boceta é o seu poder”. Ela concordou apenas porque a aula era gratuita, o que significava que era a única coisa que ela poderia fazer naquela noite.

Até aquela semana, ela vinha ganhando dinheiro suficiente como única funcionária de uma butique feminina na Christopher Street. Era uma pequena caixa de veludo de uma loja, de propriedade de um estilista com dinheiro da família e um problema bastante óbvio com drogas a quem Zoe havia emprestado um absorvente interno em uma festa pós-festa (ela havia usado o aplicador como canudo de coca-cola). As roupas vendidas lá atendiam ao gosto de um tipo específico de mulher do West Village, rica e vagamente boêmia, que trabalhava como... Bem, Zoe não tinha muita certeza, mas em alguma carreira isso significava que ela estava livre para fazer compras durante o dia da semana.

Zoe foi instruída a se sentar na janela e parecer bonita para atrair o tráfego de pedestres, o que combinava bem com seu exibicionista interior. Apesar desse plano de marketing robusto, a loja costumava ficar vazia por horas a fio, deixando-a livre para praticar suas falas desinibidas. E, como ficava fechado entre seus turnos, Zoe decidiu que estava livre para pegar as roupas emprestadas. impunemente, contanto que ela tomasse cuidado para não derramar sobre eles, um plano que cortou seu próprio hábito de compras pela raiz. O melhor de tudo, ela foi paga em dinheiro, o que significava que ela conseguiu economizar um pouquinho de dinheiro pela primeira vez em sua vida.

Mas então ela recebeu a conta médica. Ela abriu o envelope do Beth Israel descuidadamente, sem prever que continha o equivalente financeiro a um tapa no pau. Nela, ela encontrou delineados em detalhes clínicos os custos substanciais do exame cerebral que fizera no hospital com Cleo e Frank. Ela tinha seguro saúde (pago por Frank, é claro), mas isso só reduziu o pagamento restante para pouco mais de $ 1.000. Suas opções para obter fundos rapidamente eram limitadas. Desde o casamento, Frank havia deixado claro que o Brother Bank estava oficialmente fechado. Ir até os pais exigiria dizer a eles que ela teve a convulsão em primeiro lugar. Ela não teve escolha a não ser pagar a conta e, ao fazê-lo, acabou com todas as suas míseras economias de uma só vez.

E assim, seus planos de sexta à noite foram reduzidos de jantar no Indochine

com seus amigos Tisch para participar de um encontro sexual positivo com sua colega de quarto ligeiramente desequilibrada. Aos dezenove anos, Zoe era substancialmente mais jovem do que a maioria dos homens e mulheres que formavam um semicírculo no chão de madeira quando ela chegava. Ela pensou que, se pedida para descrever o grupo depois, ela resumiria dizendo que havia *duas* pessoas presentes usando, sem propósito funcional, polainas. Um par pertencia ao homem que agora estava parado na frente deles, batendo as palmas das mãos e pedindo a todos que ficassem em uma posição confortável de pernas cruzadas.

Zoe sentou-se ao lado de Tali e estudou o grupo com mais atenção. Ela contou duas camisetas tingidas (uma estampada com o slogan “O movimento é a loção”), um punhado de bonés e fedoras de jornaleiro, uma mulher branca usando um bindi e uma variedade de pingentes de cristal. A única outra pessoa perto da idade de Zoe era uma garota sentada em frente a ela com uma camiseta de decote em V que mal continha seu decote franzido. Ela tinha um rosto bonito e ligeiramente mal-humorado que lembrava a Zoe um buldogue francês.

“Bem-vindos, pessoal”, disse Leg Warmers. “Como muitos de vocês sabem, eu sou Kyle. E como estamos todos nos sentindo esta noite?

“Fodidamente fantástico, Kyle!” gritou uma mulher - a usuária do bindi - e o grupo gritou em concordância.

"Fico feliz em ouvir isso", disse ele, radiante. “Agora, antes de começarmos, temos novos membros esta noite?”

Várias pessoas levantaram as mãos timidamente, incluindo Zoe e a garota peituda na frente dela. Zoe sentiu a atenção do grupo se voltar para ela, e a sensação calorosa de ser testemunhada e inevitavelmente admirada passou por ela.

“Bem-vindo,” disse Kyle. “Não precisa ficar nervoso. Somos todos um bando de esquisitos aqui, mas do tipo bom, juro. Agora, esperamos que você já saiba um pouco sobre Climaxing to Consciousness e o que fazemos aqui.”

Mesmo assim, Kyle deu uma explicação detalhada da prática. Zoe sentiu o rosto esquentar enquanto ele descrevia como um “estimulador” acariciava o clitóris do receptor na tentativa de levá-la a um plano superior de consciência. De acordo com Kyle, havia três estágios físicos: as carícias na parte interna das coxas da receptora, a aplicação de pressão no quadrante superior esquerdo de seu clitóris e o aterramento da área da virilha com a palma da mão espalmada após o orgasmo ter sido alcançado.

“Canto superior esquerdo, pessoal!” repetiu Kyle. “Esse é o ponto ideal. Agora, alguma pergunta?

Ele sorriu com entusiasmo ao redor da sala. Zoe, que sentia que já estava de castigo o suficiente, olhou ansiosamente para a porta.

"Não? Bem, o grupo desta noite é apenas para nos conhecermos,” disse Kyle. “Recriaremos *verbalmente os estágios da meditação física* por meio de alguns divertidos jogos de palavras e exercícios.” Ele piscou para o grupo. "Sinto muito, nenhum de vocês vai tirar as calças esta noite."

Várias pessoas fingiram gemer ou gritar, seguidas de alguns aplausos. Zoe verificou seu telefone; ela estava lá há menos de dez minutos. Para o primeiro exercício, Kyle pediu ao grupo que contornasse o semicírculo, cada pessoa

gritando como se sentia naquele momento. *Excitado! Nervoso! Tesão! Pronto para fazer isso! Grato! Amor em alto! Motivado! Sexy como o inferno!*

“Quebrou,” disse Zoe quando chegou a sua vez.

"Desculpe, isso foi 'quebrado'?" perguntou Kyle.

Ela repetiu sua palavra.

“Isso é ótimo, Zoe,” disse Kyle. “Embora eu ache que chamaríamos isso mais de um estado do que de uma emoção.”

“É um estado bastante emocional quando você está nele,” disse Zoe.

Tali olhou de soslaio para ela com desaprovação, mas a outra garota, a linda buldogue, encontrou seus olhos e sorriu. Zoe sempre foi boa em se conectar com outra pessoa em um grupo dessa maneira. “Conexão através da rejeição” ou “vínculo de mau comportamento” era o que seu conselheiro no internato terapêutico para o qual ela havia sido enviada chamava.

"Tudo bem." Kyle esfregou as mãos nervosamente. “Para a frente e para dentro.”

Para o próximo jogo, os indivíduos poderiam se oferecer para sentar em um banquinho no centro da sala conhecido como “assento quente” enquanto o grupo fazia perguntas pessoais para eles. Zoe descobriu que Sandra, a usuária do bindi, era uma treinadora de vida que gostava de masturbação no banho, o que mais excitava o recém-chegado Ralph em uma mulher era a gentileza e a vontade de experimentar anal, e que Kyle - que envergonhado concordou em dar uma volta no sexo quente assento a pedido do grupo - era um vegano poliamoroso que adorava cozinhar para sua mãe. Zoe chamou a atenção de Tali e murmurou *eu te odeio* para ela antes de se voltar para o grupo com um sorriso de boca fechada.

Em seguida, Kyle pediu que eles se deitassem no chão e relaxassem o corpo o máximo possível. Zoe verificou seu telefone novamente; alguns amigos estavam se encontrando para beber na inauguração de um novo bar no East Village. Parecia que toda a vida estava acontecendo fora daquela sala.

“Quero que todos fechem os olhos e imaginem um momento em que estiveram realmente vulneráveis”, disse Kyle, diminuindo as luzes.

Zoe não faria nada disso. Ela olhou para o teto e tentou pensar, em vez disso, em como poderia ganhar dinheiro rapidamente e sem esforço. Mas o pensamento, aquele no qual ela tinha estado tão cuidadosamente não pensando, invadiu seu caminho para a frente de sua mente. Ela tinha quinze anos e estava apaixonada. Ele estava na série acima dela em seu primeiro internato, um guitarrista da banda de jazz da escola. Ele a beijou na festa de Halloween - ele estava vestido como uma tira de bacon, ela como uma ratinha sexy - então a levou para uma colina gramada atrás do prédio de ciências. Eles fizeram sexo na grama molhada com as fantasias amassadas na cintura. E foi isso. Ele se tornou o gancho no qual ela pendurou todo o seu ser.

“Como aquele momento fez você se sentir?” sussurrou Kyle. "Assustado? Animado? Nervoso? Realmente mergulhe nesse sentimento.”

Apenas o pensamento dele era uma espécie de calor, um rubor de dentro para fora. Na aula, ela ignorava qualquer aula que estava acontecendo e virava em si mesma para reviver cada momento daquela noite. Ele era gentil, mas indiferente com ela quando ela aparecia nos ensaios da banda ou orquestrava maneiras de eles se encontrarem entre as aulas. Ela não suportava, ou entendia, sua

passividade. Eles haviam encontrado essa coisa incrível juntos. Por que ele não queria fazer isso de novo e de novo e de novo?

No fim de semana seguinte, exausta por sua própria decepção, ela decidiu tentar ficar bêbada. Ela e um amigo esperaram do lado de fora da loja de bebidas da cidade até encontrarem um homem disposto a comprar uma garrafa de vodca para eles, depois se sentaram em um banco com uma caixa de suco de laranja, revezando-se para beber um, depois o outro, até terminarem. ambos. Uma hora depois, parecia uma ideia incrível invadir seu dormitório e surpreendê-lo. Seria aventureiro, romântico. Ela queria deitar ao lado dele, embalar sua cabeça em seu peito e pentear seu cabelo com os dedos. Ela estava lutando pela janela dele, bêbada demais para se lembrar do ato depois, quando ela desabou no chão do dormitório dele em sua primeira convulsão.

“Agora imagine um momento em que você se sentiu seguro e amado”, disse Kyle.

Mas ela já estava muito imersa na memória para sair agora. Voltar à consciência depois de uma convulsão foi como quebrar uma vidraça. Ela se lembrava de ter aberto os olhos para o rosto branco e redondo da enfermeira da escola. Ela não tinha ideia de onde estava. Foi quando a enfermeira a ajudou a se levantar que ela sentiu a umidade da saia grudar nas coxas. Havia uma mancha escura no tapete. A vergonha que ela sentiu, tanta vergonha. Tão físico que ainda agora levava as mãos ao rosto involuntariamente.

“Agora imagine um momento em que você fez alguém se sentir seguro e amado”, disse Kyle.

Ela leu depois que era comum durante convulsões do grande mal e viveu com medo de que isso acontecesse com ela novamente, mas até agora tinha sido apenas a primeira vez. Nas semanas seguintes, ela assistiu a vídeos e mais vídeos de pessoas se debatendo no chão, cabeças girando de um lado para o outro como se tentassem se libertar de seus corpos. Foi um ato de violência para si mesma observá-los. *Ele* a tinha visto assim. Alguém nesta sala já esteve vulnerável assim? Alguém na história do mundo já foi humilhado assim?

“Sinto a energia de cura nesta sala”, disse Kyle. "Eu sinto."

Depois de se espreguiçarem e se sentarem, Kyle disse que trabalhariam em duplas para o exercício final. Zoe ficou aliviada por estar emparelhada com a garota que parecia se divertir com ela antes. Kyle os instruiu a pressionar as palmas das mãos nas de seus parceiros e fazer declarações curtas e declarativas sobre si mesmos, começando com "eu sou" e "eu não sou".

Zoe encostou as mãos nas da garota, que se apresentou como Portia. De perto, ela era mais sensual do que bonita, com um nariz ligeiramente arrebitado e lábios cheios e macios de uma cor de ameixa escura. Ela tinha um brinco de diamante na bochecha, onde poderia haver uma covinha. Eles se olharam timidamente.

“Vá em frente, meninas,” disse Kyle. “ *Eu sou …*”

“Estou pensando que isso é um monte de merda,” murmurou Portia enquanto Kyle se afastava, revirando os olhos escuros pelo estúdio.

“Não estou discordando de você”, respondeu Zoe.

“Só estou aqui porque meu psiquiatra sugeriu isso.”

“Não estou aqui porque quero”, disse Zoe. “Meu colega de quarto maluco me

convenceu.”

“ *Estou* pronto para começar a beber muito.” Portia sorriu.

Zoe riu. “Não me oponho.”

Intimidade acelerada, era nisso que Zoe era boa. Ela aprendeu cedo que era mais rápido se relacionar com outra pessoa pelo que você não gostava do que pelo que gostava, e que a maneira mais fácil de se sentir próxima de alguém era fazer algo transgressivo juntos. É por isso que os fumantes sempre fazem amigos. Seu conselheiro após o incidente da convulsão sugeriu que isso era parte do que colocou Zoe em apuros, mas Zoe ainda não via isso como um comportamento problemático. Até agora, sempre funcionou para ela. Tali, que olhou quando eles começaram a rir, franziu a testa para Zoe do outro lado da sala.

"Por que seu psiquiatra acha que você precisa disso?" Zoe sussurrou, inclinando-se mais perto.

“Porque eu gosto do meu trabalho. E ele é um pedaço de merda puritano. Era isso ou SLAA.” Zoe inclinou a cabeça. “Viciados em sexo e amor anônimos”, explicou Portia.

"Oh, certo. Minha mãe está no outro.

“AA? Meu também." Portia revirou os olhos. "Ou ela *era* ."

“Então, qual é o seu trabalho?”

“Eu sou uma Sugar Baby,” ela disse com orgulho. “Estou neste site chamado Daddy Dearest, que combina 'cavalheiros de uma certa condição'” — ela puxou as palmas das mãos de Zoe e enrolou suas longas unhas lilás em aspas no ar — “com garotas como eu. Você tem que estar na faculdade ou ter se formado para ser um bebê. Eles só precisam ser ricos. São os homens que querem garotas atraentes, mas, tipo, educadas para levar para funções de trabalho e reuniões de negócios e tal.

"Você …"

“Dormir com eles?” Portia disse brilhantemente. “Isso é entre você e seus pais. Mas se você quiser acertar alguma coisa com eles... Bem, eu paguei meus empréstimos da faculdade e comprei um Honda Accord com essa merda.

Zoe não sabia como era um Honda Accord, mas a parte dos empréstimos era impressionante.

“E você só tem que estar na faculdade?”

"E quente", disse Portia, seu diamante piscando na bochecha. “O que, garota, você é. De qualquer forma, se você está realmente falido como disse, deveria tentar. Eles enlouquecem por garotas étnicas lá também.

Zoe decidiu deixar esse comentário passar.

“Acho que vou pedir ao meu irmão para me ajudar”, disse ela. “Mas isso é muito legal sobre o seu carro e tudo mais.”

Ela sabia que Frank já estava sendo generoso ao cobrir seu aluguel e mensalidades. Era culpa de sua mãe, realmente, que ela estivesse nessa confusão. Sua mãe sempre foi descuidada com dinheiro, como costumam ser as pessoas criadas com muito dinheiro. Ela nunca deveria ter começado aquele negócio de aluguel de esquis de luxo, levando o pobre pai de Zoe junto para o passeio. Parecia a Zoe que ela era a única pessoa em seu grupo de amigos na NYU que não tinha pais lhe fornecendo fundos infinitos para jantares e noitadas

- tudo o que tornava a vida em Nova York realmente divertida.

"Olha, eu vou te dar isso." Portia virou-se para vasculhar sua bolsa Louis Vuitton e tirou um cartão de visita. “Vou parar em breve, então não estou dizendo isso para promover a merda deles ou algo assim. Um dos meus pais me quer só para ele, então ele me arranjou esse trabalho chique de gerenciamento de escritório. Estou ganhando dinheiro, querida!” Ela estalou os dedos e balançou as pernas cruzadas no chão.

Zoe riu e pegou o cartão. Era grosso, preto fosco, com o nome de Portia e as palavras “Sugar Baby” rabiscadas em rosa choque acima do endereço do site. Do outro lado havia a silhueta de uma mulher. Ela poderia ser qualquer pessoa.

Para encerrar a sessão, o grupo deu as mãos e entoou uma série de longos “oms” de olhos fechados. Depois de alguns minutos, Zoe não conseguia mais ouvir onde terminava sua voz e começava a dos outros; ela podia sentir todo o barulho humano na sala zumbindo em sua própria garganta. Talvez, pensou ela, fosse assim que se sentia um orgasmo com outra pessoa, sem saber onde ela termina e você começa.

A verdade é que ela nunca teve um, nem com ninguém, nem mesmo consigo mesma. Talvez ela tenha desabrochado tarde, mas nunca havia tentado quando era jovem. Ela perdeu a virgindade antes de realmente conhecer o próprio corpo. Ela tentou se tocar algumas vezes após o incidente da convulsão, mas se sentiu desconfortável e entorpecida lá embaixo, então desistiu rapidamente. Sexo desde então era sobre validação e poder para ela, raramente prazer físico. Ela não se sentia mais perto de ter um orgasmo com um homem dentro dela do que andando de metrô. Seu corpo, ela decidiu, era defeituoso. Ela não conseguia nem beber álcool como uma pessoa normal, muito menos gozar como uma. Tudo o que seu corpo sabia fazer bem era traí-la.

O canto ficou mais silencioso até que eles ficaram em silêncio. Kyle tocou um único gongo e as pessoas ao seu lado soltaram suas mãos. Quando ela abriu os olhos novamente, ficou surpresa ao se encontrar piscando para conter as lágrimas. Ela tentou ir rapidamente para o banheiro, mas Kyle a interceptou.

“Estou tão feliz que você veio esta noite, Zoe,” ele disse. “Tenho a sensação de que você ainda pode estar um pouco confuso sobre o que fazemos aqui, então queria saber se posso lhe contar uma história rápida?” Zoe assentiu a contragosto. "Ótimo! Um dia, do nada, um cara cai em um buraco fundo. 'Ajuda ajuda!' ele grita, mas ninguém vem. Eventualmente, um rabino passa. Ele abaixa uma Torá e diz a ele para rezar para encontrar uma saída.”

ela a ajudasse a encontrar uma saída, mas ela estava conversando animadamente com uma mulher que Zoe já ouvira dizer ter dado à luz em silêncio.

“Em seguida, um padre passa e lhe dá uma Bíblia. Novamente, nenhum resultado. Um psiquiatra diz que ele está preso porque está deprimido e toma alguns comprimidos. Sem dados. Um niilista diz a ele para imaginar que o buraco não existe, mas isso também não funciona. Um político, um intelectual e um monte de outros tentam, mas nada funciona. Então um espírita, um sábio mesmo, chega à beira do buraco. Ele olha para o homem no fundo e pula direto com ele. E é disso que se trata esta meditação, Zoe: alguém entrando no buraco com você.

Kyle sorriu com expectativa para ela.

“Mas como eles saem do buraco?” perguntou Zoe.

“Exatamente,” disse Kyle.

“Mas há duas pessoas presas no buraco agora,” disse Zoe.

Kyle apertou seu braço

"Espero vê-lo na próxima semana", disse ele antes de ir embora.

Zoe olhou para a porta no momento em que Portia estava saindo. Ela chamou a atenção de Zoe, deu um tapa em sua bunda e murmurou algo para ela. Era *dinheiro, querida* .

Estimulada pela conversa com Portia e incapaz de suportar a ideia de uma noite de sexta-feira em que o destaque fosse ouvir sobre o poliamor de Kyle, Zoe deixou Tali e se viu caminhando para o norte em direção ao bar sobre o qual seus amigos haviam enviado mensagens de texto, apenas para a companhia, ela disse ela mesma; ela não gastaria dinheiro.

Era uma daquelas noites de final de verão em que o ar parecia água de banho e o potencial para sexo estava por toda parte. Zoe havia se esfregado com um hidratante caro antes de sair de casa, e o perfume dele subia de sua pele enquanto ela caminhava. Ela tirou a camisa xadrez que estava usando e amarrou-a na cintura. Agora, ela estava tão nua quanto podia razoavelmente estar, em um minivestido branco tão justo que você praticamente podia ver seu batimento cardíaco. Ela pegou emprestado da boutique da Christopher Street, é claro, deliciando-se com a forma como realçou o bronzeado que ela vem aperfeiçoando durante todo o verão. Um ajudante de garçom que limpava as mesas do lado de fora de um restaurante de frutos do mar colocou os pratos no chão para poder vê-la passar sem obstáculos. Ela colocou os fones de ouvido e acrescentou um pouco de salto ao passar. Deus, ela adorava os últimos dias de verão na cidade.

Zoe chegou ao lugar lotado na Avenue B e mostrou sua identidade falsa para o porteiro com uma onda de nervos familiar. Ele era um cara grande, branco, de pescoço grosso, a cabeça careca salpicada de gotas de suor.

"Espere, deixe-me dar uma olhada nisso."

Ele pegou o cartão de identificação e moveu os olhos para cima e para baixo nela, demorando-se por um momento na curva de seu peito.

“Então você é de Delaware?” ele perguntou. "Qual parte?"

A mente de Zoe ficou em branco. Ela nunca tinha estado em Delaware. Ela comprou a identidade por quarenta dólares do primo de um cara em seu dormitório de calouro. Ela empurrou os ombros para trás e sorriu seu sorriso mais brilhante. “A parte do vento?”

Ele sustentou seu olhar, então explodiu em gargalhadas.

"Tudo bem", disse ele. “Você pode entrar.”

Ele beliscou sua cintura quando ela passou. “Volte para fora e me veja, sim?” ele murmurou.

Ela sorriu para ele novamente, desta vez com menos brilho. Ela adorou a atenção, mas sabia que era uma caminhada na corda bamba.

Lá dentro, não havia sinal de seus amigos. Ela abriu caminho pela multidão até o fundo do bar. Um pedaço de papel colado nas portas do banheiro dizia

Ninguém parecia ter prestado muita atenção, no entanto, e o habitual carrossel de grupos de garotas risonhas e caras nervosos entrava e saía. Ela ocupou um lugar na fila e checou o telefone. Pelo menos era algo para fazer, já que ela não tinha dinheiro para comprar bebidas.

A porta do banheiro se abriu novamente e Cleo saiu tropeçando com sua amiga asiática, que Zoe conhecera no casamento, embora não conseguisse se lembrar do nome. Ela tinha uma memória terrível, o que para um ator era um problema. Ela sabia que era por causa de suas convulsões. A amiga de Cleo usava shorts jeans minúsculos que exibiam suas pernas tatuadas e, instintivamente, Zoe olhou para as próprias pernas para ver quem era mais magra.

“Bebê Zoe!” gritou Cleo e jogou os braços quentes em volta do pescoço. "O que você está fazendo aqui? Você conhece Audrey, certo?

“Está quente pra caralho aqui”, disse Audrey, ignorando a apresentação. Ela imitou fumando um cigarro e apontou para a porta. Cleo franziu os olhos para Zoe e apertou seu cotovelo.

"Venha conosco?" ela perguntou.

Zoe sabia que Cleo estava tentando ser gentil, mas suas tentativas contínuas de amizade a irritavam. Era fácil ser generoso quando você tinha alguém pagando por tudo. Sem amigos à vista, no entanto, Zoe não tinha exatamente outra opção.

“Vou embora logo de qualquer maneira,” ela murmurou, seguindo-os para fora.

Lá fora oferecia pouco alívio do calor. Cleo tirou um leque de madeira da bolsa e levantou o cabelo comprido para refrescar a nuca com ele. Ela entregou a Zoe para tentar, então tirou um maço de cigarros. Zoe evitou cuidadosamente o olhar faminto do porteiro enquanto se abanava. Cleo passou um cigarro para Audrey, depois apertou um entre os lábios.

"Posso pegar um?" perguntou Zoe.

Cleo ergueu a sobrancelha. “Frank me mataria.”

“Não vou contar,” disse Zoe. "Jurar."

Cleo cedeu e ofereceu-lhe o pacote.

“Eles são tão magros,” Zoe disse, acendendo um com fingida casualidade. Ela não era realmente uma fumante; ela simplesmente odiava ser deixada de fora.

“Cleo é chique demais para fumar qualquer coisa que não seja slim”, disse Audrey.

“O mais chique possível”, brincou Cleo. "Esse sou eu."

“Afinal, onde está meu irmão?” perguntou Zoe.

“Fotografia noturna”, disse Cleo. “Ele trabalha tão duro.”

“Bem, alguém precisa,” disse Zoe antes que ela pudesse se conter.

Ela viu Cleo se encolher, mesmo que levemente, e depois retrair o rosto em uma máscara de calma.

“Oh Deus, me esconda,” disse Audrey de repente, puxando Zoe na frente dela. “É aquele cara do restaurante.”

"Aquele com a coisa do mamilo?" perguntou Cleo, esticando o pescoço. "O que aconteceu com ele?"

“Ele acabou de sair, ufa.” Audrey soltou Zoe. “Primeiro de tudo, ele não poderia me fazer gozar.”

Zoe ficou surpresa ao ouvir alguém falar tão abertamente sobre isso, mas tentou não demonstrar.

“Além disso”, continuou Audrey, “ele me chamou de sexy”.

“Isso não é uma coisa boa?” perguntou Zoe.

“Não como um adjetivo, como um nome próprio. Como em 'Fique quieto, sexy' ou 'O que você está pedindo, sexy?'”

“Entendi,” disse Zoe. "Bruto."

“Além disso, ele caçou animais de verdade”, continuou Audrey. “E tinha sapateiras em todos os sapatos, até nos tênis. Como um psicopata.

“Árvores de sapato?” ofegou Cleo. “E eles o deixaram trabalhar com *comida* ?”

“Pare de rir de mim”, disse Audrey. “Esse é definitivamente um sintoma não diagnosticado de doença mental.”

Zoe, que sempre aceitava esse tom de conversa, deu a Audrey um olhar de conivência.

"É definitivamente psicótico", disse ela. “Você tem sorte de ele não ter matado você.”

“ *Certo* ?” disse Audrey, agarrando o braço de Zoe. “Você é divertido. Cleo, ela é divertida. Quantos anos você tem mesmo?"

“Dezenove,” disse Zoe. “E meio,” ela acrescentou rapidamente.

“Oh meu Deus, eu te *odeio* ”, disse Audrey. “Venha, vamos pescar.”

"Pescaria?"

“Eu fico em uma ponta do bar e Cley fica na outra, e nós dois parecemos meio tontos e perdidos até que um cara se oferece para comprar uma bebida para um de nós. Pedimos dois, deixando-o pensar que um é para ele, depois saímos correndo e bebemos os dois nós mesmos.

“Verdadeiramente o único esporte em que somos bons.” Cléo riu.

“Só que paramos de tocar desde que você conheceu Frank”, disparou Audrey.

“Porque ele paga nossas bebidas”, respondeu Cleo.

“Isso é verdade,” objetou Audrey. Ela cutucou o ombro de Zoe. “Você tem um irmão generoso, garota.”

Zoe pensou com angústia na conta médica. Não é generoso o suficiente, ela pensou. "Você sabe o que?" ela disse. “Eu vou sair. É tarde e... Sim, eu vou.

Ela largou o cigarro na calçada e apagou as brasas com o salto dos tênis de cano alto. Quando ela olhou para cima, ela encontrou uma expressão de genuína decepção no rosto de Cleo.

“Ah, não vá”, disse Cleo. “Eu nunca consigo ver você sem Frank. E eu esperava...

“Estou fora,” Zoe interrompeu com um encolher de ombros. “Boa sorte com a pesca.”

Ela foi embora sem deixar Cleo terminar. Era grosseiro, ela sabia, e provavelmente imerecido, mas o pensamento de seu saldo negativo no banco havia esgotado sua energia para jogar bem. Ela passou pela entrada do bar e sentiu um puxão nas costas do vestido. Ela esperava se virar para ver Cleo, mas em vez disso encontrou o cara da porta elevando-se sobre ela. Assim de perto,

ela podia ver os poros obstruídos na ponta do nariz dele, a película de suor cobrindo sua testa.

“Já está indo para casa?” ele perguntou

Zoe puxou para baixo a bainha do vestido, que havia subido quando ele puxou.

"Sim", disse ela.

“Eu sei que você não vai fazer isso comigo depois que eu deixar você entrar com essa identidade duvidosa.”

Zoe deu a ele um sorriso de boca fechada e deu de ombros para indicar que não tinha nada a dizer sobre isso. Ela se virou para continuar andando.

"Pelo menos me dê o seu número", disse ele.

“Acho que não,” ela disse por cima do ombro.

Ele caminhou no mesmo passo enquanto ela continuava descendo o quarteirão. Ela teria atravessado a rua correndo para longe dele, mas eles foram bloqueados pelo trânsito.

"Você não tem que vigiar a porta?" ela perguntou.

Ela pretendia ser lúdica, mas a pergunta saiu mais forte do que ela pretendia.

“Ah, é assim? Você acha que é bom demais para alguém que abre a porta?

Lá estava. A mudança de admirador para agressivo; Zoe sabia disso muito bem. Ela parou para que ele não pudesse continuar andando com ela. O outro lado do quarteirão estava quieto, e ela não queria ir mais longe com este homem.

“Eu só não estou... namorando agora,” ela disse fracamente.

Ele deu um passo para que seu rosto ficasse a centímetros do dela e baixou a voz.

“Quem falou em namoro?” ele murmurou.

Ele olhou incisivamente para a frente de seu vestido. Zoe sentiu um rubor de vergonha esquentar suas bochechas. O que havia nela que a fazia parecer que queria isso? De repente ela odiou este minúsculo vestido branco. Ela odiava que seu decote e suas pernas estivessem totalmente à mostra - as mesmas coisas que ela tinha inicialmente amei sobre isso. Ela queria colocar a camisa de volta e se esconder em casa sem ser notada. Ela queria desaparecer. O cara da porta estava prestes a dizer alguma coisa nova, provavelmente nojenta, quando ela ouviu seu nome.

“Zo! Zo! Esse cara está incomodando você?

Cleo e Audrey estavam trotando pela rua atrás dela, de braços dados.

"Cara, você pode se afastar dela?" disse Audrey. “Invasivo, muito?”

"Estamos apenas conversando", disse ele, abrindo as mãos.

Audrey agarrou o braço de Zoe e puxou-a para eles. “Você sabe quantos anos ela tem?”

“Ela tem *vinte e um anos* ,” Cleo murmurou entre os dentes. “A idade legal. Lembrar?"

“Ah, certo”, disse Audrey rapidamente. “Mas, tipo, um jovem de vinte e um anos.”

"Exatamente", disse Cleo, voltando-se para o porteiro. "O que eu estou supondo que você não é."

“E, a propósito, conhecemos o dono”, acrescentou Audrey. "Então... sim, não mexa com a gente."

O porteiro acendeu um cigarro e tragou, rindo baixinho para si mesmo enquanto a fumaça escapava de sua boca. Ele olhou Zoe nos olhos e passou a língua contra o lábio superior.

“Você sabe onde me encontrar,” ele disse.

"Nojento", Audrey murmurou baixinho.

Zoe ficou aliviada por não ter que dar uma resposta adequadamente indignada a isso, já que as duas garotas a estavam conduzindo de volta rua acima em direção ao bar. Cleo parou na entrada e se virou para Audrey.

“Conhecemos o dono?” ela perguntou. "Quem é esse?"

“Não faço ideia”, disse Audrey. “Mas nós *poderíamos* , sabe?”

Eles se olharam e riram. Cleo virou-se para Zoe, seu rosto sério novamente. “Você está bem, Zo? Quer que chamemos um táxi para casa?

Ela considerou isso. A ideia de ficar sozinha em seu apartamento de repente parecia incrivelmente desagradável. Ela percebeu, para sua surpresa, que queria ficar.

“Absolutamente não”, disse Audrey, respondendo por ela. “Levar um vestido desses para casa antes das onze? Nós simplesmente não vamos permitir isso.”

“Venha dançar com a gente”, disse Cleo em uma canção. "Você pode realmente se divertir."

Apesar de si mesma, Zoe sorriu. Era realmente um vestido fabuloso, apesar dos problemas que estava causando a ela.

“Mas não tenho dinheiro”, disse ela.

“Podemos pescar!” disse Audrey alegremente.

“Não precisamos pescar.” Cleo sorriu e balançou a bolsa. “Eu tenho o cartão de crédito de Frank.”

Zoe pensou em dizer algo cortante para isso, então deixou para lá. Pelo menos ela poderia conseguir algumas bebidas grátis com isso. Audrey gritou e jogou os braços em volta do pescoço de cada um deles enquanto eles se dirigiam para o bar.

"Você sabe o que é isso, senhoras?" ela gritou por cima da música. “É uma noite de garotas filha da puta!”

Zoe nunca encontrou seus amigos naquela noite, mas não importava. As próximas horas foram um turbilhão alegre de bebida e dança. Para sua surpresa, ela adorava estar na esfera protetora das meninas mais velhas, que, rindo, evitavam os avanços desajeitados de qualquer homem que tentasse falar com elas e a protegiam em um sanduíche de seus corpos.

Ela nunca teve um grupo de amigas íntimas. Ela geralmente tinha uma pessoa de quem era próxima, um ajudante na verdade, em rotação. Essas tendiam a ser garotas introvertidas e tímidas com sonhos de grandeza social, que inevitavelmente idolatravam Zoe. Ela sabia que era mais bonita que a maioria das garotas e havia aceitado há algum tempo que o preço da beleza era que ela sempre seria um pouco solitária. Não parecia o pior negócio para ela. Mas agora, sob a atenção de Cleo e Audrey, ela se perguntava se estava perdendo alguma coisa.

Às 2h, a noite atingiu o pico e o trio decidiu voltar para a casa de Cleo e Frank. Zoe estava sentada com Audrey na grande escada de incêndio aprendendo a enrolar o baseado perfeito quando Cleo saiu, com os braços carregados de

picolés coloridos.

"Eu invadi o freezer", disse ela. “Está muito quente para comer qualquer outra coisa.”

“Amém”, disse Audrey, lambendo habilmente o papel de enrolar. Ela beliscou a ponta e sacudiu o rombudo em um cilindro macio e rechonchudo.

Do outro lado da rua, um trio de caras com aparência de financistas em mangas de camisa arregaçadas parou para encará-los, cutucando uns aos outros.

Uau senhoras, olhando bom! Onde é a festa esta noite? Você quer nos deixar subir?

"Claro!" gritou Audrey. “Mas você tem que adivinhar a senha primeiro!”

Os homens começaram a rir.

Abre-te Sésamo! Abracadabra!

"Desculpe, filhos da puta", gritou Audrey. "Mantenha-o em movimento."

Os homens esperaram para ver se ela estava brincando. Assim que ficou claro que ela não era, um deles balançou o punho sobre a virilha para eles enquanto se afastavam.

“Encantador”, disse Cleo.

Zoe riu. "Então, qual era a senha?"

Audrey acendeu o baseado e deu uma tragada profunda. “Afaste-se-de-mim-seus-brancos-ricos”, ela disse ao expirar.

“Sabe, acho que esse foi o próximo palpite deles”, disse Cleo.

Audrey balançou a cabeça. “Os homens brancos neste país acham que podem fazer o que quiserem.”

“Agora provavelmente seria um bom momento para dizer a você que Audrey odeia pessoas brancas”, disse Cleo.

“Principalmente só os homens”, disse Audrey. “Mas sim, todos eles têm potencial para serem idiotas.”

“Eu entendo você, garota,” disse Zoe, então olhou para Cleo rapidamente para se certificar de que ela não estava ofendida.

Cleo ergueu as mãos em sinal de rendição. “Sem discordâncias.”

“Acho que as mulheres brancas não gostam muito de mim”, disse Zoe. Ela parou para pensar sobre isso. "Ou qualquer mulher, nesse caso."

“Pelo menos todos os homens parecem gostar de você”, disse Audrey. Cleo olhou para ela com desaprovação. "Eu estou brincando!" ela adicionou. "Tipo de."

“Você realmente acha que as mulheres não gostam de você?” perguntou Cléo.

“Eu não sei,” Zoe disse rapidamente. “Estou generalizando. Na minha aula de psicologia, lemos um estudo que dizia que o que os homens mais temiam era a pena, e o que as mulheres mais temiam era a inveja. E isso ressoou comigo. Para um cara, a inveja pode ser empoderadora, mas para uma garota significa apenas que você será atacado ou excluído.”

Zoe olhou furtivamente para os rostos dos outros. Ela sentiu como se tivesse acabado de expor uma parte oculta de si mesma a eles, uma verdade que sempre sentira, mas nunca articulara, e temia que pudessem chamá-la de arrogante ou delirante. Mas os dois concordaram.

“Eu entendo”, disse Audrey. “É por isso que as garotas sempre retribuem os elogios. Tipo, se você diz que gosta do meu cabelo, então eu tenho que ser tudo,

não, é tão nojento e escorrido, *seu* cabelo é incrível!

Cléo riu. “Mas se você disser a um homem que ele tem um cabelo bonito”, ela disse, “ele fica tipo, obrigada, *e* meu pau é enorme”.

Audrey descascou um picolé de uva da embalagem de plástico e começou a raspar o gelo do congelador com o dedo. “Entendo por que os homens temem pena, no entanto. Meu pai é assim, sempre tem que ser tão durão e forte. É difícil para os homens asiáticos neste país. Eles são realmente emasculados aqui, o que é uma loucura porque os homens coreanos são realmente super machistas.”

"Eles são?" perguntou Zoe.

"Oh sim. Você já esteve com um?

Zoe e Cleo balançaram a cabeça.

"Você está perdendo", disse ela. “Eles são como focas sensuais, todos macios e sem pelos.”

Os três gritaram de tanto rir.

“Mas aquele cara do bar era branco”, disse Zoe, pegando o baseado. “E você dormiu com ele.”

"É verdade." Audrey assentiu. "O que posso dizer? Os colonialistas me pegaram. Eu até comi Anders, o babaca ariano original.

Zoe baixou a cabeça. Ela ficou bêbada com Anders depois do casamento de Cleo e Frank, embora soubesse que não devia contar a ninguém. Frank iria matá-la e, de qualquer forma, ela se sentiu estranha depois disso. Ele era mais velho que Frank, que já era bem velho. Quando ela olhou para cima, ela notou que Cleo parecia estar confusa com essa informação também.

“Eu já te contei sobre a vez que um Hare Krishna me mostrou no metrô?” disse Cleo, claramente ansiosa para mudar de assunto. “Apenas levantou seu manto. Nunca quebrei o contato visual.

Zoe estremeceu dramaticamente. Ela contou a eles sobre o zelador de seu colégio interno que costumava apostar com as meninas que conseguia adivinhar a cor de suas roupas íntimas. Se ele estivesse certo, eles teriam que lhe dar o par.

"Ele era irlandês", disse ela. “Então ele seria como...” Ela fingiu um sotaque irlandês quase perfeito. “'De que cor são suas calcinhas, meninas?'”

Audrey fez um barulho que registrou alegria e repulsa.

“Mas por que você concordaria com esses termos?”

“Porque, veja bem, ele também era nosso traficante de maconha”, disse Zoe.

Todos riram novamente.

“Uma vez fiz um boquete no meu traficante de coca”, disse Audrey quando recuperou o fôlego.

Cleo cobriu a boca como se estivesse horrorizada. Zoe, que estava genuinamente chocada, tentou parecer imperturbável. Audrey deu de ombros.

“Não para comércio ou qualquer coisa. Ele era simplesmente gostoso.

Zoe bufou de tanto rir. Havia algo tão libertador em falar com as meninas mais velhas assim. Eles não ficaram surpresos com nada. Eles não a julgaram e não tiveram ciúmes dela. Eles a trataram como um deles.

“Pessoal, o que vocês acham que isso significa?” Zoe perguntou a eles e contou a história que Kyle havia contado a ela sobre o homem caindo no buraco.

"E isso é o fim?" perguntou Audrey. “Há apenas duas pessoas no buraco agora?”

“Aparentemente,” disse Zoe.

“Estou chapada demais para descobrir isso”, disse Audrey. “Eles fazem sexo no buraco?”

Zoe riu. "Eu não acho."

“O buraco é a solidão”, disse Cleo baixinho.

"Por que isso?" disse Audrey.

"Você não pode ficar acima de alguém e dizer-lhe para sair dessa", disse ela. “Ou ensine ou pregue a partir deles. Você tem que estar nisso com eles.”

"Você realmente acha que é isso?" disse Zoé.

“É por isso que é um enigma”, disse Cleo. “Alguém mais estar no buraco com você significa que você não está mais no buraco.”

“Isso é profundo, Cley,” disse Audrey. “Mas eu ainda suspeito que eles fazem sexo.” Ela se levantou e voltou pela janela. “Vou tentar fazer xixi em pé como um cara!” ela gritou por cima do ombro.

Cleo olhou nos olhos de Zoe e riu.

"É assim que você se sente com Frank?" perguntou Zoe. “Como se alguém estivesse no buraco com você?”

Cleo olhou para os prédios apagados. A rua abaixo deles estava silenciosa e vazia. Parecia que eles eram as únicas pessoas ainda acordadas em toda a cidade.

“Às vezes,” ela disse. Ela fez uma pausa para pensar um pouco mais. “E às vezes... Frank é o buraco.”

Zoe olhou para Cleo e, por um momento, viu sua tristeza. Algo em seus olhos, a leve curvatura de sua boca quando ela pensava que ninguém estava olhando. Ela parecia a garota mais solitária do mundo.

“Desculpe não ter sido tão legal com você,” ela disse calmamente.

Cleo olhou para ela e sorriu levemente. Zoe pensou que ela poderia tentar fingir não ter notado, mas quando ela falou, sua voz foi direta.

"Obrigado por se desculpar", disse ela.

“Eu protegia Frank, eu acho”, disse Zoe. “… E um idiota.”

Cleo balançou a cabeça suavemente. “Você não é idiota, Zoe,” ela disse. "Você é amável."

Zoe queria abraçá-la, mas sentiu que seria estranho, então ela estendeu a mão e colocou a mão sobre a de Cleo. Isso também era estranho, ela percebeu depois, mas nem tanto. Então Cleo fez algo que Zoe não esperava; ela ergueu a mão e beijou o centro da palma. Zoe nunca havia sido beijada ali por ninguém. Era tão terno, ela pensou. A parte mais terna dela. Cleo soltou a mão dela e a colocou gentilmente de volta entre eles.

"Estou exausta", disse ela. “Vamos dormir um pouco?”

Deixaram os picolés derretendo na sacada e voltaram pela janela. Zoe e Audrey poderiam ter dormido nos sofás, mas Cleo insistiu que todos ficassem na cama dela e de Frank. Zoe estava espremida no meio, enrolada entre as costas de Cleo e o ombro de Audrey. Ela nunca tinha dormido tão bem.

CAPÍTULO SEIS

Começo de setembro

Eles estavam no metrô indo para o norte em direção à Grand Central, onde Cleo e Frank combinaram de encontrar seu pai e sua madrasta para almoçar. Era meio-dia de um dia de semana e o vagão do metrô estava fresco e silencioso depois do barulho da rua. Um homem idoso chacoalhando uma xícara de café cheia de moedas passou por eles.

“Quem vai me ajudar?” ele repetiu em voz alta e queixosa.

Frank deixou cair um dólar amassado em seu copo e voltou-se para Cleo.

"Então, quais são os nomes deles mesmo?" ele perguntou.

“Você pode simplesmente chamá-los de Peter e Miriam, é o que eu faço.”

"Papai não?"

Ela balançou a cabeça.

“Ele é meu pai, mas não é meu pai, sabe?”

Frank assentiu. Ele fez.

“Peter a chama de Mimi, o que eu acho que é...” Cleo imitou enfiando os dedos na garganta.

Peter e Miriam estavam passando pela cidade por apenas algumas horas e pediram a Cleo para encontrá-los no centro da cidade antes de pegarem um trem para New Haven, onde Miriam, uma curandeira e psicóloga, estava conduzindo um workshop sobre a criança interior como parte de alguns retiro corporativo.

Foi Frank quem sugeriu que fossem ao Grand Central Oyster Bar e insistiu em fazer um longo almoço para que ele pudesse participar. Ele achava um absurdo que eles não pudessem dedicar mais do que algumas horas para Cleo, mas reconhecia que cada família funcionava com sua própria lógica impenetrável, então resistiu ao impulso de dizer qualquer coisa. Por outro lado, Cleo ficou surpresa por eles terem feito arranjos para vê-la. Na maior parte do tempo, seu pai estava tão envolvido com sua nova família que parecia nem se lembrar de que tinha uma filha.

"Nossa parada é a próxima", disse Frank. “Mais alguma coisa que eu deva saber?”

"Deixe-me pensar", disse ela. “Peter *diz que* Humphrey é filho dele, mas na verdade não é. Ele tinha oito anos quando meu pai conheceu Miriam, mas o adotou mais tarde. Humphrey não estará lá, mas você ouvirá falar dele. Ele vai para Cambridge no próximo ano e é incrível no esporte. Todo mundo *adora* Humphrey.”

Ela revirou os olhos e tentou um sorriso. Frank reconheceu na casualidade

forçada do gesto uma tentativa familiar de descartar anos de ressentimento e mágoa. Ele pegou a mão dela e olhou seriamente em seus olhos.

“Só tenho uma pergunta”, disse ele. “Que tipo de pessoa olha para um bebê recém-nascido e o chama de... Humphrey?”

Cleo riu e balançou a cabeça.

“Você não conhece Miriam,” ela disse.

Cleo e Frank subiram as escadas da plataforma fétida do metrô e emergiram na extensão arejada do saguão principal da estação. Eles olharam para o famoso mural celestial e sorriram um para o outro em reconhecimento sem palavras de sua boa sorte de viver nesta cidade. Mesmo para o nova-iorquino mais cansado, é difícil ficar sob o alto teto azul-ovo da Grand Central, inclinar o rosto em direção às constelações douradas inscritas em sua cúpula abobadada, sem sentir uma pontada de admiração. No topo da cabine de informações, o relógio dourado que havia testemunhado tantos milhões de reencontros e partidas brilhava calorosamente. Ao lado dela, vestindo um smoking e um vestido branco espumoso, uma noiva e um noivo japoneses tiravam suas fotos.

"Você sabe", disse Frank. “Não temos uma única foto do nosso casamento.”

“Exceto as fotos da aura”, disse Cleo.

"Verdadeiro." Ele assentiu. "Você já desejou que tivéssemos feito algo assim?"

Ele gesticulou em direção ao casal. O noivo pegou a noiva e a carregava em seus braços como um bebê pesado, suas volumosas saias de tule eclipsando parcialmente seu rosto. Presa entre os dentes havia uma única rosa vermelha.

“Eu não mudaria nada sobre o que fizemos”, disse Cleo.

Frank pegou a mão dela. "Nem eu. Mas eu estava pensando que deveríamos fazer *uma* coisa tradicional.

"O que?"

“Tire uma pequena lua de mel. Você e eu tomando banho de sol no sul da França… O que você acha?”

Cleo deu um pulinho ao lado dele, balançando a mão dele na dela.

“Eu acho, *c'est cool mais c'est fous!* ela disse, e sorriu para ele.

O Oyster Bar estava localizado no andar inferior da estação, descendo dois conjuntos de degraus largos de mármore. Para alcançá-lo, eles tiveram que cruzar a cozinha sussurrante, um arco inclinado de ladrilhos de terracota entrelaçados meticulosamente colocados em um padrão de espinha de peixe.

"Você sabe sobre isso?" perguntou Frank.

Cléo balançou a cabeça.

“Se ficarmos em cantos opostos e eu sussurrar algo na parede, você poderá ouvir. Algo sobre a acústica da arquitetura significa que ela carrega. Quer experimentar?

Cada um deles foi para um canto separado e encostou seus corpos contra as paredes frias e cavernosas. Os sons da estação ecoavam ao redor deles. Frank estava prestes a sussurrar para Cleo que a amava quando ouviu a voz dela reverberando pelos ladrilhos perto de sua orelha.

“Eu não disse a eles que nos casamos,” ela sussurrou.

"Você não fez?" ele sussurrou de volta.

“Portanto, não mencione o casamento,” ela sussurrou.

Frank se virou para olhar para Cleo, que ainda estava de costas para ele. Ela

estava usando um longo vestido de seda limão que a fazia parecer um raio de sol. Ele estava atravessando a passarela para falar com ela quando ouviram o som do nome de Cleo sendo chamado. Peter e Miriam estavam parados na frente do restaurante, acenando para eles.

"Eu disse a eles que moramos juntos", disse Cleo apressadamente. "Mas é isso."

"Tudo o que você diz", disse Frank.

O pai de Cleo era um homenzarrão loiro-avermelhado com os mesmos olhos claros e uma expressão levemente desconfiada da filha. Ele estava vestindo uma camisa polo desbotada e bermuda cargo, da qual seus braços e pernas grossos brotavam como membros de cacto cobertos por uma fina camada de penugem loira. Seu corpo denso e envelhecido sugeria uma vida de trabalho físico árduo, embora essa impressão fosse compensada por um delicado anel de prata no polegar e uma coleção de pulseiras de pedras preciosas amarradas em cada pulso.

Miriam também usava uma variedade de joias de prata e turquesa, que incluíam um anel grosso com veios em cada dedo e um relógio antiquado pendurado em uma corrente em volta do pescoço. Ela era uma mulher atraente em seus cinquenta e poucos anos, com longos cabelos castanho-mogno com mechas grisalhas. Amarrado em volta da cabeça havia um lenço azul-petróleo da mesma cor da túnica de linho solta que ela usava. Tanto ela quanto Peter usavam sandálias Teva combinando, as dela em água, as dele em preto. As unhas da mão de Miriam, quando ela acenou, brilharam em verde.

"Ah, sim", Cleo murmurou enquanto caminhavam em direção a eles. “Miriam é obcecada pela cor turquesa.”

“Estávamos preocupados que você não nos reconhecesse”, disse seu pai quando chegaram até eles.

“Por que eu não reconheceria você?”

“Ah, você sabe,” ele disse. “Faz alguns anos.”

"Você parece o mesmo", disse Cleo. "Você parece bem." Ela deu a cada um deles um forte abraço. "Este é Frank", disse ela.

Frank instantaneamente mergulhou para bombear a mão carnuda de Peter na sua. Ele tentou dar um beijo em cada bochecha de Miriam do jeito europeu, mas ela resistiu, e ele acabou esfregando seu rosto no dela e então se afastando.

"Incrível conhecer vocês", disse ele.

Impressionante não era uma palavra que ele geralmente usava, dado que ele era um homem na casa dos quarenta e não um garoto de fraternidade da faculdade, mas ele foi jogado fora pelo beijo duplo estragado e agora estava em uma pirueta de desconforto social. Ele começou a sorrir loucamente para eles e esfregar as palmas das mãos como uma espécie de vilão de desenho animado. Cleo, por outro lado, podia sentir ela mesma encolhendo fisicamente na presença deles. Ela fez um esforço consciente para empurrar os ombros para trás e encontrar os olhos de Miriam, que fitavam Frank com espanto.

“Você é muito americano, não é?”, disse Miriam.

"Não tenho certeza se isso é um elogio", disse Frank, alargando seu sorriso em uma careta ainda mais pegajosa.

"Ele é de Nova York", disse Cleo defensivamente. “É assim que eles soam.”

“Ah, eu adorei, querida”, vibrou Miriam. “Todo mundo continua nos dizendo para 'Tenha um ótimo dia'.” Aqui ela fingiu um sotaque americano obscenamente nasal. “Eles são todos tão amigáveis, não são?”

"Eu gosto da sua, hum, coisa verde", disse Frank. "Muito legal."

“A turquesa representa a conquista do próprio poder”, declarou Miriam. “É um pouco mais do que *legal* .”

“Estou com fome”, disse Peter. "Vamos entrar."

O Oyster Bar subterrâneo poderia estar em qualquer estação do ano. Era intocado pelo tempo ou pela luz do sol. Os mesmos tetos curvos da galeria sussurrante do lado de fora continuavam no interior, os contornos arrebatadores dos ladrilhos criando a sensação de estar dentro de um forno de tijolos. Lustres baixos em forma de rodas de navio projetavam sua luz amanteigada sobre os reluzentes balcões de aço inoxidável e fórmica, ao redor dos quais havia fileiras de bancos giratórios de vinil. O grupo decidiu se sentar em uma mesa em vez do bar e foi conduzido a uma seção separada com toalhas de mesa xadrez vermelho e branco e guardanapos brancos rígidos que brilhavam âmbar na luz.

“Que lugar engraçado”, disse Miriam ao se sentar.

“É uma instituição de Nova York”, disse Frank. “As ostras mais frescas da cidade. Minha mãe costumava me levar aqui quando eu era criança.

“Isso deve ter sido há algum tempo,” disse Miriam levemente. "Você é um pouco mais velho que Cleo, não?"

“Agora, agora,” disse Peter. “Vamos pedir primeiro antes de começarmos a inquisição.”

Cleo geralmente encontrava um prazer particular em observar estranhos tentando decifrar seu relacionamento com Frank. Ambos pareciam jovens para a idade; as pessoas tendiam a colocá-la no crepúsculo de sua adolescência, ele em seus trinta e poucos anos. Ele era pai? Um amigo da família? *Não* , ela imaginaria sussurrando para eles . *Eu fodo com ele.* Mas agora, na frente de seu verdadeiro pai, ela sentia apenas uma forte sensação de vergonha.

“Bebidas?”

Um servidor com o rosto comprido de um cavalo de corrida aposentado apareceu diante deles. Cleo e seu pai pediram chás gelados, Miriam pediu água quente com limão e Frank pediu um Tom Collins. Ele esperava fazer essa ordem com o mínimo de confusão possível, mas Miriam o alcançou em segundos.

“Isso é como um Arnold Palmer?” ela perguntou.

"Mais ou menos", disse ele, ocupando-se com o guardanapo.

“Bombay Sapphire está bom para você, senhor?” perguntou o garçom.

"Claro, claro", disse ele.

Frank deu ao garçom um olhar significativo, que esperava transmitir seu desapontamento com ele, mas simplesmente se virou com um breve aceno de cabeça.

“Beber no almoço em um dia de semana!” exclamou Miriam. "Que muito urbano."

Cleo podia sentir suas bochechas queimando. Ela tomou um grande gole de água gelada. Frank, que ficou momentaneamente envergonhado, agora tomou a decisão consciente de não se importar com o que ela pensava. Não havia como ele passar por este almoço sem uma bebida.

“Eles servem pão neste lugar?” Peter perguntou, olhando ao redor da sala irritado.

“Tenho certeza que sim, querida,” acalmou Miriam. “Afinal, esta é uma instituição de Nova York.”

Miriam cobriu a mão de Peter com a dela. Cleo deu um pulo na cadeira. "Eu posso ir pedir alguns", disse ela.

“Bobagem,” rosnou seu pai. "Sentar-se."

Ela afundou de volta em seu assento. Mesmo depois de todos esses anos, ela não podia desobedecer ao pai. Para Frank, seu pai parecia uma espécie de urso pardo mal-humorado que estava sendo submetido ao equivalente a um piquenique de ursinho de pelúcia.

“Ah, Cleo”, murmurou Miriam. “Humphrey manda lembranças. Você sabe que ele está começando em Cambridge no mês que vem?

“Ele é um rapaz trabalhador, esse aí”, disse Peter.

“Espero que isso signifique que ele finalmente se livrará daquela namorada horrível dele”, disse Miriam. “Ele continua tentando terminar com ela, mas toda vez que ele consegue, ela chora, e ele simplesmente não consegue, coitado.”

“Talvez ele realmente não queira terminar com ela”, disse Cleo.

“Ele certamente sabe,” disse Miriam. “Ela é absolutamente horrível, como eu continuo lembrando a ele. Ele é muito *legal* , isso é problema dele.”

“Parece que ele precisa criar um par”, disse Frank.

Miriam respirou fundo como se tivesse sido atingida.

"Humphrey é um menino muito sensível", disse ela. “Excepcional em muitos aspectos. Certamente não há nada de errado com Humphrey.

“O menino é faixa vermelha em artes marciais”, disse Peter.

“Eu só estava brincando”, disse Frank.

“Ele só estava brincando”, disse Cleo.

“Onde está aquele pão?” disse Pedro.

Frank olhou para Cleo, que voltou a olhar para o colo. Cabia a ele ser legal, concluiu.

“Então,” ele disse. “Cley mencionou que você está liderando algum tipo de workshop para crianças?”

Miriam jogou a cabeça para trás e riu com um abandono que soou totalmente falso.

“Eu dirijo workshops para curar sua *criança interior.* É um pouco diferente.” Ela se virou para Peter, ainda rindo. — Você ouviu isso, Pete?

Peter grunhiu em reconhecimento. Ele foi distraído por uma generosa cesta de pães que se aproximava deles, junto com a bandeja de bebidas. O garçom ainda estava entregando sua carga quando Peter quebrou um palito de pão e o espetou na manteiga.

“Acabamos de conduzir um workshop para uma start-up de tecnologia em São Francisco e agora estamos indo para New Haven. Na verdade, eu fiz turnês por todo o mundo. No mês passado estivemos na China!”

“Isso é incrível”, disse Cleo.

Frank notou que Cleo parecia tudo menos surpresa com isso. Na verdade, ela parecia profundamente deprimida. Ele tomou um longo gole de sua bebida.

“Vocês fazem os workshops juntos?” ele perguntou.

“Mimi é o cérebro por trás de toda a operação,” disse Peter, destruindo um pãozinho. “Agora estou aposentado, posso viajar com ela.”

"Você é como minha groupie, não é, querida?" disse Míriam.

O palito de pão que Cleo estava segurando quebrou entre os dedos.

“Vamos pedir comida, já que você está com muita fome, Peter”, disse Frank. Ele acenou para o garçom de rosto comprido. “Uma dúzia de ostras e um par de pratos de frutos do mar de lagosta para a mesa. Como isso soa?

"Perfeito", disse Cleo, interiormente saboreando o fato de que, pela primeira vez, seu pai não era o chefe da mesa. Frank teve mais sucesso do que nunca.

“E pessoal, isso é por minha conta”, acrescentou Frank. “Então, por favor, peça o que quiser.”

“Não, não poderíamos”, disse Peter.

"Eu insisto", disse Frank.

“Absolutamente não,” disse Peter.

“Isso é muito generoso da sua parte, Frank”, disse Miriam. "Obrigado."

“Mm,” disse Peter mal-humorado.

“Frank tem sua própria agência de publicidade”, disse Cleo. “Ele é o diretor criativo.”

"É assim mesmo?" disse Pedro.

“Eu mesma trabalho com muitas *pessoas* da mídia”, disse Miriam.

“É só um pouco firme”, disse Frank. “Mas estamos crescendo rápido.”

“Ele ganhou um grande prêmio no Festival de Publicidade de Cannes no ano passado”, disse Cleo.

Nem Peter nem Miriam responderam a isso. Apesar da promessa anterior de uma inquisição, notou Frank, os dois pareciam notavelmente indiferentes a ele ou a Cleo.

“E o que você fazia antes de se aposentar, Peter?” ele perguntou.

“Eu era engenheiro”, disse ele. “Construção principalmente.”

“Foi assim que ele conheceu minha mãe”, disse Cleo. “Ela era arquiteta.”

“Um muito bom também,” disse Peter.

“Mas agora ele é extremamente útil para *mim* , não é querida?” disse Míriam.

"Eu tento ser", disse ele.

“Sem mencionar centenas de pessoas que precisam de um espaço seguro para se curar”, acrescentou Miriam.

Peter olhou para ela com orgulho tímido. “Diga a eles o que aquele empresário chinês disse para você, Mimi.”

“Ah, eles não querem saber disso.” Miriam ergueu as sobrancelhas para Cleo e Frank com expectativa. Claramente, eles foram obrigados a refutar. Cleo permaneceu firmemente em silêncio.

"Claro que sim", disse Frank.

“Se você insiste, então,” disse Miriam. “Realmente, o que estávamos vendo na China eram as ramificações da política do filho único. Há toda essa geração de adultos que cresceram apenas filhos, o que agora foi apelidado de 'geração solitária'. Muitos estudos psicológicos mostram que filhos únicos apresentam graus mais elevados de egoísmo, pessimismo e aversão ao risco do que filhos com irmãos. Sem ofensa, Cleo — acrescentou ela, olhando-a incisivamente do outro lado da mesa.

“Humphrey também é filho único”, disse Cleo.

"Ele é um pouco diferente", ela cortou. “ *De qualquer forma* , isso pode realmente afetá-los como adultos quando eles entram em um ambiente de trabalho e devem fazer parte de uma equipe. Então, meu papel é ajudar as empresas a realmente *ver* como a infância de seus funcionários está afetando sua produtividade diária, fazendo esses workshops interativos de vários dias, onde eu realmente entro *nas* feridas da primeira infância e começo a curá-las por dentro. fora."

“Diga a eles o que o homem disse”, repetiu Pedro.

“Bem, no final deste workshop, o CEO da empresa vem até mim – e estou lhe dizendo que este homem é mais rico que Deus – e você sabe o que ele diz? 'Miriam', diz ele, 'eu viajei por todo o mundo conhecendo alguns dos líderes de pensamento mais influentes do mundo, eu até conheci o Dalai Lama, pelo amor de Deus, mas você mudou minha vida mais do que qualquer um que eu já *conheci* . ja conheceu. Miriam', ele disse, 'você é o primeiro verdadeiro gênio que eu já conheci.'”

Ela parou para olhar primeiro Frank e depois Cleo nos olhos para garantir que eles pudessem sentir o impacto de suas palavras.

“E sabe o que eu disse a ele? Eu disse, Liu — esse era o nome dele, Liu — não sou nenhum gênio. Não sou um líder mundial. Sou apenas um humilde companheiro de viagem. E estou muito honrado por estar nessa jornada *com* você.”

“Eles a convidaram para voltar duas vezes no ano que vem”, disse Peter.

Frank teve medo de olhar para Cleo com medo de que ele caísse na gargalhada. Cleo, por outro lado, estava tendo a fantasia de estender a mão por cima da mesa e dar um forte tapa no rosto de Miriam. Mas se a infância lhe ensinou alguma coisa, foi a fazer o contrário do que ela sentia. “Parece que eles têm sorte de ter você,” ela disse.

“Foi a melhor coisa que já fizemos,” assentiu Peter.

“ *Eu sou* a sortuda,” disse Miriam, abanando o rosto com a mão. “Ter a oportunidade de ajudar livremente outro ser humano.”

“Então essas oficinas são gratuitas?” disse Frank.

"Bem, não", disse ela. “Mas não é pelo dinheiro.”

“Quanto custam, então?”

“Seu valor não pode realmente ser quantificado em dinheiro.”

“Eles são muito caros”, disse Peter. “Mas vale a pena.”

“Peter,” disse Miriam, mandando-o calar. “Damos muito mais do que recebemos.”

“Também tiramos muito proveito deles”, disse Peter. “Desta vez, viajamos por todo o norte da China. Fomos para a Grande Muralha da China.”

“Isso foi sensacional”, concordou Miriam.

“ *Essa* foi a melhor coisa que já fizemos”, disse Peter.

“Acho que New Haven pode ser um pouco decepcionante depois de tudo isso”, disse Frank.

“Ah, na verdade somos pessoas simples”, disse Miriam. “Nova York, por exemplo, é demais para nós. Estamos aqui há poucos dias e já estamos ansiosos para ir embora.”

Os olhos de Cleo dispararam do guardanapo com o qual ela estava brincando. "Poucos dias? Eu pensei que você só estaria na cidade por algumas horas antes do seu trem?

“Decidimos vir um pouco mais cedo para ver os pontos turísticos”, disse Miriam. “Desculpe não ter contado a você, querida, mas foi tudo de última hora, e realmente precisávamos de um tempo para nós mesmos para descomprimir entre os workshops. Manter esse espaço para todos é um trabalho exaustivo.”

Cleo olhou para o pai, que estava visivelmente vermelho.

“Você não disse nada,” ela disse a ele.

“Miriam está certa,” ele gaguejou. “Foi muito de última hora.”

O rosto de Cleo endureceu. Ela deveria saber que não havia fim para as maneiras pelas quais seu pai poderia decepcioná-la. Frank deu um aperto simpático na perna dela por baixo da mesa.

“Então, o que você achou, Peter?” ela perguntou. “De Nova York?”

“Não sei como vocês dois conseguem viver aqui”, disse Miriam. "O barulho! E é imundo. Eu vi um *rato de verdade* ontem.

“É uma bela cidade,” disse Peter. "Muito bem. Mas não é para todos.”

“Minha mãe sempre dizia, não foda quem não ama Manhattan”, disse Frank.

“Bem, não vamos ser vulgares,” disse Miriam.

“Pelo menos ela tem uma opinião”, disse Cleo, olhando para o pai.

Miriam, percebendo isso, deu um leve tapa na mesa com sua mão de manicure turquesa.

"Tão *verdadeiro* ", disse ela. “Mulheres opinativas não são celebradas o suficiente, não é, Cleo?”

"E alguns um pouco demais", disse Cleo.

“Ah! Aqui está a nossa comida!” disse Frank.

Duas travessas de prata cheias de frutos do mar no gelo foram colocadas cerimonialmente diante deles. As lagostas vermelho-rubi ficavam no centro, com as cascas abertas para revelar a carne carnuda dentro. Aninhados ao redor deles estavam ostras frescas sem casca, camarões cor-de-rosa rechonchudos, mexilhões de lábios verdes e mariscos do tamanho de uma palma humana. Frágeis copos de papel branco com molho tártaro e fatias grossas de limão completavam a exibição impressionante.

Frank esvaziou o copo e o devolveu ao garçom.

“Eu quero outro,” ele disse, então se virou para a mesa. “Vamos festejar!”

Miriam continuou a falar enquanto comiam. Ela havia sido convidada a contribuir para um estudo psicológico sobre trauma infantil e masturbação e os estava presenteando com a história de seu primeiro orgasmo, que alcançou na idade precoce de quatro anos e meio. Frank ficou maravilhado com o fato de nem ela nem Peter terem feito uma única pergunta sobre Cleo o tempo todo. Não sobre onde ela morava, como eles se conheceram, quem eram seus amigos, o que ela estava pintando ou qualquer outra faceta de sua vida em Nova York. Finalmente, os abundantes pratos foram reduzidos a uma coleção de conchas raspadas flutuando em poças de gelo derretido e levadas embora.

“Você tem alguma foto de bebê de Cleo?” Frank perguntou. “Eu adoraria vê-los.”

“Sabe de uma coisa, querida?” disse Míriam. "Nós não."

“Eu não pensei...” começou Peter.

“Devíamos ter trazido algumas fotos das pinturas de Cleo”, disse Frank. “Ela é tão talentosa.”

“Quantos anos você tinha quando te conheci, Cleo?” perguntou Miriam, ignorando isso.

“Quatorze,” ela disse.

“Então Humphrey devia ter oito anos”, disse ela. "Deus, ele era precioso."

“Cleo era uma criança linda”, arriscou Peter. “Cabelos como fios de ouro.”

“Ah, sim, ela *era* uma beleza”, disse Miriam. “Até aquela fase feia de moleca. Dá para acreditar, Cleo, ainda vejo alguns daqueles skatistas com quem você andava na cidade? Eu os chamo de meninos, mas eles devem ser homens agora. Qual era aquele de quem você tanto gostava com o nome engraçado? Maltrapilho? Ele trabalha no Café Nero agora.

“Ragdoll,” disse Cleo. “Seu nome era Ragdoll.”

“Ah, sim, isso é muito mais sensato.”

Miriam levantou uma sobrancelha para Frank em um conluio irônico. Ele desviou o olhar dela para Cleo, que estava olhando fixamente para a mesa quadriculada.

“Isso foi em Londres?” ele perguntou.

“Miriam e eu moramos em Bristol”, disse Peter. “Cleo passou um ano conosco enquanto sua mãe estava doente.”

Frank olhou para Cleo novamente, mas ela não estava mais à mesa. Ela estava de volta a Bristol, de volta aos quatorze anos. Foi a primeira vez que sua mãe foi colocada em tratamento psiquiátrico, mas não seria a última. Ragdoll era mais velho, talvez com dezoito anos, assim chamado devido à forma como caiu do skate. Ela estava patinando no gelo com algumas das meninas de sua nova escola quando ele a viu. Ela estava girando em uma órbita lenta, com os braços estendidos, quando ele se inclinou sobre a divisória e agarrou seu pulso, puxando-a para ele. Nenhuma das outras garotas podia acreditar, que ela ia com ele tão facilmente. Mas ela não era como eles. Ela estava sem mãe, sem amarras. Ele a levou sob o viaduto, onde os meninos esculpiam e mergulhavam em suas tábuas na escuridão crescente, e mais tarde para um apartamento do conselho com um único colchão no chão. ela perdeu a virgindade para ele naquela primeira noite. Depois, ele tirou a camisinha e a jogou em uma caixa de pizza vazia. Quando ela voltou para casa, ninguém perguntou onde ela estava. Ninguém perguntou a ela naquela noite, ou em qualquer outra noite que ela passou naquela casa.

“Eu não sabia que você morava lá”, disse Frank.

“Isso não é surpreendente,” disse Miriam. “Vocês mal se conhecem!”

“Sabemos o que importa”, disse Cleo.

“O que Miriam está dizendo é que não queremos que nenhum de vocês se apresse em nada,” disse Peter. “Você é tão jovem, Cleo, não há pressa.”

“Por favor, não fale por mim, querida,” disse Miriam. "Mas você está certo, Cleo certamente é muito... jovem."

"E quanto tempo vocês dois esperaram depois que você e mamãe se divorciaram?" disse Cléo. "Cinco minutos?"

“Não seja hiperbólica, Cleo,” disse Miriam. “Você não é americano.”

O rosto de Peter ficou vermelho de desconforto. Ele olhou para os punhos cerrados sobre a mesa como dois montes de carne moída.

“Era uma situação diferente,” ele disse rispidamente. “Um que você não poderia ter entendido na sua idade. Não era da sua *conta* entender.

"Você está certo", disse Cleo. "Por que diabos com quem meu pai se casaria é da minha conta?"

“A raiva de Cleo é bastante natural e saudável”, disse Miriam, virando-se para Frank. “Não sempre dissemos isso, Pete?”

Não estou com raiva”, disse Cleo.

"Estamos apenas dizendo que seria perfeitamente aceitável se você fosse, querida."

“Você nem me convidou para o seu casamento.”

“Isso foi há dez anos”, disse Peter.

“Sim, não guarde rancor”, disse Miriam. “Isso vai te dar rugas.”

“Eu era sua *filha* ”, disse Cleo.

“Eu não queria chatear você e sua mãe,” disse Peter. “Eu estava tentando protegê-la. Proteger você."

“Você fez um ótimo trabalho nisso”, disse Cleo. “Cinco estrelas, Peter.”

“Seu pai sempre colocou os outros em primeiro lugar”, disse Miriam.

“Ela não estava *bem* , Cleo,” Peter disse. “Nada que você ou eu fizemos poderia mudar isso.”

"Bem, adivinhe?" disse Cleo, com o rosto corado. “Também não te convidei para o meu.”

"Cleo, eu não acho...", disse Frank.

“Nós nos casamos”, disse ela. "Em junho."

O servidor reapareceu com seu rosto comprido e triste. “E como foi tudo hoje?” ele perguntou.

"Vamos apenas aceitar o cheque", disse Frank.

“Posso te interessar por alguma sobremesa?”

"Não!" disse Frank, praticamente empurrando-o para longe da mesa.

"Bem, parabéns!" disse Miriam, virando-se para eles com um sorriso brilhante que não alcançou seus olhos.

O rosto de Peter era de um vermelho profundo e tempestuoso. "Eu não quero falar sobre isso", disse ele.

“ *Não* , querida,” disse Miriam, no tom de uma mãe repreendendo uma criança petulante. “Não é bom para Cleo reprimir tudo isso. Falar é curar—”

“Minha mãe nunca falou comigo sobre nada real”, disse Frank. “Incluindo quem era meu pai!”

Miriam lançou-lhe um olhar perturbado. Ela claramente odiava ser interrompida.

“Bem, a mãe *de Cleo* ”, ela disse, “como ela provavelmente disse a você, Frank, era uma mulher profundamente perturbada. Mal de espírito e de espírito.

Cleo, na verdade, nunca havia falado com ele sobre sua mãe em profundidade. Ela disse a ele na primeira noite em que se conheceram que ela morreu quando estava em seu último ano de faculdade, e isso foi o máximo que ele conseguiu dela.

“Não fale sobre minha mãe”, disse Cleo.

“Foi perturbador para todos nós”, disse Miriam.

“Não fale da minha mãe”, repetiu Cleo.

“Suicídio”, disse Miriam, prendendo a respiração como se a palavra fosse algo amargo que ela tivesse mordido, “é uma doença de família.”

Cleo podia sentir seu rosto inteiro vibrando. Ela queria ir embora, mas sabia que não iria. Logo a escuridão viria e ela não sentiria nada.

Frank olhou para Cleo, cujo rosto estava pálido, exceto por um único ponto alto vermelho em cada maçã do rosto. Ele podia sentir, sob a superfície imóvel dela, um grande turbilhão de sentimentos. Mas ela não se mexeu, nem mesmo se encolheu. Ela o lembrava de um grande e nobre boxeador parado, atordoado, depois do que deveria ter sido um nocaute. Ele saltou de sua cadeira.

“Sinto muito, mas isso é besteira”, disse ele. “Cleo, você não merece essa merda.”

"Essa lingua!" disse Míriam. “Os americanos podem ser *tão* grosseiros.”

Peter permaneceu em silêncio, a cabeça pendendo pesadamente entre os ombros largos. Frank virou-se para Cleo e estendeu a mão. Lentamente, com grande dignidade, ela se levantou para ficar ao lado dele.

"Estamos indo embora", disse ela.

Ela saiu do restaurante com Frank seguindo atrás dela. De repente, ele se virou e tirou a carteira. Ele voltou para a mesa e colocou duas notas de $ 100 em sua superfície na frente de Peter.

“A melhor coisa que você já fez”, disse ele, “foi Cleo.”

CAPÍTULO SETE

final de setembro

Tinha sido a lua de mel perfeita, até que Frank decidiu aceitar a aposta. Ele se equilibrava descalço na varanda do hotel, preparando-se para pular de sua altura na piscina abaixo, enquanto Cleo observava a silhueta de suas costas e fervia. A noite havia esfriado, mas Frank havia se despido apenas com as calças de linho, presas na cintura com o cinto marrom de crocodilo que ela comprara para ele no início da semana no mercado de Nice. Ele pairou no degrau inferior do corrimão e esticou os braços como um equilibrista se preparando para uma manobra.

“Quanto nós dissemos?” ele gritou.

“Um mil!” uma voz de homem respondeu lá de baixo.

Frank riu.

"É isso?"

“Dois se ela mergulhar com você!”

Cleo se mexeu na poltrona de vime. Atrás dela ela podia ouvir o zumbido baixo dos últimos comensais no terraço do restaurante abaixo, e além disso as cigarras nas margens de lavanda descendo para Cannes, e além disso os cachorros da vinha latindo em suas gaiolas noturnas, e além disso o mar, onde todos os animais eram livres.

"Ela não faria isso", disse Frank.

Mas quando ele se virou para encará-la, ela reconheceu sua expressão mesmo nas sombras, o olhar que era meio questionador, meio desafiador. Cleo olhou para o cinzeiro que estava virando nas mãos. Dourado e recortado, estava em desacordo com a aparência espartana da sala. Frank gostava de brincar que este hotel cobrava o resgate de um rei para viver como um monge, mas foi ele quem sugeriu que eles ficassem aqui. Cleo adorava a simplicidade do quarto, como ele sabia que ela amaria, o chão de pedra que ficava frio sob os pés o dia todo, a cama baixa de madeira e o mosquiteiro branqueado pelo sol amarrado acima da cama como uma colmeia.

Os artistas mais célebres da Europa se hospedaram neste hotel, pagando por seus prazeres com seu trabalho. Um grande móbile Calder balançava com a brisa na cabeceira da piscina. Havia um mural de Fernand Léger de um lado do pátio do restaurante e uma escultura de César Baldaccini montando guarda em sua entrada. No quarto de Cleo e Frank, um desenho a lápis da Virgem Maria feito por Matisse estava pendurado despretensiosamente acima da cama.

“Um mil e meio!” chamou a voz lá embaixo. “Mas você tem que acertar no alvo através do cisne. Última oferta."

"O cisne?" Frank gritou. "Você está brincando! É do tamanho de uma criança!”

O cisne era a atração preferida de Cleo. Frank voltou do tabac naquela manhã com uma sacola de compras com brinquedos de piscina que incluíam um golfinho sorridente, uma cama de crocodilo, um anel de flutuação com cabeça e asas de cisne e uma garra de lagosta gigante surrealista. Cleo e Frank tinham brincado de correr com eles enquanto os outros convidados tomavam sol como lagartos ao redor da piscina.

"Frank, por favor", disse Cleo calmamente às suas costas.

“Cleo tem uma objeção!” Frank disse, rindo, para a voz abaixo.

"Não caia fora agora, irmão!" A voz era provocadora. “É só um andar. Bem, dois... Você consegue.

"Por favor, não", disse Cleo. "Para mim."

Frank olhou para Cleo. Ela sustentou seu olhar. Ele sorriu.

“Foda-se!” ele gritou e voltou para a voz abaixo. Ele escalou as grades e se manteve firme com as duas mãos atrás dele. “Um mil e meio! Uma entrada na minha cirurgia de cabeça!”

“Estamos na Europa!” a voz gritou. "É grátis!"

Cleo levou menos de dez segundos para caminhar até a porta e fechá-la atrás de si. Ela levou mais trinta para perceber que ele não estava vindo atrás dela. Ela ficou no corredor, ainda segurando o cinzeiro, e ouviu o respingo, mas não ouviu nada. Ela não voltaria agora. Com cuidado, ela desceu as escadas e atravessou o pátio abaixo. Ela parou novamente em frente à porta de madeira que dava para fora. De repente, abriu, revelando uma das duas diretoras aposentadas que se apresentaram a Cleo e Frank alguns dias antes na piscina.

"Olá querido. Saindo?"

Era o início da baixa temporada, e os poucos hóspedes remanescentes no hotel haviam formado uma comunidade temporária, conversando uns com os outros enquanto tomavam melão e tomavam café pela manhã, ocupando as mesmas posições ao redor da piscina todos os dias. Cleo e Frank suspeitavam que as diretoras eram secretamente um casal e gostavam de vê-los sentados à sombra das árvores de Chipre, jogando cartas. Ambos adoravam Frank, que flertava com eles descaradamente e sempre lhes oferecia uma taça das garrafas de vinho branco gelado que ele pedia um suprimento constante à beira da piscina.

"Aqui, deixe-me ajudá-lo." Cleo correu para segurar a pesada porta aberta.

“É difícil conseguir frutas a esta hora da noite”, disse a diretora. Ela levantou um saco de laranjas. “Na minha idade, você precisa muito disso. Mantém você regular.

Ela passou, virou-se e segurou o braço de Cleo com uma firmeza que a surpreendeu.

“Você é muito adorável, sabia,” ela disse. “Você deve aproveitar enquanto pode. Você acha que vai durar para sempre, mas não vai.”

A mulher mais velha deu um tapinha em seu cotovelo com naturalidade e seguiu em frente. Cleo respirou fundo e passou pela porta de madeira para a praça do lado de fora, onde homens jogavam bocha em um pedaço de terra vermelha. O café do outro lado da praça brilhava como uma lanterna de papel. Grupos de pessoas sentavam-se ao redor de mesinhas de madeira do lado de

fora, soltando bolhas de conversa e risadas que estalavam na pele de Cleo. Ela se virou e caminhou pela tranquila rua de paralelepípedos que levava ao topo da cidade.

Ela disse a si mesma que daria meia-volta a cada passo, mas não diminuiu o passo ao passar pelas lojas escuras cheias de turistas espalhafatosos. arte, tabacarias e confeitarias fechadas. No topo, ela podia ver o alto muro medieval de pedra que circundava a cidade, originalmente construído para impedir a entrada de intrusos, mas agora uma plataforma de observação para os visitantes observarem as luzes brilhantes de Cannes e do Cap d'Antibes abaixo.

Cleo enfiou o cinzeiro debaixo do braço e verificou os bolsos da saia. Uma segurava seus cigarros e um isqueiro; a outra, duas notas grandes que Frank lhe dera naquela manhã como lembrança. Tudo o que ela precisava. Ela se sentou do lado de fora de um café meio vazio em frente à igreja escura e à sorveteria fechada. Espiando pela janela do café, onde um punhado de homens se sentava encolhido sob o brilho verde de um jogo de futebol na televisão, ela chamou a atenção do garçom. Ele se separou dos outros com o olhar descontente de alguém que acreditava que seu trabalho naquela noite havia terminado.

— Un verre de malbec, s'il vous plait — disse Cleo, satisfeita por ter pronunciado as palavras suavemente pela primeira vez.

“Não temos malbec”, disse ele.

Ele tinha um nariz como um anzol e pequenas orelhas cor-de-rosa do tamanho de conchas.

"Oh, eu vejo." Cleo estava confusa com seu francês. “Qualquer coisa vermelha está bem.” Seu rosto se contraiu em um sorriso insinuante.

O garçom assentiu e voltou para dentro. Por que ela sentia a necessidade de fazer com que todos, mesmo esse garçom, gostassem dela? Que coisa deve ser ser indiferente à indiferença.

Um grupo de adolescentes havia se reunido nos portões trancados da igreja, encostados em suas motocicletas e fumando sem rumo. Cleo reconheceu alguns deles do hotel. Eram as garotas de braços castanhos que carregavam toalhas para a piscina, os jovens garçons que serviam ela e Frank no jantar. Cleo se sentia desconfortável na presença deles, ciente de que não era muito mais velha do que eles. Frank brincou e brincou com todos os funcionários inconscientemente, distribuindo elogios e palmas cheias de euros generosamente. Enquanto isso, Cleo manteve os olhos baixos quando os garçons ansiosos estenderam a mão para tirar os pratos, fingindo não ver seus olhares de admiração. Livres agora de suas camisas brancas engomadas e gravatas, eles pareciam a Cleo ainda mais vigorosamente jovens e masculinos. Ela assistiu como eles se inclinaram para as meninas, provocando e se afastando, aquela dança familiar de timidez e desejo.

O garçom voltou trazendo uma pequena jarra, um copo e um cinzeiro.

“Tudo bem, eu trouxe o meu.” Cleo ergueu o cinzeiro branco e dourado que ela inexplicavelmente trouxera do hotel. Apareceu seu sorriso inesgotável. O garçom não disse nada, voltando para o jogo de futebol com, Cleo tinha certeza, ainda mais desdém pelos turistas que ele deveria servir durante todo o verão com seus estranhos costumes e queimaduras de sol e total ignorância sobre vinhos. Trazer o próprio cinzeiro era o tipo de piada sem sentido que Frank teria gostado, embora ele tivesse mais o hábito de pegar as coisas dos lugares onde

elas iam. Freqüentemente, eles saíam de um restaurante e Frank abria o bolso para revelar um saleiro, uma colher de chá ou um castiçal com um sorriso.

“Lembrança”, ele dizia.

“Pilhagem”, respondeu Cleo, mas ela sempre ria. Era libertador estar com alguém que não tinha medo de quebrar as regras.

Cleo tomou um grande gole de vinho, depois outro. Ela ainda não havia aprendido a arte de ficar sozinha em público inconscientemente, de sentir que podia assistir em vez de ser observada. Ela tentou explicar isso a Frank, que a vida em público para ela acontecia de fora para dentro.

“Você deveria gostar do fato de que as pessoas o admiram”, ele disse. “Você vai sentir falta disso quando tiver a minha idade, acredite em mim.”

O americano no jantar a havia notado. Frank e Cleo estavam sentados em uma das mesas do pátio perto da parede, onde a hera e as buganvílias cresciam mais densas, quando ele se insinuou na conversa por meio de algum conhecido compartilhado com Frank em Nova York. Frank não se importava, ele gostava de um parceiro de bebida, mas Cleo sentiu desde o momento em que ele se inclinou e apertou sua mão que ele estava lá para ela.

Ele se virou para falar com Frank, mas a observou com o lado da cabeça como uma gaivota. Ele era bonito e do sul, com um bronzeado mogno e um chapéu panamá creme, dentes brancos tilintando contra o copo. Frank era de Manhattan, mas esse homem era o que Cleo considerava um verdadeiro americano, do tipo que cresceu indo a grandes jogos e transando com garotas no banco de trás dos carros. Nem Frank nem Cleo sabiam dirigir.

“Cleo é a francófila”, disse Frank durante o jantar. “Fez a tese dela sobre Soutine. Suas pinturas de carne. Coisas geniais.

“Então, você é esperto”, disse o americano. “Muitas garotas bonitas por aí, mas você também é inteligente. Isso é coisa sua?

Ele apagou o cigarro e olhou-a de frente pela primeira vez.

“Acho que não tenho nada”, disse Cleo.

“Claro que sim”, disse o americano. "Todo mundo faz."

"Cleo é como um gato", disse Frank. “Ela pode tocar em você, mas você não pode tocá-la. Isso é coisa dela.”

“Acho que isso é uma coisa britânica.” O americano riu, servindo-lhes mais uma rodada da garrafa que Frank pedira. Cleo colocou a mão sobre o copo. "Não mais? OK. Qual é o ditado? Demonstrar afeto apenas por cachorros e cavalos? Lábio superior rígido e toda essa porcaria.

“Na verdade, somos o país mais sexualmente ativo da Europa”, disse Cleo. Ela acenou com a cabeça em direção a um casal francês de meia-idade que se acariciava sobre seu suflê na mesa ao lado. “Ainda mais do que aqui. Se você puder acreditar.

“Claro que posso”, disse o americano. “São os educados que você tem que tomar cuidado.”

Os óculos de Frank brilharam à luz das velas.

"Então, qual é a minha coisa?" Frank perguntou.

“O seu é fácil”, disse o americano. "Você tem que vencer."

“Todo mundo gosta de ganhar”, disse Frank. “Isso não pode ser coisa minha.”

“Não gosto”, disse o americano. "Precisa. *Precisa* . Conheço sua agência.

Quantos Leões você ganhou em Cannes este ano?”

"Um ouro, dois bronzes", disse Frank com evidente orgulho.

"Ver?" disse o americano.

Frank sorria para as próprias mãos, lembrando-se alegremente desse triunfo. O americano acendeu outro cigarro e piscou para Cleo quase imperceptivelmente.

"Qual é a sua coisa?" perguntou Frank.

"Você me diz", disse o americano.

“Você é o especialista”, disse Frank.

“Bem, eu...” começou o americano.

“Você quer”, disse Cleo, “o que as outras pessoas têm.”

O americano soltou uma gargalhada.

“Você não está errada, querida,” ele disse. “Mas você também está meio certo. Quero o que os outros têm, claro, mas também não quero o que *tenho* .”

Frank deu de ombros. “Essa é apenas a condição humana.”

“Você não quer o que tem?” perguntou Cléo.

“Quero *mais* do que tenho”, disse Frank. Começou a contar nos dedos. “Dois leões de ouro, duas agências…”

“Duas esposas?” disse Cléo.

"Só se fossem dois de vocês", disse Frank rapidamente.

“Boa defesa.” O americano riu e deu um tapa nas costas de Frank. Ele esticou os braços atrás da cabeça. "Aqui está a coisa. Queremos porque *queremos* . Ambos os sentidos da palavra. A falta e a saudade, tudo em um só. Quanto mais você se encontra querendo, mais você quer.”

“Então você é uma filósofa”, disse Cleo.

“E você é mais esperto do que parece”, disse o americano.

“As pessoas só dizem isso para as mulheres”, disse Cleo.

"O que eu sou?" perguntou Frank. “O bobo da corte?”

Quanto mais os dois bebiam, mais competitivos se tornavam. Cleo os observou e se perguntou que crença antiga estava em jogo que, apesar de suas vidas de grande abundância, eles sentiam que nunca haveria o suficiente para os dois. O americano gabou-se da escola de negócios que frequentou em Pequim. Frank rebateu, triunfante, que nunca havia feito faculdade. Cleo recostou-se sonolenta na cadeira, esquecida. Agora eles estavam no tópico de elogios do ensino médio. O americano tinha, apropriadamente, sido algo chamado All-American. Frank revelou que tinha sido um mergulhador de trampolim competitivo, quebrando recordes estaduais nos dez metros.

“Preciso ver isso”, disse o americano.

Cleo tirou um cigarro do maço e ele se inclinou para acendê-lo. Eles sorriram um para o outro sobre a explosão de chamas.

"Bem, foi há muito tempo", disse Frank.

Ele pegou um cigarro e o colocou entre os lábios do jeito errado.

"Ei." Cleo estendeu a mão para virar para ele. “Você não fuma, lembra?”

“Vocês duas chaminés estão me deixando de fora.”

“De volta ao mergulho”, disse o americano.

O taciturno garçom do café voltou, olhando para o copo vazio de Cleo.

"Finalizado?"

“Vou querer outro.”

Um sino tocou continuamente na torre do relógio da igreja. Eram 23 horas. No dia anterior, Cleo havia deixado Frank andando de um lado para o outro no quarto, discutindo com seu diretor de arte em Nova York sobre uma nova contratação, e caminhou até a capela de Matisse. Do lado de fora, era simples como um cubo de açúcar. Por dentro, era como entrar no centro de uma joia. Vitrais salpicavam as paredes brancas com luz colorida. Matisse havia usado apenas três cores nas janelas: verde para as plantas, amarelo para o sol e azul para o céu, o mar e a Madona. Ele o considerava sua obra-prima.

Sua mãe teria adorado a arquitetura da catedral. Ela sempre dizia que um edifício deveria ter duas partes de contentamento e uma de desejo. Cleo nunca entendeu o que isso significava, mas agora a frase voltou para ela como uma profecia. *Duas partes de contentamento, uma parte de desejo.* Parecia uma boa fórmula para viver, embora ela ainda não dominasse. Sua mãe certamente nunca o fez.

Frank não a pressionou sobre o assunto do suicídio de sua mãe, mas passou a rondar ansiosamente as portas, observando-a enquanto ela lia ou assistia à televisão. Ele estava procurando as rachaduras. Ela estava distante desde que conheceram seu pai, ela sabia. Ela não queria que ele visse sua tristeza, que era tão feia e tão antiga. A dor não era linear, ela sabia, mas odiava sentir as velhas sensações retornando. Ela se sentia preguiçosa, abatida, como não se sentia desde que morava em Londres. Ela havia considerado voltar a tomar os antidepressivos, mas ainda esperava que isso passasse. E ela estava fazendo um bom trabalho em esconder isso. Ela lavou o cabelo, comeu a sobremesa e tentou rir quando todos riram.

Mas Frank havia notado. Foi ele quem sugeriu a França, terra de seus artistas favoritos, para a lua de mel atrasada. Ele estava tentando animá-la. E agora que ela estava aqui, nesta linda noite neste belo país, ela não queria pensar em sua mãe ou em sua tristeza ou na bebida de Frank. Ela não queria pensar em nada.

O garçom encheu o copo dela e ela bebeu metade de um só gole. Ela se sentiu animada pelo vinho, começando a se divertir. Com a ponta do cigarro, ela empurrou a cinza para a circunferência externa da tigela branca. Ela olhou para cima para ver um dos adolescentes da igreja caminhando em sua direção com a postura descontraída e arrogante de alguém que sabe que está sendo observado. As meninas haviam desaparecido e apenas dois outros meninos permaneceram, observando-a com constante vigilância enquanto seu amigo se aproximava.

“Avez-vous du feu?” ele perguntou.

Ele alcançou a mesa dela e apontou para o isqueiro. Ela assentiu.

“Parlez-vous français?” ele disse. "Você fala francês?"

“Un peu,” ela respondeu, mesmo a pronúncia dessas pequenas palavras reduzindo-a à timidez. "E você? Inglês?"

“Eu aprendo na escola.”

“Seu sotaque soa muito bem.”

“Não”, disse ele, soprando fumaça pelas narinas. “Não é.”

Seu nariz era quadrado e rombudo, mas seus olhos eram castanhos aveludados, com cílios longos e grossos.

“Vejo você no hotel”, disse o menino. “Você usa um, como se diz, amarelo…”

Ele circulou as mãos sobre o peito e explodiu em gargalhadas, dobrando-se e olhando para seus dois amigos. Eles acenaram de suas motocicletas e gritaram algo em francês que Cleo não conseguiu entender. Eles ainda eram crianças, Cleo percebeu. De repente ela se sentiu muito velha, quando o que ela queria era sentir o contrário.

"Certo. Bem, tenha uma boa noite”, disse ela.

Ela se levantou parcialmente da cadeira e olhou em volta como se quisesse chamar a atenção do garçom.

"Não não." Ele sacudiu as mãos, soltando a carne imaginária que seguravam, e deu a ela um olhar de contrição exagerada. "Eu sou estúpido. Meu amigo me pede para dizer que você é *trop belle* . Lindo. Entender?"

Ela o encarou. Uma brisa ultrapassou a parede de pedra, fazendo as árvores vibrarem de aplausos. Lavanda, terra, um leve travo de sal.

"Você vem a uma discoteca com a gente?"

"Não." Ela se levantou e limpou as cinzas da saia. "Cadê?"

"Não muito longe", disse ele. “A um passo de pedra.”

Cléo riu.

Ela deixou um bilhete demais na mesa, mas não podia esperar, estava sendo levada pela brisa do café para a igreja, onde os amigos incrédulos do menino esperavam, na garupa de uma bicicleta que estremeceu para a vida abaixo dela, então a levou por uma rua de paralelepípedos após a outra, fora das luzes da cidade e na noite azul-escura. O cinzeiro estava esquecido sobre a mesa.

Na garupa da moto, o mundo se suavizou e se borrou. Ela esticou os braços para os lados e agarrou as palmas cheias de ar sólido. A noite era como mil asas de borboleta negra batendo contra sua pele. Cleo entendeu por que as bicicletas eram frequentemente descritas como liberdade; não pela capacidade de levá-lo a outro lugar, mas pela maneira como transformaram o lugar em que você já estava.

Eles correram em direção às luzes no sopé da colina e pararam em frente a um bar antigo na esquina de uma rua residencial tranquila. Um copo de martíni neon piscava azul, rosa, azul, rosa na janela. O menino pulou e estendeu a mão para ela desmontar. Quando ela se levantou, ela tremeu toda como se um motor ainda estivesse girando dentro dela.

O bar foi transformado em um clube improvisado com a ajuda de alguns alto-falantes, uma máquina de fumaça crepitante e uma bola de discoteca que girava preguiçosamente no alto. Losangos de luz prateada giravam sobre os braços e rostos dos corpos lá dentro. Estava lotado principalmente de moradores locais, adolescentes que trabalhavam nos hotéis próximos, mulheres peitudas que dirigiam as tabacarias e confeitarias da cidade, alguns velhos pescadores desleixados sobre o bar, suas camisetas brancas brilhando contra a pele marrom e flácida. Os alto-falantes tocavam o tipo de música que Cleo ouvia na adolescência.

O garoto levou o polegar aos lábios e derramou um líquido imaginário em sua garganta, puxando-a em direção ao bar. Ele a apertou na frente e chamou a atenção do barman, que havia desabotoado a camisa para revelar uma tatuagem no peito de um falcão segurando um arenque entre as garras.

"Deixe-me", disse ela, enfiando a mão no bolso para a nota restante.

"Não." Ele afastou as mãos dela. "Você é convidado."

As bebidas vinham em dois copos altos e foscos com guarda-chuvas e cerejas ao marasquino presas no topo. Eles pareciam ridiculamente juvenis para Cleo, que teria preferido uma taça de vinho ou uma cerveja. A cereja deixou uma mancha vermelha como uma pegada de sangue na tampa da espuma branca. Ela tomou um gole pelo canudo. Tinha gosto de coco, açúcar de cana e sabão.

"Bom não?" ele disse, franzindo o rosto em repulsa mal disfarçada enquanto engolia seu próprio grande gole.

Ocorreu-lhe que ele os havia encomendado para seu benefício. Eles eram provavelmente a coisa mais cara do cardápio.

"Delicioso", disse ela.

Ela o deixou circulá-la em seus braços e puxá-la para frente na multidão de corpos. Seus amigos já estavam na pista de dança, esmagando-se contra duas garotas de cabelos compridos, suaves e ágeis como enguias em tops e saias de lycra justos. Cleo ficou, de repente tímida e rígida, contra o corpo do menino. Ela desejou que Quentin ou Audrey estivessem com ela. Eles saberiam exatamente o que fazer. O menino agarrou sua cintura e a moveu de um lado para o outro, combinando o balanço de seus quadris com os dele. A música enchia a sala como água, infiltrando-se em todos os cantos. Ela virou e girou, espirrando a bebida no pulso. O garoto pegou o braço dela e deslizou a língua do cotovelo dela até a ponta dos dedos dela, puxando-os da boca com um estalo molhado. Cleo jogou a cabeça para trás em uma risada silenciosa. Ele a puxou para mais perto novamente.

“Essa música é legal!” o menino disse.

"Eu sou casado!" disse Cléo.

“Eu não estou ouvindo você!” ele disse.

“Casada com um homem!” ela disse. “O dobro da sua idade!”

Mas o menino apenas riu e apontou para as orelhas.

Apesar do gosto, ambos terminaram suas bebidas rapidamente. Cleo foi até o bar e pagou mais uma rodada. O segundo tinha um gosto melhor que o primeiro. Uma música que todos conheciam começou a tocar, e eles jogaram os braços sobre os ombros um do outro e gritaram as palavras, girando em um círculo desajeitado. Ela estava girando, desfazendo-se como as fitas de um mastro, sem ser pega por ninguém. Uma das garotas de cabelos compridos acendeu um baseado e passou para o grupo. Cleo acenou que não. Com um movimento surpreendentemente forte, a garota se inclinou para frente e segurou a nuca, puxando a boca de Cleo para a dela. Cleo podia ver pedaços de sombra azul nas dobras de suas pálpebras, brilhando na luz. Ela estava atordoada demais para detê-la quando a garota exalou em sua boca, enchendo sua garganta com a fumaça espessa. Ela se afastou, tossindo. Todos os meninos riram.

"Está tudo bem", disse seu filho. Ele deu um tapinha nas costas dela.

Cleo tentou sorrir, mas tossiu de novo, uma onda de náusea subindo por sua garganta. A sala rodou. Ela tropeçou em direção à porta para o frio lá fora, bem a tempo de vomitar na rua, agarrando-se à parede do bar para se firmar. Houve uma mudança sísmica; passara de dentro para fora sem saber como. O menino saiu e olhou o vômito, que era do mesmo branco espumoso da bebida de coco,

depois acendeu um cigarro.

"Você se sente melhor agora", disse ele.

Cleo assentiu e encostou as costas na janela do bar, enxugando a testa úmida com a palma da mão. Ela fechou os olhos. Um balé de cisnes dançava na frente dela. O menino colocou as mãos nos ombros dela. Ela viu o corpo de Frank, uma vírgula curvada no ar. O menino tirou o cabelo de seu pescoço. Frank estava mergulhando em direção ao coração dos cisnes. Ela abriu os olhos. O letreiro de martíni de néon salpicou o rosto do menino. Azul. Rosa. Azul. Rosa. Ele se inclinou para ela. Sua boca estava azeda por causa do vômito. Ainda assim, ela poderia deixá-lo. Seria muito mais fácil deixá-lo.

“Você pode me levar de volta?” ela perguntou, virando o rosto. "Para o hotel?"

"É cedo", disse o menino, bicando a lateral do pescoço dela.

“Por favor,” ela disse. Ela o empurrou gentilmente para trás.

“S'il vous plait...” disse o menino, imitando a voz dela.

Ele agarrou a cintura dela novamente. Seu rosto estava de volta em seu pescoço. "Allez", ele murmurou.

Cleo o empurrou para longe dela. O menino cambaleou para trás, lançou-lhe um longo olhar imperioso e jogou o cigarro na estrada. A brasa laranja rolou na brisa.

"Não." Ele encolheu os ombros.

"Não?" Cléo repetiu.

"Você vai", disse ele. "Eu não."

Cleo o encarou. Então ela se virou e começou a caminhar pela rua tranquila, passando pela fileira de postes de luz lançando suas poças de luz sulfurosa, em direção à estrada principal. O menino gritou algo atrás dela em francês que ela não entendeu. Ela enfiou o dedo do meio no ar acima da cabeça e continuou andando.

A euforia que sentiu ao partir rapidamente se transformou em pânico quando se viu caminhando pela estrada escura que levava de volta ao centro da cidade. O que levara minutos de bicicleta levaria quase uma hora a pé, ela percebeu. A balaustrada branca brilhava na escuridão. Ao longo da estrada, bancos de lavanda enchiam o ar com sua fragrância roxa. Um par de faróis apareceu à frente; Cleo se preparou contra seu brilho. Seu coração martelava. Pode ser qualquer um. Ninguém saberia se eles parassem e a puxassem para trás. O carro estava logo à frente. Ela cerrou os punhos e caminhou. Um ataque de luzes brilhantes, depois escuridão. Ele passou rapidamente sem diminuir a velocidade.

Sua respiração era superficial. As luzes do topo da cidade não pareciam mais próximas. Era interminável, insuportável. Ela pensou em deitar no meio da lavanda para dormir até clarear. Mas era frio e úmido naquela parte do país à noite; de manhã, as folhas dos limoeiros ficavam cobertas de gotas frescas de orvalho que queimavam ao sol. Outro carro se aproximava dela. Um novo tamborilar de medo em seu peito. Diminuiu a velocidade ao se aproximar dela. Ela estava presa nos fachos gêmeos de seus faróis, rígida de medo. Uma cabeça escura apareceu pela janela traseira.

O cabelo encaracolado de Frank foi recortado contra a encosta roxa. A voz de Frank estava chamando seu nome. E então ela estava correndo em direção ao sinal, e a porta se escancarou com o táxi ainda em movimento e Frank estava

tropeçando em sua direção, e ela se jogou nos braços dele, e os lábios dele estavam pressionando quentes e rápidos contra seu rosto, suas orelhas , seu cabelo, porque foi um milagre, contra todas as probabilidades ele a encontrou aqui neste trecho escuro da estrada, e agora todo o resto foi esquecido, perdoado, tudo o que importava era que ele estava aqui, segurando-a perto de seu familiar peito, e ela sabia o que era ser um milagre.

Mais tarde, quando estavam nus nos braços um do outro, o mosquiteiro respirando suavemente ao redor deles, Cleo virou-se para o perfil dele.

“Frankenstein,” ela disse, traçando o nariz dele com o dedo.

"Cleópatra", disse ele.

"Você está bem?"

“Do mergulho? Nem um arranhão.

"Não, eu quis dizer... Geralmente."

Ele virou para encará-la.

“Só estou estressado com o trabalho. Já ultrapassamos o orçamento para o ano e estou sendo forçado a contratar esta nova redatora porque ela é uma mulher...”

“Eu não estava perguntando sobre o trabalho.”

"Então o que?"

"Deixa para lá."

Ela se virou para desligar a lâmpada de cabeceira.

“Por que você aceitou essa aposta?” ela perguntou na escuridão.

Frank a puxou para mais perto,

“A história, Cley,” ele disse. “É uma história muito boa.”

CAPÍTULO OITO

Outubro

Milagrosamente , tenho um novo emprego. É um trabalho freelance em uma agência de publicidade como redator. Meu contrato é de três meses, com possibilidade de prorrogação. Eles chamam isso de “temperatura para permanente”. Eu amo esta frase. Além de ser um palíndromo adjacente, é extremamente útil. Todas as situações da vida se enquadram em uma dessas duas categorias. Por exemplo, o fato de você ter trinta e sete anos e atualmente morar com sua mãe em Nova Jersey, eu me lembro, é temporário. Mas o formato do seu queixo é, infelizmente, permanente.

*

Até recentemente eu morava em Los Angeles, trabalhando na sala do roteirista de um programa sobre um gato clarividente, mas devido a diferenças criativas acabei saindo. Na verdade, eu fui embora. As palavras exatas que eles usaram foram “convidado a sair”. Nem mesmo o gato viu isso acontecer.

*

Para o inferno com isso. Estou aliviado por deixar LA, aquele poço de ambição criativa disfarçado de cidade industrial. Pelo menos em Fair Lawn, Nova Jersey, a primeira pergunta feita nem sempre é "TV ou filme?" em um restaurante.

*

Estou sendo conduzido ao escritório por Jacky, o assistente do diretor criativo. Ela está na casa dos cinquenta, com um tufo de cabelo loiro e grandes olhos azuis, delineados, desconcertantemente, em mais azul. Jacky é como um poodle, pois seu exterior fofo esconde uma inteligência aguçada e astuta.

“Não,” ela diz quando vê onde estou sentada. “Nu-uh. Não vamos mantê-lo aqui. Ela se inclina sobre a mesa e digita números em um telefone com eficiência praticada. “Raul? Oi querida, é Jacky. Vou precisar de você para me ajudar a mudar um novo contratado. Nós a colocamos na mesa errada. Sim, vejo você em alguns minutos. Obrigada, linda.”

Ela desliga e se vira para mim.

“Há algo de errado com esta mesa?” Eu pergunto.

“Você é nossa única escritora mulher”, diz ela. “E um adulto de verdade. Você não está sentado no canto com os estagiários.

*

O único objeto na minha nova mesa quando chego é uma caneca que diz “ Sempre faça o que você ama”. Vai direto para uma gaveta.

*

Minha mãe está colhendo hortelã fresca no jardim para o chá quando chego em casa. Suas canecas têm diferentes espécies de pássaros pintadas nelas. Seu favorito é o pintassilgo. Ela me dá o cardeal vermelho. Ela só dá o melro para quem ela não gosta.

*

Matamos uma noite assistindo *Sing Your Heart Out* , uma competição de canto que parece exigir que os cantores tenham passado por uma vida difícil que vai desde o muito ruim (um pai morto ou leucemia) até o tipo de tristeza (um avô morto ou acumulação) para o realmente esticá-lo (um animal de estimação morto ou mono). Os competidores se revezam contando suas histórias em lágrimas em frente a uma parede anunciando uma bebida energética.

“Que música você cantaria?” pergunta minha mãe.

"Eu não sei", eu digo. “Algo sobre ser mulher? Você?"

"Oh, alguma música pop sexy", diz ela. “Realmente dê a eles um show.”

*

A sala da minha mãe tem dois sofás, o de comer e o de visitas. Uma redação que escrevi sobre a natureza na quinta série está pendurada na parede. Ela disse que sabia que eu era uma criança sensível quando leu a primeira linha: “O parque é um lugar de rara beleza e extremo perigo”.

*

Observo os faróis do carro riscarem o teto e tento fazer uma lista de tudo o que quero fazer com o resto da minha vida. Chego ao número três, “Encontre meus patins”, antes que a chuva comece a cair no telhado e eu me entregue para dormir.

*

Uma desvantagem da minha mesa atualizada é que agora me sento ao lado de um editor chamado Myke. Myke é alto e tem cabelos cor de areia com um rosto pálido e sem ossos. Ele parece um saque suave. Ele tem uma cesta de basquete em miniatura acima de sua mesa ao lado de uma foto do Karate Kid.

“Você já conhece o diretor criativo?” ele pergunta antes de perguntar meu nome.

"Ainda não", eu digo.

"Ele é o melhor", diz ele. “Ele ficou bêbado em nossa última festa de fim de ano e começou a distribuir notas de cem dólares. No ano passado, filmamos um anúncio de ambientador em Tóquio e ele mostrou a bunda para todo o Shibuya

Crossing de uma janela da Starbucks porque perdeu uma aposta. Todos esses japoneses estavam pirando.”

“E ainda assim, surpreendentemente, o teto de vidro ainda existe,” eu digo.

Myke revira os olhos e afasta a cadeira da minha mesa. “Não é porque ele é um *homem* que ele fez essas coisas”, diz ele. “É porque ele estava *bêbado* .”

*

Meu irmão Levi liga do norte do estado para me dizer que conseguiu um novo emprego no balcão de comida quente do supermercado local. Levi toca jazz experimental e ainda mora na mesma cidade onde fez faculdade. Tem um posto de gasolina e quatro igrejas. Ele divide uma casa com uma ninhada de seus companheiros de banda e sua namorada, que podem ou não ter sido desabrigadas antes de ficarem juntos. Ele me disse que a única coisa que ela possuía quando a conheceu era um secador de cabelo industrial.

“Parabéns pelo seu trabalho no balcão de comida, Levi,” eu digo.

“ balcão de comida *quente* ”, diz ele.

*

Antes de deixar LA, comecei um roteiro sobre dois parasitas, Scrip e Scrap, que vivem em uma pilha de lixo no fim do mundo. Quando fecho os olhos, vejo montanhas coloridas de lixo, sofás esqueléticos, carrinhos de bebê cobertos de musgo, livros com asas de pombo, embalagens de camisinha retorcidas, latas de tinta amassadas, computadores quebrados, colchas mofadas, televisores queimados... , Eu penso. Ou talvez uma comédia. Uma comédia infantil. Chama-se *Lixo Humano.*

*

Encontro Jacky fazendo café na cozinha do escritório. Ela está vestida um pouco como uma corretora de imóveis de Palm Springs da década de 1980, toda em tons de pôr-do-sol e ombreiras.

"Então, onde você estava antes disso?" ela pergunta. “Outra agência?”

Conto a ela sobre o show de gatos clarividentes, deixando de fora a parte sobre minha partida ignominiosa.

“Minha irmã tem três gatos”, diz Jacky.

“Algum deles é clarividente?” Eu pergunto.

"Não que eu saiba." Ela ri. “Não entendo o apelo de nenhum animal que caga em uma caixa.”

“Mais para cachorros?” Eu pergunto.

“Pessoa golfinho”, diz Jacky.

*

O diretor criativo vem se apresentar. O nome dele é Frank. Certa vez, ouvi um homem ser descrito como tendo tanta gravidade sexual que poderia ser seu próprio planeta. Não é exatamente assim que eu descreveria Frank, mas ele tem uma espécie de energia elétrica — movimentos bruscos, cabelos estáticos e

olhos estranhos e brilhantes — que envia uma corrente através de sua mão até a minha.

“O nome da minha mãe é Eleanor também,” ele diz e sorri. “Mas vou tentar não usar isso contra você.”

*

Antes de se aposentar, minha mãe ensinava inglês em uma escola para crianças superdotadas. Agora ela joga bridge com outras mulheres de sua sinagoga três noites por semana e faz cursos na Escola de Horticultura Profissional para melhorar sua jardinagem. Minha mãe é como um beija-flor, pois se ela parar de se mover, mesmo que por um momento, certamente morrerá.

*

Meu pai mora em uma casa de repouso para pessoas com Alzheimer não muito longe da casa de minha mãe. Ele era, até alguns anos atrás, um célebre OB-GYN. Meus pais se divorciaram quando eu tinha dez anos e meu pai foi morar com uma dermatologista brasileira, que por sua vez o trocou por outra mulher. Apesar de tudo isso, minha mãe ainda o visita uma vez por semana. Nós apenas nos referimos ao lugar onde ele mora como Aquele Lar. Não confundir com *uma* casa, que não é grande coisa.

*

Ginecologista judeu e dermatologista brasileiro. Deve haver uma piada em algum lugar, minha mãe gosta de dizer.

*

“Eu ouvi algo maravilhoso na televisão hoje!”

Minha mãe está me chamando da mesa da cozinha, onde está lendo sobre diferentes variedades de hortênsias. Entro e pego leite de soja na geladeira.

"Você não quer saber o que era?" ela diz.

"Você pode apenas me dizer, Ma", eu digo. “Você não precisa de um convite.”

“Morda minha cabeça, por que você não?”, diz ela, passando-me uma caneca. Pardal. “Bem, é por *sua causa* que eu me lembrei disso. Foi em um daqueles talk shows diurnos que eu nunca assisto. Um casamenteiro veio falar sobre namoro na era digital. E você sabe o que ela diz a seus clientes para dizerem a si mesmos todas as manhãs? 'Lembre-se, você pode se apaixonar hoje.' E pensei, aposto que Eleanor gostaria disso. Tenho certeza de que Eleanor acharia isso ótimo. Ela bateu as palavras com o lápis. "Você. Poderia. Cair. Em. Amor. Hoje."

você não se apaixona hoje, mãe?” Eu digo e acidentalmente bato a caixa com tanta força que respinga leite no balcão.

“Trapo debaixo da pia,” ela diz e volta para seu livro.

*

Não devo esquecer de encher o comedouro de beija-flores de minha mãe com

néctar. Acontece que o néctar é apenas açúcar fervido e água.

*

Estou sozinha, claro. Estou tão sozinho que poderia fazer um mapa da minha solidão. Em minha mente, parece a América do Sul, colossal, depois se desvanecendo em uma pequena ponta irregular. Às vezes estou tão sozinho que nem estou naquele mapa. Às vezes estou tão sozinho que sou a porra das Malvinas.

*

“Eu me jogaria de uma ponte, mas tenho medo de altura!” diz uma velha para outra enquanto carregam suas sacolas de compras para casa antes de mim.

*

Passo a manhã trabalhando em slogans de anúncios de metrô para uma empresa sueca de iogurte.

Eu sou uma boa ideia de laticínios.
Eu tenho cultura!
Colher-me…
Então me mate.

*

Levi me liga para dizer que começou a esculpir depois de ler um artigo declarando que é o antídoto perfeito para o estresse e as tensões da vida moderna. Eu digo a ele que eu poderia usar um pouco de talha também.

“Hmm, como vai o trabalho?” ele pergunta, mastigando algo alto no telefone.

“Eu sou uma máquina de trocadilho humana,” eu digo.

"Oximorônico", diz ele, mastigando. “Você não pode ser humano e uma máquina ao mesmo tempo.”

“Espero que você esteja colocando esse traço de pedantismo em uso no balcão de comida quente,” eu digo.

“Você sabe qual é o melhor antídoto para o tédio existencial?” ele pergunta.

"Diga-me", eu digo.

"Dor física."

*

Levi nasceu com o QI de um gênio, mas me preocupo que ele tenha fumado tanta maconha que pode estar reduzido a um rato de laboratório inteligente agora.

*

Myke insiste em falar comigo, apesar de não ter nenhum interesse verificável em mim como pessoa. Estou jogando um jogo comigo mesmo, onde vejo quantas perguntas posso fazer a ele até que ele me faça uma em troca. Até agora, estou

com nove. É como colocar moedas em uma máquina caça-níqueis sem esperança de ganhar um prêmio.

*

Estou no escritório até tarde quando Frank passa pela minha mesa.

"Ainda aqui?"

Digo a ele que estou esperando minha mãe terminar a aula no Jardim Botânico para poder levá-la de volta a Jersey.

“Ah, então você é um garoto do subúrbio”, diz Frank. “Quando eu estava no ensino médio, eles sempre foram os mais loucos. Você costumava se esgueirar para a cidade nos fins de semana também?

De alguma forma, não parece apropriado dizer a ele que passei meus fins de semana com meu namorado de 40 anos lavando roupas e ajudando a editar suas “memórias” sobre sua carreira nascente como piloto de corrida. Na verdade, não há nada nessa situação que pareça apropriado contar a alguém.

“Na verdade não,” eu digo.

“Ah, então você foi um bom ovo”, diz Frank.

“Mais como um ovo cozido,” eu digo.

“Leve, isso é engraçado”, diz ele. "O que isso faria de mim?"

Ele começa a rir. "Um ovo cozido", diz ele.

*

Ainda estou no escritório quando vejo um e-mail de Frank aparecer na minha tela.

Esqueci de perguntar como está indo lá com Myke.

Oh, tudo bem , eu respondo.

Posso ouvir Frank rindo da minha mesa.

*

Tudo sobre esta loja de presentes de bom gosto do Botanical Gardens me faz querer gastar dinheiro. Eu usaria uma tesoura de poda em forma de pelicano? Quem pode dizer?

Encontro um pano de prato que diz: “Você não para de jardinagem porque envelhece, você envelhece porque para de jardinagem”. Isso parece adequado para minha mãe de dedos verdes e inclinação aforística, então eu compro para ela.

Estou indo para a saída quando noto um Frisbee que diz “Você não para de jogar porque envelhece, envelhece porque para de jogar”. Em seguida, passo por um manequim de avental com os dizeres “Você não para de assar porque envelhece, envelhece porque para de assar”. Então noto a placa na estante. “Você não para de ler porque…”

Quando conto isso para minha mãe no caminho de volta para casa, ela ri tanto que derruba os vasos de narcisos no joelho.

“Você não para de falar merda porque fica velho”, diz ela.

“Você envelhece porque a vida é uma merda,” eu digo.

*

Comecei a ver animais mortos com o canto do olho. Alguns incidentes disso são compreensíveis, eu acho. Uma folha achatada na calçada parece mesmo um rato morto. Um tênis preto abandonado com cadarços tem praticamente o mesmo tamanho de um rato. Mas são as cabeças de vaca em latas de lixo e os corpos de guaxinim pendurados rígidos nas árvores que estou tendo mais dificuldade em explicar. Pesquiso no Google sinais precoces de esquizofrenia, mania e psicose.

"Acho que você precisa usar mais os óculos", diz minha mãe. "Outro dia, no banco, você leu 'Cheque Grátis' como 'Frango Grátis'."

*

Recebo a cópia de um novo empreendimento imobiliário no Upper East Side. Ele foi projetado para ser uma mini-metrópole. O resumo diz coisas como "Este modelo de vida de luxo é uma mistura progressiva de criatividade corporativa e de ponta - *tudo o que* um profissional urbano pode precisar".

Frank está trabalhando nisso comigo. Como nós dois somos vegetarianos, caminhamos juntos até a lanchonete de falafel na rua. Deveríamos estar falando sobre os 5,8 milhões de pés quadrados de escritórios comerciais, mas ele está me contando sobre seus animais de estimação na infância.

"A gata da minha mãe, Mooshi, agora ela era uma idiota", diz ele. "Brigitte era um lindo anjo, um persa, mas eles não se davam bem. Eu estava sempre convocando reuniões de família para fazê-los descobrir, mas eventualmente Brigitte desapareceu.

"Meu primeiro animal de estimação foi uma asa de corvo decepada", digo a ele. "Minha mãe me deixou guardar no galpão do jardim. Eu só tinha permissão para acariciá-lo se usasse luvas de látex do consultório do meu pai."

"Seu pai é médico?" pergunta Frank.

"Foi", eu digo. "De qualquer forma, quando a asa se partiu, eu tinha uma pena branca chamada Aranha que guardei em uma caixa de fósforos cheia de folhas mortas.'

"Ele não pratica mais?" pergunta Frank.

"Não," eu digo. "Um dia abri a caixa de fósforos e a pena sumiu, assim. Chorei todos os dias durante uma semana."

"Você deveria conhecer minha esposa", diz Frank. "Ela também faz isso. Antropomorfizar."

*

Por alguma razão, temos uma pilha de cartões de teste de Rorschach espalhados pelo escritório. Estou tentando me psicanalisar, mantendo-os virados para baixo e virando-os rapidamente para avaliar minha reação quando Frank passa e ri.

"Quatorze borboletas e uma vagina", diz ele. "Tudo o que você precisa saber."

*

Concordo em sair com o filho do corretor da amiga da minha mãe. Acabei de me cutucar no olho com meu pincel de rímel quando minha mãe ligou. Ela vai

passar a noite no That Home com meu pai. Posso ouvir *Sing Your Heart Out* ao fundo.

“Não faça isso que você fez esta noite”, diz minha mãe.

"Que coisa?"

"Você sabe."

"Não sei. É por isso que eu pedi."

“E lembre-se de *sugar* .”

“Tchau, mãe.”

"Uma última coisa", diz ela. "Você! Poderia! Cair! Em! Amor! Hoje!"

*

Quando pergunto ao filho do corretor o que ele faz, ele passa as palmas das mãos na frente brilhante da camisa e diz: “Eu ganho *dinheiro* ”.

Na verdade, ele está no setor imobiliário. Ele me conta sobre um novo complexo de edifícios sendo construído na ilha de Randall. No que me parece uma vitória para os oprimidos, o prefeito ficou do lado dos atuais moradores em uma disputa pelos direitos à terra.

“Estamos construindo o futuro”, diz o filho do corretor entre garfadas de torta de siri. “E eles querem se apegar a seus passados de aluguel estabilizado.”

Digo ao filho do corretor que se eu fosse prefeito de Nova York, implementaria uma política de desmembramento público para estupradores condenados. Seria uma guilhotina de pênis construída na ponte do Brooklyn. Originalmente, pensei que os pênis decepados seriam pregados ao longo da ponte ao lado das fotos de identificação de seus donos, mas agora acho que deveriam ser jogados para a multidão para serem despedaçados por mãos furiosas. Eu estaria disposto a garantir que dentro de um ano a taxa de crimes sexuais violentos cairia pela metade, pelo menos.

*

“Isso”, diz minha mãe no dia seguinte, depois que sua amiga liga para contar o que aconteceu. “Essa é a coisa que você faz.”

*

O casal ao meu lado no trem PATH usa jaquetas de couro que vão até os tornozelos. Eu me pergunto o que veio primeiro, as jaquetas ou o relacionamento.

"O que houve com você esta manhã?" ela diz.

"Eu estava apenas de bom humor", diz ele.

"Você estava de bom humor?" ela diz. “Isso não combina com você de jeito nenhum.”

*

Frank e eu estávamos voltando da lanchonete quando ele me perguntou como foi meu encontro. Eu tento dar-lhe os golpes gerais, mas é tarde demais, eu me pego relatando meus planos de prefeito mais uma vez.

“Haveria pôsteres meus no metrô,” eu digo. “Vestindo um smoking e segurando um pênis decepado como um microfone.”

*

Não direi nada estúpido pelo resto do dia. Se isso significa que não direi nada pelo resto do dia, ou todos os dias depois disso, que assim seja.

*

Recebo um e-mail de Frank. Diz:

Você poderia chamá-lo de guilhotina.

*

No aniversário de meu pai, trago para ele um livro sobre os pássaros de Nova Jersey. Faço o possível para observá-lo remexendo no papel de embrulho como se tivesse pratos de salada no lugar das mãos, depois desisto e arranco eu mesma. Eu passo o livro para ele; ele envolve em torno de seu sapato. Então nos sentamos e assistimos *Sing Your Heart Out* até que a TV seja a única luz na sala.

*

A doença do meu pai é algo que eu pensava ser temporário, mas agora sei que é permanente.

*

Frank e eu iniciamos uma cadeia de e-mails repleta de coisas perturbadoras que vivenciamos ao longo de nossos dias. A ideia por trás disso é que se um de nós teve que vivê-lo, o outro também deveria. Acho que é amizade ou algo assim.

Mulher cega tropeçando no meio-fio.

Ratinho bebê morto nos trilhos do metrô.

Uma camisinha vazia, mas aparentemente usada, do lado de fora do Gray's Papaya.

*

"Do que você está sorrindo?" pergunta minha mãe.

"Nada", eu digo. “E-mail de alguém do trabalho.”

“É a foto de um gato?” ela pergunta. “As meninas da sinagoga estão sempre me mandando fotos de gatos. Por que diabos eu quero olhar para os gatos?

“Eu acho que isso combina com o território de ser uma mulher mais velha,” eu digo.

“ *A menopausa* é a única coisa que acompanha o território”, diz ela. “Todo o resto é apenas marketing.”

*

Frank quer abrir um escritório em Paris. Ele está ouvindo fitas que supostamente vão lhe ensinar francês em um mês. Ele diz algumas frases para mim que soam

muito bem. Eles querem dizer "Você gosta de vegetais?" e "Você era bonita quando criança?"

*

Myke me disse que a esposa de Frank é uma artista da Inglaterra. Ele me diz que ela tem a idade fetal de vinte e cinco anos. Ele me disse que eles se casaram no verão e que ela veio ao escritório uma vez. Ele me diz que ela é *gostosa* .

*

“A única coisa que não vou tolerar é absolutamente nada menos que a perfeição”, diz a mulher de preto andando à minha frente na Quinta Avenida. Mais tarde, tento repetir isso para mim mesmo durante o dia. *A única coisa que não vou tolerar é absolutamente nada menos que a perfeição.* Boa tentativa, eu acho.

*

Todos que conheço são mais bem-sucedidos ou mais interessantes do que eu. Essa percepção não é nenhuma novidade. Na verdade, parecia que todo mundo que eu *não* conhecia também era mais bem-sucedido e interessante do que eu. Ainda me lembro da sensação de assistir a um show de talentos na TV quando criança e perceber que a dançarina era um ano mais nova que eu. Ela estava usando um vestido vermelho de lantejoulas e sapatos de sapateado. Ela parecia um rubi, uma joia humana girando no palco. Eu estava de pijama do TJ Maxx comendo cereal no jantar, já destinado a uma vida de mediocridade. Por que eu simplesmente não me recompus naquela época? eu tinha cinco anos! Eu poderia ter dado a volta por cima!

*

Conheço o amigo de Frank, Anders, que costumava ser o diretor de arte aqui antes de partir para algum título importante em uma revista de moda. Como é ser um homem hétero e solteiro de quarenta e poucos anos em um lugar como aquele, só consigo imaginar. Ele também é quase insultuosamente bonito. Quando Frank me apresenta, seu olhar desliza sobre mim como se estivesse examinando um artigo de notícias que percebeu tarde demais que não é do seu interesse, mas que de alguma forma deve terminar.

*

Recebo um e-mail de Frank. É um vídeo de flautistas peruanos tocando “Hotel California” na plataforma do metrô. Toda vez que chega ao que deveria ser o fim da música, ela recomeça.

Viveu isso por quinze minutos hoje , agora você também deve.

*

“Você está sorrindo de novo”, diz minha mãe.

"Uh-huh", eu digo. “Isso acontece às vezes.”

"Do que você está sorrindo?"

“Apenas coisas de trabalho.”

"No fim de semana? Você acha que eu nasci ontem. Quem é o cara?

“É *trabalho* , mãe.”

“Ok, então vocês dois trabalham juntos. Qual o nome dele?"

"Eu não quero falar sobre isso."

"Então, há algo para falar!"

Os cientistas que descobriram a vida microscópica em Marte soaram menos triunfantes.

"Não. Nada para falar, mãe,” eu digo.

"Ellie", diz ela mais calmamente. “Eu só gosto de ouvir sobre o que te faz feliz.”

Eu olho para ela. Ela está ficando menor a cada ano.

"Ok", eu digo. “Sim, nós trabalhamos juntos. O nome dele é... Myke. Com um 'y'. Isso é tudo que você está recebendo.

“Myke com 'y'!” Ela joga as mãos para o alto. “E *por que* não? Myke. Myke! Eu gosto disso. Um agitador chamado Myke!”

Eu saio da sala enquanto ela começa a imitar maracás. Ou devo dizer *myming* .

*

“Então, como as pessoas te chamam?” pergunta Jacky.

"O que você quer dizer?" Eu pergunto.

"Você tem um apelido ou algo assim?"

“Bem, minha mãe me chama de Ellie,” eu digo. “E eu costumava ter um namorado que me chamava de Nor, o que eu odiava porque achava que me fazia parecer um viking. Mas a maioria das pessoas me chama apenas de Eleanor.

"E quanto a Lee?" ela pergunta. “Se importa se eu te chamar assim?”

"Claro", eu digo.

"Combina com você." Ela acena com a cabeça. “Meio masculino.”

*

Minha mãe e eu estamos planejando passar o Dia de Ação de Graças naquele lar com meu pai. Não adianta viajar e, de qualquer maneira, não há nenhum lugar que eu possa pensar em ir. A ala da Casa em que meu pai mora se chama Memento Gardens, embora eu tenha ouvido os funcionários chamá-la de Memory Loss Gardens. Toda vez que penso nisso, quero agarrar a mão de meu pai, jogar gasolina no lugar, jogar um fósforo no ombro, acender um cigarro nas chamas e correr e correr com ele sem olhar para trás.

*

“Você sabe onde posso comprar maconha?”

Frank e eu estamos voltando do restaurante de falafel. Ficou frio de repente.

"Uau." Ele ri. “Grandes planos para o Dia de Ação de Graças?”

“Apenas coisas de família,” eu digo.

“Parece que você se sente sobre as coisas da família como eu me sinto sobre as coisas da família”, diz ele. “Claro, posso colocar você em contato com meu revendedor.”

"Eu agradeço."

“Para que servem os chefes? Mas devo avisá-lo. Não vá ao apartamento dele.

"Por que? Ele é perigoso?

"Deus não! Ele é um gatinho. Mas ele é um acumulador.

“Vou precisar de mais contexto.”

“O contexto é que ele não joga nada fora. Jornais amarelos até a porra do teto. Ele tem, tipo, doze televisores antigos, nenhum dos quais funciona. E quando você estiver lá, ele vai querer te mostrar tudo. Fiquei preso olhando para sua coleção de velhos bules lascados por vinte minutos. Faça um favor a si mesma e encontre-o na rua.

"Ok", eu digo. “Acumulador. Observado."

Frank me dá um olhar de soslaio. “Posso ir com você, se quiser.”

Eu tento suprimir o meu sorriso. "Isso não seria um pouco inapropriado?"

"Acho que passamos a cerca de dois quarteirões atrás."

“Dois quarteirões e dois meses atrás,” eu digo.

"Não." Frank agarra meu braço. “Nós nos conhecemos há tanto tempo?”

Um mês, três semanas e cinco dias.

“Por aí,” eu digo.

Frank diz alguma coisa, mas uma multidão de alunos se interpõe entre nós quando viramos a esquina. Ele gira para deixá-los passar, e eu perco as palavras.

*

Frank marca um encontro com o traficante depois do trabalho em uma esquina perto do Gramercy Park, o menos suspeito de todos os parques. Enquanto subimos, vejo um homem vestindo uma camiseta onde se lê “99% ANGEL” sob uma jaqueta de beisebol. Ele nos vê e corre até nós. Ele e Frank se abraçam. Ele põe a mão no bolso de Frank, e Frank põe a mão na dele.

"Irmão", diz ele.

"Meu homem", diz Frank. “Como estamos indo?”

"Feliz", diz ele. "Você?"

Frank sorri. “Não me matei nem a ninguém hoje.”

"Isso vai ajudar com isso", diz ele, apontando para o bolso de Frank.

“Esta é minha amiga Eleanor”, diz Frank.

O traficante me dá a mão para apertar.

“Qual é o outro por cento?” Eu aponto para sua camiseta.

Ele se vira e desliza a jaqueta pelos ombros. A parte de trás de sua camiseta diz “1%?”

“Todos nós temos um ponto de interrogação de um por cento”, diz ele, piscando para Frank.

“Preciso anotar isso”, diz Frank, rindo. “Isso é um slogan bem aí!”

Meus olhos se deparam com algo perto dos arbustos perto das grades do parque. Está parcialmente coberto por folhas marrons, mas é inconfundivelmente

um leitão morto. Seu corpinho é curvo como um C. Tem uma marca vermelha na lateral. Posso ver os pêlos brancos em sua pele rosa pálida, seus pés flácidos e escuros.

"Oh Deus", eu digo. “Há um leitão morto atrás de você.”

"Que porra é essa?" O dealer gira.

"Onde? Onde?" Frank está segurando meu braço.

O traficante começa a rir. "Você me assustou pra caralho", diz ele.

Ele caminha até a grade e a chuta com o pé. Observo o porquinho flutuar no ar. É uma sacola de compras rosa. Eu o encaro. Logotipo vermelho, alças pretas.

"Sua mente", diz ele. Ele balança a cabeça para Frank quando a bolsa rosa pousa suavemente entre nós. “Esse é um lugar que eu nunca gostaria de ir.”

Frank coloca a mão em volta do meu ombro e aperta enquanto nos afastamos.

“O apartamento dele”, ele sussurra, “é um lugar para o qual nunca *gostaríamos* de ir.”

*

“O cabelo está ótimo”, diz a senhora na fila do café à minha frente em seu telefone. “Mas, geralmente, estou desmoronando.”

*

Aquele Lar tentou decorar. Perus floridos caídos e chapéus de peregrino revestem as paredes. Encontramos meu pai na sala de jantar, sentado sozinho em uma das mesas perto da janela. Ele está vestindo um suéter grosso de lã com o cabelo penteado para trás em duas curvas suaves ao redor das orelhas. A gola de sua camisa se projeta desigualmente como a de um colegial desalinhado. Ele está olhando para frente com aquela expressão de medo e esperança que as crianças ficam quando seus pais se atrasam para buscá-las.

"Oi, pai", eu digo, inclinando-me para abraçá-lo.

Suas mãos grandes rolam em seu colo. Ele sorri para eles se desculpando.

“Trouxemos torta”, diz minha mãe, deslizando-a sobre a mesa. “Torta de noz-pecã para nossa torta querida.” Ela se abaixa para desabotoar o colarinho dele. Ele tenta afastá-la gentilmente, então se submete a esse manuseio com um olhar triste para o teto.

"Feliz Dia de Ação de Graças", eu digo. “Lembra como você costumava cortar o peru usando seu jaleco?”

Seu rosto se ilumina com o reconhecimento, então se apaga como um fósforo.

*

Finjo ter esquecido meu telefone no carro, depois fico no estacionamento fumando o baseado que Frank rolou para mim. Depois da primeira tragada sufocante, pego o jeito e consigo dar algumas boas tragadas, segurando a fumaça nos pulmões e exalando devagar. Tem um gosto nojento, como comer um saquinho de chá. Eu cuspo no cascalho e sigo em frente.

*

Tudo no meu prato é bege, exceto por uma faixa rosada de geléia de cranberry. É, no entanto, delicioso. Nenhuma comida jamais me satisfez tanto. Se eu pudesse abrir minha mandíbula como uma cobra e comer o prato inteiro, eu o faria. Quando olho para cima, meu pai está olhando à sua frente, com o garfo suspenso, uma mancha prateada de baba escorrendo pelo queixo.

“Dra. Rosenthal, você terminou?” Uma enfermeira sorridente de uniforme cor de pêssego se inclina sobre sua bandeja. O fato de ela ainda chamá-lo de Doutor me faz querer agarrar suas mãos e beijar seus dedos rosados.

“Você certamente estava com fome”, diz minha mãe para mim. “Você não tomou café da manhã?”

“Estou feliz que você tenha gostado,” diz a enfermeira, pegando minha bandeja.

Estou tentando pensar na coisa certa a dizer. Está na ponta da língua. A gentil enfermeira já se virou e está voltando para a cozinha quando se trata de mim. *Apenas o que o médico receitou.*

*

Minha mãe e eu caminhamos até o carro em silêncio.

"Bem, estou feliz por termos ido", diz ela enquanto saímos do estacionamento. "Ele parece bom, você não acha?"

“Muito bom,” eu digo, atrapalhando-me para colocar meu cinto de segurança. “Muito, muito bom.”

Ela estreita os olhos para mim pelo espelho retrovisor. Eu pisco para ela.

"Eleanor Louise Rosenthal", diz ela. "Você esta chapado agora mesmo?"

Não consigo evitar, começo a rir.

“Um por cento de ponto de interrogação?” Eu digo.

"O que em nome de Deus", diz ela. “Isso é influência de *Myke ?* Myke é fumante de maconha?

Abro a janela e rio até chorar.

*

Na Black Friday minha mãe me arrasta até o shopping para comprar os saldos. Ela está procurando especificamente por um novo toalheiro, já que o nosso atual desmorona se for usado com algo maior que uma flanela facial. Estamos vagando pelo corredor do banheiro da loja de artigos para o lar.

“Tem baixa autoestima”, diz minha mãe, referindo-se ao toalheiro. “Ele não acredita em si mesmo.”

“Talvez seja apenas preguiça?” Eu digo.

Sinto ressaca da erva e também de toda comida bege que consumi. À nossa frente, observo um homem carregando uma caixa de TV sobre a cabeça como um pequeno caixão.

“Você aprenderá, quando tiver seus próprios filhos, a não usar essa palavra. Quando eu dava aulas, nos diziam que a preguiça dos alunos é uma questão *de auto-estima* .”

“Eu não vou ter filhos, mãe.”

"Mm, vamos ver", diz ela. “Você sabe quem não tem problemas de estima?

Nossa máquina de lavar louça. Nunca se cala! Você notou como ele continua fazendo aquele zumbido mesmo depois que o ciclo acaba?”

“Não vou ter filhos. E é a sua máquina de lavar louça, mãe.

"O que você está falando?"

“É *a sua* máquina de lavar louça. Eu não paguei por isso. Tudo naquela casa é seu.

"Bem, o que é meu é seu, boneca."

“Não, mãe. O que é meu é meu. O que é seu é seu. Esse é o limite apropriado entre uma mulher adulta e sua mãe.”

"Por que você está tão chateado?"

Uma garota vestindo calças de pijama sob sua jaqueta longa e fofa se intromete entre nós para pegar um tapete de banheiro em forma de carinha sorridente.

“Eu não vou viver com você para sempre,” eu digo. “Tenho quase quarenta anos. É patético. Eu deveria ter meus próprios eletrodomésticos com seus próprios problemas de auto-estima.”

— Você não está nem perto dos quarenta, Eleanor, pare de exagerar. E eu nunca disse que você viveria comigo para sempre. Mas já que você está morando comigo agora , pensei que você gostaria de ser tratado como um membro desta família.

“Esta casa? Que casa! Somos só nós, mãe. Levi nem vem visitar. Pa pode muito bem *ser* um toalheiro. É só você e eu, e então vai voltar a ser só você e só eu.”

“Não fale assim do seu pai”, diz minha mãe.

"Você está brincando comigo? Ele *deixou* você, mãe. Para uma lésbica!

“E daí?” ela diz. “Todos os homens vão embora! Nós sobrevivemos a eles de qualquer maneira. Tenho novidades para você, querida, no final somos *sempre* só nós.”

“Todos os homens *te abandonam* !” Eu grito. “Eu ainda tenho uma chance!”

"O que exatamente você está me dizendo?" grita minha mãe.

“VOCÊ NÃO PODE SER O AMOR DA MINHA VIDA !”

Um homem empurrando um carrinho de compras lotado aparece no final do corredor, me lança um olhar apavorado e segue na direção oposta. Agarro-me ao porta-toalhas e curvo a cabeça.

“Quero mais, mãe”, digo. "Você não gostaria?"

*

Minha mãe me ignora enquanto esperamos na interminável fila do caixa. Ela me ignora quando aponto que a linha para “itens abaixo de 5” foi alterada para “itens abaixo de 50” para a Black Friday. Ela me ignora quando sugiro ir à praça de alimentação, onde comem seus pães de canela favoritos, que são do tamanho de sua cabeça e calorias para um dia inteiro, algo que ela quase nunca se permite comer. Ela me ignora quando pergunto se ela tem alguma ideia em qual dos três estacionamentos idênticos nós estacionamos, embora eu ache que ela simplesmente não saiba.

*

Estamos quase saindo do shopping e de casa livres quando uma mulher nos intercepta. Seu rosto está coberto de maquiagem da mesma cor da minha refeição bege do Dia de Ação de Graças. Seu cabelo está penteado para trás em um coque tão apertado que força suas sobrancelhas em arcos.

“Gostaria de desfrutar de um teste gratuito em nossas cadeiras de massagem Rock and Recline Zero Gravity?” ela pergunta. Eu olho em seus olhos. Pura mania.

"Estamos bem", eu digo.

“Mas”, diz ela, bloqueando nosso caminho com um sorriso feroz, “ele tem seis programas predefinidos exclusivos, cinco níveis de velocidade e intensidade e posições de gravidade zero em dois estágios inspiradas na NASA”.

“Nós realmente não—,” eu digo, mas ela já está conduzindo minha mãe para trás em uma das poltronas de pelúcia. Minha mãe afunda, atordoada, com as pernas e os braços envoltos em estofamento de couro.

“Não é incrível?” sorri a mulher. "Aqui."

Ela pega o toalheiro de mim e me guia até a cadeira em frente à minha mãe. Não adianta lutar. Parece que estou sendo comido pela cadeira, enrolado em sua língua de couro. Não é, devo admitir, totalmente desagradável. A mulher pressiona um controle remoto e ondas pulsantes de pressão sobem e descem pelas minhas costas, braços e pernas. Isso, imagino, é a sensação de ser digerido.

“Relaxante, hein?” diz a mulher. “Agora vamos tentar a configuração de gravidade zero.”

Ela pressiona o controle remoto novamente, e nossas cadeiras se erguem do chão com uma manivela, depois começam a girar para frente e para trás em seus suportes. Estou sendo pulsado, balançado, amassado e enrolado. Não faço ideia de onde termina meu corpo e começa a cadeira. Eu olho para minha mãe. Ela é pequenininha, devorada por todo aquele couro. Ela está olhando para mim. Nós nos aproximamos e nos afastamos um do outro.

“Eleanor!” ela chama por cima das vibrações da cadeira.

“Mãe!”

“Eu nunca quis que você tivesse menos!” ela diz.

*

Colocamos o toalheiro quando chegamos em casa. Duas canecas cheias de chá se equilibram na borda da banheira. Pintassilgo e francelho.

“Se você pudesse comprar qualquer coisa em todo aquele shopping, o que compraria?” Eu pergunto.

Ela fecha os olhos e pensa. Observo um sorriso se espalhar em seu rosto.

“Um abridor de latas elétrico”, diz ela.

Às vezes me preocupo que minha mãe esteja encolhendo em todos os sentidos.

*

Como não tenho namorado nem filhos, deveria ser fácil para mim passar minhas

noites escrevendo a comédia infantil *Human Garbage*, mas não é.

Abro meu navegador e digito “vendo animais mortos” novamente. Não parece ser uma doença que outros sofrem. Eu pensei que era impossível na era da internet encontrar algo que o tornasse verdadeiramente único, mas aqui estou. Volto a olhar fixamente para a tela. De alguma forma, ainda estou desenvolvendo o túnel do carpo.

*

Por fim, desisto e procuro o nome dela. É uma combinação de letras tão perfeita que faz meus dentes doerem. Encontro uma foto dela em uma mostra de arte. Ela está parada na frente de um nu espalhafatoso, olhando seriamente para a câmera. Seu cabelo está em uma longa trança rabo de peixe. Sua pele é da cor cremosa do leite integral. Ela está vestindo creme também, uma blusa de seda enfiada em uma longa saia ondulada. Pequenos anéis de ouro em suas orelhas. Ela é uma pérola. Uma pérola perfeita de uma garota.

*

Ok, então eu não sou bonita, loira ou britânica. Mas posso fazer piadas, ser legal com sua mãe e dar um boquete decente. Isso é o que eu tenho.

*

Jacky me convidou para almoçar. Quando passo por sua mesa, noto uma foto dela no oceano com um golfinho de cada lado, beijando sua bochecha. Em seu computador há um adesivo que diz “Golfinhos são os melhores amigos de uma garota!”

— Você é casado, Jacky? Eu pergunto durante o almoço.

"Não, querida", diz ela. “Administrar este lugar? Quando eu teria tempo?

"Mas." Eu olho para baixo. "Você gostaria de ser?"

“Não é meu estilo.” Ela sorri. “Mudar para a Flórida, esse é o plano. Nadar todos os dias. A maioria do meu pessoal está lá agora, de qualquer maneira. Ela se inclina para mim. "Por que? Você quer se casar?"

"Não." Eu balanço minha cabeça. Estou tentando encontrar as palavras. Por fim, digo: “Você tem muita sorte de ter encontrado golfinhos, Jacky”.

Jacky me dá um olhar engraçado. "Você tem sorte também", diz ela. “Frank me disse que você é um grande escritor. Você encontrou o que ama fazer.

Eu penso na sala do escritor em LA. As piadas, os homens, os sanduíches para cada refeição. Penso nas minhas noites sozinha na casa da minha mãe trabalhando em *Human Garbage* .

“Às vezes odeio o que amo fazer”, digo.

*

“O que procuramos”, diz o cliente imobiliário, “é uma escrita que o faça sorrir com a *mente* .”

*

Frank me disse que na Polônia eles traduziram *Os Flintstones* em rima, então soa como poesia.

*

Frank me diz que não há nada de vergonhoso em ser criativo para ganhar dinheiro. Ele me disse que John Lennon e Paul McCartney costumavam sentar juntos e dizer: “Vamos escrever uma nova piscina”.

*

Frank me disse que o slogan da Nike foi inspirado nas últimas palavras de um assassino em Utah. Momentos antes de ser executado em 1977 por um pelotão de fuzilamento, ele aparentemente se virou para eles e disse: “Vamos nessa”. Eu digo a ele, isso parece certo.

*

Digo a Frank que, em minha experiência, quanto melhor o tiro na cabeça, mais louco o ator.

*

Digo a Frank que minha pintura favorita é o retrato de Hans Holbein de Thomas Cromwell no Frick. Há um pedaço de carpete na frente dele que cresceu careca dos milhares de pés que ficaram diante dele. Eu digo a ele que acho que é uma boa coisa esperar na vida, que o tapete fique fino diante de você.

*

A namorada de Levi se levantou e foi embora. Ela conheceu um Hell's Angel canadense em um bar e fugiu, que é o tipo de coisa que acontece no mundo de Levi.

“Eu deveria saber que ela não era certa para mim,” Levi diz. “Quando ela desenhou o flyer da nossa banda usando Comic Sans.”

*

Minha mãe encontra um beija-flor morto no jardim. Isso parece ameaçador. Ela o leva para a cozinha e o coloca sobre o pano de prato que lhe dei. De perto, é notável. Uma joia emplumada. Seu bico é do tamanho de uma agulha. Seus minúsculos olhos negros estão abertos e brilham como ônix.

“Talvez eu possa enchê-lo e usá-lo como um alfinete?” ela diz brilhantemente.

*

Aquele velho com quem namorei no colégio está morto agora. Eu sei disso porque encontrei minha ex-colega de classe, Candi Deschanel, do lado de fora da Home Depot e ela me disse: “Aquele velho com quem você namorou no colégio está morto agora”.

Candi tem um bebê no colo e mais duas crianças enroladas nas pernas. Estou

carregando um saco extragrande de alpiste para minha mãe.

*

Mais tarde, procuro o nome dele. Há um pequeno obituário online escrito por sua família. Foi um acidente com o cortador de grama. Eles não são tão incomuns quanto você pensa, o obituário tem o cuidado de apontar.

*

Um piloto de corrida morto por seu cortador de grama. Deve haver uma piada em algum lugar.

*

O par de estudantes do ensino médio ao meu lado neste trem PATH sabe muito mais sobre a vida do que eu.

“Eu estava tentando ser, tipo, hiper-racional”, diz a primeira garota. “E explique a ele que ele não pode me tratar dessa maneira.”

“Isso é inteligente”, diz a amiga.

“Mas todos os meus *sentimentos humanos* atrapalharam”, diz a primeira garota.

“Isso acontece”, diz a amiga.

*

Há uma mensagem de voz no telefone da That Home nos informando que houve um incidente com meu pai. Minha mãe ainda está na aula de botânica, então ligo de volta. Quando toca, eu me agacho no chão como se estivesse prestes a fazer xixi, algum instinto atávico de que é mais seguro lá embaixo. No momento em que sou transferido para a enfermeira, minha testa também está inclinada para o chão. Balanço-me para a frente e para trás na ponta dos pés e murmuro baixinho até ela entrar na linha.

Ela explica rapidamente que meu pai conseguiu esconder um cartão de crédito antigo e encomendou centenas de dólares em produtos de infomerciais diurnos para That Home.

“Os pacotes estão chegando há alguns dias”, diz ela. “É contra a política que os pacientes recebam correspondência comercial.”

"Você não poderia ter mencionado em seu correio de voz", eu digo muito baixinho para o chão. “Que o incidente com meu pai idoso e enfermo foi da *porra do comércio* .”

*

Eu dirijo até That Home e encontro meu pai encolhido sozinho em seu quarto como um cachorro que comeu o bolo de aniversário.

"Oi, Pa", eu digo baixinho, ajoelhado ao lado de sua cadeira.

Ele está segurando a ponta da cortina e esfregando o canto protuberante para frente e para trás com o polegar. A luz do sol entra pela janela. Eu coloquei

minha mão em seu braço. Ele a empurra para longe.

"Você não está em apuros, Pa", eu digo.

Ele se atrapalha para pegar um punhado melhor da cortina e puxa-a lentamente sobre o rosto.

*

As coisas que ele comprou foram confiscadas e guardadas na enfermaria. *Confiscado?* Eu quero gritar. *Ele é um médico! Ele foi para Princeton!*

Pego uma tesoura emprestada e corto pacotes abertos no saguão. Há uma bengala retrátil, um prendedor de cabelo, dois conjuntos de caligrafia, algo chamado “Ímã de explosão de gordura”, uma almofada de pescoço roxa em forma de panda e uma panela à prova de arranhões.

“Aconselho você a devolvê-los”, diz a enfermeira.

Carrego as caixas até o carro e sento no banco da frente preenchendo as etiquetas de devolução. Não há, compreensivelmente, nenhuma caixa para doença neurodegenerativa em “Motivo da devolução”, então eu vou com “O produto não atendeu às expectativas do cliente”.

Sento-me e observo o céu ficar cinza. Uma enfermeira com uniforme lavanda sai para fumar um cigarro. Um grupo de pombos gira em espiral no ar. Pego o travesseiro de pescoço de panda e o enfio debaixo do braço.

“Ele está guardando isso,” eu digo enquanto passo pela enfermaria.

*

Frank e eu estamos trabalhando até tarde, supostamente na apresentação para esta empresa imobiliária.

“Isso é ruim, mas não tão ruim quanto meu primeiro trabalho de cópia”, diz Frank. “Era para um restaurante chinês. Tantos trocadilhos wok.

“Como 'wok 'n' roll'?” Eu ri.

“Todas as óbvias já haviam sido tiradas”, diz ele. “Estávamos recorrendo a coisas como 'Desbaste o velho wok'. 'Wok risonho da cidade'…”

“'Entre um wok e um lugar difícil.'”

"Veja, você é natural", diz ele. “Eu queria que o slogan fosse 'Não seja um woksucker', mas eles não morderam.”

Frank põe a mão, com a palma para cima, sobre a mesa. Eu penso em beijá-lo. Apenas essas duas partes de nós, meus lábios e a palma da mão dele, estão em comunhão. eu sento em minhas mãos, mas minha cabeça continua puxando para frente como se estivesse tentando pegar maçãs. É ouvir minha boca.

*

Levi me liga para dizer que está trabalhando em um álbum solo sobre sua separação. Chama-se *Table for One... Não perto da janela.*

*

Encontro este verso de Sáenz e envio por e-mail para minha mãe:

Quero sonhar um céu / Cheio de beija-flores. Eu gostaria de morrer em tal

tempestade.

Ela responde:

Acho que prefiro morrer dormindo como a tia Louise.

*

“Mas esses conceitos podem ser adquiridos?” pergunta o cliente imobiliário em riscas. “Estamos usando linguagem e fraseologia que são nativas nossas?”

“Vou ter que pará-lo no indígena”, diz Frank.

A reunião não correu bem.

*

“Você e eu merecemos uma bebida”, diz Frank quando deixamos os escritórios do cliente imobiliário no centro da cidade. “Ou doze.”

Vamos a um bar irlandês na esquina que cheira a nozes salgadas e decepção. Acho que Frank está preocupado em perder o cliente, e presumo que seja por isso que ele pede três uísques para cada um dos meus spritzers de vinho. Logo ele está olhando para mim como se estivesse tentando me ver através de águas escuras e turvas.

"Tudo bem, Sr. J. Daniels", eu digo. “Vamos levar você para casa.”

Tento chamar um táxi para ele na rua enquanto ele me contorce em uma meia-dança. Ele pega um parquímetro e encosta a bochecha contra ele, desamparado, piscando para mim através dos óculos.

"Eu não quero ir para casa", diz ele.

Meu coração dispara. O que posso dizer sobre isso? *Por que você não vem para casa comigo em Nova Jersey, apenas tente não acordar minha mãe?*

“Sua esposa vai ficar preocupada com você,” eu digo.

Ele suspira. "Você está certo", diz ele. “Quando você está certo, você está certo!” Ele gira em torno do medidor sem tirar os olhos de mim. “Você é uma pessoa tão legal, Eleanor.”

“Você também é uma boa pessoa, Frank,” digo por cima do ombro enquanto faço sinal para um táxi gratuito.

Frank balança a cabeça com os olhos turvos.

"Não, eu não sou", diz ele. “Eu sou um homem mau.”

O táxi para e eu abro a porta para ele.

"Bad, bad man", ele repete enquanto abre caminho para o banco de trás.

Inclino-me para falar com ele antes de fechar a porta.

"Você não é um homem mau, Frank", eu digo. “Você só está bêbado.”

"A mesma coisa", diz ele, caindo para trás nos assentos.

Ele está rindo quando eu fecho a porta, mas não soa como se ele achasse isso engraçado.

*

No e-mail que convida a todos para a festa de fim de ano do escritório, há um aviso de que a empresa não pagará a fiança de ninguém preso este ano. Pergunto a Myke se isso é uma piada.

“Você não ouviu? Há dois anos, um estagiário e um executivo de contas foram flagrados chupando na rua. Frank teve que socorrê-los. Lendário." Myke balança a cabeça com admiração. “Absolutamente lendário.”

*

Passo aproximadamente três horas e meia me preparando para a festa, que é a mais longa que já me preparei para qualquer coisa na vida, incluindo meu SATs. Fui ensopada, esfregada, esfregada, raspada, depilada e untada com loção. Meu cabelo foi lavado, seco com secador, enrolado novamente e embebido em spray de cabelo. Apliquei todos os cremes e pós que possuo no meu rosto. Espalhei perfume no ar e caminhei por sua nuvem úmida.

*

Também fiz algo que nunca faço, que é comprar roupas. Pego um novo par de meias da embalagem e coloco-as. Eles eram incrivelmente caros, mais caros do que se poderia imaginar que duas bainhas minúsculas de tecido de náilon poderiam ser plausivelmente, mas o mundo da moda está cheio de tais esquisitices. Eu os coloco com o maior cuidado, sabendo que se eu escalá-los com uma das minhas unhas de hobgoblin, certamente terei que me matar. Eu fecho meu vestido preto novo e calço um par de sapatos de salto alto. Pego um Lip Smacker com sabor de bolo de aniversário que tenho desde o colégio e jogo na bolsa, só por precaução.

Por fim, paro diante do espelho e vejo... barriga macia, cabelo áspero, lábios finos, cintura grossa. Eu sou um judeu vestido de travesti.

*

Ok, então eu não sou bonita. Algumas pessoas têm diabetes. Algumas pessoas têm seis dedos. Algumas pessoas são pegas em incêndios florestais e sofrem queimaduras de terceiro grau em todo o corpo. Algumas pessoas têm dores de cabeça que ignoram por meses e, finalmente, vão ao médico apenas para descobrir que é um tumor cerebral que as mata em semanas, sem nunca atingir o potencial de sua vida. Eu não acabei bonita. Grande grito.

*

Eu gostaria de escapar despercebido, mas minha mãe está na sala, debruçada sobre um de seus livros de jardinagem, esperando por mim. Ela olha para cima com os óculos enganchados na ponta do nariz.

"Oh", ela suspira. "Você está lindo."

Eu aliso a frente do meu vestido.

“Não é como um judeu travestido?”

“Essa bobagem que você fala”, resmunga minha mãe. Ela se levanta e me dá um beijo, aperta minha cintura. "Vai se divertir. E lembre-se *de sugar* .

*

Pego o trem PATH para a cidade. Há dois estudantes universitários sentados na minha frente falando alto sobre o clube que estão indo. Algo sobre serviço de garrafa. Os finais de suas frases se transformam, como rabos de baleia, em perguntas.

Ainda assim, deve ser bom ter companhia. Estou carregando a pequena bolsa de noite de cetim da minha mãe, que mal comportava o Lip Smacker, muito menos algo para ler. Às vezes não compensa fazer esforço, estou aprendendo.

*

As portas do elevador se abrem para revelar Jacky balançando em uma escada, segurando uma bola de discoteca acima de sua cabeça.

“Quem quer que seja, me ajude!” ela grita por cima do ombro.

“Sou eu, Jacks,” digo, segurando-a firme enquanto ela enfia o alfinete no ladrilho esponjoso do teto. Ela desce e limpa o brilho de suas mãos em seu vestido de suéter vermelho. Ela está usando um grande par de chifres de rena.

“Tínhamos um extra, então pensei...” Ela me examina de cima a baixo e solta um longo assobio. "Uau. Olha quem resolveu aparecer na festa.”

*

Frank está falando com todo mundo, menos comigo. De alguma forma, fico preso em uma conversa com um dos caras da imobiliária. Claramente eles não estão planejando nos deixar antes de aproveitarem o open bar.

“Você tem planos para as férias?” Eu pergunto.

“Eu tenho que voar para a porra de Ohio para ver minha ex-mulher e nossos filhos.”

“Ah,” eu digo. “Bem, ouvi dizer que Ohio é...”

“Eu poderia ter ido para o Havaí”, diz ele. “Mas, em vez disso, vou ter um pesadelo.”

"Uh-huh", eu digo, procurando por Jacky. "E você vai ficar em pesadelo por muito tempo?"

"Não", diz ele, a contragosto. “Temos uma programação: leite, biscoitos, presentes, foda-se.”

Estou prestes a dizer a ele que gostaria de implementar a última parte desse cronograma agora mesmo quando vejo Frank, como um arcanjo, descer sobre nós.

"Você está dizendo a um dos meus escritores para se foder, senhor?"

O cliente ri desconfortavelmente e pega sua bebida. Frank dá uma desculpa para mim e nos afasta. Ele coloca um braço sobre meu ombro e inclina seu rosto próximo ao meu. Seu hálito cheira a vodca e suco de laranja.

"Desculpe sobre a outra noite", diz ele. “É a estação para se envergonhar na frente de seus colegas de trabalho, aparentemente.”

“Não foi nada,” eu digo. “Foi bom.”

"Bem, você é um campeão", diz ele. “E obrigado por lidar com aquele cara. Ele sempre parece que acabou de entrar em um quarto de hotel ruim. Você notou isso?

Eu olho para Frank. Essa era a coisa sobre ele. *Ele* notou isso. Ele notou as

pessoas. Foi o presente dele. Ou realmente, foi o presente que ele te deu. Ser visto.

"O que?" diz Frank, olhando para mim.

"Nada", eu digo. "Você está bonita."

"Olha quem está falando", diz ele.

*

"Você se divertindo?" um estagiário com nariz de Rudolph pergunta a outro.

“O único lugar em que quero estar em uma festa”, diz o segundo estagiário, “é debaixo dos casacos, dormindo”.

*

Estou dançando devagar, com os braços estendidos, ao som de “Last Christmas” do Wham. Essa é minha música favorita de todos os tempos. É cheio de pathos e insight. Talvez a verdadeira tragédia aqui não seja que o coração de George Michael foi dado, mas que esta bela canção é relegada a apenas um mês do ano, quando sua mensagem de amor não correspondido levando a uma resolução cada vez mais profunda de escolher parceiros mais merecedores é inegavelmente relevante ano. -redondo.

“Você não costuma beber muito, não é, querida?” é o que Jacky diz quando eu digo isso a ela.

*

Myke e eu estamos pulando para cima e para baixo, e não consigo parar de rir. Sua impressão de um gabarito irlandês é hilária. Nós dois enrolamos enfeites em volta do pescoço, e também é hilário, além de quente e coceira. Sinto um calor abrasador em relação a toda a humanidade. Não há ninguém que eu não beijaria na boca agora. Myke e eu agarramos um ao outro pelos pulsos e giramos em um loop apertado e vertiginoso. A sala é um redemoinho extático de máquina de algodão-doce.

E então eu a vejo. A Pérola. Seu cabelo é uma cortina dourada caindo pelas costas. Ela está usando o que parece ser um macacão de seda e chinelos dourados. Ao lado dela está um homem incrivelmente magro vestindo um suéter de mohair e calças de vinil brilhante. Solto as mãos de Myke e paro de girar. Eu olho para ela. Toda a luz da sala a reflete. Myke olha para Frank, que está olhando para mim, que está olhando para ela. Ela está se virando e dizendo algo que faz sua amiga rir.

Bem, penso eu, este é um golpe terrível para todos nós.

*

Estou tentando chegar ao banheiro quando acontece: somos apresentados.

"Querida, você conheceu a esposa de Frank, Cleo?" Jacky agarra meu braço. Percebo que seus chifres estão tortos e um punhado de cabelo ficou preso nas pontas superiores. Eu me atrapalho para desenrolar o enfeite em volta do meu pescoço. “Lee é uma dádiva de Deus. Tanto talento, *e* ela é uma mulher.

"Eu posso ver isso."

Cleo sorri para mim. Eu tento olhar para o rosto dela. Ela é mais bonita e menos bonita do que eu esperava. Ela é o tom mais claro de creme, com olhos verdes menta. Suas sobrancelhas são loiras invisíveis acima de um nariz estreito e um queixo pontudo e elfo. Seus lábios são duas listras finas de rosa. Há algo mal ali, desbotado, sobre ela, como um pedaço brilhante de tecido branqueado pelo sol.

"Eles têm sorte de ter você", diz ela.

O sotaque britânico - eu tinha esquecido. Ela é o charme personificado.

"Obrigado", eu digo. "Adeus!"

*

Poderia ter sido melhor, mas definitivamente poderia ter sido pior, é minha avaliação honesta daquela reunião enquanto vomito no banheiro.

*

Saio do banheiro e descubro que um dos designers gráficos júnior caiu em uma cadeira e está tentando fazer um discurso.

“Vocês são, tipo... vocês são como uma família para mim,” ela consegue dizer antes que seu rosto se desfaça em lágrimas.

Há um momento desconfortável enquanto todos nós a observamos sendo ajudada a sair da cadeira por sua amiga e conduzida, ainda fungando, para longe. Frank se levanta e bate palmas.

"Ok, obrigado por essa mensagem comovente, Courtney", diz ele.

“O nome dela é Corey!” sua amiga grita por cima do ombro enquanto eles saem.

“Bem, eu concordo com ela”, diz Frank. “Somos *como* uma família.” Ele olha ao redor da sala. As pessoas acenam com a cabeça vagamente. "E eu não sei sobre você." Ele levanta o copo sobre a cabeça. “Mas eu preciso beber muito para estar perto da minha família. Então mazel tov!”

Todo mundo está rindo. Todos menos Cleo.

*

“Qual é a sua resolução de ano novo?” um estagiário pergunta ao outro.

“Abandone meus antidepressivos para sempre”, diz o segundo estagiário. “Estou cansado de me sentir insensível às alegrias da vida. Seu?"

O primeiro estagiário se abaixa para puxar a bainha da calça.

"Meias da moda", diz ele.

*

Estou de pé ao lado da mesa de lanches bebendo água e biscoitos de figo para ficar sóbria quando Cleo se aproxima de mim. Eu olho em volta. Não Frank.

"Eu simplesmente amo o seu cabelo", diz ela.

“Oh,” eu digo, limpando as migalhas da frente do meu vestido. "Obrigado. O seu também é bom.

"O meu é todo plano e blá", diz Cleo. “O seu é muito mais emocionante.”

Eu conheço esta dança.

"De jeito nenhum", eu digo corajosamente. “Sempre desejei ter cabelos lisos enquanto crescia. O seu é exatamente o que eu queria.

“E eu sempre quis cachos.” Cleo ri levemente. “Se ao menos pudéssemos trocar.”

“Se ao menos,” eu digo.

Nós olhamos um para o outro. Essas duas palavras, tão cheias de saudade, pairam no ar entre nós.

“Como ele gosta de trabalhar?” ela pergunta.

“Frank? Ele é muito esperto. E, hum, engraçado. E apenas um sujeito decente em geral.

Esta última parte eu digo inexplicavelmente com um sotaque cockney. Eu me pergunto se algum dia serei capaz de me olhar nos olhos novamente. Cleo sorri generosamente para mim.

"Estou feliz", diz ela. “Que ele é legal.” Ela se inclina para mim de forma conspiratória e mantém meu olhar. Tenho a ideia maluca de que ela pode estar prestes a me beijar na boca quando diz: “Lee, posso te perguntar uma coisa? É um pouco delicado...”

Sua amiga de suéter felpudo nos interrompe. “Cley, você sabe se podemos fumar aqui?” Ele nos dá um rápido olhar de avaliação. "Vocês dois estão prestes a dar uns amassos ou algo assim?"

Cores Cléo. Ela está tão pálida que você pode literalmente observar o sangue subir à superfície de sua pele.

“Este é meu amigo Quentin”, diz ela.

“ *Melhor* amigo”, diz Quentin.

Não ouço ninguém ser referido assim desde o ensino médio. Era isso, eu percebi. Cleo, sua vida, seus amigos, ainda eram de menina. Eu parecia mais velho que ela quando tinha dezoito anos. Eu provavelmente *era* mais velho que ela quando tinha dezoito anos.

“Você terá que perguntar a Frank se pode fumar”, diz Cleo.

Como se conjurado por seu nome, Frank aparece com Anders a reboque. Não tenho certeza, mas acho que vejo uma centelha de pânico em seus olhos.

“Vejo que você está conhecendo o verdadeiro marido de Cleo”, diz ele, dando um tapinha nas costas de Quentin.

Quentin olha para Cleo com orgulho territorial.

“Eu sou Eleanor, a propósito,” eu digo.

“Frank, estou fumando aqui, ok?” diz Quentin.

“Seu nome é Eleanor?” pergunta Cléo.

“Vocês estão ótimas”, diz Anders. “Amei os vestidos.”

“O de Cleo é um macacão”, diz Quentin.

“ *Você é* Leonor?” Cleo diz novamente.

“Ame o macacão então”, diz Anders.

“Você pode fumar pela janela ali”, diz Frank.

Quentin revira os olhos e tira o cigarro apagado da boca. — Você vem, Cleo? ele pergunta, embora seja mais uma exigência.

"Um segundo", diz Cleo, voltando-se para mim.

"Você... Você pensou que eu era outra pessoa?" Eu pergunto a ela.

“ *Cleo* ,” reclama Quentin.

“Eu disse me dê um segundo,” diz Cleo com um leve tom de voz.

Ela se vira para mim. Observar Cleo compor o rosto é como assistir a um vaso se espatifar. Todas as peças de repente se juntam novamente.

“Pensei que seu nome fosse Lee... fiquei confuso.”

“Cley, você pode vir me ajudar a trazer os presentes do Papai Noel Secreto?” interrompe Frank. Seu rosto está todo contraído e tenso.

"Por favor, desculpe-me", diz ela, seguindo-o para longe. Ela parece estranhamente atordoada.

“Típico”, cospe Quentin e sai furioso para fumar sozinho pela janela aberta.

E assim fico com Anders. Ele está olhando para a árvore de Natal, piscando um olho, depois o outro, no ritmo das luzes piscando.

*

Pego o elevador até o saguão. Um grupo de contas que as pessoas vêm fumando do lado de fora. Não quero que vejam meu rosto, então me curvo como se estivesse tentando amarrar meu sapato. A risada deles ricocheteia no chão. Eu pego meu telefone. Só toca uma vez.

"Mãe", eu digo baixinho.

"O que está errado?" ela diz.

"Eu tenho que te dizer", eu digo.

"O que é?" ela diz. “Você precisa que eu vá buscá-la? Estou pegando minhas chaves.

Balanço a cabeça, embora ela não possa me ver.

“Ele é casado, mãe.” Eu digo. “Ele é casado com outra.”

Eu coloco minha mão sobre minha boca para acalmar os pequenos ruídos de engasgo que estou fazendo.

“Myke é casado?”

"Não, Frank é casado." Eu rio sem querer e esfrego ranho na manga. “Myke é um idiota.”

Há silêncio do outro lado. Eu a ouço expirar.

"Oh, Ellie", diz ela. “Achei que você ia me contar algo realmente terrível, como se estivesse voltando para Los Angeles.”

*

Na manhã seguinte, minha mãe faz panquecas para mim antes do trabalho, enquanto deito a cabeça nos braços e gemo. Lá fora, está nevando. Tento inalar os flocos enquanto caminho para o trem. Eu preciso de algo puro dentro de mim. Finalmente uma pousa na minha língua. Nada.

*

"Como está a correr o teu dia?" Jacky me pergunta.

Eu levanto minha cabeça de meus braços.

“Não é nenhum beijo de golfinho duplo,” eu digo.

Jacky ruge de tanto rir.
"Nada é, querida", diz ela.

*

É um dia antes do escritório fechar por duas semanas. Frank e eu estamos caminhando para almoçar quando um judeu ortodoxo se aproxima de nós. Ele pergunta se somos judeus. A metade errada, diz Frank, mas eu digo a ele que sou. Ele sorri e me deseja um feliz Hanukkah.

A metade errada . Continuo repetindo a frase em minha mente enquanto caminhamos. Quero dizer a Frank que não existe uma metade errada, nenhuma metade na verdade, que se houvesse, estaríamos ocupados nos dividindo pela metade repetidas vezes até chegarmos ao pequeno quadrado de nós que era bom e então estaríamos todos sejam livres para amar e serem amados.

"Vamos atravessar o parque", diz Frank, me cutucando na direção dos portões.

Aperto os olhos para a luz do sol gelada. O caminho brilha com uma fina camada de gelo. Tudo é duro e brilhante, como se eu estivesse olhando de dentro de um diamante.

“Então, você é judeu?” Frank diz.

"Você não poderia dizer?" Eu digo.

“Minha mãe sempre quis que eu me casasse com uma judia”, diz ele.

“Acabei de perceber que o casamento é a definição de temporário”, digo.

"O que?" diz Frank.

"Temporário para permanente", eu digo. "Isso é o que eu sou."

“Ah, você está com permanente”, diz Frank. "Você é tão permanente quanto eles vêm."

Uma brisa cheia de luz e gelo nos envolve. Um policial sentado em um banco desembrulha um Hershey's kiss de prata. Crianças gritam em êxtase em um playground fora de vista. Paramos de andar. Frank está olhando para mim. Estou olhando para Frank. Este é um lugar de rara beleza e extremo perigo.

CAPÍTULO NOVE

Janeiro

Ela não está feliz”, disse Frank.

Ele estava em seu escritório com vista para o Madison Square Park, que estava coberto de manchas de gelo sujo. O céu era de um cinza plano. Era a época do ano em que o inverno deixava de ser festivo e se tornava uma prova de resistência que durava até a primavera. Restava talvez uma hora de luz do dia. Pelo telefone, ele podia ouvir o clique do isqueiro de sua mãe, a primeira tragada.

“Não entendo essa obsessão pela felicidade”, disse ela. “Felicidade é como o letreiro de Hollywood. É grande, é inatingível e, mesmo que você consiga chegar lá, o que há para fazer além de descer?”

"Mãe!" Frank disse. "Por favor! Estou te pedindo ajuda.”

"Tudo bem, tudo bem. Diz-me o que se passa."

Frank embaçou a janela com a respiração e distraidamente escreveu seu nome em letra cursiva.

"Estamos lançando para um novo cliente", disse ele. “Uma bebida energética chamada Kapow!”

“Nome idiota”, disse a mãe.

"Você está me dizendo", disse Frank. “O ponto de exclamação faz *parte* do nome.”

"Eu podia ouvir isso", disse ela. “De alguma forma eu pude ouvir isso.”

Frank riu.

“De qualquer forma, se vencermos, vou viajar muito mais, até mais do que estou agora. E, bem, estou preocupado em deixá-la.

“Quais são as chances de você conseguir?”

Frank sorriu apesar de si mesmo.

“Somos o azarão, mas temos uma chance. É dinheiro, mãe. Tipo pagar o resto da mensalidade da faculdade de Zoe e conseguir um apartamento maior.

"Bom para você, Frankie." Ele a ouviu exalar fumaça. “Vá atrás do que você quer na vida, não importa o que digam.”

"Mm", disse Frank. "Como você fez?"

Crescendo, sua mãe estava sempre em uma viagem de esqui ou outra. E, antes que ela parasse de beber, em um bar qualquer. Ela não gostava do calor, então o mandava para um acampamento cristão de verão em Minnesota todos os anos e passava agosto em Zermatt, na Suíça, onde nevava 365 dias por ano. Ela não gostava das outras mães, então nunca ia às peças da escola ou às competições de

mergulho quando estava em casa. *Apenas me conte sobre isso depois, Frankie. Vou gostar mais de ouvir isso de você.*

“Eu me cuidei”, disse ela. “E eu não me desculpo por isso.”

"Você com certeza não", disse Frank. Ele apagou o nome na janela com a manga.

"Eu sei!" disse sua mãe. “Que tal um animal de estimação? Lembra como consegui Brigitte para lhe fazer companhia? Você a amava.

"Brigitte fugiu", disse Frank mal-humorado.

“Bobagem”, disse a mãe. “Brigitte morreu de câncer de tireóide. Eu só disse isso para você não ficar chateado. Você ainda acredita que ela também mandou aqueles cartões-postais para você?

Depois que Brigitte desapareceu, ele ficou inconsolável. O gato de sua mãe, o artrítico Mooshi, que parecia estar preparado para sobreviver a todos eles, não foi nenhum consolo. Sua própria mãe, é claro, partiu para uma de suas viagens logo depois. Alguns dias depois, ele encontrou no correio um cartão postal de Brigitte. Ela se desculpou por sair e explicou que havia sido convidada para fazer uma turnê de seu show off-Broadway, um spin-off de *Cats* sobre ela. vida, em todo o mundo. Uma semana depois, havia um cartão do Ritz Paris, depois de Londres e depois outro de Zermatt, na Suíça.

"Eu tinha esquecido", disse Frank. “Adorei aqueles cartões.”

“Arranje um gato para ela”, disse a mãe. “Vai fazer bem a vocês dois.”

"Ela é alérgica", disse ele.

“Então compre um sem pelos para ela. Dê-lhe um lagarto! Todos nós precisamos de algo para cuidar.

“Que tal alguém para cuidar de nós?”

“Vocês não são crianças. Você pode cuidar de si mesmo.

“É, mas eu era criança, mãe”, disse Frank. “Eu era um.”

Frank desligou o telefone um pouco depois e girou a cadeira sem parar, observando o teto girar. Conversar com a mãe o deixou perplexo. Ele desejou amá-la um pouco mais ou odiá-la um pouco menos, algo para fazer pender a balança. Em vez disso, ele vivia no equilíbrio tenso entre os dois, cada um aumentando a intensidade do outro: quanto mais ansiava por ela, mais desapontado se sentia por ela; quanto mais desapontado ele se sentia, mais ele desejava. Ele inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos e exalou um longo *fuuuuuck* .

“Isso é basicamente o que eu quero fazer toda vez que falo com um cliente também,” disse uma voz atrás dele.

Leonor. Frank tinha visto uma vez a imagem de uma onda de tsunami carregando centenas de espécies de vida marinha dentro dela, tubarões e arraias e cardumes de peixes de dorso prateado, todos levantados no arco da onda antes de cair na terra. Era assim que se sentia sempre que estava perto de Eleanor. Eles nunca se tocaram, nunca se beijaram, mas sua resposta a ela foi titânica. Tudo nele se elevou para encontrá-la.

“E depois de falar com sua mãe?” ele perguntou.

Ele abriu os olhos e se virou para encará-la.

“Ah.” Eleanor assentiu. “O cliente difícil original.”

“Só que ela não tem dinheiro.”

"Vamos." Eleanor sorriu. “Quão ruim alguém que te deu à luz pode ser?”

Ela estava parada na porta dele. Seu cabelo castanho encaracolado estava bagunçado no topo de sua cabeça. Ela era a única mulher que ele já tinha visto que usava uma caneta para prender o cabelo não por afetação, como Cleo às vezes fazia com pauzinhos ou uma pena de haste longa, mas por distração. Seu rosto, que alguns descreveriam como simples, mas que nunca pareceu assim para ele, com sua pele pálida e bochechas redondas, sobrancelhas rebeldes e olhos escuros e inquietos, estava em plena exibição. Quando ela sorria, seus dentes eram surpreendentemente pequenos, minúsculos quadrados creme que revelavam, momentaneamente, a criança que ela havia sido, malandro e precoce, ainda visível no rosto da mulher.

“O que você acha de gatos sem pelos?” ele perguntou.

"Demoníaco. Prefiro tartarugas.

“Viver demais”, disse Frank. “Não quero um animal de estimação que sobreviva a mim. A propósito, é para Cleo.

Ele observou uma mudança em sua expressão, mas ela era impenetrável, como de costume.

“Um peixe então?”

“ *Demasiado* mortal,” disse Frank. “Vamos matá-lo em semanas.”

“Você já vetou cachorro por ser muito provinciano?”

“Não é permitido em nosso prédio.”

"Eu sei! Que tal um planador de açúcar? Meus vizinhos tiveram um crescendo. Eu e meu irmão adoramos.”

“Como está Levi?” perguntou Frank.

“A namorada dele voltou”, disse Eleanor. “Então, mais feliz.”

“O que aconteceu com o Anjo do Inferno?”

“Acho que não queremos saber”, disse Eleanor. “Procure planadores do açúcar.”

Frank voltou-se para o computador e digitou as palavras em seu mecanismo de busca. Imagens de uma pequena criatura semelhante a um roedor com enormes olhos escuros e uma longa cauda preencheram a tela.

“Tem uma aparência maluca”, disse ele.

“Loucamente linda”, disse Eleanor. “É como um cruzamento entre um esquilo voador e uma chinchila.”

"Você pensaria que isso é lindo", disse ele.

“Olha, eles são ótimos animais de estimação”, disse Eleanor. “Eu tenho que correr. Pense nisso."

"Indo para uma data?" perguntou Frank antes que pudesse se conter.

"Não, pensei em me poupar dessa indignidade esta noite." Ela sorriu tristemente. “Meu pai não está muito bem. Ele deu uma, hum, vez, então eu quero ir vê-lo antes do fim do horário de visitas.

"Claro", disse Frank. "Eu sinto muito. Se você precisar tirar uma folga para ficar com ele, avise Jacky. Você pode ter o quanto precisar. Pago, claro.

Essa não era nem remotamente a política da empresa para freelancers.

"Boa sorte com o animal de estimação", disse Eleanor. “Tenho certeza que Cleo vai adorar o que você der para ela.”

Depois que ela saiu, Frank leu sobre os planadores do açúcar. Autolimpantes,

afetuosos e baratos para alimentar, eles realmente pareciam ser excelentes animais de estimação. Ele olhou para cima para ver se havia algum à venda nas proximidades. O primeiro link que apareceu foi um anúncio no Craigslist. ~!~!~!~!**BABY SUGAR PLIDERS 4 VENDA ELES R 2 FOFOS 2 ACREDITAM**~!~!~!~! Frank clicou no link e leu a breve descrição solicitando aos compradores interessados que ligassem para mais informações. Frank levantou-se, fechou a porta do escritório e discou o número listado. A voz que respondeu foi surpreendentemente sensual e gatinha.

“Você quer um planador de açúcar? Claro, eu tenho planadores. Posso fazer um por um e setenta e cinco, dois por trezentos ou três por quatro e vinte e cinco. Quantos você precisa?"

"Hum, apenas um, eu acho", disse Frank. “Quantos é normal?”

"Você quer um amigo?" ela ronronou. “É um bom negócio para dois.”

Frank olhou para a criatura de olhos arregalados em sua tela e riu.

"Ok, são dois", disse ele.

Frank pegou o metrô para um endereço no Bronx. Era o início da noite e o trem estava cheio dos tipos habituais de passageiros com seus fones de ouvido e livros de bolso e ar de leve hostilidade. Desceu na rua 149 e caminhou os poucos quarteirões até o endereço que lhe deram com a cabeça baixa para proteger-se do vento. As ruas residenciais escuras estavam quase vazias. Um carro passou tocando uma música de reggaeton que tinha sido popular no rádio naquele verão; parecia tão deslocado na rua estéril quanto uma palmeira brotando de um dos jardins abandonados da frente. Ele alcançou o número da casa que havia recebido e olhou para o brownstone apagado. Ninguém parecia estar em casa. Frank soprou nas mãos e ligou para o número do site.

“Ei, estou lá fora. Tem certeza de que me deu o endereço certo?

"Você está atrasado", a voz repreendeu levemente. "Minha mãe estará em casa em breve." Ele viu as persianas da janela do andar de baixo se mexerem. "Eu te vejo. Venha até a porta.

Jesus, pensou Frank, subindo pesadamente os degraus. Como diabos ele acabou comprando um roedor voador do que agora parecia ser uma garota menor de idade no Bronx? O que havia de tão errado com a porra de um peixe, afinal? Ele balançou a cabeça enquanto tocava a campainha. Ele era a única pessoa que conhecia que poderia se colocar em uma situação como essa. Exceto, talvez, Eleanor. Ele sorriu para si mesmo ao pensar nela. Ela, ele tinha certeza, era capaz de qualquer coisa.

A mulher que abriu a porta era grande, pelo menos três vezes a largura de Frank e, se ele tivesse que estimar, estava com quase quarenta anos. Ela usava um moletom lilás com um logotipo desbotado do Mickey Mouse na frente e um par de leggings finas e manchadas de alvejante. Sua pele era escura, lisa e sem poros. Frank procurou no rosto dela sinais de que aquela era a voz que falara com ele ao telefone. Seus olhos eram castanhos escuros, contornados por cílios curtos e bem curvados, e focalizados logo após Frank com uma intensidade desconcertante. Suas bochechas cheias e queixo pesado tinham uma qualidade triste, mas seus lábios brilhantes estavam levemente erguidos. Não havia uma linha reta em qualquer lugar em seu rosto ou corpo.

“Você é Frank?”

Lá estava, aquela voz sedosa. Frank assentiu, temporariamente estupefato.

"Entre." Ela acenou para ele passar por ela. “Temos que ser rápidos. Minha mãe termina o trabalho logo e não gosta quando deixo as pessoas entrarem em casa.”

O cheiro de serragem, umidade e um odor azedo indescritível que Frank instintivamente sabia ser humano o cumprimentou quando ele entrou pela porta. Pilhas de roupas cobriam a área de estar para onde ela o levou. Uma grande tela de plasma cobria uma das paredes.

“Você não tem gatos, certo?” ela perguntou.

Frank balançou a cabeça.

“Bom, porque os gatos matam os bebês. Vou pegar um para você.

A mulher desapareceu subindo as escadas escuras. Ele olhou ao redor da sala, que estava iluminada por uma única luz zumbindo no teto. Entre os montes de roupas havia sacolas plásticas de compras, todas ostensivamente cheias de mais roupas. Frank empoleirou-se no braço do grande sofá ao lado dele e levantou-se novamente. Ele esfregou as mãos nas coxas. A mulher voltou com as mãos em concha à sua frente. Ele continuou tentando decifrar a idade dela. Ela certamente não poderia ter menos de quarenta anos. Seu ralo cabelo preto tinha mechas brancas. Mas ela morava com a mãe? A coisa toda o enervou.

"Ok, você está pronto?" ela ronronou. “Este é um menino. Acabei de acordá-lo. Vamos torcer para que ele goste de você.

Ela fez sinal para que ele estendesse as mãos e Frank o fez. Muito gentilmente, ela despejou o conteúdo dela no dele. Ele sentiu a pressão leve e quente de um corpo vivo e as cócegas do pelo contra sua pele. Ela afastou as mãos e Frank viu por um momento uma pequena criatura cinza agachada em sua palma. Antes que Frank pudesse olhar mais de perto, ele saltou no ar, bateu nas persianas atrás dele, ricocheteou no sofá e mergulhou em uma pilha de roupas a alguns metros de distância.

“Oh não,” ela gemeu baixinho. “Ele não gostou de você. Quer tentar outro?

"Jesus", disse Frank. "Você me diz."

Ele deu um passo em direção ao monte de camisas, que não pareciam estar limpas. Todo esse exercício estava provando ser insano, como ele deveria saber que seria. Mas ele estava comprometido agora. Ele ia conseguir que um planador do açúcar gostasse dele.

"Devo...", disse Frank. "Tentar recuperá-lo?"

“Tudo bem,” ela disse levemente. “Ele vai sair quando estiver pronto. Vou pegar outro para você.

Ela desapareceu escada acima e Frank olhou em dúvida para o monte de roupas que escondia a criatura. Não se mexeu.

"Tem certeza disso?" ele murmurou para si mesmo.

A mulher voltou e Frank obedientemente estendeu as mãos.

“Esta aqui é uma menina”, disse ela. “Tenho a sensação de que você é melhor com garotas.”

Uma mecha de pelo escorregou das mãos dela para as dele, e lá, plácidamente no centro da palma da mão dele, estava a bebê planador do açúcar. Ela olhou para Frank. Ela era do cinza mais claro, quase lilás, com uma faixa escura na testa e nas costas, chegando até a ponta da cauda, que parecia ter sido

mergulhada em tinta. Entre os pés e as mãos havia uma dobra de pêlo, eriçada como a parte de baixo de um cogumelo. Suas asas. Enormes olhos negros, molhados, como se estivessem chorando. Nariz rosa-pétala e dedos com pontas rosadas. Agora ela estava levantando a mão para envolvê-la agilmente, como um macaco, em torno de seu polegar. Ela era macia como sementes de dente-de-leão.

“Ah”, disse Frank.

"Você a quer?"

"Eu quero ela."

"Yippee", disse a mulher e bateu palmas. "Devo arranjar outra garota para você?"

“Não, não”, disse Frank. “Ela é o suficiente para mim. Aqui-"

Com toda a ternura que pôde, ele segurou o planador de açúcar contra o peito com uma das mãos e tirou a carteira do bolso de trás com a outra. Ele podia sentir seu coração pulsando suavemente sob seu pelo contra seus dedos. Ele puxou três notas de $ 100 e as entregou à mulher.

"Tem certeza que?" Ela olhou para o dinheiro. “Mas você está levando apenas um.”

"Por favor", disse ele. "Eu insisto. Por me receber em sua casa.

Ele aceitou uma caixa de sapatos com furos na tampa para transportar a criatura para casa. Começou a chover enquanto ele voltava para o metrô, então ele chamou o primeiro táxi que viu e sentou-se com a caixa apertada no colo durante todo o trajeto de volta ao centro da cidade. Os semáforos passavam pela janela em faixas de âmbar e verde. Gotas grossas de chuva brilhavam no vidro. Frank inclinou-se para a frente no calor úmido do banco de trás e se pegou sussurrando baixinho pelos buracos da caixa de sapatos, pequenas bobagens e gentilezas que eram estranhas à sua língua. *Sim, isso mesmo querida querida, doce amor, doce coisa, estamos indo para casa.*

Frank entrou no apartamento escuro e encontrou Cleo deitada no sofá sob uma pirâmide de luz de uma lâmpada. Ela não se mexeu ao som da porta. Ela estava de costas para ele, encolhida no sofá com um livro na frente do rosto. Ela estava vestindo uma calça jeans folgada e um grande suéter de caxemira dele. As solas de seus pés descalços estavam marrons de sujeira. Com as pontas dos dedos, Frank tocou a nuca dela. Seu cabelo dourado estava embaçado pelo inverno e os nós eram visíveis nas costas.

“Cleo querida,” ele disse. "Eu tenho algo para você."

Ela se virou para encará-lo. Suas bochechas estavam coradas. Um olhar de confusão e chateado manchou seu rosto. Ele colocou a mão em seu pescoço, que estava quente e úmido, e deu um beijo na lateral de sua têmpora. Ele colocou a caixa no chão perto do sofá, fora de vista.

"Eu estava meio adormecida", disse ela. “Você já ouviu falar de Berthe Morisot?”

“Acho que não”, disse Frank. “Mas, querida, eu quero te mostrar uma coisa.”

"Olhe para isso", disse Cleo.

Ela tinha uma espécie de intensidade febril sobre ela. Ela se apoiou no cotovelo e estendeu as páginas abertas do livro para ele. Era uma pintura de uma mulher sentada diante de um espelho. Suas costas curvadas estavam voltadas

para o espectador, apenas sua orelha e uma lasca pálida de bochecha expostas. O reflexo de seu rosto no vidro foi deliberadamente deixado em branco, sem feições ou expressão. Suas mãos estavam empilhando o cabelo escuro no alto da cabeça, como Eleanor tinha feito naquele dia. O fundo era de um azul vivo, pintado com energia, como se uma brisa passasse pelo quarto, agitando tudo, o tecido que caía dos ombros, as flores vermelhas na mesinha de cabeceira, em movimento.

"Muito bom", disse Frank. “Parece o Degas.”

"Não!" Cleo deu um tapa na página com desgosto. “Degas parece *Morisot* . Degas, Manet, Renoir, Monet… Todos a admiravam, a copiavam, mas alguém já ouviu falar dela? Não! Degas é um *hack* comparado a ela. Eu odeio suas bailarinas insípidas. Veja como seus súditos são cheios de vida, de *arbítrio* .

“Sim, sim, eu vejo isso”, disse Frank, olhando vagamente para a pintura, que realmente parecia um Degas para ele.

“Degas pode chupar meu pau”, disse Cleo fervorosamente.

Frank riu e pegou o livro dela, deixando-o de lado. Ele descansou a mão na curva de sua cintura.

“Você pintou hoje?” ele perguntou.

Ela disparou para uma posição sentada, fazendo com que a mão dele caísse para longe.

"Porque você está me perguntando isso?" ela disse.

Frank se divertia com Cleo nesse estado de espírito, tão apaixonado e irritado, embora soubesse que também deveria ter cuidado com isso. Ele preferia vê-la assim, no entanto, do que no desânimo de olhos mortos em que ela estava chafurdando recentemente. Ela costumava ter tanto cuidado com sua aparência; ele adorava vê-la se vestir todos os dias para o trabalho. Ele apoiou sua decisão de parar de fazer o design têxtil, um trabalho que ela desdenhou como abaixo de seu pedigree de belas artes, para se concentrar na pintura. Agora ele suspeitava que era um erro. Não era bom para ela todo esse tempo livre. Ele estava feliz em sustentá-la financeiramente enquanto ela fazia arte, mas ela pintava cada vez menos. E essa raiva que ela tinha das mulheres do mundo da arte, mulheres de qualquer lugar, na verdade... Paixão era uma coisa, mas histeria era outra. Só parecia estar crescendo nela enquanto sua vida de pintura diminuía.

“Olha, eu tenho alguém que eu quero que você conheça,” ele disse. “Ela está esperando com muita paciência e...”

“Oh, Frank, você não trouxe ninguém para casa,” Cleo gemeu. "Eu não estou no clima. Podemos passar um tempo só nós dois?

Frank pegou a caixa do chão e a segurou na frente do rosto franzido de Cleo.

"Abra", disse ele.

Cleo arregalou os olhos. Com as pontas dos dedos, ela levantou a tampa. Lá, sentado em uma pequena cama de serragem, estava o bebê planador do açúcar. Ela olhou para Cleo com seus grandes olhos negros. Cleo gritou. Frank sentiu seu coração parar. Ela odiava isso.

"Oh Frank, você não fez isso!" As palavras saíram todas em uma confusão. "Você é louco! Você está louco! O que você estava pensando? Eu amo isso! Eu te amo. Como você pode... o que vamos fazer com isso? Nós precisamos de comida! O que ele come? Eu amo isso, realmente eu amo. É lindo, mas... O que

diabos é isso?

“É um planador do açúcar”, disse Frank, sorrindo aliviado. “É como um esquilo voador cruzado com uma chinchila. Exceto pequeno e mais bonito.

“Ele *voa* ?” Cleo jogou a cabeça para trás de alegria. “Você é louco, Frank. Está perfeito. Eu amo isso."

“Você precisa escolher um nome para ela”, disse Frank.

Ele não conseguia parar de sorrir.

“É ela?”

“Mm-hmm,” ele disse. “Uma menina para a minha menina.”

Cleo torceu o nariz com desgosto. Ela odiava esse tipo de conversa, ele sabia, que ela considerava infantilizante. Mas às vezes ele não resistia. Mesmo nesse estado desgrenhado, havia algo tão desarmantemente feminino nela, tão inegavelmente *feminino* , parecia loucura que ele nunca tivesse permissão para reconhecê-lo.

“Posso segurá-la?”

"Claro", disse Frank. "Ela é sua."

Cleo pegou o planador de açúcar da caixa e o aninhou contra o peito.

"Olá, querido. Como vamos chamá-lo? Qual é o seu nome, hum?

“Que tal dar a ela o nome daquele seu pintor?” perguntou Frank. "Qual era o nome dela? Berthe?

Cleo olhou para a criatura em seus braços, que estava tentando subir em seu suéter e em seu cabelo. Além de sua cauda, ela não era maior do que um pacote de Sweet'n Low.

"Eu não sei", disse Cleo. “Parece um nome terrivelmente sério para uma coisinha tão maluca.”

— Então... Berthe não? Frank ficou desapontado. Ele ficou satisfeito consigo mesmo por pensar nisso.

“Ela não pode ter um nome humano”, disse Cleo. “Ela é muito mágica para um velho e chato nome humano.”

“O que você quer fazer, então?” disse Frank. “Dê a ela um nome em linguagem de sinais ou algo assim?”

"Eu amo isso!" disse Cléo. “Você sabe dizer alguma coisa em sinais?”

"Você é sério?" ele disse. "Bem, eu sei disso."

Ele fazia os movimentos com as mãos.

"O que isso significa?"

“'Oh Jesus, como eu te adoro.'”

Cleo caiu na gargalhada.

“Por que diabos você sabe dizer isso?”

“Porque minha mãe louca costumava me mandar para um acampamento cristão fundamentalista todo verão, onde nos ensinavam a cantar os hinos em sinais. Essa é a única parte que me lembro. Irônico para um meio judeu, eu sei.

“Tudo bem”, disse Cleo. "Mostre-me de novo."

Frank mostrou a ela como soletrar as palavras com as mãos. Ambos olharam para o planador do açúcar.

“Oh Jesus, como eu te adoro”, disse Cleo. “Bem-vindo à nossa pequena família.”

Naquela primeira noite foram ao Petco, que inexplicavelmente ficava aberto

até meia-noite durante a semana. Eles deixaram Oh Jesus How I Adore You em sua caixa de sapatos com um único amendoim, que eles leram que ela poderia comer um dia como um tratamento especial.

"Você acha que ela vai ficar bem sem nós?" Cleo perguntou enquanto caminhavam para a loja. Ela já estava assumindo seu papel de mãe ansiosa.

“Ela vai ficar bem.” Ele colocou o braço em volta do ombro dela. “Temos que conseguir um pouco de comida para ela e uma gaiola grande e bonita para ela viver.”

Cleo aninhou o rosto no pescoço dele. Seu nariz estava escorrendo do frio. A chuva havia parado, mas um vento gelado soprava pela avenida, sacudindo seus casacos e cachecóis. Ele havia esquecido as luvas. Ele colocou uma mão no bolso e estendeu a outra ao redor de Cleo, empurrando-a entre os botões do casaco de pele dela. Ele se aninhou contra a lã quente de seu suéter. Ela beijou a ponta gelada do lóbulo da orelha dele saindo por baixo do chapéu.

"Eu te amo, Frankenstein", ela murmurou em seu ouvido.

Dentro do Petco com iluminação fluorescente, o cheiro de lixo de gato e tanques de peixes velhos os envolveu. O lugar estava quase completamente vazio, longos corredores vazios cheios de brinquedos de mascar de néon e enormes sacos de comida seca. Frank adorava isso aqui; foi um alívio bem-vindo da vida comum. Eles olharam em volta e conseguiram erradicar um dos funcionários da Petco em algum lugar perto das gaiolas.

“Com licença, você trabalha aqui?” Frank perguntou.

"Trabalho aqui? Eu sou o gerente júnior”, disse o gerente júnior da Petco.

Ele tinha um rosto longo e pálido, ainda mais comprido por um cavanhaque encerado e pontudo.

"Ótimo", disse Frank. “Qual dessas, hipoteticamente, você diria que é a melhor gaiola para um planador do açúcar?”

O gerente júnior respirou tão forte que as pontas de suas narinas empalideceram.

“Eu diria que *nenhuma* dessas é uma boa gaiola para um planador do açúcar”, disse ele. “Porque os planadores do açúcar são ilegais em todos os cinco distritos de Nova York.”

Cleo virou-se para Frank com um sorriso mal reprimido. "Bem, não é uma sorte não termos um, querida?"

"Muita sorte", disse Frank. “Nunca faríamos nada ilegal.”

“Nunca”, disse Cleo. “É por isso que estamos falando—”

"Puramente hipoteticamente", disse Frank.

“Hipoteticamente ou não”, desdenhou o gerente júnior da Petco, “seria contra meu interesse recomendar qualquer coisa para abrigar, alimentar ou entreter um planador do açúcar para você ou qualquer outra pessoa.”

Cleo virou-se para Frank novamente.

"Ela precisa ser entretida?" ela disse.

“Acho você muito divertido”, disse Frank.

“Eu poderia fazer minha impressão de Dolly Parton?”

“Você faz uma ótima Dolly. E eu vou fazer malabarismos.

“Eu não sabia que você sabia fazer malabarismos.”

“Só coisas bem redondas.”

“Um homem de muitos talentos”, disse Cleo e o beijou.

O gerente júnior exalou alto.

“Entretenimento como em *atividades* ”, disse ele. “Os planadores do açúcar são noturnos e altamente ativos, por isso é imperativo fornecer-lhes rodas de hamster, bolas ou...”

"Você entendeu?" disse Frank.

Cléo assentiu.

"Roda de hamster", disse ela.

O gerente júnior tocou levemente os lábios com as pontas dos dedos. “Já falei demais”, disse ele.

"Ah, vamos", disse Frank. "Por que diabos eles são ilegais?"

"Sim, quem eles estão machucando?" disse Cléo.

“Não é uma questão de quem eles estão prejudicando”, disse o gerente júnior.

Eles esperaram que ele continuasse, mas o homem apenas lhes deu um olhar misterioso e astuto.

— Do que se trata, então? perguntou Frank.

“Esclareça-nos”, disse Cleo.

“É uma questão de criação”, disse o gerente júnior. “Embora tecnicamente permitidos no estado de Nova York, eles são ilegais em todos os cinco distritos por causa da proximidade com os esquilos cinzentos orientais. Se um planador do açúcar escapasse e se reproduzisse com esses esquilos, criaria uma linhagem de esquilos voadores que poderia ser, para dizer o mínimo, incontrolável para os moradores da cidade.”

“Você ouviu isso, Cley?” disse Frank

“Esquilos voadores por toda a cidade,” Cleo assentiu.

“Isso pode causar uma epidemia”, disse o gerente júnior com seriedade.

"Parece...", disse Frank.

"Maravilhoso", disse Cleo sem fôlego.

O rosto do gerente júnior caiu.

“Vou ter que pedir a vocês dois que saiam daqui,” ele disse. “Este é um lugar apenas para donos de animais de estimação que cumprem a lei.”

“E aquela jaula?” disse Frank, apontando para um além do ombro do gerente. “Parece bem grande.”

"Ouviste-me?" perguntou o gerente júnior.

"Vendido!" disse Cléo.

Frank a puxou atrás dele em direção às jaulas, ambos rindo como crianças. Cleo voltou-se para o gerente júnior da Petco enquanto galopava ao lado de Frank.

"Você tem sido tão querido", ela chamou. “Terrivelmente informativo. Não podemos agradecer o suficiente.”

Então ela mandou um beijo para ele com sua mão enluvada de pelica cor-de-rosa e correu, de mãos dadas com Frank, pelo corredor.

Os próximos dias foram de descobertas. Eles descobriram, por exemplo, que Oh Jesus, como eu te adoro, amava maçãs, Gatorade, quinoa e iogurte de pêssego,

mas nenhum outro tipo. Eles descobriram por que as pessoas geralmente não davam nomes em linguagem de sinais que traduziam seis palavras ou mais para animais de estimação, e rapidamente começou a se referir a ela simplesmente como “Jesus”. Eles descobriram que ela acordava por volta das dez da noite e ficava acordada até as dez da manhã, depois dormia a maior parte do dia. Mesmo com a gaiola na sala de estar, eles podiam ouvi-la através das paredes girando em sua roda a noite toda e ocasionalmente emitindo pequenos gritos balidos, o que, eles descobriram pesquisando na internet, significava que ela queria atenção. Eles passaram muito tempo pesquisando sobre ela na internet, lendo em voz alta suas descobertas favoritas um para o outro.

"Ouça isso", disse Cleo. Era noite de sexta-feira e, pela primeira vez em muito tempo, eles passariam a noite juntos. “'Embora eles se liguem a todos na família, cada planador quase sempre terá uma pessoa favorita, geralmente a pessoa que mais os abraça, que será seu vínculo principal.'”

"Bem, isso não é justo", disse Frank. “Você obviamente será o favorito porque fica mais em casa.”

“Azar.” Cléo riu. “Vantagens de ser uma dona de casa.”

“Hummph.”

“Li em algum lugar que ela corre o equivalente a uma maratona por noite em sua roda.”

"Não é de admirar que ela precise dormir o dia todo."

“Acho cruel mantê-la presa em sua jaula todas as noites”, disse Cleo. “Ela deveria estar livre.”

“Mas se a libertarmos, vamos perdê-la. O apartamento é muito grande; ela encontrará um buraco em algum lugar e escapará.

“Esta mulher em sugargliderlovers.com diz que deixa seus planadores passearem pelo quarto à noite. Você só precisa manter as portas fechadas e testar o local como faria para um bebê.

“Cley, isso é loucura.” Frank serviu-se de outra taça de vinho. Ele foi reabastecer o Cleo's, mas ainda estava cheio.

“Bem, whosyoursugarmomma1956 não parece pensar que é tão louco.”

“Vou pedir para você pensar no que acabou de dizer”, disse Frank. “E então falaremos sobre loucura.”

Mas é claro que Cleo conseguiu o que queria. Eles mudaram a gaiola para o quarto e deixaram a porta aberta à noite. Eles pesquisaram como tornar o quarto à prova de planador de açúcar, o que exigia bloquear as tomadas elétricas, garantir que as janelas estivessem bem fechadas para que ela não pudesse escapar e manter a porta do banheiro fechada com o assento do vaso sanitário abaixado para que ela não caísse e se afogasse. Fora isso, ela estava livre para vagar por onde quisesse. Era estranho e emocionante ouvi-la zumbindo pelo quarto enquanto eles estavam deitados na cama. Trouxe vida nova para a vida deles. Naquela primeira noite, eles ficaram acordados ouvindo-a.

“Ela é cheia de feijão”, disse Cleo.

Eles estavam se encarando na escuridão, nariz com nariz.

“Eu dei a ela uma noz hoje tarde, pode ser por isso,” ele disse.

“Eu também dei a ela! Frank, temos *que* parar com isso, ela vai ter um ataque cardíaco.

“Mas eu adoro dar a ela. De que outra forma eu serei seu elo primário?”

“Se algum dia tivermos uma filha, ela será muito mimada”, disse Cleo.

"Você... você quer filhos?"

Parecia ridículo que eles nunca tivessem falado sobre isso antes. Isso fazia parte de se casar com pressa, ele supôs. Você tinha que fazer isso antes de saber o suficiente para não fazê-lo.

"Acho que sim", disse ela. "Você não?"

"Não, eu tenho", disse Frank, surpreendendo a si mesmo. Era incrível para ele que eles não estivessem falando hipoteticamente, que era assim que os casais tomavam decisões como essa na vida real. “Eu acho que você seria uma ótima mãe.”

“Sempre me preocupei por não ter esse gene materno. Eu não acho que minha mãe teve, ou ela nunca teria, você sabe.

"Você tem", disse Frank. “Você definitivamente faz. Você é tão carinhoso. Você cuida de todos.

"Você pensa?"

"Claro", disse ele. “Você cuida de mim.” Ele pegou a mão dela debaixo do travesseiro.

“Você será um pai maravilhoso”, disse Cleo.

"Como você sabe?"

“Você é gentil,” ela disse. “E brincalhão. Com certeza você será um pai divertido. E vejo como você está com Zoe. Você também cuida das pessoas.”

Frank apertou a mão dela na escuridão. “Eu gosto de como você me vê.”

Frank virou de costas e Cleo se moveu para colocar a cabeça em seu peito. Ele acariciou o cabelo em suas têmporas com uma mão.

“Acho que vejo você como você é”, disse ela.

“Não quero ser nada parecido com meu pai”, disse Frank. "Isso é certeza. Você sabe que eu fui para a Itália para encontrá-lo uma vez? Nos meus vinte anos. Recusou-se a me ver. Eu encontrei o restaurante que ele frequentava com seus amigos de bebida, fui lá uma noite e disse a ele quem eu era. Não me reconheceria. Fingiu que não falava inglês. Idiota."

“Sua mãe sabe disso?”

“Não”, disse Frank. “Eu acho que isso iria machucá-la demais.”

Cleo rolou para cima dele, ficando cara a cara, as mãos dela de cada lado da cabeça dele. Ele não conseguia distinguir a expressão dela na escuridão.

“Frank?” ela disse.

"Sim?"

“Vou dizer uma coisa e quero que você me ouça.”

"OK."

“Você não é nada como seu pai.”

Ela rolou para trás dele, então eles estavam lado a lado. Em algum lugar perto deles, Jesus saltou de uma superfície para outra com um baque suave. Frank estava deitado com os olhos abertos, tentando ouvir o próximo movimento dela.

“Cley?” ele disse.

"Sim?"

“Como era sua mãe? Você nunca fala sobre ela.

"Ela era um monte de gente diferente", disse ela calmamente.

Frank ficou em silêncio. Se Cleo estivesse pronta para falar, ela o faria. Ele não queria empurrá-la.

“Ela fazia os melhores bolos de aniversário”, começou ela. “Acho que é porque ela era boa em modelos arquitetônicos. Tipo um ano, ela fez um bolo no formato da Torre Eiffel com uma bonequinha que parecia comigo no topo. Estivemos em Paris nas férias de Páscoa e adoramos, então toda a festa teve o tema francês. Era eu e mais vinte garotos de onze anos, todos de boina e brincando de pregar o bigode no francês. Minha mãe até nos comprou cigarros falsos em uma loja de piadas, o que eu acho bastante escandaloso na época.”

"Isso é engraçado", disse Frank. "O que ela parecia?"

“Ela tinha cabelos loiros como eu, mas era mais alta. Ela usava salto alto todos os dias e aquelas camisas de seda feitas sob medida. Eu costumava entrar no armário dela para esfregá-los entre os dedos, simplesmente adorava a sensação deles.

"Ela parece muito glamorosa", disse ele.

“Ela era,” concordou Cleo. “Mas aí ela teve que começar a tomar esse remédio que fazia ela engordar muito e dormir o tempo todo. Ela era muito ativa, sabe, então ela odiava isso. Acho que é por isso que ela parou de tomá-lo eventualmente.

"Quando foi isso?"

“Foi quando ela e meu pai se divorciaram. Eu tive que ficar com ele e Miriam em Bristol porque ela precisava morar no hospital por um tempo. Então ela melhorou e eu voltei para casa. Quando ela estava bem, ela poderia dizer que tipo de dia você teve apenas pela maneira como você disse olá. Ela iria querer saber tudo sobre o que eu estava pensando, o que eu estava lendo na escola. Eu sentava no balcão da cozinha e conversava com ela enquanto ela preparava o jantar. Mas ela tinha esses períodos ruins em que parava de dormir ou de comer muito. Ela ficava tão focada em um projeto que você poderia dizer o nome dela dez vezes e ela não o ouviria. Eu odiava isso. Era como se você não existisse. Ela falava sozinha e ria. Ela tinha um monte de homens aleatórios. Às vezes eu os encontrava no banheiro. A primeira vez que ela tentou se matar foi durante um desses períodos.

“Sinto muito, Cley”, disse ele. "Porra."

"Então ela tomou um novo medicamento", disse ela, as palavras saindo rapidamente agora. “E ela voltou ao normal por um tempo. Ela voltou a trabalhar, e eu me mudei para ir para a universidade, e ela começou a namorar um cara sério, alguém realmente legal para variar. Ele era outro arquiteto. Então algo aconteceu, acho que eles terminaram e ela parou de tomar a medicação novamente. Eu não sabia disso na época, os médicos me disseram depois. Ela morreu quando eu estava no meu último ano. Ela tinha um pouco de dinheiro sobrando, não muito, e foi tudo para mim. Mas eu estava deprimido, como eu disse a você, então vim para cá para fazer meu MFA. Comecei a tomar antidepressivos e fazer mais arte e as coisas melhoraram. E então eu te conheci, e isso foi realmente a melhor coisa, a melhor coisa que aconteceu em anos.

Frank virou de lado e envolveu seus braços e pernas ao redor dela. Ele a segurou o mais forte que pôde sem machucá-la. Ele podia ouvir o suave estrondo de seu batimento cardíaco sob sua orelha.

“Você não vai ser nada parecida com sua mãe”, disse ele.

Jesus pulou na cama perto deles e saltou novamente, seu corpo minúsculo mal deixando um amassado nas cobertas.

"Como você sabe?" ela disse. Sua voz no escuro era melancólica.

“Porque você tem a mim.”

“Mas e se algo acontecer com você? Ou você vai embora?

“Não vai. Eu não vou.

"Promessa?"

“Eu juro por Jesus.”

Ele não evitou Eleanor deliberadamente no escritório, mas estava tão ocupado trabalhando no Kapow! passo que seus caminhos não se cruzaram muito. Frank adorou o processo de brainstorming, adorou a sensação de ideias orbitando ao seu redor e sentiu-se confiante no que sua equipe havia criado. Na noite anterior ao jogo, Frank conseguiu beber apenas o suficiente para entorpecer seus nervos e nocautear sem, ele esperava, atrapalhar seu desempenho no dia seguinte. Ele estava caindo no sono quando Jesus derrubou o livro de Cleo da mesa de cabeceira.

"Você ouviu isso?" disse Cleo na escuridão.

"Mm", disse Frank. “Parece que ela está se divertindo muito.”

"Você vai me segurar?"

“Estou com muito calor”, disse Frank. “Meu peito superaquece. Você me abraça.

"OK."

Cleo se aninhou nas costas dele e enfiou o nariz na linha do cabelo dele.

"Minha fornalha", disse ela. “É bom ter você aqui.”

“Eu moro aqui”, disse Frank.

"Você sabe o que quero dizer", disse ela. “Você está mais em casa no momento. É legal."

Ele estava quase dormindo. Ele assentiu com os olhos fechados.

“Frank?” ela murmurou.

Ele ficou quieto. Ele realmente precisava dormir.

“Frank?” ela disse novamente, mais alto desta vez.

"Yuh-huh."

“Tenho estado sozinho.”

Ele abriu os olhos na escuridão. Ele podia sentir a respiração de Cleo em sua nuca.

"Você tem?"

"Milímetros. E Audrey, Quentin, você sabe, eles não ajudam em nada. Eles são tão…”

"Fodido?"

Cleo soltou uma risada chorosa atrás dele. "Sim. Mas querida, eu odeio dizer isso a você, nós também.

“Vou tentar ser menos fodido.” Ele bocejou. "Eu prometo."

"Como?" ela perguntou.

"Você quer detalhes?"

“Nada tão específico... Exceto, talvez uma coisa.”

Ele podia sentir o corpo dela enrijecer em estado de alerta atrás dele. Frank manteve-se perfeitamente imóvel e olhou para a escuridão à sua frente.

“Talvez, não sei, talvez você pudesse beber um pouco menos.”

"Eu pudesse?"

"Você não acha?"

"É isso que você acha?"

“Bem, eu apenas pensei que parece estar piorando … E se você pudesse, sei lá, tentar reduzir um pouco ou tentar não beber todas as noites, pode, bem, pode ajudar.”

Frank sentou-se na cama. “Você pensou que na noite anterior à minha grande reunião era o momento certo para trazer isso à tona?”

“Ah”, disse Cleo. “Ok, eu entendo o seu ponto. Eu só não acho que tinha que ser uma grande discussão ou qualquer coisa. Eu apenas pensei-"

"Sinto muito, devo estar confuso", interrompeu Frank. “Existe algo que não estou providenciando para você?”

"O que?"

A voz de Frank, ele percebeu com surpresa, estava ligeiramente arrastada. Ele diminuiu a voz para esconder isso, pontuando cada palavra.

“ *É. Lá. Algo. Eu sou. Não. Fornecendo .*”

“Claro que não”, disse Cleo bem baixinho. “Você fornece tudo.”

“O que você está tentando dizer, então? Eu não pago nossa hipoteca? Eu não vou trabalhar todos os dias? Eu não trabalho pra caramba para que você possa basicamente fazer o que quiser da sua vida?

“Eu não estou questionando o quão duro você trabalha. Eu nunca! Acabei de notar...

“O que você notou, Cleo? É *você* quem está pagando por este apartamento? Com suas... suas pinturas? Você vivia na porra de um lixão quando te conheci.

“Frank, pare!”

A voz de Cleo estava embargada. Ele sabia que deveria parar, mas não podia. Havia uma espécie de prazer doentio em se defender de forma tão implacável.

"Não se atreva a chorar", disse ele. “Não é você quem está sendo atacado. Não posso acreditar que você sentaria aqui e me criticaria depois de tudo que fiz por você.

“Não estou criticando você”, implorou Cleo. “Eu só me preocupo às vezes que você possa—”

“Achei que tinha me casado com um artista, não com uma dona de casa censuradora contando minhas bebidas.”

“Eu não conto suas bebidas...”

“O que mais posso fazer? Sério, o que mais eu poderia fazer por você? Ela tentou falar, mas ele continuou. “Não, diga-me, Cleo, por favor, diga-me o que *não estou* providenciando para você. Eu trabalho como um cachorro. Eu ganho mais dinheiro do que todos os seus amiguinhos juntos. Eu te dou tudo o que você pede. Eu nunca tentei controlar o que você faz. Você pinta, você não pinta, eu apoio você de qualquer maneira. E agora você vai me acusar de negligenciar você, negligenciar meus deveres.

“Você está distorcendo minhas palavras! Eu... eu nunca disse isso.

"Você sabe o que? Isso me deixa doente, Cleo. Me enoja que você possa ser tão ingrato.

"Sinto muito, realmente sinto muito", disse ela. “Eu não sei o que eu estava tentando dizer. Apenas finja que eu não disse nada.

“Eu pensei que você fosse um artista,” ele disse novamente. “Nunca esperei esse puritanismo pequeno-burguês de você, Cleo. Qualquer outra pessoa, mas não você. Honestamente, isso me deixa doente. Isso me faz sentir como se eu nem te conhecesse.”

"Mas você me conhece", ela soluçou. “Você é o único que me *conhece* .”

Frank estava se observando como se não fosse ele mesmo. Ele se sentiu horrível e poderoso ao mesmo tempo. Ele nunca teve permissão para ficar com raiva enquanto crescia. Ele nunca teve permissão para sentir nada. Agora, a raiva cobria todos os outros sentimentos. Não havia vergonha, nem remorso, nem ternura. Ele se sentia protegido e intocável. Ele se sentia bêbado.

Cleo se levantou da cama e se trancou no banheiro. Ele olhou para a barra amarela de luz que escapava do batente da porta. Ele a ouviu assoar o nariz e abrir a torneira. Ele observou a sombra de seus pés passar rapidamente na faixa de luz sob a porta. Ele a ouviu fechar a torneira e abrir o armário. Deixe-a chorar, ele pensou. Ele não tinha feito nada de errado. Ela ainda não havia voltado do banheiro quando ele caiu em um sono agitado e sem sonhos.

Eles ganharam o Kapow! conta. Eles lançaram pela manhã e Frank recebeu a ligação naquela mesma tarde. O cliente disse que simplesmente sabia. Frank reuniu toda a equipe para anunciar a notícia, ordenando que todos saíssem do trabalho imediatamente para ir ao bar no quarteirão e comemorar. Ele estava de volta ao escritório, tentando falar com Cleo ao telefone para contar a ela, quando Jacky liderou uma equipe passando por sua porta, cantando “We Are the Champions”.

"Você vem, querida?" ela gritou. “Você é o homem do momento!”

"Cleo não está respondendo", disse ele. Ele pegou o casaco nas costas da cadeira. “Eu vou correr para casa e ver se ela está lá. Verifique em Jesus. Encontro você lá em uma hora, menos provavelmente.

Jacky sorriu para ele. "Ok, homem de família", disse ela.

Frank entrou no apartamento e encontrou Cleo no chão da sala com Audrey, agachada sobre pedaços de papelão com pincéis. Ela tinha Jesus em seu ombro, levemente emaranhado em seu cabelo.

"E aí, Frank", disse Audrey. “Olha o que estamos fazendo. Estamos protestando!”

“Tentei ligar para você”, disse Frank para Cleo. "Você não ouviu?"

“Eu deixei na outra sala,” disse Cleo sem levantar os olhos. "Desculpe."

“Jesus acordou cedo”, disse Frank, inclinando-se para beijar os dois.

“Ela ainda está acordando”, disse Cleo, virando o rosto. “Ela nunca costuma ficar parada por tanto tempo.”

Frank pegou o planador de açúcar em suas mãos. Ela já estava um pouco maior. Ele podia ver seu reflexo em seus enormes olhos escuros. Ele fez cócegas sob o queixo dela com as pontas dos dedos. Ela fechou os olhos de prazer. Ele

jurou, às vezes parecia que ela estava sorrindo.

“Vocês são tão esquisitos”, disse Audrey.

"Por que?" disseram Cleo e Frank em uníssono.

“Você tem um roedor de estimação chamado Jesus”, disse Audrey. “Essa é a definição de estranho.”

"Ela não é um roedor", disse Cleo com raiva. “Ela é uma marsupial.”

"Então?" disse Audrey.

“Cley, posso falar com você rapidamente? No outro quarto?

“Alguém está com problemas”, disse Audrey em uma canção.

“Estou ocupada”, disse Cleo.

"Por favor", disse Frank.

“Podemos conversar aqui”, disse Cleo.

"OK." Frank lançou um olhar de soslaio para Audrey. Ela estava deitada de bruços com o queixo apoiado nas palmas das mãos, claramente preparada para ser entretida. “Bem, a primeira coisa que quero dizer é que sinto muito. Eu realmente sinto muito. E, hum, sobre o que você disse ontem à noite? Você provavelmente está certo e, bem, farei algumas alterações. Eu prometo."

"Isso é tudo?" disse Cléo.

“Não”, disse Frank. “A outra coisa que queria dizer é que vencemos. Acabei de descobrir.

"O que?" Cleo levou as mãos à boca. "Mas você só lançou esta manhã."

“Eu sei, eu sei, é uma loucura. Eles disseram que simplesmente sabiam.

“Não acredito!” Cleo disparou do chão para pular para cima e para baixo. "Eu pensei que você ouviu que eles estavam se inclinando para outra pessoa?"

"Aparentemente não."

Ele tentou encolher os ombros com indiferença, mas não conseguia parar de sorrir.

“Alguém pode me informar sobre o que está acontecendo?” disse Audrey.

“Ele ganhou uma conta *enorme* ”, disse Cleo. Ela se virou para Frank. “Puxa, estou tão orgulhoso de você. Eu não posso acreditar.

Ela jogou os braços ao redor dele.

“Vamos começar a filmar na África do Sul no próximo mês”, disse ele. “É o meio do verão deles. Oitenta graus e sol, baby!

Cleo deixou cair os braços.

"Uau, sim, maravilhoso", disse ela, olhando para baixo.

Ele colocou as mãos nos ombros dela.

“O que você acha, Cleópatra?” ele disse. “Você quer vir escapar do frio comigo?”

Ela ergueu os olhos para ele. "Você quer que eu vá?"

"Claro que sim", disse ele.

“Mas você nunca me pediu para fazer uma filmagem antes.”

“Bem, você trabalhava com tecidos antes”, disse Frank. “E eu não achei que você iria gostar. Mas você vai adorar a África do Sul. Você pode pintar, obter serviço de quarto, sair na praia. Será fantástico."

“Ah, Frank!”

Cleo pulou em cima dele e beijou seu rosto, sua testa, sua boca.

“Tão feliz por você,” Audrey falou lentamente do chão.

“Todo o escritório está comemorando”, disse Frank. “Tenho uma conta em aberto. Vocês meninas querem vir ao bar?

"Foda-se, sim", disse Audrey.

— Bem, na verdade... Cleo olhou para o papelão que eles estavam pintando no chão. “Devemos ir a este protesto contra os aumentos nas mensalidades das escolas de arte. Fizemos cartazes.”

“Mas o bar”, disse Audrey.

“É só que é meio importante”, disse Cleo. “Como a próxima grande geração de artistas deve crescer se eles não podem se dar ao luxo de aprender?”

“Eu estava apenas procurando os garotos fofos da escola de arte”, disse Audrey. “Vamos para o bar.”

"Você quer que eu?" disse Cleo para Frank. "Eu posso. Posso protestar outra hora.

“Não, não, vá para o seu lugar”, disse Frank. “Vai ser uma noite cedo para mim de qualquer maneira. Eu te encontrarei em casa e teremos nossa própria celebração.”

"Vamos?" perguntou Cléo. “Você não vai querer ficar de fora?”

“De jeito nenhum”, disse Frank.

Cleo olhou para a placa que estava pintando. Dizia “Faça arte, não dívida!”

"Tudo está mudando", disse ela.

“Algumas mudanças são boas, querida”, disse Frank.

Cleo olhou para ele e sorriu.

Frank chegou ao bar, que estava lotado de gente de sua empresa. Um balão de orgulho inflou dentro dele. Ele havia começado a agência dez anos atrás em um escritório de merda perto do FDR. Sua primeira contratação foi Anders, um ex-modelo que ninguém levava a sério como diretor de arte. No primeiro ano, eles tiveram apenas um cliente, um fabricante de ternos de seda para homens, conhecido como o terno preferido da máfia italiana. Ele deu a si mesmo um bônus de fim de ano de cem dólares nos primeiros três anos. E olhe para ele agora.

“Frank!” Jacky estava acenando para ele. Ela estava segurando o telefone na frente dela. “Tenho um repórter da *Admania* na linha. Ele quer uma citação antes que divulguem a história esta noite.

Jacky gritou para que todos ficassem quietos e sinalizou para o barman desligar a música. Frank segurou o celular na frente dele. Uma multidão se reuniu para ouvir. Uma voz metálica emanou do telefone.

“Ei Frank, parabéns pela vitória. Posso fazer um comentário sobre o seu sucesso recente?

"Claro", disse Frank. “Como você sabia que esse é o meu assunto favorito para falar?”

“Só um palpite”, disse o repórter. “Agora olhe, vou ser franco...”

“Já não estou?” disse Frank.

Todos ao seu redor riram.

“Muito inteligente”, disse o repórter. “Mas, falando sério, você enfrentou alguns cachorros grandes por esta conta e, bem, acho que ninguém esperava que você ganhasse. Ouvimos dizer que sua apresentação foi perfeita. Qual é a sensação de uma agência do seu tamanho estar oficialmente no mapa como

aquela a ser observada?”

"Incrível", disse Frank. “Mal podemos esperar para colocar nossos dentes neste resumo. É grande, é ousado, é ousado, somos nós. Olha, não somos cachorros grandes. Somos lobos. E nós somos selvagens pra caralho.”

Frank jogou a cabeça para trás e uivou. Um coro de sua equipe se juntou a eles, e o ar foi momentaneamente preenchido com o som de ganidos e latidos. Frank mostrou os dentes em um sorriso e fez sinal para que eles se calassem.

“Isso me leva à minha próxima pergunta”, disse o repórter. “Você fez seu nome como o bad boy da publicidade. Podemos esperar ver mais, digamos, acrobacias indisciplinadas neste próximo capítulo de sua carreira?

“Não, não, esses dias ficaram para trás”, disse Frank. Ele piscou para Jacky.

“Algum comentário sobre o boato de que você espera abrir um escritório na Europa?”

“T'etait jolie comme enfant?” disse Frank.

"Desculpe?"

“Isso significa 'Você era bonita quando criança?' em francês . ”

"Então, vou entender que Paris está no horizonte para você?"

“Significa o que você quiser”, disse Frank. “Agora, por que você não desce aqui e pega uma bebida para mim. Jacky, tire isso de mim, por favor.

O repórter ainda estava falando quando devolveu o telefone para ela. A música voltou a tocar. Ele caminhou até o fundo da sala, aceitando parabéns e apertos de mão da multidão ao seu redor. Ele estava procurando por Eleanor. Ele não pôde evitar; ele estava sempre procurando por Eleanor. Ele a encontrou empoleirada em um banquinho no canto mais distante do bar, onde a multidão era menor e menos barulhenta. Ele se apoiou na bancada de madeira ao lado dela.

"Olha quem é", disse ela. "O filho pródigo."

"Você não está usando seus óculos", disse ele.

“Tenho contatos”, disse Eleanor. “Eu estava cansado de ver animais mortos.”

"O que?" disse Frank.

"Nada", disse Eleanor.

"Bem", disse Frank. "Você parece bem."

“Acho que a verdadeira barreira da idade adulta é a vontade de tocar seus próprios globos oculares diariamente.”

"Isso", disse Frank. “E possuir coisas como um aerador de vinho.”

"Você tem um aerador de vinho?"

“Tenho *dois* ”, disse Frank. “Ganhamos outro como presente de casamento.”

“Tanta maturidade”, disse Eleanor.

Ela tomou um gole de sua bebida e sorriu para si mesma daquele jeito engraçado e secreto que ela tinha. Ela sempre parecia estar mantendo um diálogo divertido consigo mesma em sua cabeça, um do qual ele estava constantemente esperando se tornar parte.

“De qualquer forma, como homem...” Frank disse.

“Ah, você é um *homem* ?” Ela engasgou. “Eu gostaria que você tivesse me contado antes.”

“Cai fora”, disse Frank.

"Um homem britânico nada menos."

“Isso é influência de Cleo”, disse Frank. “De qualquer forma, eu estava dizendo que sim, como *homem* , sempre achei que as lentes de contato eram meio efeminadas. Eu não sei por quê. Mas continuo perdendo meus óculos no momento, e se você é realmente míope, como eu, quando perde seus óculos também perde sua fonte de encontrá-los. Visão, isso é... Então, é um enigma.

Do que ele estava falando? Ele estava tagarelando. Ele só queria falar com ela.

“Verdadeiramente,” disse Eleanor com seu meio sorriso irônico.

“O que quero dizer é,” ele disse, “talvez seja hora de eu mudar também. Afinal, a vida é uma renegociação constante com a própria vaidade.”

“Agora eu concordo,” disse Eleanor.

“Concordamos em muitas coisas”, disse Frank, percebendo, ao dizer isso, que era verdade. "O que você está bebendo?"

“Refrigerante com limão.” Ela balançou o copo. “Apimentado.”

"Você é picante."

Eleanor riu e desviou o olhar. Frank limpou a garganta.

"Isso parece ótimo", disse ele. “Eu quero o mesmo.”

Ela levantou uma sobrancelha quando ele ordenou. "Você não está bebendo?"

O barman tirou o refrigerante da torneira e colocou o copo à sua frente com um limão desidratado na borda. Frank tomou um gole longo e insatisfatório.

“Faço minha parte para manter a conta baixa. Esse bando vai me levar à falência. Ele acenou com a cabeça para a multidão do outro lado do bar, onde um dos executivos de contas já estava, inexplicavelmente, sem camisa com a gravata amarrada na cabeça.

"Isso está certo?" disse Leonor.

"E." Frank deu-lhe um olhar de soslaio. “Estou pensando em parar.”

“É muita reflexão”, disse Eleanor.

"Você está me dizendo." Ele deu um tapinha na testa. “O bairro mais perigoso que conheço.”

Eleanor riu de novo. Sua risada era o som de um jackpot de caça-níqueis, uma lata de refrigerante abrindo, música de parque de diversões ao longe, um motor de Corvette ganhando vida, mil mãos aplaudindo ao mesmo tempo. Era um daqueles sons verdadeiramente belos.

"Você deveria tentar", disse ela. “Faça as coisas que nunca fez para conseguir o que nunca teve. Como queiras."

"Uau", disse Frank. “Onde você ouviu isso? *Oprah* ?

“Minha mãe tem um ímã escrito nele”

“Você deveria dizer que foi você quem inventou isso.” Frank tomou outro gole de água com gás.

“Mas eu não fiz”, disse Eleanor. “Então eu não faria isso.”

“Você não nasceu para publicidade”, disse Frank. “É uma coisa boa, acredite em mim.”

Sua mão estava descansando na banqueta entre eles, logo abaixo da visão de qualquer um que passasse. Ele deu um tapinha nela, então deixou seus dedos permanecerem sobre os dela. Os planos lisos de suas palmas descansavam um sobre o outro como duas placas tectônicas se deslocando, finalmente, para a posição sob a superfície da terra. Eleanor olhou para ele com seu olhar divertido e atento. Ele sentiu tudo através dele.

“Eu não posso mentir, Frank,” ela disse calmamente. "Mesmo... mesmo se eu quisesse."

"Eu não estou pedindo a você", disse ele.

“Então o que você está perguntando?”

Se pudesse, perguntaria se ela se lembrava de como, na primeira vez em que se encontraram, uma corrente passou da mão dele para a dela, um choque elétrico. Era um detalhe aparentemente sem importância, mas que passou a significar tudo para ele. Ele perguntava a ela se seus e-mails eram o ponto alto do dia dela, como os dela eram dele. Perguntava se o pai dela estava morrendo e se era por isso que ela sempre ficava um pouco triste, mesmo quando dizia que não. Ele perguntaria a ela como era ter um pai. Ele perguntaria se ela acreditava que você poderia estar apaixonada por duas pessoas ao mesmo tempo. Se ela soubesse como é amar alguém que você não deveria. Se ela soubesse como é não se amar como deveria.

"Nada", disse Frank. “Apenas, hum, que você intensifique a conta imobiliária, já que vou concentrar meu tempo em Kapow! agora."

Desanimado. Essa era a palavra para um rosto como o dela. Ela tirou a mão da dele.

"Você conseguiu, chefe", disse ela. Ela engoliu o resto de sua bebida, bateu o copo no bar entre eles e arrotou alto. "Olhe para isso, eu terminei."

Ela encolheu os ombros em sua jaqueta puffer caseira e se virou. Ele a observou passar pela multidão até a saída. Seu cabelo encaracolado estava preso em seu capuz. Ele a observou sair. O barman se aproximou para recolher os copos vazios.

"Você quer outro?" ele perguntou.

"Claro", disse Frank. Depois, apesar de si mesmo, apesar de tudo, acrescentou: “Dessa vez com vodca”.

Ele deve ter deixado a porta do banheiro aberta quando voltou. Já passava da meia-noite e Cleo já estava dormindo. Ele tropeçou em casa e tomou um banho, tentando tirar o cheiro dele. Ele poderia esconder isso. Se Cleo não sentiu o cheiro, ele poderia esconder. Ele acordou algumas horas depois precisando fazer xixi. Ele ainda estava no final do sono, turvo da ressaca, quando olhou para baixo e viu o planador do açúcar balançando no vaso sanitário abaixo dele. Seu corpo estava lançando no fluxo de seu mijo. Ela estava de bruços, desdobrada na forma de uma estrela. Ela parecia uma estrela caída.

Ele a derrubou. O que mais ele poderia fazer? Ele havia liberado o corpo dela antes que Cleo pudesse acordar e ver o que ele havia feito. Ela espiralou, resistiu e desapareceu. Depois disso, ele vomitou pela primeira vez em anos, aquela familiar posição de joelhos dobrados trazendo-o de volta aos verões de sua juventude. *Ai Jesus*. Ele olhou para a água suja e espumante abaixo dele. Ele corou. Não iria cair. Ele corou novamente. Não funcionou. A água suja continuou subindo.

CAPÍTULO DEZ

Fevereiro

Anders estava participando de má vontade do leilão beneficente no Cubed, uma casa de bolinhos transformada em galeria independente em Chinatown, mais conhecida por suas tumultuadas festas noturnas do que por qualquer arte que exibia. O espaço estava cheio de tipos de artistas, todos vestidos para expressar o máximo de individualismo, mas todos parecendo iguais para Anders. Você pode reconhecer um estudante de arte em qualquer lugar do mundo, ele pensou. A busca pela individualidade resultou no oposto: previsibilidade completa. Ele espiou por cima da multidão de gorros e cabeças descoloridas em busca de alguém que conhecesse, viu duas mulheres com quem dormiu conversando na parede oposta e virou na direção oposta em direção ao bar. Nova York, que outrora lhe servira como um terno de corte perfeito, parecia mais confortável a cada ano.

No caminho para o bar, ele esbarrou em Elijah, o criador de um site cult que fazia resenhas ácidas de exposições de arte, e que a revista de Anders estava cortejando como redator da equipe. Elijah estava ocupado olhando indiferente para uma escultura composta de brinquedos sexuais em uma esteira rolante quando Anders se aproximou.

“Você já notou como um plugue anal se assemelha a uma ponta de flecha nativa americana?” ele perguntou.

“Bom ver você também”, disse Anders.

"Estou tentando encontrar algo para licitar", disse ele. “Embora eu pareça ser o único.”

Eles deram a volta na periferia da galeria, Elijah declarando suas opiniões, em sua maioria negativas, em alto falsete. Anders examinou distraidamente as fotografias e pinturas, mantendo um olho atento para o par de mulheres que tinha visto antes. Nunca terminava bem para ele quando as mulheres se uniam. Para ser honesto consigo mesmo, estava ficando cansado do desfile de belas criaturas que atravessavam seu quarto. Ou melhor, ele estava cansado de si mesmo. Ele havia decepcionado todos eles. Não porque ele havia quebrado alguma promessa, mas porque ele se recusou a fazer qualquer. Oferecera-lhes momentos em que desejavam meses, anos, casamentos.

“Você parece perdido em pensamentos,” disse Elijah. "Considerando fazer uma oferta?"

Anders olhou em volta. A maior parte do trabalho aqui era impenetrável para ele. Tudo parecia ter sido feito por computadores. Ele se aproximou de uma

pintura a óleo de uma mulher nua. Este, pelo menos, não era ruim. Ele gostava que você pudesse sentir a presença do pintor na tela, as pinceladas eram igualmente expressivas e contidas. Ele se inclinou para ler o nome do artista. Era de Cleo.

"O que você acha desse?" Anders perguntou.

Elijah empurrou os óculos para cima do nariz e franziu a testa.

"Tímido", declarou ele. “Meninamente sentimental. Eu odeio quando você pode olhar para uma pintura e *saber* que foi feita por uma mulher. A arte deve ser irrestrita pelos tropos de gênero. Uma pena, sério, porque tecnicamente ela é muito boa.”

Que vergonha para você, talvez, pensou Anders. Você acabou de sair de um emprego.

"Bem. Vamos tomar uma bebida — disse ele.

“Ah, eu não bebo álcool.” Elijah pressionou as pontas dos dedos protetoramente contra o peito. “Eu fui para a reabilitação de Adderall há dois anos. Você não leu a biografia no meu site?”

Anders sorriu sem abrir a boca.

"Água com gás, então", disse ele.

Ele passou o resto da noite se preparando para encontrar Cleo. Ele procurou por sua cabeça loira no meio da multidão, sentiu o estômago revirar de excitação quando pensou ter visto, então a gota de decepção quando não era ela. Depois de mais taças de champanhe do que ele poderia contar, ele deu um lance na pintura dela. Ele ofereceu mil e duzentos, não muito mais do que o último licitante, mas o suficiente para aumentar o preço para que ela pudesse vender a um preço respeitável. Ele ficou surpreso ao receber um e-mail no dia seguinte informando que havia vencido. Naquela tarde no trabalho, ele recebeu a ligação dela. Anders sorriu para si mesmo no espelho acima de sua mesa enquanto pressionava atender.

“Doze mil dólares”, disse ela. “O que doze mil dólares deveriam significar?”

Anders tinha certeza de que seu reflexo havia empalidecido fisicamente.

“Essa é Cléo?” ele gaguejou.

“Essa é a sua maneira de se desculpar pelo que fez?”

Seu cérebro zumbia para digerir essa nova informação. Mil e duzentos. Doze mil. A colocação de um decimal. Oito, dez, doze taças de champanhe…

"Estou feliz que você está arrependido", continuou ela. “Você deveria estar. Mas já faz um ano, e isso... é bem extremo.

“Como... eu pensei que a licitação era anônima?”

“Não acreditei quando me contaram.” Cleo riu, ignorando-o. “Eu até ouvi que alguém estava pensando em superar você. Você pode imaginar? É como 'A roupa nova do imperador'. Tudo que você precisa é que uma pessoa acredite, e é verdade.”

"Bem, eu certamente acredito em você."

Anders já estava recalibrando os eventos da noite anterior para se adequar a essa nova narrativa. Talvez ele *pretendesse* oferecer uma quantia tão grande. Não era o ideal, é claro, mas ele podia pagar, e agora lhe parecia encantadoramente espontâneo.

“Obrigado, Anders. Realmente."

Ele a ouviu suspirar de satisfação ao telefone.

“O que você vai fazer com o dinheiro?” perguntou Anders. “Compre algo bonito para você?”

“Foi um leilão beneficente, Anders. *Eu* não recebo o dinheiro. Mas ainda parece bom, vendi por tanto.

“Quem consegue então?”

“Acho que vai para a Avian Society of Central Park.”

"O que é aquilo?"

“Conservadores de pássaros.”

“Você está fodidamente brincando comigo. Dei doze mil dólares a um bando de observadores de pássaros?

“Aparentemente, há alguns falcões que precisam de proteção.”

"Diga-me que você está brincando."

“Eu nunca brinco com dinheiro”, disse Cleo em uma voz que não confirmava nem negava se isso era verdade. "Então, onde você vai colocá-lo?"

“Colocar o quê?”

“Minha pintura, Anders.”

"Oh. Uma parede não é o lugar de sempre?”

“Não seja esperto. No seu apartamento?

Anders não tinha pensado nisso. Ele nunca esperou acabar sendo o dono da coisa.

“Por que você não vem ver? Você pode me ajudar a escolher um lugar.

“Nós dois sabemos que já vi seu apartamento.”

Isso o surpreendeu. Nenhum deles jamais reconheceu abertamente qualquer detalhe da noite que passaram juntos. Aconteceu logo depois que ela e Frank se conheceram, antes que qualquer um deles soubesse que seria sério. Na verdade, ele percebeu, essa era a primeira vez que eles conversavam sem a presença de Frank desde então.

“Nunca à luz do dia”, disse ele.

"E de quem é a culpa?"

“Não é culpa de ninguém. Apenas um fato.

Mas fora frio da parte dele, ele sabia, mandá-la para casa no meio da noite daquele jeito. Foi culpa. Deixá-la dormir ao lado dele, tocá-la na luz sóbria da manhã, teria parecido uma segunda traição a Frank.

“Você me humilhou,” ela disse calmamente.

"Olha", disse ele. "Eu quebrei meus dentes sobre isso, eu fiz."

"O que?"

“É o que dizemos na Dinamarca quando nos arrependemos de algo que dissemos.”

Ele podia ouvir o sorriso dela no silêncio. “Quantos dentes você quebrou?”

"Todos eles. De qualquer forma, é diferente agora.”

"O que é?"

"Meu apartamento. Você deveria vir vê-lo.

"Como?"

“Tem novas... maçanetas.”

Cléo riu. Foi tão bom quanto feito.

Ajudou o fato de Frank ter passado as semanas seguintes filmando uma série

de comerciais na África do Sul para uma nova bebida energética que afirmava ter propriedades curativas para a ressaca. Milhões de dólares em besteira, ele disse, rindo, para Anders enquanto bebiam umas cervejas antes de partir. Anders teve a impressão de que Cleo iria com ele, mas claramente ela ficou para trás. Ele nunca havia considerado antes o que ela fazia enquanto Frank estava nessas viagens. Pintar, ele presumiu, embora quando ele perguntou a ela sobre seu trabalho algumas horas depois, ela dispensou a pergunta com uma brusquidão que beirava a irritação.

Cleo estava em seu apartamento, olhando para as grandes paredes brancas de sua sala de estar. Abaixo deles, o tráfego noturno fazia seu barulho habitual de buzinas e sirenes.

“Como você pode viver sem nada nas paredes?” Cleo perguntou.

Anders deu de ombros. Passou o dia sendo emboscado pelas imagens da revista; foi um alívio voltar para a escassez.

"Posso pegar algo para você?" ele perguntou. “Uma bebida, talvez, ou...”

Ele caminhou em direção a ela e a pegou. Ela enrolou as pernas em volta da cintura dele e o deixou enfiar a língua em sua boca. Eles caíram no sofá, mas Cleo balançou a cabeça e o puxou para o chão. Claro. Da última vez, eles estavam no sofá. Ela estava envolta em camadas. Ele tirou um suéter, uma gola rulê, uma camiseta, então desabotoou a calça jeans dela para revelar um par de meias por baixo. Ele riu enquanto tirava as meias dos pés dela.

“Você é como abrir uma boneca russa.”

Ela ofereceu a ele seu sorriso lento e felino.

“Vale o esforço”, disse ela.

Ela estava nua espalhada no tapete diante dele, suas roupas espalhadas em uma auréola ao redor de sua cabeça. Ele arrancou a própria camisa e empurrou a calça e a cueca até os joelhos. Ele nem esperou para chutá-los antes de abrir as pernas e estava empurrando dentro dela, mergulhando com força. e rápido. Ele estava em outro mundo, sem pensamentos a não ser a sensação dela o envolvendo. Deus, ela se sentia bem, ainda melhor do que ele se lembrava.

Cleo levou as mãos ao peito dele e o empurrou. Ela o encarou seriamente.

“Anders,” ela disse. “Isso não é sexo.”

Ele olhou para ela, ofegante.

"O que você quer dizer?"

“Quero dizer, o que você está fazendo – essa coisa de cutucar – não é sexo. É você se masturbando com meu corpo em vez de sua mão.

“Eu—uh. Deus, Cleo... Bem, o que você gostaria que eu fizesse?

Cleo colocou as mãos na parte inferior das costas dele e o puxou mais para dentro dela.

“Você sente isso?” ela disse. “Aquela saliência no topo nas costas? É isso que você está tentando acertar. Bem, não exatamente bater, apenas golpear com a ponta de... Sim, sim, assim, mas *mais devagar.* Enrole-se contra ele. Bom... Bom... Bom e lento. Mm-hmm, continue rolando e acariciando, acariciando e rolando. Sim, sim, é isso…”

Ele não estava acostumado a ouvir o que fazer. Isso o irritou. Ele pensou em desistir, mas era Cleo, afinal. A que ele mais queria. A que ele mais queria agradar. Ela deslizou dois longos dedos em sua boca, girando-os ao redor de sua

língua. Eles tinham gosto de cinza dos cigarros dela, mas ele não se importava. Seus olhos estavam olhando para os dele com aquela intensidade furiosa e engraçada que ela tinha. Eles eram de um verde manchado incomum, incrivelmente claro. Como ele nunca tinha notado antes? Ela afastou a mão e a empurrou para o espaço entre o estômago dele e o dela. Ele podia sentir a curva da junta dela se movendo contra ele enquanto ela se tocava. Suas pálpebras se abriam e fechavam como asas batendo. Ela deslizou a mão até onde ele a penetrou, apertando-o entre os dedos enquanto ele rolava para dentro e para fora, para dentro e para fora. Ele durou mais dez segundos, permitiu-se algumas bombas rápidas para terminar, então liberou dentro dela.

Ela riu quando ele derrubou o peso de seu corpo sobre ela com um gemido.

“Tudo bem,” ela disse, dando um tapinha nas costas dele. “Vamos trabalhar nisso.”

Ele estava ficando velho demais para fazer sexo no chão assim. A parte inferior das costas deu uma pontada de reclamação quando ele se afastou dela e rapidamente enfiou o pênis murcho de volta na cueca. O corpo pálido de Cleo estava imóvel no tapete ao lado dele como um vaso de lírios virado. Ela estava olhando para o teto com uma expressão vazia e inescrutável. O que ela estava pensando? Ela se arrependeu? De repente, ela pareceu ter se afastado dele. Seu corpo estava lá, mas ele podia sentir sua presença se retirar. Parecia sair da luz do sol para as sombras.

“Tem um cigarro?” ele perguntou, esforçando-se para soar casual.

Ela silenciosamente rolou de bruços para pegar sua bolsa e remover sua mochila, colocando uma em sua boca e acendendo-a com uma graça nascida da prática. Exalando, ela passou para ele.

“Você não está na África do Sul”, disse ele.

Ela balançou a cabeça.

"Você teve que trabalhar ou algo assim?"

Outra sacudida de cabeça.

"Porquê então?"

Ela se sentou e tirou o cigarro da boca dele, trazendo-o de volta para a sua. Ele podia ver uma mancha úmida no tapete de onde seu sêmen havia vazado dela.

“Você não fala mais?” ele perguntou.

Cleo pousou os olhos claros nele. A suavidade que ele havia testemunhado nela momentos antes havia desaparecido, substituída por uma severidade que o perturbava. Sua voz, quando ela falou, era baixa.

"O que você quer que eu diga?"

“Por que você não foi para a África do Sul?”

Ela olhou em volta procurando algum lugar para queimar o cigarro, então bateu as brasas na palma da mão.

"Jesus. Aqui-"

Ele deu um pulo e pegou um copo no balcão da cozinha. Esse era o problema de Cleo, pensou ele, ela nunca pedia ajuda para nada. Ajoelhando-se na frente dela, ele pegou a mão dela e gentilmente limpou as cinzas da palma dela no copo.

“Eu não queria mais ir,” ela disse calmamente.

"Vocês dois brigaram ou algo assim?"

Seus ombros pálidos estavam curvados perto de suas orelhas. "Não importa."

"Tenho certeza de que é importante para Frank."

"Frank é um bêbado", disse ela calmamente.

Anders pensou nisso por um momento. Frank bebia muito, ele tinha que admitir, embora ele também. Claro, Anders sendo escandinavo, era apenas uma coisa cultural. E não era como se Frank fosse um sem-teto bebendo até morrer embaixo de uma ponte. Se ele era um bêbado, pelo menos era altamente funcional.

"É por isso que você está aqui, então?" ele disse. "Para se vingar dele por beber?"

Ela balançou a cabeça novamente e olhou para sua mão, que ele ainda segurava.

"E daí?" ele perguntou. “Você só queria a companhia?”

Ela agarrou seus dedos com uma firmeza surpreendente.

"Eu queria você", disse ela.

O que mais o surpreendeu foi como era fácil estar com ela, quão pouca culpa ele sentia. Ele tinha pensado nela com frequência desde aquela noite de bebedeira que passaram juntos, é claro, mas sabia que deveria empurrar qualquer sentimento por ela para uma parte profunda e intocada de si mesmo. No dia em que Frank lhe disse que eles iriam se casar, ele sentiu um estranho tipo de traição - por Frank ou Cleo, ele não sabia - e jurou manter distância dela. E ele conseguiu por quase um ano. Até agora.

Todas as noites, depois do trabalho, ele corria para casa para vê-la, ansioso para abraçá-la novamente. Eles mal deixaram seu apartamento. Eles pediram pratos de sashimi e os comeram com os dedos. Eles fumavam maconha de uma maçã e faziam sexo lento e em transe. Eles assistiram a filmes, envolvidos um no outro. Eles ignoraram a neve caindo suavemente pela janela. Eles tomaram banho. Eles beberam chá. Eles apertaram os pés um do outro. Eles tocaram música um para o outro. Eles construíram um boneco de neve na varanda. Eles fizeram sopa do zero. Eles cheiraram coca e ficaram conversando até que a manhã os perseguiu de volta para a cama. Eles dormiram um ao lado do outro, às vezes intermitentemente, às vezes pacificamente, todas as noites durante duas semanas.

No dia em que Frank voltaria, Anders acordou com a luz. Cleo estava ao lado dele, uma barra de luz do sol riscando seu rosto. Sua expressão, mesmo dormindo, era preocupada. Ele tirou o braço lentamente de debaixo das costas dela e rolou para fora da cama. Ele pensou em tomar banho, mas queria sentir o cheiro de Cleo nele o dia todo. Vestiu-se rapidamente com seu costumeiro jeans escuro e gola rulê, depois foi para a cozinha. Chá com mingau, era disso que Cleo gostava de manhã. Assobiando entre os dentes, ligou a chaleira e tirou o leite da geladeira. Uma nuvem de vapor afunilou-se na sala. Ele mexeu a aveia, acrescentou um redemoinho de açúcar mascavo granulado. Frank estaria pousando em algumas horas.

O cartão postal que Frank lhe enviara estava apoiado no balcão da cozinha. Na frente havia a foto de um homem sendo atacado por um leão. A legenda abaixo

dizia “Mande mais turistas para a África do Sul!” Anders o recebeu com uma pontada de medo — Frank era o leão? — quando se lembrou de uma antiga piada entre os dois de que cada um mandasse para o outro o pior cartão-postal que pudessem encontrar de cada país que visitassem. No verso, rabiscadas com a letra quase ilegível de Frank, havia quatro palavras: “Pensei em você, irmão”.

Anders consultou o relógio; ele não tinha muito tempo. Hoje foi o dia dele com Jonah, filho de sua ex-namorada Christine. Jonah não era biologicamente seu filho, mas Anders viveu com ele dos quatro aos dez anos e o amou de uma forma feroz e desconfortável que ele imaginou ser quase paterna. Ele ansiava por vê-lo, embora não tivesse tempo para isso com a frequência que deveria. Nesta ocasião, ele estava feliz pela distração. Seria bom não pensar no avião de Frank fazendo sua lenta descida de volta a Nova York.

Cleo estava espalhada como uma estrela na cama quando ele voltou com o café da manhã. Ela jogou as cobertas dela, deixando seu peito pálido exposto. Ele gostava dela assim pela manhã, sem adornos. Seus cílios prateados davam a seu rosto uma aparência aberta e desprotegida. Ele se sentou na beirada da cama e muito gentilmente se inclinou para beijar seu mamilo. Ela deu a ele um de seus sorrisos sonolentos, como um raio de sol lutando contra um céu nublado.

"Como você dormiu?" ele perguntou.

“Cachimbos estavam tinindo.”

"É um prédio antigo", disse ele. “Eu fiz o café da manhã.”

Cleo se sentou e deu a ele um olhar sério. — O que você acha de Eleanor?

"Quem?"

“O redator da firma de Frank.”

“Ela é legal, eu acho? Por que diabos você perguntaria?

“Acho que Frank está apaixonado por ela.”

Anders colocou o mingau e a caneca de chá na mesa de cabeceira com um plunk.

"Por que você está trazendo isso à tona agora?"

"Você acha que ele também é?"

“Eu acho que você está sendo ridículo. Leonor? Ela é... ela não é o tipo de Frank.

“Eu vi os e-mails deles.”

"Agora mesmo?"

"Não. Há pouco tempo.

"Então?"

“Eles trocam essas piadas. Coisas que eles acham engraçadas.”

"E?"

“É o tipo de coisa que as pessoas apaixonadas fazem.”

“Ou colegas de trabalho entediados. Você nunca teve um emprego de escritório, Cleo. Esse tipo de coisa é normal.”

“Não parece normal.”

“É disso que se tratava então? Você acha que Frank está tendo um caso, então você queria ter um também?

“Eu não acho que eles estão tendo um caso exatamente. Acho que ele é... eles sentem um pelo outro.

"Você é louco."

“ *Não* me chame de louco.”

Cleo sentou-se mais contra a cabeceira da cama e puxou os lençóis em volta de si. Seu rosto estava contraído e branco.

“Olhe...” Ele lutou para afastar as mãos dela de onde estavam amarradas em seu peito e as pegou nas dele. “Eu sei que isso é difícil, com Frank voltando e nós não sabendo... Bem, como proceder. Mas nós tivemos um tempo tão feliz juntos. Não vamos brigar agora, por favor.

“Vou dizer uma coisa para ele”, disse ela.

Ele soltou as mãos dela. "O que você quer dizer?"

“Eu não posso...” Ela parou, tentando encontrar as palavras certas. “Alguma coisa tem que mudar.”

Anders sentiu um aperto no estômago, como se um plugue tivesse acabado de ser puxado.

“Cleo, por favor, faça o que fizer, não diga nada sobre nós para ele. Ainda não. Preciso... preciso de mais tempo.

"Eu não vou trazer você para isso."

“Então o que você quer dizer?”

"Não sei! Que não estou feliz. Que estou me mudando. Eu tenho que fazer *algo* . Você pode me prometer apenas uma coisa?

Ela estendeu a mão para pegar as mãos dele de onde haviam caído em seu colo. Anders podia sentir-se fisicamente se afastando dela enquanto ela o agarrava. Ele teve que resistir ao impulso de pular da cama e sair pela escada de incêndio.

"O que?"

“Prometa-me que estará lá. Você não tem que sair e dizer a todos que estamos juntos. Apenas prometa que estará lá para mim.

"Olha, eu tenho que ir", disse ele. “É o meu dia com Jonah, eu disse a você. Tem mingau pra você aí. Por favor, não faça nada precipitado, Cleo. Por favor."

Ele a beijou apressadamente na bochecha e apontou para o mingau, como se comê-lo resolvesse tudo.

“Fique,” ela disse, mas ele já estava saindo pela porta.

Ele chamou um táxi e rumou para o oeste. Ele estava atrasado. Ao entrarem na West Side Highway, Anders relaxou a cabeça no encosto do banco. Corredores agrupados contra o frio correram ao longo da água, além da qual se erguia o horizonte nada glamoroso de Nova Jersey. Eleanor era de Nova Jersey, ele se lembrava de Frank ter dito. Anders não deu muito crédito à teoria de Cleo sobre seus sentimentos um pelo outro. Cleo era sensível, imaginativa, ligeiramente paranóica; ela leu muito em tudo. Frank teria contado a Anders se ele tivesse se apaixonado por outra pessoa. De qualquer forma, o que o levaria a perseguir uma mulher como Eleanor quando ele tinha Cleo?

Os próprios sentimentos de Anders por Cleo eram uma profusão de contradições. Sua reação inicial à perspectiva de ela contar a Frank sobre eles foi de terror, quase repulsa. Agora, no silêncio do táxi, o pensamento de Cleo sendo dele o tempo todo, ao ar livre, não apenas por alguns momentos roubados, acendeu um rubor quente de prazer dentro dele. Mas a que custo viria esse prazer? Ele conhecia Frank há mais de duas décadas, Cleo apenas um ano. Mas estar com Cleo o fazia se sentir imprudente, como se pudesse queimar sua vida e

reconstruí-la novamente.

Ele chegou à casa de Christine e tocou a campainha do apartamento dela. Ele adorava o lugar quando morava lá, suas paredes curvas e claraboias empoeiradas, mas ficou aliviado ao voltar para o centro quando eles se separaram. Ele achava o Upper West Side opressivo, com seus inevitáveis transeuntes e conversas escolares. Ele sempre sentiu, talvez delirantemente, que era muito jovem para viver lá.

Ele entrou no elevador e esperou que o chamassem para o andar dela. Christine era contadora de um escritório de arquitetura e ganhava bem sem a ajuda de um sócio, fato do qual se orgulhava muito. As portas se abriram para revelar seu rosto anguloso e familiar. Ela o puxou para um abraço.

“Oh, Anders,” ela disse, esfregando o rosto em seu pescoço. “Você não voltou a fumar.”

“Apenas socialmente”, disse ele.

“Você cheira como um adolescente.”

"Você cheira o mesmo", disse ele.

Ele reconheceu o cheiro familiar, amadeirado e um pouco picante, da colônia que ela usou para roubar dele.

"Jonah está em seu quarto se preparando", disse ela. “As cidades foram erguidas em menos tempo.”

Ele a seguiu até a cozinha.

“Há uma chance de eu ter que correr um pouco mais cedo.”

Frank estaria pousando agora, ele calculou. Depois, uma hora, talvez duas, para passar pela alfândega e voltar para a cidade. Ela diria algo no momento em que ele entrasse pela porta? Ele confiava que ela não o trairia para Frank. Mas o que ela diria? Ela o deixaria? E se Frank suspeitasse dele de qualquer maneira?

“Tudo bem”, disse Christine. “Divirta-se com Jonah, mas não muito divertido. Ele está na minha lista de merda no momento. Expresso?

Anders assentiu e checou o telefone. Nada de Cleo.

"O que ele fez?" ele perguntou.

“Ele me chamou de vadia porque eu não vou dar a ele um cartão de crédito como todos os seus outros amigos supostamente deram. Um cartão de crédito! Ele tem *treze anos* , pelo amor de Deus. Ele deve se sentir um milionário se tiver cinquenta dólares.

Ela caminhou até o corredor e chamou o nome de Jonah. O nome dele na boca dela eram duas sílabas longas, como uma sirene de ataque aéreo.

“Mulher, estou indo!” ele ouviu Jonah gritar.

Cristina revirou os olhos.

“Cresce dez púbis e pensa que pode me chamar de 'mulher'”, disse ela. “Às vezes me preocupo por ter criado um pirralho de verdade.”

"Nós levantamos", disse ele. “E todas as crianças são pirralhas nessa idade.”

Ela sorriu, então franziu a testa. “Eu não estava.”

Ela se virou para a máquina de café expresso e entregou a ele a pequena xícara fumegante.

"Então, você está saindo com alguém no momento?" ela perguntou. “Mais alguma supermodelo russa?”

“Sasha era ucraniano”, disse ele. "E não."

"Bem bem." Christine ergueu as sobrancelhas para ele. “O que você tem feito com todo o seu tempo livre?”

Cléo, ele pensou.

"Trabalhando", disse ele.

As coisas estavam indo bem na revista, apesar de sua desatenção. Eles estavam abrindo um escritório em Los Angeles e, de fato, haviam pedido a ele alguns dias antes para ser o chefe da equipe da Costa Oeste. Ele ainda não havia mencionado isso a ninguém e agora percebeu, com uma onda de prazer, que poderia contar a Christine.

“Na verdade,” ele disse. “Me ofereceram o cargo de editor-chefe no novo escritório de Los Angeles.”

“Oh, Anders, que maravilha.” Ela se inclinou e o beijou na bochecha. “Então, quando você vai se mudar?”

“É lisonjeiro, mas não vou aceitar”, disse ele. “Com Jonah, você sabe, eu deveria estar aqui perto dele. E é muito mais longe para meus pais, se eles quiserem nos visitar.

Ele não tinha intenção de deixar Nova York. Não quando sua vida de repente se tornou tão cheia de Cleo. Talvez fosse melhor se Frank *soubesse* mais cedo ou mais tarde. Ele o perdoaria eventualmente. Especialmente se ele estivesse, como Cleo suspeitava e Anders não conseguia acreditar, apaixonado por Eleanor. Anders poderia ser feliz com Cleo. Eles poderiam morar juntos, conseguir sua própria casa. Uptown talvez, perto do parque. Jonah gostaria dela, ele tinha certeza.

“Anders.” Christine franziu a testa para ele. “Seus pais nunca vieram para os Estados Unidos em todos os anos que te conheço. E quanto a Jonah, dificilmente você o vê todos os meses. Ele pode ir ver você lá fora. Tenho certeza que ele adoraria isso.

"Eu o vejo mais do que isso, certamente?" Anders arriscou.

“De qualquer forma, não é com Jonah que você tem que se preocupar. Frank é quem realmente não pode viver sem você. Christine tomou um gole de café e fez uma careta. “Ele é como o garoto-propaganda da codependência.”

"Isso não é verdade. E ele está com Cleo agora.

Apenas o som de seu nome em sua boca lhe deu uma sensação de calor.

“Eu não vejo esses dois duradouros.”

“Você não? Por que isso?"

Porque ele a tinha fodido duas vezes na noite passada?

“Frank ainda age como uma criança”, disse Christine. “E, pelo que ouvi, ela *é praticamente* uma criança.”

“Ela dificilmente é...” Ele estava levemente em pânico com essa descrição dela, considerando que ele era dois anos mais velho que Frank.

“Ah!” Christine jogou as mãos para o alto, olhando para além dele. “E aqui está meu filho!”

“Eu não sou uma criança, mãe,” Jonah rosnou.

Anders saltou para abraçar Jonah, que se submeteu, mas não retribuiu, seu abraço. Jonah estava na parte estranha de um surto de crescimento, seus membros de alguma forma um pouco longos demais para seu corpo. Seu cabelo castanho desgrenhado cobria parcialmente a poeira da acne que estava rastejando

de suas bochechas até as têmporas. Apesar de tudo isso, pensou Anders, ele parecia muito bem. Ele estava vestindo uma camisa do Chelsea e um par de jeans slim de ourela que Anders teria usado.

“Meu Deus”, disse Anders. "Você é quase tão alto quanto eu agora."

"Sim, talvez", disse Jonah, olhando para seus tênis. "Mas você ainda é louco de altura."

“Pensei em irmos ao Museu de História Natural.” Anders pousou as mãos levemente nos ombros de Jonah. “Há uma exposição de borboletas.”

A sugestão soou profundamente esfarrapada, até para ele. Jonah deu a ele um olhar que só poderia ser descrito como murchando. Quando ele aprendeu a olhar para alguém assim?

"Tudo bem, foda-se isso." Anders sorriu. "Você quer ir buscar bifes ou algo assim?"

"Linguagem!" disse Cristina.

"Claro, tanto faz", disse Jonah, encolhendo os ombros em sua parca.

A churrascaria a que eles foram estava escura e vazia, intocada pela luz do sol ou pelo ar de alegria do fim de semana que permeava as ruas lá fora. De acordo com o item principal do cardápio, o interior do restaurante era vermelho sangue; paredes encharcadas de carmim, aglomerados de cadeiras marrons escuras, grossos guardanapos carmesins plissados em mesas de mogno. Era como estar dentro de uma artéria.

Anders pediu bifes de porterhouse com acompanhamentos de batatas assadas e creme de espinafre, além de um Peroni e uma Coca-Cola. Comida de homem de verdade, ele observou secamente para si mesmo, pensando em seus brunches vegetarianos semanais com Frank em Sant Ambroeus; seus pedidos de ovos orgânicos e muitas rodadas de Bloody Marys para melhorar os efeitos da noite anterior. Ele percebeu, com um sobressalto, que aqueles almoços acabariam para sempre.

“Então, como vai o ensino médio?” ele perguntou.

“Sou jovem para o meu ano”, disse Jonah, sorvendo sua Coca-Cola de um só gole. “Todo mundo tem quatorze anos.”

“Mas como é?” disse Anders. “Você está fazendo amigos?”

“Está tudo bem,” disse Jonah. “Como é chamado quando você tem, tipo, letras representando palavras?”

“Sigla”, disse Anders, aliviado por ter se lembrado.

“Sim, isso. Você sabe o que eles dizem que Dwight é um acrônimo? Idiotas brancos idiotas ficando chapados juntos.”

"E sua mãe está pagando quanto dinheiro para mandá-lo para lá?"

“Uma tonelada de merda.” Jonah deu de ombros. “Eles têm um bom time de futebol.”

Anders checou seu telefone discretamente. Nada. Ele tomou um longo gole de sua cerveja no silêncio que se instalou.

“Então... o ensino médio é bom,” ele tentou novamente. “Muito diferente do ensino médio?”

“É bem drogado lá”, disse Jonah, brincando com o guardanapo. “Um júnior foi pego usando cocaína na biblioteca na semana passada. Você já experimentou?

Tentou? Ele amou. Mas ele não estava prestes a dizer isso a Jonah. A lembrança de cheirar pó nos seios macios de Cleo veio a ele como um choque elétrico. Ele tomou outro gole de cerveja.

“Não, amigo”, disse ele. “Essa coisa apodrece seu cérebro.” Então, temendo estar dando o tipo de resposta mecânica que teria ignorado quando adolescente, ele acrescentou: “Fique com cerveja e maconha. É uma aposta mais segura.”

"Bom saber." Jonas sorriu. "Ei, pulseira legal."

Ele estendeu a mão por cima da mesa e tocou o pulso de Anders. Foi a primeira vez que ele fez contato voluntariamente com ele naquele dia.

"Você gosta disso?" Anders disse. “Você pode ficar com ele.”

Ele o desenrolou e observou Jonah hesitantemente enrolá-lo em seu próprio pulso fino. Era feito de corda marítima azul presa por um anzol de prata. Jonah olhou para ele, depois de volta para Anders.

“Não,” ele disse. “É um gay louco.”

Anders olhou para o bracelete enquanto Jonah o removia novamente. Oitenta e cinco dólares no Barney's por algo que seu pai poderia ter feito com sua caixa de equipamentos. Ele o enfiou no bolso da calça jeans.

“Não acredito que vocês, crianças, ainda chamem as coisas de gays”, disse ele.

“Significa apenas não droga, você sabe, coxo. Não é sobre sexualidade nem nada.”

“O que você sabe sobre sexualidade?” exclamou Anders. “Você só tem dez púbis!”

"Bem", disse Jonah, levantando-se da cadeira. "Eu já tenho uma namorada. Então foda-se.

Anders ficou emocionado por receber essa confiança, embora de forma agressiva. Jonah nunca tinha falado com ele sobre garotas antes.

"Isso é fantástico! Quem é ela?"

“Ela é meio que minha namorada, não sei,” disse Jonah. Ele amassou o guardanapo na palma da mão. “Essa menina Raquel.”

“Raquel,” repetiu Anders. "Fantástico. Como ela é?"

"Ela está na minha série", disse ele. "Ela é legal. Ela não é a garota mais gostosa do ano, essa é a garota Natalia, mas ela está entre as quatro primeiras. E” – ele sorriu para si mesmo com a lembrança – “ela me deixou enfiar um dedo nela.”

“Uau,” disse Anders, genuinamente surpreso.

Jonah recostou-se na cadeira e pegou a faca de carne, girando a ponta contra a ponta do dedo. Provavelmente o mesmo dedo, observou Anders, que esteve recentemente dentro de uma caloura de Dwight chamada Raquel.

“Tentei fazer com que ela me desse um BJ”, disse Jonah. “Mas ela estava toda reclamando sobre isso, então eu desisti.”

Esse tom era inteiramente novo para ele. Seu Jonah era sensível, gentil. Ele chorou em metade dos filmes que Anders o levou. Anders lembrou-se de algo que Cleo lhe dissera sobre a empatia, como ela deveria ser exercitada como um músculo, principalmente em meninos, começando desde tenra idade. Ela disse que era a habilidade mais importante que uma pessoa poderia ter, a habilidade de sentir como o outro sente.

“E, hum, como você acha que isso a fez se sentir?” ele arriscou.

"O que você quer dizer?"

O garçom chegou para descarregar os porteiros na mesa. O sangue escorria pelas placas. Anders abriu sua batata assada e olhou hesitante para Jonah através da nuvem de vapor que escapava.

“Quando você, hum, a tocou,” ele disse enquanto o garçom se retirava.

Jonah deu uma mordida em seu bife.

"Oh, eu sei como isso a fez se sentir", disse ele. "Molhado!"

O telefone de Anders tocou. Ele o tirou do bolso e sentiu tudo dentro dele se contrair. Frank estava ligando para ele. Ela disse a ele. Ele murmurou algo para Jonah sobre uma chamada de trabalho e tropeçou da mesa. Ele saiu do restaurante para a luz do sol, o telefone ainda zumbindo em sua mão. Era um dia excepcionalmente quente para fevereiro; mesmo sem o paletó, ele estava suando. Um grupo de garotas passou cantando uma música pop que tocava baixinho em seus telefones. Seu polegar pairou sobre o botão de resposta. Ele não conseguia se mexer. Ele desejou que seu polegar pressionasse para baixo, mas ele estava paralisado. Ele olhou para o nome. Frank. Frank. Frank. Então a tela escureceu. Ele tinha perdido isso. As garotas atravessaram a rua, a música desaparecendo com elas. Ele soltou o ar, procurando no bolso os cigarros que já sabia que tinha deixado com Cleo. Seu telefone vibrou novamente e declarou uma mensagem de voz. Ele o levou ao ouvido, com o coração disparado.

"Meu irmão!" disse a voz de Frank. "Voltei. Melhores frutos do mar que já comi. Pernas de polvo do tamanho do meu braço. Você teria amado. De qualquer forma, estou prestes a pegar comida com Cley. Ela quer comer durante o jogo do Arsenal, é claro. Venha nos conhecer! Ou se você quiser uma bebida mais tarde…”

Ele ouviu um murmúrio ao fundo, uma voz feminina baixa. Cléo.

"De qualquer forma, me ligue de volta", disse Frank. “Senti falta do seu lindo rosto dinamarquês.”

Anders voltou para a mesa. Ele sentiu o alívio e a decepção tomarem conta dele em ondas, uma sensação ganhando força enquanto a outra recuava. Ela não o havia deixado. Ela não faria. Ele havia sido poupado de uma tristeza, apenas para receber outra. Sentou-se, olhou sem apetite para o bife ensangüentado e se levantou.

“Eu só vou correr para o banheiro,” ele disse em resposta ao olhar perplexo de Jonah. “Não coma meu bife enquanto eu estiver fora.” Ele tentou um sorriso.

Ele se trancou em um cubículo e desabotoou a calça jeans, apoiando uma das mãos na parede e posicionando-se sobre o vaso sanitário. Ele fechou os olhos e viu Cleo. Ela estava ajoelhada na frente dele, nua, e sorrindo para ele. Ele esfregou seu eixo e imaginou estender a mão para alisar a parte de seu cabelo dourado. Ele acariciou seus seios, beliscou seus mamilos. Então ele apertou com força. Ele empurrou seu pênis em sua boca, sentindo sua mordaça nele. Ele estava segurando a parte de trás de sua cabeça, enfiando-se mais fundo em sua garganta. Lágrimas escorriam por seu rosto; ele puxou e deu um tapa em um lado do rosto dela, depois no outro. Ele estava transando com ela por trás agora, as mãos abrindo suas bochechas. Ele estava batendo em seu cu rosa enrugado. Ele a espancava, cuspia nela, puxava seus longos cabelos. Ele a estava virando,

abrindo suas pernas. Ele estava afundando de volta em sua boceta agora, esmagando sua boceta molhada. Ele estava enfiando os dedos em sua garganta vermelha apertada. Ele estava empurrando seus polegares em seus olhos. Então ele estava socando o rosto dela, seu rosto lindo, irreverente, de partir o coração, pound pound pound, até que seu o punho atravessou o buraco, como uma boneca de porcelana, e não havia nada além de um buraco preto e irregular onde antes ficavam a boca e o nariz. E então ele fodeu o buraco, fodeu, fodeu, fodeu, fodeu o espaço onde o rosto dela tinha estado até que, com um longo jorro de corda, ele caiu nele e desapareceu completamente.

De alguma forma, ele passou o resto do almoço com apenas o pequeno contratempo de concordar distraidamente em conseguir um cartão de crédito para Jonah. Christine ficaria furiosa, mas ele lidaria com isso mais tarde. Eles voltaram do restaurante pela Columbus Avenue, parando para passear pelo mercado de pulgas na Seventy-Seventh. Jonah estava andando atrás dele em seu telefone, cego para a miscelânea de lixo em exibição. Anders sentiu vontade de jogar o próprio telefone no lixo. Ele foi até outra mesa e folheou desapaixonadamente uma pilha de revistas *iD* da década de 1980 até que, com um sobressalto, se viu olhando de volta.

A foto estava em um beco no SoHo, em preto e branco e deliberadamente granulada, então parecia ainda mais velha do que era. Ele não se lembrava de ter sido levado, mas isso não era surpreendente. Ele voltou para a capa: 1982. Ele tinha vinte anos. Ele estava vestindo uma calça larga e um paletó sem camisa, encostado na parede de tijolos, as mãos nos bolsos, na pose atemporal de despreocupação juvenil. Ele era incrivelmente magro; maçãs do rosto ocas, peito oco, cabelo claro caído sobre um olho, o outro olhando diretamente para a câmera, para ele.

“Ei Jonah, venha ver isso!”

Ele segurou a revista aberta para poder ver.

"Que você?"

“Parece que sim.”

“Tem um garoto na série acima da minha que é modelo,” disse Jonah, encolhendo os ombros. “Todo mundo gosta dele. Foi tipo, divertido?”

"Modelagem? Às vezes. Na maioria das vezes era tedioso.

E aterrorizante, o que ele nunca havia admitido para ninguém. Ele raramente falava sobre os primeiros anos quando se mudou para Nova York. Como ele foi passado por agentes de elenco, gerentes e estilistas, todos mais velhos do que ele, todos informados sobre este mundo de sugestões e insinuações que ele não conseguia decifrar. Houve uma sessão de fotos em que ele foi convencido a se despir, exceto por uma mancha de batom. Ele se lembrava agora da desconcertante humilhação de tentar parecer imperturbável na frente do fotógrafo. Ele ainda não sabia para que serviam aquelas fotos.

Jonah se inclinou para examinar mais de perto a imagem em suas mãos.

“Não, não é você... Olha, aqui diz o nome da modelo. Jack."

"O que?" Anders aproximou a página do rosto e examinou o texto. Jonas estava certo. O modelo foi creditado com outro nome.

"Esquisito." Jonah deu de ombros. “Parece muito com você.”

Jonah se afastou em direção a outra barraca de antiguidades, deixando Anders olhando para seu não-eu com vergonha. Olhando mais de perto, esse modelo estava mais magro do que nunca, com um rosto mais simétrico e de aparência americana. Anders fechou a revista e colocou-a de volta na pilha. O que seu agente costumava dizer? Todo mundo era substituível.

“Ei, Anders,” Jonah chamou de uma barraca próxima. Ele estava jogando uma bola de futebol marrom de mão em mão. Era tão antigo quanto Anders, do tipo com o qual seu pai poderia ter praticado. “Quer chutar isso por aí? Tenho testes em uma semana.

Cem dólares por uma bola de futebol (“É costurada à mão”, insistia o vendedor), mas não importava. Jonah deixou Anders manter o braço em volta de seu ombro por duas avenidas inteiras enquanto caminhavam até o parque. Ele nunca foi bom em ser uma figura de autoridade para Jonah, algo que Christine frequentemente o repreendia quando estavam juntos. Mas era diferente para ele. Ele conhecia Jonah desde que ele tinha quatro anos, dois terços de sua vida, mas não toda a sua vida. Ele não era amor garantido.

Eles ficaram frente a frente no Grande Gramado, batendo a bola para frente e para trás. A mente de Anders se ajustou ao ritmo da bola; seus pensamentos começaram a desacelerar e se ordenar. Ela não ia deixar Frank. Ela precisava muito dele. E mesmo que tivesse, ela e Anders não poderiam ficar juntos. Era muito confuso, um relacionamento nascido da destruição de um casamento e de uma amizade. E ainda assim ele estava se convencendo de que era uma boa ideia, como um idiota romântico. Suficiente.

“Você ainda tem uma perna muito boa para um cara velho,” disse Jonah.

“Obrigado,” Anders gritou de volta. “Mas eu não sou velho.”

"Você tem uns cinqüenta", disse Jonah, aproximando-se.

“Tenho a porra dos quarenta e cinco anos”, disse Anders.

Jonas riu. "Linguagem!"

“Não conte para sua mãe.”

“Mas você não tem filhos,” Jonah disse de repente.

"Eu tenho você."

“Sim, eu sei, mas crianças de verdade que moram com você e essas merdas.”

“Idioma”, disse Anders, de forma menos convincente.

"Olhe-" Jonah segurou a bola ainda com o pé. “Só acho que minha mãe se preocupa com você. Eu a ouvi ao telefone com a tia Vicky, falando sobre você.

“É a tia Vicky que está com a criança no Modelo da ONU?”

“Ned? Esse garoto é um idiota.

“Total idiota,” disse Anders e sentiu o sorriso de Jonah aquecê-lo por dentro. “Ninguém precisa se preocupar comigo. Agora, mostre-me seus chutes.

Anders observou Jonah quicar a bola da ponta do pé até o joelho e vice-versa. Contou junto com ele, *nove, dez, onze, doze...* Ele tinha quarenta e cinco. Ele não tinha filhos de verdade que moravam com ele e merda. Ele não era casado, nunca tinha sido. Seu relacionamento mais longo foram os seis anos com Christine. Mas ele ainda era saudável, ainda tinha sua aparência. Se ele tivesse um bebê no próximo ano, ele teria apenas sessenta e seis anos quando o garoto tivesse vinte. Isso não era tão antigo. As pessoas correram maratonas aos

sessenta e seis. Ele só precisava conhecer alguém. Alguém sem toda a bagagem. Jonah perdeu o controle da bola e Anders correu para recuperá-la.

"Ei Jonah", disse ele, jogando a bola de volta para ele. “Estou pensando em me mudar para Los Angeles. Como você se sentiria sobre isso?”

“Gosta de praia?”

"Talvez", disse ele. "Sim, realmente. Eu poderia dar uma olhada em Venice Beach.

“De onde são os Z-Boys?” disse Jonas.

“Exatamente”, disse Anders. “E você viria visitar, é claro. Poderíamos ir surfar. E vou comprar um carro, um conversível, para podermos dirigir até o deserto.

"Legal", disse Jonah. “Chelsea está jogando no LA Galaxy em breve.”

“Vou comprar ingressos para nós”, disse Anders e apertou seu ombro. "Você realmente ficaria bem com isso?"

Jonah olhou para o chão e deu de ombros.

"Eu não ligo."

Ele se lançou para a bola e começou a quicá-la na cabeça. Anders o interceptou e pediu que ele fosse comprado. Jonah saiu correndo pelo gramado, a silhueta do West Side atrás dele. O sol ainda estava se pondo cedo, mas ainda havia uma boa hora de luz. Anders deu alguns passos para trás, correu para a frente e soltou a bola. Foi um passe perfeito.

CAPÍTULO ONZE

Início de março

Frank havia deixado um bilhete no balcão da cozinha para Cleo encontrar, mas não foi escrito por ele. Era do vizinho do lado. Ele estava reclamando do “histrionismo das novelas noturnas”, como ele disse. O vizinho era um crítico de teatro com cabelo impecável, então ele poderia dizer uma coisa dessas. Cleo leu o bilhete mais uma vez, dobrou-o cuidadosamente em um quadrado e ateou fogo sobre a pia da cozinha. Era meio-dia.

Frank havia saído cedo naquela manhã para uma filmagem que só terminaria muito depois do pôr do sol. Ela não o ouviu sair; ele passara a dormir no sofá, ostensivamente para evitar incomodar Cleo quando chegasse tarde em casa, mas principalmente para poder voltar bêbado impunemente. Nem é preciso dizer que esse arranjo significava que eles não estavam mais fazendo sexo. Cleo havia passado a manhã deitada na cama, observando a luz do sol rastejar acusadoramente pelo teto, até que a sede a levou à cozinha, onde encontrou o bilhete esperando. Frank não havia enviado mensagens para ela ou anexado qualquer nota sua à do vizinho. Ele deixou para ela descobrir sozinha.

Ela colocou os fósforos de volta na gaveta de talheres. Lá estavam os pauzinhos pintados à mão que ela havia feito para ele quando se conheceram, mais de um ano atrás. Ela estava sempre fazendo coisas naquela época, levando-as para Frank como um gato orgulhosamente deixando cair um pardal a seus pés. Não mais. O bilhete era um novo tipo de humilhação. Alguém os havia testemunhado. Pior, alguém havia confirmado o que ela já temia: não eram normais. Não era normal lutar como eles. Não é normal Frank voltar bêbado tantas noites seguidas. Não era normal ela reagir com tanta selvageria quando ele o fazia. No mês anterior, ela quebrara um vaso e um cinzeiro, batera no rosto, no peito e nos braços dele e, na noite anterior, arremessara a orquídea azul que ele lhe dera de presente de casamento, partindo o caule ao meio. .

“Ninguém mais é assim”, dissera ela na noite anterior. Eles estavam sentados no chão da sala, a terra preta da orquídea espalhada ao redor deles. "São eles?"

Ela olhou para ele.

“Não sei, Cley”, disse ele.

"Bem, o que você acha?"

“Tenho certeza de que há casais piores.” Ele encolheu os ombros. "E melhor."

"Você pensou que seria melhor?"

Ele deu de ombros novamente. “Não esperava que fosse tão difícil.”

"Ser casado?"

“Morar junto, tudo. Não pensei que você ficaria tão... tão afetado por mim.

“Por que devo ser afetado, senão por você?”

"Eu sei eu sei. É que eu trabalho duro. A vida é difícil. Não quero voltar para casa e ter... A briga, sabe. Eu não gosto disso. E você está chateado comigo o tempo todo.

“Mas por que cabe a mim não ficar chateado? Por que você não pode voltar para casa mais cedo? Ou não passar todas as noites fora? Por que você não pode... sei lá, ser melhor?

Frank segurou a testa com as palmas das mãos e olhou para baixo.

"O que?" ela perguntou. "Muitos sentimentos por você, Frank?"

Ele olhou para ela por entre as mãos.

"Não é divertido, você sabe", disse ele calmamente. “Sempre errado.”

Ele se levantou rigidamente e saiu da sala, e foi como se toda a luz tivesse ido embora com ele, deixando Cleo no mundo sombrio de seus próprios pensamentos mais uma vez.

Cleo abriu a torneira e jogou água nas cinzas da pia, jogando a sujeira preta no ralo com a palma da mão. Uma novela, a vizinha havia chamado, e era verdade.

Ela se ajoelhou no chão da cozinha e se deu um soco, duas vezes, no estômago. Ela caiu para a frente sobre as mãos e os joelhos, respirando pesadamente. Ela podia sentir seus seios e estômago puxando para o chão. Ela se equilibrou em uma palma e deu um soco no estômago novamente. Era inútil; a gravidade trabalhou contra ela, suavizando o golpe. Ela queria que a raiva saísse dela, para ficar quieta e quieta, mas os socos tinham sido muito fracos para desalojá-la. Ele disparou.

Ela se levantou e olhou inexpressivamente ao redor da cozinha. Ela e Frank ganharam de presente de casamento um bloco de facas de cortar, com cabos de madeira de faia. Eles nunca os usavam, é claro, nunca cozinhavam, nunca faziam nada remotamente doméstico. Todo o apartamento estava cheio de objetos práticos transformados em puramente decorativos - um sofisticado aerador de vinho, um trampolim em miniatura, instrumentos musicais caros que nenhum dos dois sabia tocar. Eles tinham um teremim, pelo amor de Deus. Eles não poderiam ter um animal de estimação sem... Cleo afastou o pensamento. Era doloroso demais lembrar.

Cleo puxou uma faca de seu bloco de madeira. Ela esticou o braço rígido à sua frente, apoiando as costas da mão na bancada da cozinha e fechou o punho. A parte de baixo de seu antebraço era muito pálida, a pele amarelada gradualmente empalidecendo para um branco macio e exposto, como a barriga de um cachorro. Ela precisava ficar chocada com esse sentimento, controlá-lo para que parasse de controlá-la. Ela levantou a faca e fez alguns golpes de prática. Fez um swoosh satisfatório no ar. Ela fechou os olhos e inalou. O truque era não hesitar.

Mas ela fez. Ela abriu os olhos. Ela largou a faca e voltou para o quarto, para a cama desarrumada e seus lençóis amassados, e deitou-se. Lá estava o teto novamente. A raiva estava diminuindo, mas em seu rastro havia um vazio que poderia ser preenchido por qualquer coisa. Ela fechou os olhos e esperou. Ela imaginou lascas de cinzas caindo do teto. Prateados e macios, eles comprimiam

seu corpo na cama. Flocos se prenderam em seus cílios e se acumularam nas cavidades entre seus braços, peito e pernas. Ela estava abafada sob um monte de cinzas de prata, silenciando todos os sons.

Só então, na quietude abaixo, o novo sentimento chegou. Foi uma vergonha. Vergonha por ter largado o emprego, pena por não pintar, pena por ter se casado com Frank, pena por ele estar apaixonado por outra pessoa, pena por ela ter corrido para Anders em busca de consolo, pena por ele tê-la descartado, vergonha que Frank bebia como ele, pena que eles deixaram Jesus morrer, vergonha que Frank a deixou destruir todo o apartamento procurando por ela antes de confessar o que ele tinha feito, vergonha que ela o encobriu e disse a todos que Jesus havia escapado, pena que agora era segredo dela também, pena que ela estava com muito medo de deixá-lo quando disse que iria, pena que sua mãe estava morta e ela não podia pedir-lhe conselhos, pena que sua mãe não quero ser mãe dela o suficiente para *não* estar morta, só vergonha, vergonha, vergonha.

Ela queria separar os fios que mantinham os últimos doze meses juntos, desfazer os pontos como um vestido sendo aberto para alguém novo. Ela queria ser a nova pessoa. Ela ficou lá enquanto a luz do sol enchia e se afastava do apartamento. Seu telefone tocou uma vez, então novamente. Cleo suportou o som por dez toques estridentes, então se ergueu da pilha de cinzas e respondeu.

“ *Aí* está você. Por que você finge estar ocupado? Eu sei que você não está."

Era Quentin. Ele ia pegar um aspirador que havia encontrado no Craigslist e queria que ela fosse com ele caso o vendedor tentasse assassiná-lo.

“O que te faz pensar que eles não vão me matar também?” disse Cléo. Ela ficou surpresa com o quão natural e leve sua voz soou. Assustava-a como era fácil fingir sua própria felicidade.

“Bem, ele não está esperando por você”, disse Quentin. “E é muito mais difícil matar duas pessoas ao mesmo tempo.”

O fato de Quentin estar comprando um aspirador de segunda mão era típico de sua peculiar mistura de extravagância e frugalidade. Ele poderia alegremente gastar milhares em um casaco de pele de cordeiro ou estatueta de anime japonês, mas gastar dinheiro em qualquer coisa remotamente útil, como material de limpeza ou TV a cabo, o entristecia profundamente. Ele era talvez o membro do cartão mais dedicado de sua farmácia, acumulando pontos com um entusiasmo fanático. Era o lado de Quentin que ela estranhamente mais gostava, no entanto; o mesmo lado que significava que ele usava quase exclusivamente as meias dadas de graça nos aviões, o lado que desenhava à mão um cartão de aniversário para ela todos os anos, que fumava cigarros poloneses baratos e comia cereais que comprava em grandes quantidades na internet. O outro Quentin — desdenhoso, rico, invulnerável — era mais difícil de tolerar.

“Esse vácuo realmente vale a pena ser estuprado e assassinado?” ela disse.

“Jesus, ninguém falou nada sobre estupro”, disse Quentin. “Mas é um Dyson Ball Compact com *três* das cinco cabeças originais.” Cleo ficou quieta, olhando para o braço dela. Quentin suspirou no telefone. "Isso quer dizer sim."

Cleo se deixou persuadir a encontrá-lo em uma hora, sentiu o alívio tingido de ressentimento por fazer o que outras pessoas queriam que ela fizesse. Ela ficou na frente de seu guarda-roupa, congelada. Apenas o ato de escolher algo para

vestir parecia insuperável. Muito lentamente, ela vestiu um par de jeans. Bom, isso foi metade do trabalho feito. Ela pegou um dos suéteres de caxemira de Frank e o vestiu sobre o torso nu. Cheirava a sua colônia, folha de tabaco e especiarias, e outro perfume que era exclusivamente de Frank. Ela o puxou e vestiu um de seus próprios suéteres. Ela olhou para os sapatos. Estava muito frio lá fora, tempo de botas, mas ela não tinha certeza se conseguia se lembrar de como amarrar os cadarços. Ela calçou meias grossas e cuidadosamente deslizou os pés em um par de tênis sem cadarço. Ela estava indo bem.

Esperando o elevador, ela ouviu o vizinho. Muitas vezes, ao passar por sua porta, Cleo podia ouvir a ópera que ele gostava de tocar se infiltrando no corredor. Era um som lindo e crescente. Mas hoje houve apenas silêncio.

Quando ela o encontrou do lado de fora do prédio, Quentin vestia um pijama de seda azul-escuro adornado com minúsculas flechas douradas sob um grande casaco de pele e um par de velhos tênis de corrida. Quentin sempre teve a dupla capacidade de fazer coisas caras parecerem que foram retiradas de lixeiras e coisas baratas parecerem proibitivamente caras.

"Belo pijama", disse Cleo.

“É o meu visual Jack Nicholson-vai-a-um-jogo do Lakers”, disse Quentin, colocando um par de óculos dourados de armação grossa no nariz. Ele a olhou com aprovação. “Você parece magro.”

Cleo vestiu o pesado sobretudo camel de Frank e o prendeu na cintura com um de seus cintos antigos. Ela deu uma pequena pirueta na calçada em frente a ele.

“É depressão!”

Quentin deu de ombros. “Melhor dieta que conheço.”

Cleo descobriu que estava desapontada por ele não se preocupar em perguntar mais. Eles estavam caminhando para o final de seu quarteirão, onde o tráfego já estava aumentando na avenida. A luz amarela dos faróis espirrava e se acumulava em poças de lama ao longo da calçada. Quentin verificou seu telefone.

"Estamos atrasados."

"Quer correr para esta luz?"

“Correr é para crianças e ladrões”, disse Quentin.

Ele estava tirando as luvas para acender um cigarro quando seu olhar captou algo do outro lado da rua. Cleo o viu inspirar profundamente. O rosto de Quentin era extraordinariamente expressivo; suas emoções pareciam viver logo abaixo da superfície da pele, como peixes que sobrevivem em águas rasas. Suas sobrancelhas sozinhas podiam registrar medo, esperança, decepção, alívio, no espaço de uma respiração.

"O que?" perguntou Cléo.

“Nada”, disse Quentin. "Eu pensei que era Johnny por um segundo."

"Onde?" Cleo examinou o outro lado da rua em busca do cabelo laranja de Johnny.

“Pare,” ele disse. “Não foi ele.”

Eles esperaram pela luz em silêncio. Mudou e Quentin caminhou à frente dela.

“Como está Johnny?” ela perguntou, alcançando-o do outro lado.

"Como eu deveria saber?"

"Eu pensei que talvez vocês dois ainda conversassem."

Uma multidão de crianças em idade escolar passou correndo, soltando gritos como fitas coloridas de som atrás deles. Quentin girou para evitá-los, e Cleo o viu fazer uma leve careta ao se virar.

"Desculpe", disse ela. "Para trazê-lo à tona."

Quentin a encarou novamente e mostrou os dentes em um sorriso.

“Aquele careca?” Ele jogou o cigarro meio fumado em uma poça com borda de gelo marcada pela luz. “Ele já está esquecido. Na verdade, estou meio que saindo com alguém.

Cleo ergueu as sobrancelhas surpresa.

“Eu não sabia que você tinha um novo namorado,” ela disse.

“Alex *não é* meu namorado”, retorquiu Quentin.

"Oooh", brincou Cleo. “É o Alex, é?”

“Eu já disse o nome dele antes”, disse Quentin. “Você simplesmente não se lembra.”

Cleo franziu a testa. Ela tinha quase certeza de que não.

“Olha”, continuou Quentin. “Ele é apenas um cara que eu... vejo às vezes. É imprevisível. Ele é muito moreno e russo.

“Delicioso”, disse Cleo.

“Não sei se o chamaria assim”, disse Quentin. “Mas ele é definitivamente alguma coisa.”

Cleo olhou de soslaio para Quentin.

"Mas você está... bem com a situação?" ela perguntou. “Ele te trata bem?”

"Com o que você se importa?" ele perdeu a cabeça. “Você parou de se preocupar com o que eu fiz no momento em que se casou com Frank. Não aja de forma preocupada agora.

Quentin anunciou que eles haviam chegado com uma finalidade que mostrava que ele não ouviria a resposta dela. O endereço que o vendedor enviou era de um prédio pré-guerra com porteiro em uma rua tranquila perto de Washington Square. Uma grande paisagem nórdica cobria uma das paredes do saguão. Cleo geralmente achava essas pinturas opressivas, com suas montanhas escuras e florestas de pinheiros sombreadas, mas esta tinha uma bela moldura dourada que refletia no piso laqueado brilhante em uma poça de ouro. Cleo se imaginou patinando nele, como se estivesse em um lago escuro e congelado. Ela pensou em uma música que sua mãe costumava tocar, uma mulher cantando melancolicamente sobre o desejo de um rio para patinar... Como aquele sentimento era verdadeiro. Sua mãe sentiu isso; agora ela também. Essa era a verdadeira herança de sua mãe, ela pensou, mais definidora do que qualquer traço facial ou maneirismo. Ambos queriam desaparecer.

“Adoro entrar na casa de estranhos”, disse Quentin enquanto percorriam o corredor acarpetado. “Parece transgressivo. Tipo, se tivéssemos planejado melhor, poderíamos roubá-lo agora. Não estou dizendo que faríamos. Mas nós *poderíamos* .

O homem que abriu a porta para eles era ruivo, com um rosto largo e sardento e olhos da cor do vidro do mar sob cílios louro-claros. Os ruivos eram, aliás, a maior fraqueza de Quentin. este homem as cores lembravam Cleo das pinturas pós-impressionistas holandesas, todas em tons de azul, ferrugem e creme.

"Você está aqui para ver um homem sobre um aspirador", disse ele, franzindo os olhos em um sorriso. "Aqui você vai." Ele levantou a coisa pesada no corredor na frente deles. “Como eu disse no post, faltam dois bicos, mas fora isso está como novo.”

Quentin não fez menção de tocar no aspirador ou pegar a carteira para pagar. Ele estava olhando para o homem com um olhar que Cleo já tinha visto muitas vezes antes. Foi saudade.

"Então, hum, se você tiver dinheiro, ótimo", disse o homem, dirigindo sua atenção para Cleo. “Cheque também é bom, eu acho. Se alguém ainda carrega um talão de cheques.

“Você se importa se eu tentar?” disse Quentin. Ele levantou uma sobrancelha. “Verifique a... sucção?”

"Oh, bem, claro", disse o homem, afastando-se para deixá-los passar.

O apartamento era pequeno e comum em todos os sentidos, esquecido mesmo quando alguém estava dentro dele. O único ponto de interesse era um pôster emoldurado de Mozart parecendo, como sempre fazia com Cleo, altamente lascivo. O ruivo se agachou para ligar o aspirador atrás de uma estante baixa que se alinhava na parede mais próxima. Quando ele se inclinou para frente, sua camisa xadrez puxou para cima para revelar uma parte inferior das costas pálida e sardenta. Leite polvilhado com canela.

Sua esposa estava no chuveiro, ele explicou, limpando os joelhos. Levaram anos para perceber que não precisavam mais de dois aspiradores. O dela era muito menor, portátil, e ela preferia. Ele sabia que não devia discutir com uma mulher sobre esse tipo de coisa.

"Leve-o para dar uma volta."

Ele passou a maçaneta para Quentin e apertou o botão liga/desliga. Ele rugiu para a vida, e Quentin começou a empurrá-lo indiferentemente pelas tábuas do assoalho. Como se convocada pelo barulho, uma mulher apareceu na porta do quarto, vestindo um roupão felpudo com flores. Ela estava visivelmente grávida, cheia e curvada como uma praia. Ela observou a cena com um sorriso confuso.

"Desculpe, querida", disse o homem ruivo. “Eles queriam um test drive.”

“Você se importa se eu tentar isso no tapete?” Quentin disse.

Cleo lançou-lhe um olhar de advertência, que ele ignorou.

“Leve embora”, disse a mulher e sorriu convidativamente.

Quentin se moveu mais para dentro da sala para atacar o tapete sob a mesa de centro, empurrando seus quadris em tandem. Os três ficaram em triângulo ao redor dele, observando a visão de Quentin vestido de seda passando o aspirador no tapete turco sem graça.

“Fica bem no carpete”, disse o homem em dúvida.

“Entendo”, disse Quentin, e sorriu como se tivessem acabado de compartilhar uma piada secreta. Ele apertou o botão de desligar com o dedo do pé, e a sala voltou ao silêncio.

"Bem, isso tudo parece ótimo", disse Cleo, gesticulando para sair. “Devemos ir.”

“Sem pressa, *querida* ”, disse Quentin.

“Há quanto tempo vocês dois estão juntos?” perguntou a mulher, olhando perplexa de Quentin para Cleo.

“Nós não somos...” disse Cleo.

“Dois anos”, disse Quentin. "Não é mesmo, querida?"

O homem ergueu as sobrancelhas surpreso. Quentin adorava fingir que ele e Cleo estavam juntos. Ela sempre se perguntou se essa era uma forma de realizar uma fantasia secreta para ele, uma na qual ele não teria que mentir para sua família sobre quem ele era. Quem poderia culpá-lo? Sua família o ensinou que a única maneira de ser amado era mentir.

“Dois anos e meio”, disse Cleo.

“Ah, eu me lembro da fase de dois anos e meio”, disse a mulher. “Isso foi há muito tempo para nós, velhos.”

Cleo observou-a trocar um olhar com o marido que continha orgulho ilimitado e algo mais também. Alegria, ela percebeu. Eles estavam apaixonados. Ela estava tendo um filho dele. Eles moravam em um apartamento de um quarto no West Village onde ninguém tinha que mentir para ninguém para morar. Cleo queria isso? E se não agora, nunca? O que ela fez, casando-se com Frank? Ela deveria ter se casado com Quentin. Ela não deveria ter se casado com ninguém. Como uma pessoa aprendeu a viver? aprender a ser feliz? Ela havia se cercado de pessoas que não conheciam. Este casal, com seus aspiradores dele e dela, descobriu isso.

"Então, de onde vocês são?" a mulher perguntou.

“Inglaterra”, disse Cleo.

“Eu imaginei,” a mulher sorriu.

"Aqui", disse Quentin secamente, virando-se dela para o homem. "De onde você é?"

“Sou da Filadélfia.” Ele olhou para sua esposa. “Mas Anna também é daqui.”

“Sim, Anna, a propósito”, disse Anna. “E este é Paddy.”

“Fui para um acampamento gordo na Filadélfia”, disse Quentin, ignorando-a. "Quando eu tinha oito. Meus pais me enviaram da Polônia. Foi ao lado da fábrica de chocolates da Hershey. Que lugar estúpido para colocar um acampamento gordo. O ar sempre cheirava a chocolate ou esterco. Obviamente, apenas um deles conduzia à perda de peso.”

Quentin dirigiu isso exclusivamente a Paddy com uma espécie de intensidade fervorosa.

“Você não diz,” Paddy reuniu.

“Nós fomos àquela fábrica uma vez—,” Anna começou.

“E então, quando me tornei modelo no ensino médio, ouvi dizer que eles colocaram minha foto na parede como 'inspiração' ou qualquer outra coisa para as crianças. Você sabe, para incentivá-los a comer saudável. Mas eu fico tipo, *amores* , não é tão complicado. Você simplesmente para de comer e começa a fazer um monte de porrada.”

Quentin riu, e Cleo se forçou a participar. Ela podia ver o casal tentando digerir nervosamente essa nova informação. Cleo estava tão cansada de ser o tipo de pessoa que incomodava os outros. Ela podia ver isso quando estava com Frank, estranhos tentando resolver seu relacionamento um com o outro. Muito jovem para ser seu pai, muito velho para ser seu parceiro. E Quentin se especializou em deixar as pessoas desconfortáveis. Ela costumava se emocionar com isso - parecia um repúdio à rígida educação britânica -, mas agora só a

deixava exausta.

Paddy moveu-se para desconectar o aspirador. “Bem, estamos prestes a jantar. Então, se tudo com o Dyson parece bom…”

“Nós comemos tão cedo agora,” Anna disse se desculpando e esfregou sua barriga protuberante. “Eu mal consigo ficar acordado depois das nove.”

“Para quando você vai nascer?” perguntou Cléo.

“Vocês deveriam ir ao Duplex uma noite”, disse Quentin. “É bem na esquina daqui. Eu canto lá às vezes. Se você conseguir ficar acordado, quero dizer. Quentin olhou significativamente para Paddy.

“Devíamos deixar você comer”, disse Cleo.

“Bem, espero que você goste,” Paddy disse, apontando para o vácuo empoleirado entre eles como um animal vigilante.

“Eu sempre faço,” disse Quentin com apenas uma piscadela.

"Porque você faz isso?" perguntou Cléo. Eles estavam de volta na esquina da rua, Cleo pulando de um pé para o outro para se aquecer. Uma ambulância passou, sem sirene, iluminando seus rostos.

"Fazer o que?"

Quentin acendeu um cigarro e entregou o maço a ela.

“Mente para estranhos. Sobre nós."

"Por que não?" encolheu os ombros Quentin. “Não é como se fôssemos vê-los novamente. Embora eu não me importasse de ver mais do velho Paddycakes. Ele mexeu as sobrancelhas sobre os óculos.

“Acho que ele estava ciente”, disse Cleo.

“Ótimo”, disse Quentin. “Sempre bom dar opções a um homem.”

— E quanto a Alex?

“E ele? Ele não é meu namorado.

Cléo suspirou. Quentin sempre fora tão espinhoso e defensivo? Parecia impossível falar com ele, justamente quando ela mais precisava falar com alguém.

“A vida deles parecia tão... simples”, disse Cleo.

“Se você está usando *simples* como um eufemismo para *chato* , então sim, foi muito simples”, disse Quentin, pegando seu telefone. “Há uma festa com open bar esta noite, se chegarmos antes das dez.”

"Não, eu quis dizer que parecia bom", disse ela. "Feliz."

— Oh Deus, Cleo, você não vai deixar Frank te engravidar, vai?

“Teríamos que estar fazendo sexo para isso acontecer.” Cléo corou. Ela não tinha contado isso a ninguém.

“Bom”, disse Quentin sem tirar os olhos do telefone. “Você não foi feito para isso.” Quentin afetou sua voz de rainha idosa. “'Não somos esse tipo de gente, querida.'”

Cleo imediatamente se arrependeu de ter dito qualquer coisa. Por que ele deveria se preocupar com o casamento fracassado dela? Por que ela deveria esperar que alguém se importasse? Quentin tentou insistir para que ela viesse tomar uma bebida com ele, mas ela fingiu que estava jantando com Frank.

“Conte a Frank sobre a festa de hoje à noite”, disse Quentin enquanto se

arrastava para o banco de trás de um táxi com o aspirador. “Você sabe que *ele* gosta de open bar.”

O sorriso de Cleo desapareceu assim que o táxi se afastou. Seu rosto era uma tenda branca com as cordas se soltando, tudo caindo ao mesmo tempo. A noite trouxera um vento gelado e as pessoas estavam amontoadas, correndo para o calor de restaurantes e casas. Ela caminhou para o sul em direção ao seu apartamento, tremendo. Ela estava tentando pensar em uma única pessoa que ela admirava e que viveu uma vida feliz. Quentin certamente não era um exemplo. Ele se vestia como uma fantasia elaborada e brilhante cheia de alfinetes.

Ocorreu a ela que Anders parecia contente, à sua maneira egoísta. O pensamento era insuportável. Ela ligou para ele um dia depois que Frank voltou. Nenhuma resposta. Levou semanas de silêncio para ela finalmente entender que não teria mais notícias dele. A frase que ela não parava de pensar era que Anders havia lavado as mãos dela. Ela era a obscena, e ele queria estar limpo. Quando Frank disse a ela que Anders havia aceitado um emprego em Los Angeles, ela soube que ele a havia afastado para sempre. Frank estava olhando para ela em busca de consolo, mas ela apenas o encarou em silêncio. Na noite da festa de despedida de Anders, ela fingiu estar doente e ficou deitada, sem dormir, na cama a noite toda. Apenas o nome dele enviou uma onda quente de humilhação através dela. Claro que ela não poderia estar feliz com Anders. Ela não conseguia se imaginar sendo feliz com ninguém. Quentin estava certo. Ela não era esse tipo de pessoa.

Cleo havia chegado à loja de jardinagem perto do apartamento dela e de Frank. Ela sempre adorou vislumbrar o pátio cheio de palmeiras enquanto passava, uma fatia improvável do tropical entre o cinza suave. Sem pensar, ela caminhou pela entrada. A vida vegetal era tudo ao redor dela instantaneamente. Era como estar em uma pintura de Henri Rousseau. Cléo fechou os olhos. O ar cheirava a verde.

"Preciso de ajuda?"

Um jovem vestindo macacão estava olhando para ela.

"Como você sabia?" perguntou Cléo. Ela começou a rir. Por que ela estava aqui? Ela estava lá para comprar uma nova orquídea azul, deve ser isso. Ela havia quebrado a orquídea azul. “Você tem orquídeas?”

“A maioria deles está na estufa. Quer que eu o ajude a escolher um?

Cleo balançou a cabeça e caminhou na direção que ele apontou. O calor da estufa a envolveu imediatamente. Um odor doce e pungente a envolveu. Cleo podia sentir os poros de sua pele se abrirem como centenas de olhos curiosos. Tudo estava tão perto, inundando-a de volta. As orquídeas estavam dispostas em fileiras; branco cremoso, fúcsia quente, amarelo amanteigado, rosa vulva... mas nada de azul. Havia apenas uma orquídea azul-índigo e ela a havia destruído.

Ela olhou para as fileiras de pequenos rostos de flores atrevidas olhando para ela. Eles eram tão carnais, tão humanos. Cleo acariciou uma pétala vermelha com a ponta do dedo. Ela esperava que fosse macio, aveludado, mas era ceroso e rígido. Portanto, não eram rostos, mas cadáveres. Essas flores estavam todas mortas e fingindo estar vivas. Eles estavam apodrecendo por trás de suas máscaras de cera. A fragrância das flores obstruiu suas narinas e encheu sua garganta. Ela estava engasgando com o cheiro doce e pútrido. Ela agarrou a

porta e escapou de volta para a noite fria.

Do lado de fora da estrutura de vidro, ela engasgou em busca de ar. Ela deveria saber no dia do casamento, quando Frank comprou para ela a orquídea azul, tingida com tinta venenosa, que ele não a entendia, nunca a entenderia. Ela precisava retornar à terra, simples e sem adornos. Ela estava vivendo muito tempo no mundo falso de Frank. Ela pensou que encontraria segurança ali, mas não encontrou. Ela entrou na loja principal e comprou um carrinho de mão e quatro grandes sacos de terra, ignorando o olhar inquisitivo do homem de macacão. Ela entendeu o que precisava fazer agora.

O carrinho de mão foi uma luta, pesado e desajeitado, mas ela conseguiu manobrá-lo por dois quarteirões até sua casa e entrar no elevador do prédio. Ela podia ouvir o vizinho ao empurrá-lo para dentro. música e risos, barulho de pratos e vozes de homens. Ela soltou o carrinho de mão no centro da sala e sorriu aliviada. A humilhação do bilhete naquela manhã parecia muito distante.

Primeiras coisas primeiro. Ela foi até a estante de discos e procurou nas mangas até encontrar o que procurava. Ela retirou uma cópia manchada de *La Bohème* de Puccini que tinha sido de sua mãe. Cleo levou o disco para fora do apartamento e gentilmente o encostou na porta da frente do vizinho. Tudo seria perdoado. Ele não incomodaria Frank.

Cleo voltou para dentro e se serviu de um copo de leite. Ela olhou para sua mão apoiada no balcão. Lá estava seu anel de ouro. Ela pensou no reflexo dourado no chão de mármore do saguão mais cedo naquele dia. Lentamente, ela enfiou o dedo na boca e o retirou, soltando o anel com os dentes. Ela o equilibrou na língua, tomou um longo gole de leite e engoliu o anel em um gole suave.

Ela pegou uma faca do bloco - a faca de descascar, curvada como um sorriso malicioso - e voltou para a sala de estar. A orquídea quebrada ainda estava no chão. Ela o moveu para o lado e enrolou o tapete, encostando-o na parede. Ela tirou as sacolas do carrinho de mão e abriu a primeira. A terra escura derramou do corte nas tábuas do assoalho a seus pés. Ela colocou a orquídea na pilha e sacudiu o restante da terra sobre ela. Quando todos os sacos foram esvaziados, o monte tinha o comprimento dela e o dobro da largura. Ela bateu na terra com as palmas das mãos. Era úmido e rico, reconfortantemente familiar. Um por um, ela tirou os sapatos, jeans, suéter e calcinha, dobrou-os e colocou-os no carrinho de mão. Ela pegou a faca.

Cleo deitou na terra e inalou. Como ela se sentia calma. Frank não estaria em casa por horas. Ela estava sozinha, como sempre estivera. Ela pressionou a lâmina contra a pele macia dentro de seu braço. O mundo, tão próximo momentos atrás, estava caindo, um vestido de seda escorregando de seus ombros. O que ela pensava não era Frank, Anders, Quentin ou qualquer outro homem egoísta que ela amara egoisticamente. Ela não pensava em suas pinturas, aquelas telas que respiravam vida enquanto ela se ajoelhava sobre elas à noite. Ela não pensou em Nova York.

O que ela pensou foi uma noite de verão quinze anos antes. Ela tinha dez anos em sua casa de infância. Um novo quarto estava sendo construído para ela, projetado por sua mãe. Ela a levava pela mão até o alto da escada, onde havia uma escada que apontava para uma clarabóia no telhado. O ar estava cheio de

poeira e luz. Cleo estava sendo erguida com as mãos da mãe em volta de sua cintura. Então sua cabeça e ombros estavam livres acima da casa, e tudo era céu. *Olha* . A voz de sua mãe abaixo dela. Ela viu uma longa exalação de índigo, impossivelmente grande, incrivelmente azul. Era como se ela nunca tivesse visto o céu antes. Ela sentiu os braços de sua mãe ao seu redor. *Você vê?* Uma grande extensão, imaculada por nuvens. Tudo azul, tudo lindo. Os braços de sua mãe ao redor de sua cintura. Ela viu. Eles o encontraram, os dois, a escotilha de escape para cima e para fora, livre e clara, lançando-os no grande e vasto mundo.

CAPÍTULO DOZE

ainda março

No dia em que Frank ligou para contar sobre Cleo, Santiago foi declarado o Emagrecedor da Semana, fato do qual ele se orgulhava muito e não contaria a ninguém. Ele havia perdido quatro quilos naquela semana, quinze no total. Isso foi graças ao Begin Again, Slim Again, o programa de perda de peso que ele frequentava há mais de um mês. Todo sábado de manhã, ele e mais ou menos dez comedores se reuniam ao lado do Union Square Coffee Shop para conversar sobre o que haviam ou não colocado dentro de seus corpos naquela semana.

A discussão foi conduzida por Dominique, uma sorridente jamaicano-americana que usava batom fúcsia e vestidos feitos de faixas de tecidos brilhantes e diáfanos. Quando ela se movia, suas longas tranças balançavam nas costas como cordas de massa retorcida. Santiago a achou bonita e gostaria de convidá-la para sair, mas depois de ser pesado na frente dela perdeu a coragem. A própria Dominique havia perdido mais de 50 quilos graças ao programa e era uma prova de que era possível não apenas perder peso, mas - o mais difícil de tudo - *mantê* -lo. Ela ainda não era uma mulher pequena, mas, como ela disse ao grupo, agora podia se abaixar para amarrar os próprios cadarços, e isso não tinha preço.

Foi uma semana difícil para o grupo. Uma mulher ganhou um bolo de aniversário no trabalho que ela não podia comer, a filha de outra foi reclamando que ela não tinha mais bagels em casa, um homem estava em um encontro durante o qual a única coisa no cardápio que ele poderia pedir era um grande prato de brócolis, resultando em alguma flatulência prematura. Santiago também foi desafiado. Ele estava prestes a abrir seu segundo restaurante, bem como um pop-up em Los Angeles, e entre as degustações de menu, as sessões de fotos e a efusão de dinheiro - ele havia preenchido um cheque de depósito de mais do que ganhou em todo o seu vinte anos naquela semana - foi difícil não "se acalmar", como o grupo chamava, com uma farra. Às vezes, Santiago invejava alcoólatras e viciados em drogas em recuperação; pelo menos eles poderiam se abster completamente. Os viciados em comida ainda tinham que comer.

Mas ele não comeu demais e agora, além da satisfação de poder afivelar o cinto no buraco mais apertado pela primeira vez em anos, foi recompensado com uma sacola amarela com as palavras “Slimmer of the Semana!" em cursiva borbulhante. Ele estava orgulhosamente levando o prêmio para o restaurante quando Frank ligou.

Santiago levou alguns momentos para entender o que Frank estava dizendo,

em parte porque uma sirene de ambulância soava ao fundo, mas principalmente porque ele continuou usando a palavra *acidente* para descrever o que havia acontecido com Cleo. *Cleo sofreu um acidente*. Imagens de batidas de bicicleta, incêndios na cozinha e atropelamentos inundaram a mente de Santiago, mas eventualmente ele percebeu que o que havia acontecido com Cleo não foi um acidente, mas algo dolorosamente deliberado. A voz de Frank falhou enquanto repassava os detalhes.

"Trinta pontos", ele estava dizendo. “No braço dela. Aparentemente, eles têm que manter os pacientes na unidade psiquiátrica por pelo menos setenta e duas horas se eles, hum...” Aqui, Santiago podia ouvir Frank lutando para encontrar as palavras certas. “Faça o que ela fez,” ele decidiu.

“Sim, dios mío.” Santiago balançou a cabeça suavemente. “Sinto muito, cara.”

“Mas a papelada demorou uma eternidade.” A voz de Frank endureceu. “Então eles a deixaram em uma maca no corredor da sala de emergência a noite toda. A porra do corredor! Ela estava muito mal com os analgésicos, mas era... Bem, você pode imaginar a merda que acontece em uma sala de emergência à noite. Foi difícil, cara. Eles finalmente a transferiram para o psiquiatra ontem.

"Ela está bem aí?"

"Acabei de sair", continuou Frank. “E o horário de visitas só abre novamente às 14h. Mas tenho que voltar ao trabalho. Temos uma grande reunião com clientes que não posso perder. Basicamente, eu queria saber se você poderia sentar com ela às duas? Eu perguntaria a um de seus amigos, mas eles são tão...”

“Claro, irmão”, disse Santiago. "Eu estarei lá. Posso levar alguma coisa?

"Não não. Deixei as roupas dela esta manhã. Basta trazer você mesmo.

“E como você está lidando com tudo isso? Você está bem?"

Frank deu uma risada seca e áspera ao telefone.

“Para ser honesto, eu poderia tomar uma bebida. Mas estou bem, estou bem. É com Cleo que estou preocupado.

“Lembre-se de se cuidar também”, disse Santiago, repetindo algo que Dominique lhe dissera. “Você deve a si mesmo o mesmo cuidado que dá aos outros.”

"Você não vai contar a ninguém, vai?" disse Frank de repente. “Sobre Cleo? Foi um erro, e não quero que ninguém pense... a coisa errada sobre ela.

“Eu nunca diria nada que magoasse você ou Cleo.”

"Eu sei cara. Obrigado. Você é um bom amigo."

Santiago havia parado de andar sem querer; ao desligar, de repente percebeu as pessoas que o cercavam, cutucando sua cintura com os cotovelos e as sacolas. Ele estava cansado de ocupar tanto espaço. Ele entrou na ciclovia para evitá-los e checou o telefone novamente. Era meio-dia, algumas horas antes do início do horário de visitas. A ideia de ir ao restaurante para falar sobre designs de banquetas e arranjos de mesa era incompreensível. Ele gostaria de comer alguma coisa, mas já havia tomado seu muesli no café da manhã e no lanche da manhã, uma única maçã com uma colher de sopa de manteiga de amêndoa. Do outro lado da rua estava o tentador laranja e rosa de um Dunkin' Donuts. Ele se imaginou mordendo uma massa macia e quente, o açúcar de confeiteiro cobrindo sua boca, acalmando sua mente. Ele olhou para sua sacola amarela. Ele não podia jogar fora o progresso desta semana, não quando Dominique disse que

estava orgulhosa dele.

Se não podia comer, pelo menos sabia cozinhar. Ele foi para casa para fazer algo para Cleo. Ele decidiu preparar sua comida caseira favorita, arroz con leche, ou pudim de arroz espanhol. Era o que sua avó feito para ele em Lima, quando ele teve um dia difícil na escola, “para adoçar sua dor”, ela dizia. Ele ferveu o arroz no leite e acrescentou um pau de canela, observando a mistura espessa e cremosa rodopiar contra a colher de pau. Sua avó lhe contou que seus ancestrais na Babilônia haviam feito esse mesmo prato há milhares de anos, adoçando a mistura com mel e tâmaras. Hoje, ele faria do jeito que ela havia ensinado, com baunilha e casca de laranja. Acrescentou o leite condensado e inalou a nuvem de vapor doce que o envolvia.

E ali, naquela névoa perfumada, pensou em Lila, a mulher que um dia fora sua esposa. Lila era de Bogotá, um metro e meio contra ele, seis e meio. Lila falava espanhol como se cortasse grama alta com a língua. Ela podia andar sobre as mãos e cozinhar um frango perfeito. Ela sempre foi fria e nunca estava errada. Lila ganhou o segundo lugar em seu concurso de beleza local, mas tinha o bem mais valioso de todos, um passaporte americano, dotado por seu pai meio americano. Aos quinze anos, ela foi enviada para o ensino médio em Nova York para aprender a falar inglês como um americano branco e, ao se formar, consternou sua família ao se matricular na Alvin Ailey para aprender a dançar como um americano negro.

Santiago conheceu Lila quando ainda estava na escola de culinária, limpando mesas na lanchonete da Rua 56. Ela vinha depois da aula com os outros alunos de dança, todos esguios como panteras em malha preta e moletom, todos fumando cigarros e bebendo café preto e falando com reverência sobre pessoas de quem ele nunca tinha ouvido falar. Ele pegava os nomes enquanto limpava os pratos de ketchup manchado e pãezinhos de hambúrguer descartados, tentava memorizá-los para que pudesse procurá-los mais tarde. *Marta Graham. Merce Cunningham.*

Ele notou Lila, é claro. Ela exigia ser notada. Uma noite, talvez em um desafio, talvez porque alguém simplesmente sugeriu que ela não podia, ela pulou da mesa e deu uma série de cambalhotas pelo corredor de linóleo enquanto seus amigos gritavam e gritavam, seu corpo esguio arqueado como um minúsculo, virando arco-íris.

Ela o havia notado também. Naquela época, ele era magro e musculoso por carregar pesadas entregas de comida, com cabelos grossos e cacheados que as mulheres adoravam. Foi ela quem primeiro falou com ele em espanhol, baixinho, como se estivesse compartilhando um segredo com ele, que o convidou para sair com eles uma noite para um clube onde os meninos se vestiam de meninas e todos estava chapada com E, que o beijou sob a ponte do Brooklyn, que se deitou nua em seu colchão e pediu para ele aquecê-la, que se mudou para seu apartamento em cima da lavanderia e o encheu de flores secas e malhas molhadas.

Foi Lila quem se casou com ele para conseguir seu primeiro emprego legal em uma cozinha, quem o levou a apresentações de dança que o fizeram chorar no escuro, quem o ensinou que o corpo tem uma linguagem própria que expressa o que as palavras não conseguem. E foi Lila quem o apresentou à heroína, que

injetou os dois pela primeira vez com equipamento dado a ela por um coreógrafo que jurou que era como ser embalado por Deus. Santiago passou mal na primeira vez e não teve estômago para tentar de novo. Mas Lila não ficou doente. Ela caiu no colo dele, sorrindo, e disse que finalmente, finalmente, se sentia aquecida.

Às vezes, quando o restaurante estava cheio, semanas inteiras se passavam sem que ele pensasse nela. Mas desde o casamento de Frank e Cleo, ela voltou a visitá-lo em seus sonhos. Às vezes ela estava dançando, mas principalmente ela estava lá, observando-o. Agora ele se perguntava se ela tinha vindo avisá-lo sobre Cleo. Ela estava tentando dizer a ele que Cleo estava se machucando como Lila tinha feito antes dela, por razões que ele não conseguiu entender, de maneiras que ele mais uma vez não conseguiu parar.

Sobressaltado, Santiago percebeu que o arroz-doce estava começando a grudar no fundo da panela. Ele colocou a massa cremosa em uma tigela de vidro e afundou dois paus de canela em seu centro. Ele se curvou sobre ela, inalando o cheiro familiar de baunilha, então se virou. Ele não iria arruiná-lo salgando-o com suas lágrimas.

Santiago pegou um táxi para o hospital da NYU na rua 31, o pudim de arroz equilibrado como um filho favorito em seu colo. Ele seguiu as placas passando pelo saguão e pela loja de presentes até o elevador, onde a ala psiquiátrica ficava no sexto andar. As portas davam para uma pequena área de espera com uma fileira de assentos em uma parede e uma pilha de armários na outra. Pela janela da porta de aço trancada, ele podia ver um longo corredor iluminado por lâmpadas fluorescentes alinhado com carrinhos de metal. Ele olhou para o relógio - estava alguns minutos adiantado - e sentou-se ao lado de uma judia mais velha. vestindo um grande casaco roxo. Ela acenou com a cabeça para a parede de armários na frente deles. Os números pareciam ter sido atribuídos aleatoriamente, com o armário 1 localizado entre 45 e 12.

“A loucura começa aqui”, disse ela.

Uma campainha alta nas portas de aço anunciou a chegada de uma enfermeira, que instruiu o punhado de visitantes a colocar todos os seus pertences dentro dos armários. A enfermaria, ela disse, não permitia nenhum objeto externo, incluindo bolsas, telefones celulares, jaquetas, alimentos ou bebidas.

“Eu fiz isso para um dos pacientes”, disse Santiago, segurando sua tigela na frente dele com um sorriso esperançoso.

“Sem comida ou bebida de fora”, repetiu a enfermeira, virando-se.

"Mas eu-"

“Olha, eles não vão deixar você aceitar isso,” disse a senhora de casaco roxo. “E se você escondesse uma faca dentro dela?”

"Uma faca?" balbuciou Santiago. “É pudim de arroz!”

"Claro", disse a senhora e enfiou o casaco no armário.

A enfermaria estava cheia de mulheres jovens de aparência triste, estudantes da NYU, ele supôs, andando de um lado para o outro em vestidos de pano e calças de moletom com uma mistura de expressões entediadas e desamparadas. Ele passou no que parecia ser uma aula de arte terapêutica, onde os pacientes se reuniam em círculo, pintando o pôr do sol.

Santiago encontrou o quarto de Cleo no final do corredor. Quando ele entrou, ela estava sentada em uma cama baixa de solteiro com as costas contra a parede, lendo. Ela usava um roupão quimono de seda em uma paleta de aquarela de pêssegos, lilases e cremes. O longo tecido das mangas se dobrava ao redor dela como um ninho.

Seus olhos dispararam para ele em surpresa. Era a primeira vez que a via parecer algo diferente de bonita. Seu rosto estava pálido, quase cinza, com olheiras roxas ao redor dos olhos e crosta amarela nos cantos. O costumeiro ouro polido de seu cabelo estava opaco e preso em um topete gorduroso. Seus lábios secos eram da mesma cor anêmica de sua pele. Tudo nela era mudo, esgotado, exceto seus olhos, que estavam ainda mais translúcidos do que ele se lembrava, de um verde tão claro que ele se viu evitando-os.

“Mi amore,” ele disse suavemente.

Ela largou o livro, apertando o quimono ao redor dela.

"O que você está fazendo aqui?" ela perguntou. “Quem te disse que eu estava aqui?”

Santiago começou a entrar em pânico. Ele não reconheceu essa Cleo. E, pior, ela não parecia reconhecê-lo. Ela parecia ter medo dele. Seu amigo Santiago, que faria qualquer coisa por ela! Ele baixou a voz para um murmúrio nada ameaçador.

"Frank me contou", disse ele. “Ele não queria que você ficasse sozinha.”

“Para quem mais ele contou?”

"Só eu", ele acalmou. "Só eu, e não vou contar a ninguém."

"Você jura?"

“Eu juro pelo túmulo da minha avó.”

Ela pareceu se acalmar com isso. Seus olhos claros passaram rapidamente por ele.

“Você é tão magro,” ela disse.

Ele não conseguiu conter o sorriso.

"Devo estar horrível", disse ela, levando a mão ao rosto.

"Voce não podia. Trouxe arroz com leite para você, mas... — Ele acenou com as mãos vazias para o teto, desculpando-se.

Cleo olhou para ele com as pálpebras semicerradas como um gato.

“O maior chef do mundo”, ela disse em um tom acusatório demais para ser inteiramente afetuoso. “Não é isso que Frank sempre diz?”

Santiago assentiu.

“Vou fazer para você de novo quando você sair,” ele disse.

Cleo estava puxando o cabelo para fora do coque. Ele percebeu, com uma pontada, que ela estava tentando ficar mais apresentável para ele.

"Então como você está?" ela perguntou, esforçando-se para soar casual. “Como está o novo restaurante?”

"Tudo bem. Eu voo para Los Angeles amanhã para fazer um...” Ele se interrompeu. Ele não queria parecer que estava se gabando de sua vida enquanto ela estava aqui em um hospital. "Está tudo bem", disse ele. "Como vai você?"

Cléo levantou uma sobrancelha. Ela não precisava dizer a ele que pergunta estúpida era aquela. Ele puxou uma cadeira e sentou-se em frente à cama, colocando as mãos sobre os joelhos e juntando-as à sua frente. Ele parecia

grande demais para a cadeira, como um elefante empoleirado em um cogumelo.

“Este lugar é realmente, você sabe, muito bom…”, ele começou.

O quarto era do tamanho de um espaçoso estúdio. Tinha uma cama de solteiro encostada em uma das paredes e duas escrivaninhas vazias com o tipo de cadeiras de madeira baixas e discretas encontradas em escolas primárias. Pela janela dava para ver a First Avenue até o Upper East Side e além dela o Harlem, onde ele havia passado seu primeiro ano em Nova York. Hoje, não parecia mais perto dele do que a Suíça.

“É o Carlyle das alas psiquiátricas”, disse Cleo. "De acordo com meu colega de quarto, de qualquer maneira."

“Oh, você tem um colega de quarto. Onde ela está?"

“Fazendo uma lobotomia.”

O rosto de Cleo se abriu com uma alegria sombria ao ver a expressão chocada de Santiago.

“Aula de arte,” ela disse. “Mas ela saberia. Ela foi levada para Bellevue da última vez. Você conhece as pessoas que você vê gritando no metrô e trocando de carro para evitar? É basicamente apenas pessoas assim lá, aparentemente.

O próprio Santiago visitou Bellevue após a primeira overdose de Lila e sabia que não era o tipo de lugar para onde alguém gostaria de voltar. Ele ainda se lembrava dos gritos incessantes nas camas, como latidos de cachorros acorrentados, e do odor feroz de merda humana que pairava no ar.

"Você foi inteligente em vir aqui", disse ele.

“Eu não tive escolha. A ambulância nos levou.

"Nós?"

“Frank.”

"Ele estava com você?"

“Ele me encontrou.”

O rosto de Cleo parecia um guardanapo branco amassado no chão. Ele queria dizer algo sobre o quão assustador isso deve ter sido para Frank, mas ele se conteve. Ele estava dizendo todas as coisas erradas, ele sabia.

“Você sabia que eu já fui casado antes?” disse ele, tentando uma nova abordagem. “Foi assim que fiquei aqui depois da escola.”

Cléo assentiu. “Para uma dançarina.”

“Sim, Lili. Vocês dois teriam gostado um do outro, eu acho. Ela seria mais velha do que você agora, quase quarenta, mas você é semelhante, à sua maneira.

Ele não conseguia imaginar Lila na meia-idade. Ela era mais jovem do que Cleo era agora quando ele a conheceu, com uma natureza precipitada e pouco prática, inadequada para alguém não muito jovem.

“No que éramos semelhantes?”

“Ela era uma artista, como você. Com um – não sei como dizer isso bem – um ego que é grande, mas uma auto-estima que é pequena?”

Cleo soltou uma risada rouca. "Parece correto."

“Isso é uma coisa perigosa. Ela estava muito ansiosa para entrar em uma companhia de dança, mas com muito medo de não entrar. Audição após audição … Isso a machucou.

"Ela já conseguiu?"

“Era competitivo, mas ela teria.”

"Como você sabe?"

“Ela dançava como a água.”

Lila era talentosa, ninguém pode negar, mas ela não era disciplinada. Entre seu talento, dinheiro da família e fácil acesso à América, ela nunca precisou ser. Quando o coreógrafo de uma prestigiada companhia de vanguarda agarrou sua virilha para melhor mostrar-lhe um elevador, Lila não pensou duas vezes em jogar uma garrafa de água na cabeça dele. Prejudicou sua carreira, sua falta de vontade de capitular aos homens que a apalparam e persuadiram em nome de corrigi-la. Era o que fazia Santiago — tão terrivelmente obsequioso, tão receptivo ao poder do homem branco para instruir — respeitá-la mais do que qualquer pessoa que ele já conhecera. E ainda, no final, ela duvidou de si mesma.

"Quanto tempo você foi casado?"

"Um momento. Ainda somos casados” — ele bateu no coração — “aqui.”

"Mas ela morreu", disse Cleo categoricamente.

“Foi um acidente”, disse.

Acidente , a mesma palavra que Frank usara para descrever o que aconteceu com Cleo. Mas com Lila *fora* um acidente. A primeira vez que dispararam foi pouco antes do Natal; ele se lembra de ter usado um cordão de luzes de árvore para fazer um torniquete em seus braços. No final do verão ela estava morta. Era fácil ter uma overdose, todo mundo dizia. E Lila era tão pequena, mal pesava cem quilos com os sapatos.

“Foi um acidente?” ele perguntou. "O que você fez? Frank disse que era.

Cleo olhou para o braço dela. Uma atadura de gaze da cor de argila seca era perceptível sob a manga do quimono.

“Nunca é um acidente,” ela disse calmamente.

Ele sentiu uma onda surpreendente de raiva por ela, essa jovem que desperdiçava tanto a própria vida. Como ela ousa? Ela não conhecia Lila. Lila não queria morrer. Ela estava mais viva do que qualquer um. E eles eram felizes juntos, felizes em seu casamento. Ela simplesmente não conseguia parar de usar. Foi diferente.

“Então você queria morrer?” ele perguntou.

Ela olhou para ele com seus olhos verdes severos. “Eu queria que as coisas mudassem.”

"Mas por que?" A voz de Santiago era quase um lamento. “Frank te ama muito. Todos nós fazemos. Eu, Quentin, Anders...

“Anders!” Cleo cuspiu a palavra. “Ele não se importa comigo. Nenhum deles faz. Eles não se importam com ninguém—”

"Isso não é verdade!" interveio Santiago, mas Cleo não parou.

“Eles me querem, competem por mim, mas eles se *importam* comigo? Você acha que Anders pensa em mim depois, depois...

Ela respirou fundo e levou as mãos à garganta como se quisesse prender as palavras na fonte. Ela engoliu em seco e ele observou seus dedos finos deslizarem sobre a pele de seu pescoço com o esforço. Ele esperou que ela dissesse mais, mas ela parecia estar ganhando a batalha para conter o que quer que quisesse sair.

“Depois de quê?” ele perguntou.

Ela fechou os olhos e bateu a cabeça contra a parede atrás dela. Uma única lágrima escapou de uma das pálpebras, desceu pelo queixo e desapareceu em seu colo.

“Sinto muito, Santiago. Acho que preciso descansar. Eles me dão esses remédios aqui… Eles me dão tanto sono.”

"Claro. Claro, você deve descansar.

A raiva se esvaiu dele tão rapidamente quanto chegou. Ele tirou o livro do colo dela, para que ela pudesse se virar e deitar na cama. Ela manteve os olhos bem fechados enquanto se curvava de lado no colchão fino. Ela parecia recuar dentro das dobras de seu manto; ele não conseguia mais ver claramente onde terminava o corpo dela e começava a cama. Ele se sentou observando sua forma encolhida, suas grandes mãos segurando seu livro. Não parecia certo partir tão cedo, quando Frank pediu que ele ficasse com ela. Ele abriu a boca, depois fechou de novo.

"Eu poderia ler para você?" ele perguntou.

Ele decidiu tomar o silêncio dela como consentimento.

"Por favor, desculpe meu sotaque", disse ele, limpando a garganta.

Ele não conhecia o livro, que era uma coleção de contos com a capa em sépia de uma mulher mais velha parada em um campo. Ela tinha uma cabeleira branca emaranhada e um ar duro e bem-humorado. As histórias eram muito curtas, algumas com apenas uma ou duas páginas, e muitas vezes parecia que nada estava acontecendo nelas, até que algo surpreendente e irreconciliável aconteceu. Em um deles, quatro meninos brincavam entre os vagões, incomodando os outros passageiros, até que um caiu para a frente e foi esmagado pelas rodas. Em outro, o amigo do narrador ligou para dizer que ela estava morrendo, ao que o narrador respondeu: “Estamos todos morrendo”, mas então o amigo realmente morreu e ela ficou muito triste. Em outro, intitulado simplesmente “Desejos”, uma mulher encontrou o ex-marido nos degraus da biblioteca. Ele a acusou de não querer nada, mas ela disse que tinha desejos, que incluíam ser uma pessoa diferente, acabar com a guerra por seus filhos, permanecer casada com uma pessoa por toda a vida e ser capaz de trazer os livros da biblioteca a tempo. Exceto que a mulher não disse isso em voz alta, ela disse apenas para si mesma e para o leitor, para que ninguém soubesse, exceto eles.

Da cama, Cleo murmurou algo tão baixinho que ele não entendeu. Ele se inclinou para frente e colocou o ouvido perto de sua boca. Ele podia sentir o cheiro doce e fermentado de seu hálito.

“Eu quero minha mãe”, disse ela.

Santiago sentou-se no vôo para Los Angeles, observando o carrinho de refeição percorrer o corredor enquanto dava outra mordida seca na salada de quinoa com cranberry que havia preparado para a viagem. As refeições das companhias aéreas estavam definitivamente na lista de alimentos Slim Again, Begin Again não aprovados. Ele tinha ouvido falar, mas nunca foi capaz de confirmar, que cada refeição continha calorias para um dia inteiro, caso os passageiros tivessem que sobreviver com elas após um acidente - o que explicaria por que os achava tão deliciosos. *Em caso de emergência, evite se empanturrar com as entradas de*

tortellini de frango com creme e cogumelos.

Havia certos alimentos que chefs respeitados como ele simplesmente não deveriam gostar. Isso incluía refeições a bordo, Mister Softee, queijo ralado, Flamin 'Hot Cheetos, cachorros-quentes de carrinho de rua, jantares de microondas, sushi de supermercado, Twinkies, nachos de cinema e todas as redes de fast food (embora uma exceção tenha sido feita para In-N -Fora). Mas Santiago adorava essas coisas. Para ele, eles tinham gosto de América.

Agora, ele estava atravessando o país para ajudar a abrir uma pop-up na Costa Oeste. O conceito era criar alguns dos pratos básicos do seu novo restaurante, mas simplificados, em potes reutilizáveis que você pode levar em qualquer lugar. Era uma alimentação simples e sustentável numa época em que a tendência da gastronomia era tornar tudo o mais complicado possível. Santiago pensou que estava anos-luz à frente do que seus concorrentes estavam fazendo e concordou em criar uma cápsula especial de madeira com muito custo, a partir da qual sua equipe poderia vender os frascos.

Ele havia planejado ficar no Chateau Marmont, onde apenas observar as pessoas valia o custo, mas Anders insistiu que ele ficasse em sua casa em Veneza. Ele havia se submetido, embora soubesse que seria mais difícil manter seu plano de alimentação perto de Anders, cuja vida, com suas festas, jantares de seis pratos e suprimento interminável de drogas, dificilmente era ascética. O justo e ágil Anders sempre o fazia se sentir como o amigo gorducho e moreno — despretensioso, nada ameaçador, impossível de foder. O que, claro, só o fez querer comer mais.

E agora ele também tinha que esconder dele o que havia acontecido com Cleo. Ele ainda não tinha certeza se deveria trazê-la para Anders. Cleo se recusou a dizer mais alguma coisa sobre ele no hospital, e ele deixou o horário do visitante incerto se ele havia acabado de testemunhar uma confissão ou algo mais. Mas o que? Anders fez algo para machucar Cleo ou Frank? Ele decidiu descobrir o máximo que pudesse de Anders sem revelar o que sabia. O que, ele estava percebendo, não era muito.

Quando Santiago estacionou no endereço que Anders lhe dera na Amoroso Place, seu primeiro pensamento foi que Anders havia conseguido encontrar uma casa em LA que se parecesse exatamente com ele. A casa de dois andares tinha um estilo escandinavo de meados do século, com um telhado alto e angular, painéis de madeira clara e portas de vidro deslizantes brilhantes. Era o início da noite, e o céu tinha se tornado uma lavanda empoeirada, contra a qual a casa brilhava com um dourado quente e convidativo. Ou melhor, teria parecido convidativo se Santiago não se sentisse imediatamente com meio metro de altura diante dele. Tentou alisar os amassados da camisa de linho com as palmas suadas das mãos enquanto tocava a campainha.

Houve o som da voz de um homem e o clique das unhas de um cachorro na madeira, e então a porta se abriu para revelar um Anders bronzeado e sem camisa e um cachorrinho golden retriever agitado.

“Meu irmão,” ele gritou, puxando a criatura latindo pelo colarinho e puxando Santiago para um abraço. "Como foi o vôo?"

Santiago estava suando e temia que Anders pudesse sentir o cheiro azedo de suas roupas velhas. Ele deu um passo para trás e bateu palmas.

“Tudo bem, cara, tudo bem. E quem é este?"

"Meu novo amigo!" sorriu Anders. “Este é Thor.”

"Uau. Você só está aqui há um mês e já tem um cachorro!

"Seis semanas. Mas, não sei, só queria sossegar um pouco.”

“Bem, viver na Califórnia combina com você, cara. Esta é uma casa e tanto.

Anders conseguiu lutar com Thor em algo como submissão e agora estava ajoelhado ao lado dele, bagunçando seu pelo loiro vigorosamente com ambas as mãos. Até seu cachorro se parecia com ele. Foi ridículo. Anders afastou uma mecha de seu próprio cabelo claro da testa e fez uma careta com fingida humildade.

"Eh, está tudo bem", disse ele. “Volte para o convés. Eu e as meninas estávamos apenas bebendo.

Santiago o seguiu por uma espaçosa sala de estar em plano aberto decorada em tons de creme de bom gosto com toques de verde palmeira. Uma escada larga e moderna sugeria um andar de cima igualmente amplo. Eles passaram pelas portas de vidro para um deck traseiro que funcionava como uma segunda sala de estar, cercada por canteiros de urze e cactos. Longos sofás de madeira cobertos com almofadas de lona macia foram posicionados em torno de uma fogueira em chamas. Descansando sobre eles, bebendo taças de vinho reluzentes, estavam cerca de cinco mulheres, todas parecendo modelos.

“Meninas”, disse Anders. “Este é meu amigo Santiago. Ele veio de Nova York para ensinar aos ignorantes Los Angeles sobre a comida peruana.

Santiago tirou desajeitadamente sua mochila de couro e ergueu a mão em saudação. As modelos arrulharam um coro de boas-vindas. O mais impressionante deles avançou para abraçá-lo. Ela se movia com a graça hipnótica e fluida de uma cobra. De seus ombros pendia um kaftan transparente azul-escuro tecido com listras de fios brilhantes.

"É um prazer conhecê-lo", ela murmurou. “Eu sou Yaaya. E” – ela se virou para Anders com um sorriso astuto – “é apenas Angelenos, querida.”

Anders sorriu. "Foi o que eu disse."

Ele desabou no sofá e serviu uma taça de vinho para Santiago, depois outra para si mesmo. Ele estava vestindo um par de calças largas de linho, sem camisa ou sapatos. A pele de sua barriga lisa bronzeada pelo sol ondulava em rolos apertados quando ele se inclinou para dar um copo a Santiago.

“Não estou aqui para educar”, disse Santiago. “Só saciar.”

"Eu amo isso!" exclamou uma das outras mulheres, cujo rosto atrevido e pontudo lembrava-lhe um morango.

Yaayaa voltou a se enroscar em uma almofada ao lado de Anders e olhá-lo com um olhar curioso e nivelado. Seu nariz era salpicado de sardas que se arrastavam pelas maçãs do rosto até os olhos pintados de carvão. Santiago empoleirou-se na frente deles e contraiu o estômago. Ele se perguntou quando poderia escapar e tomar um banho.

“Então, você mora em Nova York?” ela perguntou.

“Sim, como está a merda de Nova York?” disse Anders. "Deus, estou feliz por estar fora daquele lugar."

Santiago se irritou, mas manteve a voz neutra. “O mesmo velho, o mesmo velho, cara.”

“Você deveria se mudar para cá”, disse Anders. “Todo mundo está fazendo isso!”

“Mas eu sentiria falta dos meus amigos”, disse Santiago, pisando leve.

“Não é tão longe,” disse Anders.

“Na verdade,” ele continuou, “eu vi Cleo ontem.”

Ele observou o rosto de Anders à luz do fogo esperando uma reação, mas permaneceu impassível como uma pedra.

"Oh sim?" ele disse. “Como ela está?”

“Eu acho que ela está lutando.”

"Ela é uma artista. Ela está sempre lutando.

“Quem é Cléo?” perguntou Yaaya.

Anders abriu a boca para responder, mas Santiago chegou primeiro. "A esposa de seu melhor amigo", disse ele.

Anders fechou a boca e deu-lhe um sorriso de lábios cerrados. “Pensei que você fosse meu melhor amigo.”

"Nós dois somos."

“Como vocês dois se conhecem?” perguntou Yaaya.

“Nos conhecemos há muito tempo”, disse Santiago. “Provavelmente antes de você nascer.”

“Sou mais velha do que você pensa”, disse ela. “Eu só tenho bons genes.”

“Nos conhecemos quando eu era modelo”, disse Anders. “Sua esposa Lila e eu fomos escalados para uma sessão de fotos juntos para o *Paper* sobre a cena da dança do centro.”

“Você era uma dançarina?” perguntou Yaaya.

"Ela era. Eu estava lá apenas para parecer bonita.

Lila e Anders tornaram-se amigos rapidamente. Ambos eram extrovertidos, imprudentes e divertidos. Santiago havia sido ameaçado inicialmente, mas logo começou a gostar de ter outro homem hétero por perto para conversar sobre futebol, uma raridade nas rodas de dança de Lila. Os três frequentavam festas juntos durante o período extático do início dos anos 1980, quando o hip-hop, a new wave e a dance music colidiam nos clubes. Nos anos sombrios que se seguiram, durante os quais enfrentaram a AIDS, a epidemia de crack e heroína e a morte de Lila, Santiago e Anders continuaram amigos. Na verdade, foi Santiago quem convenceu Frank, frequentador assíduo do restaurante em que se tornou chef, a dar a Anders uma chance como diretor de arte.

“Ainda tenho essas fotos”, disse Santiago.

"Oh Deus, queime-os." Anders riu. “Eu não posso acreditar como o estilo era ruim naquela época. Essas calças de pára-quedas. Ele escondeu o rosto no pescoço de Yaayaa com a memória.

“Não vou queimar uma foto de Lila”, Santiago disse calmamente.

O rosto de Anders ressurgiu com uma expressão de genuína contrição.

“Desculpe, isso foi estúpido da minha parte. De qualquer forma, Lila provavelmente parece fenomenal. Ela sempre fez isso.

Yaayaa, evidentemente entediada com esse tipo de conversa, se contorceu em seu assento. "Então... você é um chef?"

“No momento, ele é *o* chef”, disse Anders. — Não é, garotão?

“Tenho um pequeno restaurante”, disse ele.

“Já fez catering grátis para sessões de fotos?” ela perguntou.

"Não", disse ele.

Thor passou correndo por eles de dentro da casa e pulou no colo de Anders em um borrão de pelo dourado.

“Ei, amigo”, disse Anders, começando a brincar de luta. "Você quer um pouco de atenção?"

“Ele provavelmente precisa de outra caminhada”, disse Yaayaa. — Você o levou para sair hoje à noite?

"Ele está bem, não é, amigo?" Anders gentilmente empurrou o cachorro para fora do sofá. “Ele pode cagar no cacto se precisar.”

Yaayaa voltou-se para Santiago e olhou para ele novamente com seu olhar firme e serpentino.

“E você é modelo?” perguntou Santiago.

"Sim. Mas também faço roupas.”

“Ela está começando sua própria linha de kaftans”, disse Anders.

Ela assentiu. “E biquínis de crochê.”

“Certo”, conseguiu Santiago.

“É por isso que minhas meninas estão aqui. Estamos indo para Joshua Tree amanhã para pegar cogumelos e fazer uma sessão de fotos. Anders está nos emprestando seu carro.

Uma das modelos ergueu os olhos do telefone e emitiu um grito sem brilho.

“Na verdade, este é um dos designs dela”, disse Anders. “Vá em frente, baby, levante-se. Mostre a ele."

Yaayaa revirou os olhos, mas um momento depois ela estava girando diante dele, os braços estendidos para que ele pudesse ver o material brilhante e, abaixo dele, ela. Como deve ser ser tão inconsciente em seu próprio corpo? Seus olhos percorreram a longa linha de sua cintura afunilada até o curva de seus seios pequenos. As auréolas escuras de seus mamilos eram apenas visíveis sob o tecido fino. Anders estava sorrindo como um cafetão olhando para ela. Mas, na verdade, Santiago não se sentia atraído por ela, nem por nenhuma daquelas mulheres.

Ele pensou em Dominique falando com orgulho sobre correr seus primeiros 10 km. Uma vez, quando ela estava inclinada para a frente, ele viu as estrias pálidas que riscavam a superfície de seus seios fartos como fissuras de relâmpago. O corpo de Dominique tinha caráter e uma história. Era substancial como ela, generoso como ela. Ver a beleza nela o fez sentir que um dia alguém poderia ver o mesmo nele. Qualquer um podia ver a beleza em Yaayaa.

"O que você acha?" perguntou Anders.

“Que linda,” ele disse suavemente.

“Eu gostaria de falar espanhol”, disse Yaayaa.

“E o dinamarquês?” disse Anders.

Uma ruga de seu nariz sardento. “Um pouco menos útil.”

“Você cresceu aqui?” perguntou Santiago.

“Meus pais são de Gana, mas nasci aqui. Morei um tempo em Paris, depois voltei para a faculdade.”

"O que você estudou?"

“Negócios em Stanford.”

“Eu não sabia disso”, disse Anders.

“Você nunca perguntou,” disse Yaayaa.

"Bem, não nos conhecemos há tanto tempo."

“Santiago acabou de me conhecer e perguntou.”

O estômago de Santiago roncou e ele tentou abafar o som com uma tosse.

“De qualquer forma”, continuou Yaayaa, “desisti depois do meu segundo ano porque as modelos negras estavam finalmente começando a chamar atenção e minha carreira decolou”.

“Sempre trabalhei com muitas garotas negras”, disse Anders. “E isso foi nos anos oitenta.”

"Querido, se cubra", disse ela, dando tapinhas em seu peito nu. “Sua brancura está me cegando.”

Santiago bufou uma risada antes que pudesse se conter. Ele nunca tinha ouvido ninguém falar assim com Anders. Anders estreitou os olhos para ele do outro lado da fogueira.

“Desculpe, estou sendo um péssimo anfitrião,” ele disse de repente. “Você quer ir tomar banho, cara? Aposto que você fede.

Os dois dias seguintes foram tão agitados que Santiago quase não viu Anders. Entre montar o pop-up e as intermináveis reuniões, refeições e telefonemas com potenciais investidores que ele era obrigado a fazer (o “porco e jantar”, como seu subchef chamava), ele simplesmente não tinha tempo. Ele voltava tarde todas as noites para uma casa vazia, Anders ainda fora em qualquer festa ou evento que ele escolheu para comparecer naquela noite, para encontrar Thor em seu posto na frente da porta, esperando o retorno de Anders com uma agitação esperançosa.

Cansado, Santiago desenganchava a coleira do gancho e levava a criatura superexcitada para um passeio pelo calçadão, onde Thor se deliciava farejando pilhas de lixo ou enfiando o nariz no colo de um dos muitos itinerantes agachados ao longo da praia. Thor se deliciava com a miséria pungente de Veneza, enquanto Santiago se sentia mais em conflito, tanto com medo quanto preocupado com as legiões de sem-teto que povoavam a área. Ele tinha vergonha de quão ansiosamente queria se afastar deles, para limpar as imagens de pés descalços e rachados cheios de moscas de sua mente. Ele puxou Thor para o brilho reconfortante da casa de Anders com uma mistura de tristeza e alívio.

Em seu último dia, ele fez questão de perguntar a Anders se ele queria passar a tarde juntos. Anders o surpreendeu sugerindo que eles pegassem sucos e depois dirigissem até Malibu com Thor para caminhar pelo Sandstone Peak. Claramente, pensou Santiago, não demorou muito para que LA mudasse uma pessoa. Mas ele estava feliz com a distração de uma atividade, não apenas porque significava que ele definitivamente alcançaria seus dez mil passos naquele dia.

Ele havia desistido de descobrir qualquer coisa de Anders sobre Cleo. Anders não sabia nada sobre o que ele havia feito para deixar Cleo tão chateada com ele ou não confiava em Santiago o suficiente para compartilhar o que havia acontecido. aconteceu entre eles. Exceto por um confronto direto, que horrorizou

a natureza gentil de Santiago, ele deve aceitar que simplesmente não era mais próximo de Anders. Eles estavam crescendo em direções diferentes. Santiago estava procurando por amor, o tipo que Anders não iria, ele imaginou, valorizar ou entender. Pelo menos ele poderia desfrutar de uma boa caminhada antes de ir para casa.

Eles deixaram o carro por perto e caminharam até onde começavam as trilhas. Era meio-dia de um dia de semana e o estacionamento estava vazio, exceto por alguns outros veículos empoeirados. Um deles tinha uma placa de novidade que dizia SP1R1TUAL1ST.

“Temos algumas opções aqui”, disse Anders. “Há curto e íngreme ou mais longo, mas mais fácil.”

“Curto e íngreme”, disse Santiago. "Eu dou conta disso."

Anders deu um tapa em suas costas corajosamente. "Esse é meu homem."

Eles partiram pelo caminho estreito em fila única, Thor saltando à frente. Um céu totalmente azul se estendia luxuosamente acima deles, sem marcas de nuvens. Atravessaram uma pequena ponte de madeira e começaram a subir as colinas. Ipomeias silvestres, madressilvas e artemísias pontiagudas cobriam as margens ao redor. Para onde quer que Santiago olhasse, o verde manchado era pontuado por cachos de flores silvestres brancas espumosas, amarelo cheddar e rosa magenta. O caminho empoeirado era plano, exceto pelas rochas salientes ocasionais, uma das quais Santiago tropeçou ao tentar ver melhor uma borboleta laranja que esvoaçava provocativamente logo à frente.

"Você está bem aí atrás?" Anders gritou atrás dele com evidente diversão.

Santiago grunhiu em resposta. Ele não queria dar a Anders a satisfação de saber que ele já estava com falta de ar. Perder aqueles quinze quilos o tornara mais leve do que em anos, mas ainda era um fardo pesado para carregar. À frente dele, Anders saltava como uma cabra montesa de uma rocha para outra com pernas ágeis e tonificadas.

Eles caminharam por quase uma hora em silêncio por colinas cobertas de chaparrais e afloramentos rochosos íngremes. Por fim, depois de uma subida implacável em que Santiago teve de usar toda a sua força de vontade para não parar e deitar-se, o caminho abriu-se com a rapidez de uma cortina a abrir-se, e eles estavam no topo. Camada após camada de colinas salpicadas de sol estendia-se abaixo deles, além das quais a curva da costa dava lugar a um mar azul brilhante e plano. Anders sentou-se em uma pedra lisa e enxugou o rosto com a camiseta. A própria camisa de Santiago estava encharcada de suor, e ele tirou uma bandana do bolso para enxugar a testa. Thor, cujas infinitas reservas de energia não diminuíram com a subida, saltou para um matagal.

“Você quer um pouco de água, garotão? Parece que você precisa.” Anders estendeu sua garrafa de algas para Santiago com um sorriso satisfeito. Santiago tomou um grande gole e jogou de volta para ele.

"E aí cara?" ele perguntou. "Você poderia me fazer um favor? Você não poderia me chamar de grandalhão?

Anders ergueu as palmas das mãos em um gesto de rendição. “Eu não sabia que isso te incomodava. Claro."

Santiago olhou para o chão e chutou a poeira com o salto do tênis. "Não é grande coisa."

"Você está bem? Você tem andado, não sei, distante desde que chegou aqui.

Santiago estava prestes a dizer algo desdenhoso sobre estar ocupado com o restaurante quando se deteve. O que Dominique havia dito? Nada muda se nada mudar. Estava cansado de ser o capacho afável. Ele olhou para cima de seus pés.

— O que aconteceu entre você e Cleo? ele perguntou.

Ele percebeu o choque que o rosto de Anders registrou momentaneamente antes de ficar na defensiva.

"O que faz você pensar que alguma coisa aconteceu entre mim e Cleo?"

“Ela não está muito bem, cara.”

Anders puxou um pedaço seco de pincel amarelo e agitou-o com desdém à sua frente. “Cleo está bem. Ela tem Frank. Isso é tudo que ela quer.”

"Nenhum homem. Ela se machucou muito.

"O que você quer dizer?"

Santiago fez um movimento cortante em seu pulso. “É sério, Anders.”

“Você está brincando comigo? Quem te disse que ela fez isso?

“Fui visitá-la no hospital.”

"Quando?"

“Antes de vir para cá.”

Anders ficou de pé. Ele tinha virado um pálido tom de marrom. Ele agarrou o cabelo com as duas mãos e jogou para a esquerda e para a direita, balançando todo o corpo, como se Cleo pudesse aparecer de repente diante dele. Quando ele falou, sua voz estava rouca.

“Por que você não *disse* nada? Ou Frank? Por que ele não me ligou?

“Ele me pediu para não fazer isso. Acho que ele não queria... Pessoas conhecendo seus negócios.

Santiago ficou satisfeito ao ver a pontada de exclusão no rosto de Anders.

"Eu preciso ir vê-la", disse ele com firmeza.

Ele se esforçou para pegar sua garrafa de água e coleira. Então era verdade, percebeu Santiago. Anders e Cléo. A indignidade da situação o atingiu como um golpe físico. Ele ficou na frente de Anders, bloqueando seu caminho.

“Como você pôde, cara?” ele disse calmamente. “Frank é como seu irmão.”

“Que voo você está pegando? Eu vou voltar com você.”

“Seu *melhor amigo* . O que você tem?"

"Olha, você não entende a situação... Então, com todo o respeito, saia da minha frente." Anders o desviou e fez menção de sair, depois voltou. “Espere, onde está Thor? Thor! Thor!”

Ele correu alguns passos pelo caminho, voltou, então pulou no matagal de arbustos e flores silvestres, batendo na vegetação com os braços enquanto gritava o nome do cachorro. Santiago começou a chamá-lo também. O nome soou estranho em sua boca, mas ele manteve a voz clara e firme. Anders voltou, parecendo suado e afobado.

"Eu não posso vê-lo", disse ele.

"Você pretendia deixá-lo fora da coleira?"

"Não sei. Ele é um *cachorro do caralho* . Eles devem correr por aí, não são?

Depois de mais quinze minutos infrutíferos de busca, eles decidiram refazer seus passos na esperança de que o cachorro os encontrasse no caminho de volta. Anders partiu pelo caminho em um ritmo rápido.

"Manter-se!" ele gritou por cima do ombro.

Bufando atrás dele, Santiago o seguiu. Era mais fácil descer a colina e eles avançaram bem no caminho estreito e sinuoso. A cada poucos metros, Anders gritava o nome de Thor com uma voz tensa. Santiago tentou o seu melhor para entrar na conversa, mas ele estava concentrado em manter as pernas firmes ele saltou pela encosta íngreme. Seus pensamentos martelavam em sua cabeça a cada passo. Quem Anders pensava que era? Como ele ousava dizer que não era da sua conta! Cleo e Frank eram seus amigos queridos. Ele havia preparado a refeição do casamento. Ele não era apenas um ajudante rechonchudo sem sentimentos, feliz em fazer o papel de ouvinte compreensivo sem opinião própria. Ele fazia parte disso. Ele *importava.*

“Você é tão egoísta que é uma loucura, cara!” ele gritou nas costas de Anders.

"Foda-se!" Anders chamou por cima do ombro.

Anders estava começando a colocar distância entre eles. Santiago respirou fundo e apressou o passo, saltando uma pedra com facilidade. Ele se sentiu sobre-humano.

“Você precisa deixá-la em paz! Ela já passou por bastante!

“Não me diga o que fazer!”

“Você parece uma criança!” ele gritou.

"Eu tenho que fazer isso!" Anders gritou de volta. “Eu preciso vê-la!”

“Não é sobre o que você precisa!”

Nimble Anders desapareceu em uma curva à frente dele. Santiago avançou; não havia nenhuma maneira que ele iria deixá-lo fora do gancho. Ele estava voando, ganhando mais velocidade do que em anos, quando sentiu seu tornozelo rolar sob ele. Um momento de suspensão vertiginosa e leve, e então ele estava caindo para a frente, braços estendidos, derrapando pelo caminho de barriga para baixo em uma nuvem de terra. Ele podia ouvir os passos leves de Anders se afastando quando percebeu o coro risonho das cigarras ao seu redor. Ele se jogou de costas e olhou para o claro trecho de céu acima dele. Sentia uma dor surda no joelho direito. Caso contrário, ele se sentia bem. Ele se sentia vivo.

Santiago estava deitado de costas, recuperando o fôlego. Ele colocou uma mão em seu coração martelando e outra em sua barriga, como havia aprendido a fazer nas aulas de ioga que começara a frequentar recentemente, e se concentrou em diminuir a frequência cardíaca. Ele ouviu uma batida perto dele e então, em uma enxurrada de ganidos e latidos, Thor estava sobre ele. Ele enfiou as patas alegremente no peito e no estômago de Santiago, lambendo seu queixo, narinas e até, infelizmente, o interior de sua boca quando Santiago a abriu para protestar. Ele se sentou e deu alguns socos brincalhões em Thor.

"Onde você esteve, hombre?"

Deitado no chão, onde Thor claramente o havia descartado em favor do brinquedo mais divertido de um Santiago prostrado, ele avistou a forma polpuda e verde de um lagarto meio mastigado.

Santiago demorou a enterrar o lagarto sob uma pilha de sálvia e arbustos, colocando uma única flor branca no topo da pequena pilha. Felizmente, Thor ficou tão intrigado com esse comportamento que ficou bem perto dele. As nuvens escureciam o céu quando ele desceu, o cachorrinho se contorcendo em seu braço. Ele chegou ao final da trilha para encontrar Anders encostado no

carro com os ombros caídos, todo o corpo murcho. Ao som de sua aproximação, ele ergueu a cabeça e encontrou o olhar de Santiago. Então ele fez algo que Santiago jamais poderia esperar. Ele começou a chorar. O cachorro saltou de seus braços e correu para Anders com um latido de alegria. Anders caiu de joelhos e enterrou o rosto no pelo dourado.

Anders não se mexeu para ligar o motor enquanto eles sentavam lado a lado no carro escuro. Thor, finalmente exausto, estava encolhido em forma de croissant no banco de trás, roncando baixinho.

“Eu a amo,” Anders disse calmamente. “Eu sei que não deveria, mas eu faço.”

Santiago assentiu lentamente.

“Talvez você apenas pense que a ama porque ela é a única pessoa que você não pode ter?”

"Talvez. Mas não parece assim.”

“Cleo é uma pessoa especial,” ele concordou. “Mas ela não é a mulher para você.”

“Mas e se ela for?”

"Ela não é."

"Como você sabe?"

"Porque se ela fosse, ela não estaria casada com Frank."

“O que devo fazer então? O que você faria se você fosse eu?"

"Deixe ela ir. Ela precisa se curar. Frank também. Ele não aguenta mais dor agora. Você sabe que foi ele quem a encontrou?

"Jesus. Ele fez? Ele está bem?"

“Ele não ficará melhor se você vier e declarar amor por sua esposa. Finja que não aconteceu. Deixe os dois seguirem em frente, o que quer que isso signifique para eles.

“Eu só quero falar com ela.”

“Eu sei, cara, eu sei. Fale comigo."

Anders esfregou os olhos rudemente com as costas dos nós dos dedos. “Você acha que ela realmente queria morrer?”

“Ela me disse que queria uma mudança.”

Anders exalou pesadamente. "Que maneira de fazer isso."

"Ela é jovem. Lembra quando tínhamos vinte e cinco anos? As coisas que fizemos? Estávamos *loucos* .”

Anders traçou o volante com a palma da mão. “Eu fico querendo que as coisas mudem. Por que você acha que estou nesta cidade insana?”

"Eu pensei que você amava LA!"

“Eu não odeio isso. É que... já me perguntaram se preciso de uma recomendação de xamã umas três vezes desde que me mudei para cá, cara.

Santiago suspirou. Era verdade. As pessoas em LA levaram a presunção espiritual a um novo nível.

“E quanto a Yaayaa?” ele perguntou.

"Yaaya?" Anders bufou. “Ela só quer que eu coloque seus kaftans na revista.”

“Tenho certeza que não é—”

“Você sabe que todas essas modelos transam umas com as outras, certo?” Ele

continuou. “Elas realmente não querem um homem por perto.” Ele exalou. “A menos que precisem de um carro grande emprestado.”

"Realmente?"

"Oh sim."

Os dois homens começaram a rir. Anders virou-se em seu assento para encarar Santiago de frente.

"E você?" ele perguntou. "O que está acontecendo? Achei que você poderia me bater lá atrás. Não apenas por causa de Cleo.

“Estou mudando, cara.”

"Eu vejo isso."

“Todo esse tempo, você me trata como se eu fosse apenas o...” Doía-lhe dizer a palavra em voz alta, mas ele precisava. “O amigo *gordo* . O ajudante. Mas eu tenho sentimentos. Eu sinto muito.”

“Ninguém te vê assim, Santiago. Exceto, talvez, você.

“Não me diga que está na minha cabeça. Eu sei o que todos vocês pensam sobre mim.

“Isso é o que você tem dito a si mesmo todos esses anos? Acorde, cara! Você é tão bem sucedido. Todo mundo está adorando o seu restaurante. E você é encantador, você é profundo. Yaayaa não parava de falar sobre como você era atencioso. Isso me irritou, honestamente.

“Sim, eu sou o cara com quem as mulheres gostam de *conversar* , mas é isso. Eles não me veem como um amante.”

"Bem, você já convidou alguém para sair?"

Santiago teve de admitir que não. Já estivera com mulheres, mas a última vez que se apaixonara fora por Lila. Ele era um homem jovem então, trinta quilos mais magro. Mais leve em todos os sentidos.

Anders examinou seu rosto com ternura incomum. “Você sabe que eu também sinto falta dela, certo?”

Santiago assentiu.

“Na verdade”, disse Santiago, “estou com medo.”

“Não me diga. Estamos todos com medo.”

"Você não está. Você é o donjuán.

“Ah, sim, estou indo muito bem. Quarenta e cinco. Solteiro. Apaixonado pela esposa do meu melhor amigo. Você nem quis ficar comigo.

"Isso não é verdade." Santiago se mexeu na cadeira. Ele odiava mentir.

“Está tudo bem, eu entendo. A pior parte é que Jonah não virá. Enviei-lhe um bilhete e tudo.

"Por que não?"

“Ele está com raiva de mim por ter ido embora, eu acho. Eu fui um padrasto de merda, ou o que quer que eu seja para ele. Não é como se eu tivesse os melhores exemplos. Você sabia que meus pais nunca me visitaram na América? Vinte e seis anos que moro aqui.

Os próprios pais de Santiago tinham saído no ano passado. Eles o envergonhavam por comer em seu restaurante todas as noites, declarando em voz alta que eram seus pais para qualquer cliente próximo.

Anders inclinou a cabeça para trás contra o apoio de cabeça e olhou para o teto. “Ninguém me ama”, disse ele. "Na verdade."

Santiago pensou em como no Slim Again, Begin Again o grupo falava muito sobre por que as pessoas comiam, a fome que estava além da comida. Eles comeu porque os lembrou de seus pais alimentando-os e as vezes que eles foram cuidados. Eles comiam porque seus pais não os alimentavam, e foi assim que aprenderam a se cuidar. Eles comiam porque se sentiam menos sozinhos ao comer. Porque eles queriam se sentir cheios, depois não queriam sentir nada. Dominique disse que era como aquela música de Bruce Springsteen “Hungry Heart” dos anos 1980. Todo mundo tem um coração faminto. O truque é aprender quando você está comendo para encher o coração em vez do estômago. Alimentar o estômago, disse ela, é fácil. Isso é apenas dieta. É aprender a alimentar o coração que é difícil.

Santiago colocou sua grande palma no ombro de Anders. "Eu te amo, cara", disse ele. "Eu faço."

Anders inclinou a cabeça para a frente sem dizer nada. Depois deu um tapinha na mão de Santiago e colocou as chaves no carro.

"Você só está dizendo isso, então eu te levo ao aeroporto."

Antes de sua fuga, Santiago fez algo que não fazia há anos; ele foi para a capela do aeroporto. A maioria das pessoas não sabia que muitos aeroportos tinham igrejas. Mas Santiago foi criado como um católico rigoroso, e sua avó sempre insistiu que ele parasse dentro de casa e rezasse por um parto seguro antes de partir. Ele nunca o fazia, embora prometesse obedientemente, mas sempre examinava os sinais terminais em busca do ícone da capela e fazia o sinal da cruz para garantir.

A capela do LAX era uma sala comprida e sem adornos, com duas fileiras de bancos de madeira e um altar simples. O cheiro foi o que ele notou primeiro. Ele poderia entrar em qualquer igreja católica com os olhos vendados e saber exatamente onde estava. De Lima a Los Angeles, eles tinham o mesmo cheiro. O cheiro persistente de incenso e flores, sabonete de óleo de Murphy, polidor de móveis, cera de vela, o papel de jornal barato dos missalettes e algo mofado e indistinto que era simplesmente o tempo. A sala estava fria e escura, vazia de pessoas. Um quadro de mensagens informava que eles celebravam a missa todas as noites, mas ele havia perdido a última. Ele não se importava. Ele preferiu falar com Deus sozinho.

Ele se espremeu em um dos bancos e se ajoelhou. Fazia muito tempo que ele não vinha aqui. O que ele deveria dizer? Frases de sua infância vieram a ele, empoeiradas e rudimentares. Por hábito, ele começou a recitar a oração do Senhor, mas os pensamentos reais, suas orações reais, interrompidas antes que ele terminasse. Ele pediu para sua avó descansar em paz eterna. Ele pediu a Deus que cuidasse de seus pais. Ele rezou para que Cleo não sentisse dor. Ele orou para que ela e Frank fossem felizes novamente. Ele pediu misericórdia para Anders. Ele rezou para que Lila pudesse dançar, onde quer que ela estivesse. Sua avó sempre lhe disse para não rezar por si mesmo, mas no final ele o fez. Ele orou pedindo coragem para falar com Dominique. Ele pediu que o amor voltasse a ele. Por fim, humildemente pediu a Deus forças para suportar seu coração faminto, o peso mais pesado de todos.

CAPÍTULO TREZE

final de março

No norte do estado, a pouca neve que restava havia se transformado em gelo. Cleo fingiu dormir durante a maior parte da viagem de trem da cidade, eventualmente caindo em um cochilo raso e sem sonhos nas últimas paradas. Frank alternava entre olhar ansiosamente pela janela, olhar ansiosamente para o telefone e olhar ansiosamente para Cleo. Ela havia recebido alta do hospital naquela manhã.

Eles pegaram um táxi na estação de trem, passando por campos brancos congelados e casas silenciosamente dilapidadas em silêncio. Uma das casas pelas quais eles passaram era cercada por uma cerca de metal pontiaguda na altura dos ombros. Pendurado na lateral havia algo marrom e peludo. Ao se aproximarem, ficou claro que um cervo havia tentado, sem sucesso, pular sobre ele, dilacerando seu estômago em uma das pontas afiadas no processo. Foi rasgado ao meio, suspenso em um arco caído, as patas dianteiras pendendo para um lado e as patas traseiras descendo do outro.

"Era isso que eu acho que era?" perguntou Frank, virando-se para dar outra olhada enquanto eles passavam correndo.

“Foi se você pensou que era um cervo morto”, disse o motorista.

Cleo levou a mão à boca.

“Isso é normal?” perguntou Frank. “Isso é normal de acontecer? Para um cervo cometer suicídio em sua propriedade?

O motorista riu. “Não sei se é normal”, disse ele. “Mas aconteceu.”

Era fim de tarde, e o céu havia empalidecido para um tom anêmico de cinza quando chegaram à cabana de Frank. O táxi se afastou e os dois se entreolharam em um silêncio inquieto. Eles se sentiam desconfortáveis sozinhos um com o outro, Frank pensou enquanto se virava para destrancar a porta da frente. O acidente de Cleo, os dias de intervalo que se seguiram, dissolveram qualquer intimidade fácil que eles haviam cultivado no ano anterior.

Ele a visitou durante os sete dias em que ela ficou sob observação psiquiátrica, mas eles fizeram pouco mais do que conversar sobre o trabalho dele e o clima. Ele havia imaginado que suas visitas seriam pontuadas por explosões violentas de outros pacientes ou pelas divagações caóticas dos palpavelmente loucos, mas na verdade o lugar era opressivamente silencioso. A maioria dos pacientes, ao que parecia, passava os dias dormindo ou olhando para o ar à sua frente. A vida parecia parada dentro das paredes da enfermaria. Frank esperava que agora que ela estava livre, Cleo se abrisse um pouco. Mas parecia que ela não tinha nada a

dizer.

Lá dentro, a casa estava escura e silenciosa, com o ar espesso e parado que se desenvolve quando não é perturbado por muitas semanas. Cleo parou na entrada, tremendo, e apertou mais o casaco em volta do corpo.

“Está mais frio aqui do que lá fora”, disse ela.

“Acabou a energia”, disse Frank, ligando e desligando a luz. Ele foi até a cozinha e verificou as torneiras. “A água quente funciona, pelo menos. Deve ter acabado de sumir.

“Sorte a nossa”, disse Cleo.

“Estamos no campo.” Frank suspirou. "Acontece. Deve voltar amanhã.

Cleo achou que esse conhecimento sugerido sobre a vida no campo era muito rico, vindo de um homem que acabara de ter paroxismos ao ver um cervo morto, mas decidiu não mencioná-lo.

“Você tem velas pelo menos?” ela perguntou.

“Na credência. Vou fazer uma fogueira.

Cleo olhou para ele por cima do ombro e ergueu uma sobrancelha. "Você sabe como?"

Frank deu de ombros com esse desdém. "Se os homens das cavernas conseguiram", disse ele.

A cabana não era grande, apenas uma sala de estar, cozinha e copa com dois quartos esparsos no andar de cima. Na verdade, era uma casa de veraneio, construída para os meses mais quentes, com um interior simples e sem adornos projetado para levar o olhar para fora, através das grandes janelas, descendo a colina repleta de árvores nos fundos até o corpo de água cintilante que ficava além. Frank o comprou há mais de uma década, principalmente por causa dessa vista do lago, que era espetacular. Hoje, no entanto, a água estava coberta por uma camada de gelo, plana e cinza suja de camarão cru. Não brilhou. Cleo voltou com algumas velas cônicas e um saco de velas. Ela olhou ao redor da sala para o sofá de couro marrom desgastado, pufe careca e mesa de centro de madeira simples.

“É diferente do que eu me lembrava,” ela disse tristemente.

Frank sentiu uma mistura de defesa e desânimo por esta casa, a primeira propriedade que ele já possuiu.

"Vamos torná-lo aconchegante", disse ele.

Ambos ficaram em silêncio, pensando na última vez que vieram aqui, naquele feliz fim de semana ensolarado em maio. Era como se pudessem mergulhar as mãos sob a superfície do dia e sentir a corrente daquela outra vida, apenas nove meses antes, correndo logo abaixo dela. Lá estava Cleo correndo nua pela sala, pingando água do lago no chão, e Frank rindo logo atrás dela, tentando agarrar seus membros escorregadios. Aqui era a cozinha onde eles comiam frutas frescas, cereais ou sanduíches em todas as refeições, porque nenhum dos dois sabia cozinhar. Lá estava Frank cochilando no sofá, um livro estendido sobre o peito nu, e Cleo gentilmente o colocou de lado para colocar a cabeça no lugar. Foi no trem para casa que ele a pediu em casamento. Ela ergueu a bochecha de seu ombro maravilhada. *Como você sabia que era isso que eu queria?* Ele riu. *Então isso é um sim? Sim* , ela disse, *mil sim, sim.* E parecia o começo de tudo.

Agora, Frank estava com os acionadores de fogo na mão, olhando fixamente

para a lareira enegrecida vazia. Ele se lembrava vagamente de ter contado como para fazer isso, algo sobre a criação de uma base. Sinceramente, ele estava perdido. Cleo olhou para ele e franziu a testa.

"Você tem que verificar o amortecedor", disse ela.

"O quê?"

"Aqui, deixe-me." Ela o manobrou para o lado e caiu de joelhos, enfiando a cabeça pela chaminé e enfiando a mão lá dentro para ajustar alguma coisa. “Se estiver fechado, a fumaça sobe para dentro da sala. Deve estar bom agora.

Frank ficou impressionado, novamente, com a amplitude de coisas que ele não sabia que ela sabia. Ela se sentou sobre os calcanhares e rolou bolas de jornal da pilha na cesta para enfiar na grelha, depois empilhou os gravetos em um padrão cruzado por cima.

“Você é bom nisso,” ele disse inquieto.

Era castrador, apenas pairando ali atrás dela. Ele pegou um grande tronco da cesta e fez menção de colocá-lo em cima dos gravetos, mas ela o interceptou e agarrou outros dois, arrumando-os em forma de tenda. Em um movimento hábil, ela acendeu vários fósforos de uma vez e os colocou no ninho de bolas de jornal.

“Tínhamos uma lareira funcionando quando eu era criança”, disse ela, soprando as chamas que surgiram. “Minha mãe me ensinou.”

Essa menção à mãe dela surpreendeu Frank. Ele não poderia saber disso, embora Cleo tivesse sido designada para dividir o quarto no hospital (uma catadora de pele compulsiva seguida por uma bulímica bipolar), sua verdadeira companheira viva naquela semana tinha sido sua mãe. Sua mãe se sentava com ela durante as longas e pesadas horas, esperando que as escassas atividades do dia, terapia de grupo ou aula de arte, começassem. Sua mãe se encostava na pia enquanto esfregava os dentes até suas gengivas sangrarem todas as noites, um ato de rebelião contra a dormência que tomava conta de seu corpo. A mãe dela se espremia entre Cleo e Frank a cada visita, deixando Cleo espiando ao redor para vê-lo de relance. Pior de tudo, quando Cleo se olhava no espelho, era sua mãe quem agora olhava de volta. Ela estava lutando para pensar em ambos, sua mãe e ela mesma, como algo diferente de quebrado e suicida. Eram mulheres, pelo menos, que sabiam fazer fogueiras.

Ela continuou soprando até que as chamas começaram a crepitar, então enxugou as mãos na calça jeans e olhou para ele. Mesmo no inverno, suas sobrancelhas eram pouco visíveis, quase brancas. Ela os ergueu agora como se dissesse: *Não fique tão surpreso.* Sua severidade era compensada por uma mancha preta de fuligem na ponta do nariz. Frank achou que ela parecia um adorável limpador de chaminés. Muito gentilmente, ele tocou a ponta do dedo na mancha. Cleo recuou como se ele tivesse apontado um fósforo aceso contra sua pele.

"Você tem um pouco de fuligem", disse ele, levantando as palmas das mãos em sinal de rendição.

Cleo esfregou o nariz com força com a manga da jaqueta.

"Parece fofo", disse ele.

“É terrível para a sua pele.”

"Certo." Ele se afastou dela para esconder a dor em seu rosto. Ela nem o deixaria tocá-la. "Está com fome?"

Frank tinha ido à Dean & Deluca mais cedo naquela manhã para comprar mantimentos antes de pegar Cleo no hospital. Sem que nenhum dos dois dissesse, os dois pareciam entender que era muito cedo para voltarem juntos para o apartamento deles, para o lugar onde ele a havia encontrado, então Frank sugeriu que eles fossem direto para a estação de trem e passassem algumas noites. upstate. Ele não tinha certeza do que Cleo sentiria vontade de comer, então pegou ao acaso uma variedade de alimentos que não combinavam muito: sushi, biscoitos, salada de macarrão, frango ao curry, filés de salmão, uma bola de mussarela de búfala, salada de frutas, um único limão e uma grande fatia de bolo de creme de manteiga. E é claro que ele passou na loja de bebidas depois também.

“Ainda não.” Para acalmá-lo, Cleo tentou sorrir. "Mas eu vou deixar você saber quando eu estiver."

"Você tem que comer."

“Vou comer quando estiver com fome.”

“Você não tomou café da manhã ou almoçou.”

“Os remédios que me deram me dão náuseas.”

“Ainda é bom tentar.”

“Vou tentar quando estiver com fome.”

"OK."

Ambos se viraram para olhar o fogo novamente. Cleo levantou as mãos em direção a ela e as virou da frente para trás em um elegante gesto de torção. Sua manga puxou para baixo para revelar o topo de sua bandagem. Frank olhou para ela e viu a terra molhada de sangue. A pele de seu braço se abriu nitidamente como um peixe eviscerado. Ela pegou seu olhar e deixou cair as mãos.

"É um pouco mais quente, pelo menos", disse ela.

"Você já pensou mais sobre o que eles disseram no hospital?" Frank perguntou. “Sobre ver um terapeuta?”

“Acabei de sair”, disse ela.

“É só que o médico disse...”

“Não quero falar sobre o que o médico disse.”

Frank suspirou. “Só estou tentando ajudar.”

"Você não está."

"Tudo bem", disse Frank. "Desculpe. Você é muito frágil para ter essa conversa agora.

Cleo girou nos calcanhares e se levantou. “Eu *não sou* frágil.”

“Eu não quis dizer frágil.” Frank acenou com a mão como se pudesse dissipar a palavra como fumaça entre eles. "Confidencial."

“Não sou sensível. *Você é* sensível.

"Tudo bem, o que você disser, Cleo." Ele se afastou dela novamente. “Vou cortar mais lenha.”

Cleo se conteve para não dizer nada depreciativo sobre essa exibição de masculinidade. Depois que ele saiu, ela ficou tremendo na sala de estar. Logo ela podia ouvir o som pesado e ritmado do machado. Ela acendeu mais algumas velas e alimentou o fogo com o atiçador, olhando para as chamas por um longo momento. Ela estava tão desesperada para sair do hospital, mas agora que estava fora, não sabia como agir. Ela sabia que Frank estava tentando ajudar, mas isso a

fazia se sentir como uma inválida incapaz de ajudar a si mesma. Ela passou tantos anos tentando não ser definida pelo que sua mãe fazia, tentando ser inteira, tentando ser feliz e leve. Agora ela havia desfeito tudo. Ela largou o atiçador e se virou para segui-lo para fora. Ela ia agir normalmente. Ela ia ser legal.

Frank estava nos fundos da casa, onde uma varanda de madeira e um pequeno jardim davam para a ladeira que descia até o lago. Ele olhou para cima para vê-la de pé ao lado do balanço enferrujado da varanda, acendendo um cigarro. Ela enfiou a mochila de volta no bolso enquanto o observava. Onde ela os havia escondido? Ele certamente não trouxe nenhum para ela. Cleo o viu perceber isso e sorriu para si mesma. Ela havia encantado uma das enfermeiras para lhe dar seu maço antes de partir, e era por isso que ela estava se dignando a fumar. Camelos em vez de seus Capris habituais. Ela o considerou o único sucesso real de seu tempo no hospital.

Frank, que havia notado esse sorriso e presumido que ela estava zombando dele, decidiu continuar cortando a lenha como se ela não estivesse ali. Claro, ele errou o golpe seguinte, fazendo o machado deslizar pela lateral do bloco de corte até o chão. Ele não conseguia fazer nada direito. Xingando baixinho, ele lutou com a lâmina para fora de onde estava cravada na terra. Cleo apertou o cigarro entre os lábios e bateu palmas, que estavam brancas de frio.

“Dê outra chance,” ela chamou. “O que os americanos dizem?” Ela fingiu um sotaque nasal. “ *Você tem isso* .”

Ele verificou o rosto dela para ver se ela estava zombando dele, mas seus olhos brilhavam levemente com bom humor. Ele desviou o olhar, sorrindo para si mesmo, então balançou. Ele partiu o pedaço de madeira ao meio. Quando ele olhou para ela, a ânsia estava em todo o seu rosto.

"Bom trabalho", disse ela, ainda com seu sotaque vibrante. "Isso foi ótimo."

“Então você é americano agora?” ele perguntou.

“Só quando estou animada”, disse ela. “Você conhece meu americanismo favorito?”

"O que?"

Ela baixou a voz para um áspero barítono sulista. “Os vencedores ganham e os perdedores perdem.”

“Onde você ouviu isso?”

Cléo sorriu.

“Aquele americano da nossa lua de mel disse isso.”

"Ele faria", Frank zombou.

Ele pegou os pedaços de madeira que acabara de cortar e os embalou em seus braços. O pensamento de sua lua de mel trouxe uma tristeza terrível. Isso foi antes de conhecer Eleanor, antes de comprar Jesus, antes de alguém ter machucado irremediavelmente alguém. Naquela época, ele se sentia um vencedor. Ele caminhou até a varanda e colocou a madeira de volta entre eles.

“Eu sei que você pensa que eu sou um perdedor,” ele disse. “Você não teria feito o que fez de outra forma.”

Cleo olhou para cima e exalou fumaça para o céu cinza, balançando a cabeça. “Não foi por isso que fiz isso. Era maior do que apenas você.

"Apenas eu? Eu *encontrei* você. Achei que você fosse...”

"Eu não quis dizer isso", disse Cleo. "Eu quis dizer-"

Frank se jogou no balanço da varanda e colocou a cabeça entre as mãos. — Achei que você estivesse morta, Cleo.

Ela não sabia como tinha sido para ele enquanto ela estava lá. Primeiro, o horror de encontrá-la. Suas mãos convulsionavam enquanto ele chamava a ambulância. Segurando uma toalha no pulso, sentindo o sangue pulsar por ela. Ainda não conseguia tirar as manchas da manga do casaco. A única coisa que impedia que suas mãos tremessem agora era uma bebida. Depois os dias e as noites sem ela, desejando-a, odiando-a e preocupando-se com ela. As terríveis e estúpidas visitas ao hospital, onde ela mal parecia reconhecer que ele estava lá. Perdido, ele sentiu como se a tivesse perdido para sempre. Santiago, a única outra pessoa que sabia, partiu para Los Angeles. Eleanor o estava evitando no escritório desde o Kapow! festa. Ele estava desesperado para confiar nela, ela em quem ele confiava acima de todos os outros, mas ele se conteve por lealdade a Cleo. Pelo menos no hospital, eles sabiam. Lá fora, ele não tinha ninguém. Indo direto para casa depois do trabalho, deixando seu sorriso falso junto com o casaco na porta. O alívio de uma bebida. O alívio de não ter que fingir mais. O alívio de desmoronar até a manhã seguinte, quando ele pegaria o casaco manchado de sangue e o sorriso desgastado e faria tudo de novo.

Cleo balançou a cabeça com uma expressão de dor no rosto. "Eu não estava tentando morrer", disse ela. “Estava, estava... Um momento de fraqueza.”

Frank olhou para ela de suas mãos.

“Comer um pote inteiro de Häagen-Dazs é um momento de fraqueza, Cleo. O que você fez foi violência.

“Só para mim mesmo. Ninguém mais."

“ *Só* ?” Frank gaguejou. “Você acha que o que você fez não afetou mais ninguém? Não me afetou?”

“Não, eu...” Ela fez uma pausa para pensar. “Eu só não quero que um ato se torne a totalidade de quem eu sou. Não é mais definitivo para mim como pessoa do que o que você fez para Jesus é para você.”

Frank olhou para ela incrédulo.

“Aquilo foi um animal, para não mencionar um acidente. Este é *você* .

“Ela importava tanto quanto eu.”

“Você se ouve? Isso é insano."

“A vida dela tem tanto valor quanto...”

"Não. Sinto muito, não. Algumas vidas valem mais que outras. Isso é apenas um fato. Sua vida vale mais que a vida de mil planadores do açúcar. Cristo, vale mais que a vida *de mil pessoas* para mim. Sei que não é ético, mas é como me sinto. É assim que o coração humano funciona. Sua vida é mais preciosa do que qualquer outra vida para mim. Ainda mais... ainda mais do que a minha.

"Isso é para ser romântico?"

“Não é para ser nada. É apenas verdade.

Cleo, que não sentia nada há sete dias, sentiu uma onda revigorante de raiva pulsar dentro dela. Ela se sentia articulada e forte. Estava bem. Ela andava de um lado para o outro na varanda, acenando com o cigarro.

“Você tem uma maneira engraçada de mostrar que minha vida é tão valiosa para você quando não faz absolutamente nenhuma concessão ou mudança em

seu comportamento para explicar ou acomodar minha felicidade.”

“Por que você está falando como se estivéssemos em um tribunal? O psiquiatra disse isso para você? Você está citando ele?

Cleo parou para ficar bem na frente dele. “Estou me citando.”

“Você realmente acha que eu não fiz nenhuma mudança na minha vida por você?”

"Você pode citar um?"

Frank abriu a boca, mas voltou a fechá-la. Ele levantou-se.

“Olha, nós dois estamos cansados. Vamos deixar isso de lado.

"Eu não estou cansado! Não fiz nada além de descansar por uma semana!”

“Tudo bem, *estou* cansado. Vamos fazer alguma comida?

“Eu disse que não estou com fome.”

"OK!" ele gritou. Ele respirou fundo e tentou modular a voz. “O que você gostaria de fazer então? Ler? Assistimos a um filme?"

"Estou congelando. Está congelando aqui.

“Então vamos voltar para dentro.”

“Está congelando lá também.”

“Posso preparar um banho para você.”

“Não consigo molhar meus pontos.”

“Você pode manter seu braço fora da banheira.”

“Mas eu não *quero* . Você não está me ouvindo."

“Pelo amor de Deus, estou tentando aqui.”

"E eu não sou?"

“Apenas me diga o que você quer que eu faça, e eu farei.”

"Eu não quero ter que te dizer!"

Cleo voltou para dentro de casa. Frank pegou a madeira e a seguiu, lutando para manobrar a porta de tela com as mãos ocupadas. Ele largou as toras perto do fogo e a arrastou até a cozinha. Ele não queria brigar com ela, mas não conseguia evitar que seus pés a seguissem. Eles ficaram de pé de cada lado da mesa de jantar, os sacos de comida desempacotados entre eles.

"Olha, entendi , Cleo", disse Frank, esfregando resíduos de casca de suas mãos. “Eu sou o idiota. Eu sou o palhaço corporativo. Eu sou o cara mau que fodeu com a sua vida.

Cleo revirou os olhos para ele.

“Não faça isso. Não se vitimize sob o pretexto de assumir a responsabilidade. Isso não é um pedido de desculpas, é autopiedade.”

“Não importa se eu me desculpo ou não! Você não *quer* me perdoar. Quantas vezes posso dizer que sinto muito?”

“Eu não preciso que você diga isso! Estou farto de suas palavras! Palavras, palavras, palavras... Cleo deu um tapa na mesa à sua frente para enfatizar. “Palavras podem ser suficientes para Eleanor, mas não são suficientes para mim.”

Frank deu a ela um olhar assustado.

Eleanor? ele gaguejou. — O que Eleanor tem a ver com isso?

Cleo estreitou os olhos para ele. — Você sabe, Frank.

“Eu não tenho a menor ideia do que você está falando.”

Cleo pensou em seguir essa linha de ataque, então se lembrou de Anders com

uma onda de vergonha e desistiu. Frank estava quebrando a cabeça para saber como Cleo poderia ter descoberto algo sobre Eleanor. Ele nunca a tocou, nunca contou a ninguém sobre ela, mal reconheceu seus sentimentos por ela para si mesmo. Eles nem se falaram no último mês. Então, o que poderia ser? Cleo conhecia seu coração tão bem?

“Não acredito em nada do que sai da sua boca”, disse ela, voltando-se para generalidades.

"Tudo bem, você não confia no que eu digo", disse Frank. “Mas onde estão meus pés? Ainda estou aqui, Cleo. Pelo menos me dê algum crédito por isso. *Estou aqui* .

Cleo apertou o peito e engasgou. “Você quer crédito por não me deixar? Você está brincando? Desculpe, Frank, mas você *se casou* comigo. Na riqueza, na pobreza, na doença e na saúde. Esse era o acordo. Você disse aqueles votos. Você fez essas promessas. E agora você quer crédito para, o quê, viver por eles?

“Nós dois sabemos por que fizemos esses votos, Cleo. Eu era mais rico, você era mais pobre.

“Ah, foda-se. Não me venha com essa besteira binária. E agora? Eu sou a doença e você é a saúde?”

Frank estava prestes a dizer algo, mas pensou melhor e recuou pela porta em arco para a sala de estar. Cleo o seguiu e empurrou seu ombro para fazê-lo virar de frente para ela.

"O que? O que foi, Frank? Diz!"

“Não me pressione, Cleo...”

"Diz!"

Ele exalou lentamente.

“Eu ia dizer que não sou *eu* que estou usando uma pulseira de hospital.” Cleo olhou surpresa para o pulso. Ela estava usando a pulseira por tanto tempo que tinha esquecido que estava lá. Que humilhante. Ela agarrou o plástico e começou a puxá-lo.

“Você está delirando,” ela cuspiu.

A pulseira não daria. Ela agarrou-o em um aperto mais apertado em torno de seu pulso. “Sua doença *se tornou* minha doença”, disse ela, ainda torcendo o elástico.

Ele agarrou as mãos dela. “Olha, pare. Apenas, apenas espere—”

Ele desapareceu no banheiro, depois voltou para pegar uma vela. “Muito escuro,” ele murmurou.

Cleo olhou pela janela. O sol realmente havia começado a se pôr e a sala estava mergulhada em uma penumbra. Frank voltou com uma tesoura de unha e acenou para que ela levantasse o pulso. Com muito cuidado, quase com ternura, ele cortou o plástico. Parecia libertar a pata de algum selvagem arisco animal de uma armadilha. Frank olhou para seu pulso nu. A pulseira caiu no chão entre eles, espiralando como uma fatia de casca de maçã. Ele não queria deixá-la ir.

Cleo não suportou a expressão em seu rosto. Ela fechou os olhos. Quando ele falou, sua voz era suave.

“Por que você fez isso consigo mesmo?”

Cleo murmurou algo que mal eram palavras.

"O que?"

“Você fez isso comigo,” ela sussurrou.

Ele soltou o pulso dela e deu um passo para trás como se tivesse sido atingido. Ele se sentiu atingido. "Você só está tentando me machucar."

Ela balançou a cabeça.

“Não,” ela disse. “Estou tentando sobreviver a você.”

Frank deu mais um passo para trás.

“Sobreviver a mim? O que você está falando? Eu te apoiei. Eu te dei tudo que eu tinha. *Sobreviver* a mim? Como você pôde dizer isso?"

“Você está bebendo”, disse Cleo baixinho. “Não estou falando sobre o que você fez por mim financeiramente. Estou falando sobre sua bebida.

Frank estava balançando a cabeça em descrença enquanto a ouvia. Sim, tinha piorado na semana passada. Pior do que antes. Mas ela não podia saber disso. Ele faltou ao trabalho pela primeira vez, de ressaca. Começou a beber um pouco pela manhã também, uma novidade para ele. Mas quem poderia culpá-lo quando, toda vez que fechava os olhos, via Cleo sangrando naquele monte preto e úmido? O álcool o acalmou, o entorpeceu, o amou, quando ninguém mais podia. Sem ela, ele não teria sobrevivido na semana passada. Ela não tinha ideia do que estava falando.

“Eu sempre cuidei de você”, foi o que ele disse.

"Não quando você estava bêbado."

“Eu não acredito nisso.” Frank girou para longe dela. “Você quer saber como é sobreviver a um alcoólatra abusivo? Está sendo criado pela minha mãe. Ela costumava dormir com um cigarro aceso na mão. Ela costumava se esquecer de me pegar na escola...” Ele se interrompeu e respirou fundo. “Você não sabe do que está falando.”

Cleo olhou ao redor da sala fingindo surpresa. "Poderia ser? Estamos aqui de novo? Na festa de piedade de Frank?

"Você é hilário", murmurou Frank. “Não, sério, isso é hilário.”

“ *Gostaria* de estar brincando”, disse Cleo. “Quantas vezes eu tenho que ouvir isso? O pobre Frank não foi criado direito . Ninguém te amou do jeito que você precisava. *Junte-se à porra do clube.* Então sua mãe era uma idiota. Problema! Minha mãe *se* matou.

“Eu *queria que* minha mãe se matasse.”

Cleo bufou de desgosto.

“Você está se ouvindo?” ela disse.

“Você *se ouve* ? Estamos brigando seriamente sobre quem teve a pior infância?

“Não estamos brigando por causa disso, porque sei que sim.”

Frank jogou as mãos para cima. “Tudo bem, você venceu. Você está irrevogavelmente danificado. Sua vida tem sido um inferno, e a minha tem sido uma moleza.”

Cleo agarrou o cabelo de cada lado das têmporas.

“Eu não posso falar com você! Tu és impossível. Ninguém está dizendo que sua vida tem sido fácil, embora sejamos honestos, sim. Mas pelo menos você ainda tem uma mãe.

“E você sabe quem é seu pai! O meu nunca reconheceu minha existência!”

“Ah, e tem sido uma bênção ter meu pai”, disse Cleo. “Você o conheceu,

Frank. Você sabe como foi para mim.

“E você sabe como foi para *mim.* ”

Eles estavam em um impasse. Frank se jogou no sofá e olhou para o teto. “Você tem alguma ideia de como é estar casada com você?” ele disse calmamente. “Eu podia sentir sua decepção comigo a dez quarteirões de distância.”

“Não, você pode sentir *sua* decepção em você. A proximidade comigo só fez você perceber isso.

"Veja, você afirma isso como se fosse um fato, como se você tivesse algum conhecimento superior da minha psique que eu não conheço, mas é apenas a sua interpretação."

“É a interpretação de alguém que não fica bêbado na metade do tempo, Frank.”

Frank disparou e foi até o fogo para jogar outra lenha nele. Faíscas voaram de volta em sua direção. Ele se virou para ela, o rosto corado. Ela sempre conseguia deixá-lo ciente de como ele estava falhando, como ele falhava. Foi desmoralizante.

“Eu nunca fui o que você queria”, disse ele. “Desde o início.”

Cleo circulou a mesa de centro para poder encará-lo diretamente. Ela podia ver as maquinações de sua mente construindo esta nova narrativa que ele estava destinado a falhar. Ela não ia deixá-lo escapar dessa forma.

"Por que eu teria me casado com você se isso fosse verdade?" ela perguntou.

“Porque seu visto...”

"Pare de dizer isso! Eu poderia ter me casado com o maldito Quentin por isso. Eu *queria* me casar com você. Eu queria que você fosse o suficiente. Queria ser surpreendida por você todos os dias.” Ela começou a contar nos dedos para dar ênfase. “Mas eu nunca sabia quando você estava voltando para casa. Você é obcecado pelo seu trabalho e o prioriza acima de tudo, acima de mim. E você se recusa a crescer e para de culpar sua mãe. Diga-me, para quem isso seria suficiente? *Quem* ?

Frank olhou para o rosto dela, brilhando âmbar à luz do fogo. Atrás dela, o céu através da janela era preto-azulado profundo. Ela parecia se deliciar em listar as deficiências dele. Naquele momento, ele aprendeu que tinha a capacidade de odiá-la.

“E você desistiu do seu sonho quando me conheceu,” ele disse. “Você era um artista. O que você é agora?"

“O que *você é* ?” cuspiu Cleo.

“Sou quem sempre fui. Claro, eu trabalho duro, foi assim que me tornei um sucesso. E sim, às vezes eu bebo demais. Mas eu nunca fingi ser outra pessoa. Isso é apenas quem eu sou.”

Cleo olhou para ele com puro desprezo. “Essas devem ser as palavras mais tristes que uma pessoa pode pronunciar.”

"O que?"

“'É assim que eu sou.'”

"Por que?"

“Porque mostra uma total falta de vontade de mudar. Isso *não é* apenas quem você é, Frank. É quem você se tornou, quem você escolheu ser. Você

simplesmente se recusa a reconhecer a escolha.

Frank jogou as mãos para o alto. "Multar! Quem você quer que eu seja, Cleo? Diga-me quem você quer que eu seja.

Cleo se virou e olhou pela janela. Ela podia ver minúsculas estrelas brancas começando a aparecer, como sal derramado no céu. Em Manhattan, ela esqueceu que as estrelas existiam. Ela queria que alguém *lhe* dissesse quem deveria ser. Frank era um homem de quarenta e quatro anos. Por que o ônus era dela para consertá-lo? Ela se virou para encará-lo novamente e sentiu-se vazia de todo o amor por ele.

“Você sabe como é fácil ser você?” ela disse. “Você mora na cidade em que nasceu. Você está cercado por pessoas que te amam. Até mesmo sua mãe, à sua maneira defeituosa.

"Então é você!"

Cléo balançou a cabeça.

“Eu não sou daqui,” ela disse.

“Mas você escolheu aqui,” ele disse. “É a sua casa.”

“Não tenho família.”

"Isso não é verdade."

“Não,” ela disse. "Não tenho ninguém."

Sua voz falhou quando ela disse a palavra, quando ela percebeu que era verdade. *Ninguém.* Ela passou por ele em direção ao fogo para não ter que olhar para ele. Frank deu um passo em sua direção. Ele levantou a mão para o ombro dela, então a deixou cair. Cleo observava as chamas com tanta intensidade que seus olhos começaram a arder. Uma película de lágrimas embaçou sua visão.

"Você tem a mim", disse ele.

Ele deixou a mão em seu ombro. Ela deu de ombros. Pena. Ela podia ouvir isso em sua voz. Pena dela, a órfã suicida. Ela podia estar sozinha, mas ainda tinha seu orgulho.

"Eu não quero você", disse ela.

Ela não viu Frank estremecer. Quando ele falou, sua voz era dura.

“Vou sair da sua vida então”, disse ele.

Ela não se virou.

“Se eu tenho sido tão ruim para você”, disse ele, “o que ainda estamos fazendo aqui?”

"Não faça isso", disse Cleo, e sua voz estava pesada de exaustão.

Ele voltou para a cozinha e pegou as sacolas de compras, jogando-as no chão sem motivo aparente. Ele voltou para a sala de estar.

“Vou chamar um táxi”, disse ele. “Esta foi uma ideia estúpida. Você obviamente não quer estar perto de mim.

"Tudo bem", disse ela. "Faça o que você quiser."

Ele voltou para a cozinha, apontando para ela. “Isto é o que *você* quer.”

Ele discou o número, andando de um lado para o outro até a geladeira, depois desligou e tentou de novo. Ele esperou, então bateu o telefone de volta na mesa.

“Por que eu nunca aprendi a dirigir!” ele gritou para o teto.

Cleo estava caída no sofá quando ele voltou. Nenhum dos dois havia tirado o casaco ainda.

“Vou tentar de novo em alguns minutos”, disse Frank. “Você não vai ficar

presa comigo por muito mais tempo.”

"Cale a boca, Frank", disse Cleo, cansada. "Apenas cale a boca."

"Eu sei que você está lutando", disse ele. “Mas você é cruel.”

Cleo bateu com as mãos em ambos os lados, exasperada. “Pare de falar comigo como se eu fosse um inválido. Estou bem!"

Ele caminhou em direção a ela e pegou seu braço, aquele que ela machucou, segurando-o acima de sua cabeça como um boxeador declarado vitorioso.

"Isto é bom? Você acha que isso está bom pra caralho?

Cleo afastou o braço, segurando-o contra o peito, e se levantou. “Não se atreva a me tocar.”

“Não se atreva a me dizer que está bem!” ele chorou. “Não estamos bem! Isso não está bom!”

"Eu sei que isso não está bom pra caralho!" Cleo gritou.

“Então me diga o que fazer para consertar. Apenas me diga o que fazer.

"Consertá-lo?" Cleo olhou para ele com raiva pura. "Você o quebrou!" ela gritou. "Você me quebrou!"

“Você já estava quebrado!” gritou Frank.

“Não assim,” ela gritou, girando o braço acima da cabeça. “Você causou essa dor!”

"E quanto a mim?" Frank gritou de volta. "Minha dor?"

"Eu não ligo!" ela gritou. “Eu não me importo, eu não me importo, eu não me importo!”

Frank caminhou em direção a ela e colocou seu rosto perto do dela. Era o ponto culminante de todas as brigas que já tiveram, de cada palavra cruel que trocaram um com o outro. Não havia mais nada para proteger.

“Você é a pior coisa que já me aconteceu!” ele rugiu.

Cleo o empurrou para longe dela. Ele cambaleou para trás sobre o pufe e caiu no chão, batendo a cabeça em um dos pedaços de madeira perto do fogo. Ele se sentou novamente, atordoado, e levou a mão à nuca.

"Oh Deus, me desculpe." Cleo caiu de joelhos enquanto a raiva se esvaía de seu rosto. "Você está machucado?"

"Está tudo bem", disse Frank, acenando para ela. "Estou bem." Então, controlando-se, acrescentou: “Bem, como estabelecemos, nada está bem. Mas não estou ferido.

“Deixe-me ver pelo menos.”

Ela se virou para poder inspecioná-lo por trás, mexendo delicadamente em seu cabelo com os dedos. Uma lembrança de sua mãe inspecionando sua cabeça em busca de piolhos quando criança veio à tona em sua mente. Foi uma das raras vezes em que ela o tocou de bom grado, e depois ele coçou a cabeça furiosamente sempre que estava perto dela, na esperança de que ela fizesse isso de novo. *Afaste-se de mim, Frankie, você parece um cachorro com pulgas.*

"Duro como uma noz", disse Cleo, batendo suavemente em seu crânio.

Frank rastejou para a frente para cair no pufe e fechou os olhos.

"Sinto muito", disse ele. “Eu não posso mais lutar.”

“Você sente muito por não poder continuar lutando, ou por dizer que eu sou a pior coisa que já aconteceu com você?”

"Ambos", ele murmurou sem abrir os olhos.

Cleo se sentou no chão e se apoiou no pufe ao lado dele. Eles ficaram em silêncio, ouvindo o crepitar e o assobio do fogo enquanto o sala desceu para uma escuridão mais profunda. Uma a uma, as velas queimaram e se apagaram, deixando apenas o brilho amarelo pálido das velas afiladas. Eventualmente, Cleo falou.

“Você se lembra quando estávamos voltando da França, tinha aquele casal na nossa frente no aeroporto?”

Frank abriu um olho e olhou para ela. “Da nossa lua de mel? Nós os conhecemos?

"Não. Eles eram apenas um casal normal com dois filhos pequenos, um bebê e uma criança pequena. Eles estavam passando pela segurança, tentando desmontar o carrinho e tirar os sapatos e remover o computador, toda aquela merda, você sabe, e o bebê estava chorando e a garotinha estava tendo um ataque de raiva, gritando para ser pega.

Frank balançou a cabeça.

“Não me lembro disso.”

“Bem, no meio de todo aquele caos, a esposa olhou para o marido, eles se olharam sobre as cabeças das crianças que berravam e começaram a rir.”

"Por que?" perguntou Frank.

“Porque foi um pesadelo, sabe? Eles tiveram que rir.” Cleo pensou nisso por um momento. “Na verdade, esse é o ponto. Eles *não* precisavam. Meus pais estariam gritando um com o outro.

“Meu pai não estaria lá para receber gritos.”

Cléo assentiu. "Exatamente", disse ela. “Mas esses dois, eles estavam nisso juntos. Eles estavam rindo.”

"E você se lembra disso", disse Frank.

"Eu faço."

"Porque você quer isso?"

“Porque percebi que *é isso* que a vida exige. Quando fica confuso, difícil e sem glamour. Esse tipo de parceria.”

“E nós não temos isso.”

Podia ser uma pergunta, mas era uma afirmação.

"Eu não acho que posso ter isso com ninguém." Ela sorriu tristemente para si mesma, lembrando-se do que Quentin disse a ela no dia em que ela se machucou. “Eu não sou 'esse tipo de gente'.”

“Quem te disse isso?”

Cléo balançou a cabeça. “Achei que poderíamos ser felizes de novo”, disse ela.

"Eu sei."

“Achei que poderíamos perdoar um ao outro.”

“Não tenho nada para te perdoar.”

Cleo olhou para o colo dela. “Você não sabe tudo o que eu fiz.”

Frank sentou-se para examinar o rosto dela. Ela o afastou dele, então não foi mais iluminado pelo fogo.

"O que é que você fez? Você pode me contar, Cleo.

“Estou tão envergonhada,” ela sussurrou.

"O que é?"

Ela abaixou a cabeça. Ela estava pensando em Anders em cima dela. As mãos de Anders em seu corpo, seu pênis em sua boca. Como ela implorou para ele ficar enquanto ele saía correndo pela porta. Nos dias seguintes ao retorno de Frank da África do Sul, ligações furtivas para ele que ele nunca atendia. A realização humilhante de que ele nunca o faria.

"Às vezes a vergonha", disse ela. “Eu não posso suportar...” Ela agarrou sua garganta como se sufocasse. "Você já se sentiu assim?"

“Sou meio judeu e meio católico, o que você acha?”

Frank tentou sorrir para ela, mas percebeu quando ela virou o rosto para ele que estava atormentada.

“Mas do que você poderia ter vergonha?” ele perguntou gentilmente.

Cleo queria contar a ele sobre Anders. Ela queria se revelar exatamente como era, com seus defeitos, e ser perdoada. Mas o preço dessa absolvição seria mais dor para Frank. Mesmo que ele pudesse suportar, ela não tinha certeza se poderia causar isso.

Naquele momento, Frank sentiu intuitivamente que qualquer coisa que Cleo não pudesse dizer a ele era algo que ele não queria ouvir. Tinha que ser alguma infidelidade humilhante, o que mais? Outro golpe em sua masculinidade. E, apesar de si mesmo, esperava que ela o poupasse.

Muito sutilmente, ele afastou seu corpo do dela, voltando-se para o fogo. Cleo olhou para o perfil brilhante dele, e ela sabia que ele não queria saber. Ela ficou em silêncio, e ambos ficaram sentados na ausência de sua confissão, cada um compreendendo o outro, cada um inteiramente sozinho nesse entendimento. Finalmente, ele estendeu a mão e pegou a mão dela.

"Você é como gelo", disse ele. "Deixe-me preparar um banho para você?"

Cleo consentiu com o menor aceno de cabeça. Ele deixou cair a palma da mão e pegou uma das velas cônicas, retirando-se para o banheiro. Ela ficou sentada enquanto ouvia o borbulhar da água enchendo a banheira. Lá fora, a escuridão era absoluta.

CAPÍTULO CATORZE

abril

Frank estava sentado a uma mesa perto da janela quando Zoe chegou, bebendo um Bloody Mary. Ela ficou aliviada ao ver que ele já estava bebendo, mas imediatamente se sentiu culpada por estar aliviada. Fora ela quem sugerira que se encontrassem, embora não tivesse mencionado sua motivação. Na verdade, ela estava lutando. Ela havia perdido o emprego na butique da Christopher Street no início daquele mês, depois que o proprietário a encontrou certa noite vestindo um macacão de seda caro que ela havia emprestado da loja. Mas mesmo antes daquele encontro lamentável, Zoe conseguiu acumular vários milhares de dólares em dívidas de cartão de crédito, que estavam se tornando cada vez mais difíceis de ignorar.

Zoe não estava exatamente se virando com ramen instantâneo e pulando na catraca, mas dificilmente considerava seu comportamento perigosamente indulgente — ou, pelo menos, não mais do que o de qualquer outra pessoa que ela conhecia. Seu erro foi esquecer que ela não era como suas outras amigas da Tisch. Quando se queixavam de estarem sem dinheiro, não falavam literalmente. Quando iam tomar um coquetel e jantar depois do ensaio, dividir o custo de um baile 8, pegar uma frota de táxis noturnos de uma festa para outra ou comprar um suco verde de $ 12 com propriedades curativas antes da aula, eles o faziam com o conhecimento de que sempre houve algum pai ou confiar esperando fora de vista para levá-los de volta às margens seguras da solvência. Zoe, enquanto isso, estava à deriva.

Seu plano era encher Frank de bebidas durante o jantar, depois fazer seu melhor pedido de dinheiro, mas ele a confundiu ao sugerir o café da manhã no novo restaurante de Santiago. Mesmo tendo concordado com o plano vários dias antes, ela sabia que se atrasaria. Mas realmente, o que ele esperava? Afinal, era antes do meio-dia de um sábado.

Ela abriu caminho entre as mesas já cheias, olhando ao redor do restaurante apreciativamente. O lugar era americano moderno com um toque peruano tradicional, e essa reunião de estilos culinários antigos e novos era refletida por móveis elegantes de aço inoxidável justapostos a tecidos andinos coloridos. No geral, o espaço parecia fresco, aberto e relaxado - exatamente o oposto, aliás, de como Zoe se sentia.

Frank havia cortado o cabelo desde a última vez que o vira, a nuvem de cachos escuros geralmente envolvendo seu rosto cortado em apenas alguns cachos no topo. Isso deixou a cabeça dele parecendo estranhamente exposta, ela

pensou, como um recém-nascido. Ele se levantou para abraçá-la, então se afastou, segurando o peito.

"O que está errado?" perguntou Zoe.

"Nada." Frank acenou para ela. “Uma pequena queimadura.”

"Azia? Você está se transformando em mamãe.

“Não azia. Eu... Bem... — Ele fez uma pausa, depois soltou o ar alto. “Foda-se. Eu estava tentando pintar alguns cabelos grisalhos lá, mas o material que comprei era muito forte e queimou metade da minha pele.

Em deferência ao embaraço de Frank, Zoe engoliu o riso que estava subindo em sua garganta.

"Deixe-me ver", disse ela, puxando a camisa de lado para revelar o que parecia ser uma queimadura vermelha cobrindo seu peito. “Não parece tão ruim,” ela mentiu.

Sentaram-se e olharam-se por cima da mesa em silêncio.

“Então, você cortou o cabelo”, disse Zoe.

"Isso não é uma coisa", disse Frank. “Homens não fazem isso.”

Zoe quis dizer que os homens também não costumam pintar os pelos do peito, mas ela resistiu.

“Estava ficando muito longo”, disse ele. "De qualquer forma, o que você acha?"

Ele tirou os óculos e bagunçou a parte de cima. Ela achou que ele parecia um jogador de futebol gay, mas a visão de seu couro cabeludo pálido espreitando por baixo da barba por fazer, seus olhos semicerrados a deixavam doída.

"É legal", disse ela. “Faz você parecer mais jovem.”

Ela ficou feliz em vê-lo sorrir enquanto pegava o copo de água gelada da mesa e o pressionava contra a testa. Frank olhou para ela por cima dos óculos e deslizou seu Bloody Mary para ela.

“Você está de ressaca.”

“Só um pouco.” Ela tomou um longo gole.

"O que você fez ontem a noite?"

Noite passada. Ela havia saído com os já mencionados amigos de Tisch, prometendo a si mesma que não beberia, mas uma vez lá, parecia inútil não tomar uma taça de vinho e, na verdade, se eles dividissem uma garrafa, funcionaria para só mais um pouco, e então havia um produtor de cinema que ela conheceu uma vez em uma festa pós-festa que estava se oferecendo para pegar uma bebida para ela, para todos beberem, e pareceu uma boa ideia dar uma esbarrada no banheiro, apenas um para beber menos, e então ela ouviu que havia uma festa em um armazém no Brooklyn, e tudo bem, ela entrou no táxi, mas só para ver, não para ficar muito tempo, e uau! as bebidas eram muito mais baratas do que em Manhattan basicamente de graça ela tinha dinheiro ela conseguiu duas conseguiu três e onde estavam os amigos dela eles tinham ido não importa lá estava o produtor ele estava dançando e suando e gritando alguma coisa sobre a música que ela não conseguia ouvir soou como EU SOLONELYI'MSOLONELY e ele não era feio só parecia um pouco velho e ele estava hospedado em um hotel e ele tinha outro grama no quarto ele os chamou de carro e espaço negro ela estava gritando sobre diversidade em Hollywood ou algo assim, ela estava com raiva e espaço negro rolando na cama rindo, dizendo

não mexa no meu cabelo espaço negro nu o chão do banheiro tentando limpar algo molhado levante pegue uma toalha blackspaceblackspaceblackspaceblackspace.

“Bebidas com amigos,” disse Zoe, balançando a cabeça para clarear os pensamentos. “De qualquer forma, você também está de ressaca. Eu posso dizer.

“Conquistei o direito”, disse Frank.

“Que conveniente para você.”

Um garçom loiro que não parecia muito mais velho que Zoe foi até a mesa deles, segurando seu bloco de notas. Ela piscou para ele. Para sua satisfação, ele corou até as pontas das orelhas.

"Vamos comer os *huevos* ", disse Frank, entregando-lhe os cardápios antes que ele pudesse abrir a boca. “E outro Bloody Mary. Vou tomar uma cerveja à parte também.

“Eu também,” disse Zoe.

"Hum, que tipo?" ele perguntou, rabiscando ferozmente.

“Corona”, eles disseram em uníssono.

Ele riu. "Vocês estão namorando há muito tempo?"

“Ela é minha irmã”, disse Frank.

Seguiu-se uma profusão de desculpas constrangidas enquanto Zoe lhe assegurava que isso acontecia o tempo todo, o que era verdade. Ninguém imaginaria que eles eram parentes de vista. A mãe deles pode não ter feito seus filhos à sua imagem, mas ela os marcou com sua natureza, um fato que ambos se ressentiam profundamente. Rápido para amar, rápido para se enfurecer, rápido para se autodestruir. O garçom trouxe as bebidas e se retirou, ainda se curvando com contrição.

“Como está indo o estágio?” perguntou Frank.

"Incrível. Estou trabalhando muito duro.”

Zoe estava recebendo crédito de classe em uma companhia de teatro experimental em Dumbo. Ela deveria estar ganhando experiência prática no movimento teatral marginal do Brooklyn, mas principalmente ela estava aprendendo a viver com o mínimo de sono possível e ainda chegar ao trabalho e à escola no horário. Ela tomou um gole de Bloody Mary e bebeu com a cerveja. Ela estava tentando decidir quando abrir a conta recente do cartão de crédito quando uma onda de náusea a percorreu.

“É assim que se faz”, disse Frank. “Sabe, quando comecei na Saatchi, eu trabalhava setenta horas por semana. Todas as faxineiras noturnas sabiam meu nome.

“E você manteve um terno extra no armário de vassouras,” Zoe falou monotonamente.

"Tudo bem, você está cansado de ouvir isso", disse Frank. “Mas eu não era como você, todo especial e talentoso. Eu era trabalhador, era isso que eu tinha.” Zoe tentou contradizê-lo, mas ele acenou para ela. “Estou feliz por isso agora. Me deu a vida que eu queria. Ajudou-me a dar-lhe a vida que você deseja.

A vida que ela queria. Zoe estava vivendo isso? Ela tinha vinte anos, e o máximo que conseguiu foi uma chamada de volta para o papel de Garota na Jacuzzi. Ela *achava* que era especial, mas não teria admitido isso. Ela sabia o suficiente para saber que não havia nada menos especial do que pensar que você

era.

“De qualquer forma,” ele disse. “Estou orgulhoso de você, é o que estou tentando dizer.”

Agora era a hora de levantar o dinheiro. Ele tinha servido a ela a abertura perfeita. Mas quando ela tentou falar, as palavras simplesmente não saíram. Ele ainda estaria orgulhoso dela se soubesse por que ela pediu para se encontrar? Se ele soubesse o problema em que ela estava? Ela tomou outro gole de sua bebida.

— Você falou com Cleo? ela perguntou em vez disso.

Zoe ficou triste ao saber da separação de Frank e Cleo, embora, no fundo de seu coração, não estivesse totalmente surpresa. Ela sempre pensava no que Cleo havia dito naquela noite de verão na sacada. *Às vezes Frank é o buraco.* Zoe não sabia muito sobre relacionamentos, mas sabia que isso não era algo que alguém felizmente apaixonado dizia.

“Estamos dando espaço um ao outro.” Ele olhou para ela esperançosamente. "Por que? Você já?"

Zoe deu de ombros e tentou não olhar diretamente para Frank, cujo rosto estava radiante de expectativa. Ela se arrependeu de trazer isso à tona.

“Mandamos mensagens de texto um pouco”, disse ela. "Quase, você sabe, coisas de garotas."

"Isso é legal", disse Frank, esforçando-se para soar casual. "Isso é ótimo."

“Você não precisa fingir que está feliz com isso”, disse Zoe. “Eu sei que deve ser estranho.”

"Eu não estou fingindo. Fico feliz que vocês dois conversem. Você nem sempre se deu tão bem.

“Isso é porque eu era muito imaturo no ano passado,” disse Zoe magnanimamente. “Gosto muito dela… Mas posso tentar não gostar se isso te deixa triste.”

Frank balançou a cabeça. “Ela ainda pode ser sua amiga, mesmo que não seja minha.”

Zoe inclinou a cabeça. "Mas ela nunca foi sua amiga", disse ela. "Na verdade."

Frank olhou para seu colo. “A questão é”, disse ele, “ela era minha melhor amiga.”

Zoe olhou para o irmão e viu que ele estava sofrendo. Ela realmente não parou para pensar, com todos os seus próprios problemas, como Frank estava se sentindo. Ela tinha presumido que ele estava chateado, é claro, mas agora, olhando para seu rosto enrugado e abatido, ela viu que ele estava realmente com o coração partido. Zoe olhou para ele com preocupação e fez uma nota mental para nunca, nunca se deixar machucar assim. Frank bebeu o resto de sua bebida e tentou sorrir.

“De qualquer forma,” ele perguntou. “Mudança de assunto. Como estão suas notas?”

Ela foi salva de ter que responder a isso pelo aparecimento de Santiago, que emergiu das portas de vaivém da cozinha com seus pratos de ovos no alto como a balança da justiça. Ele estava mais magro do que Zoe jamais o vira e parecia vários anos mais jovem.

"Veja isso!" exclamou Frank. “É o incrível homem encolhendo.”

Ele deu um tapa na cintura ainda substancial de Santiago apreciativamente. Santiago abaixou a cabeça, brilhando com um orgulho mal disfarçado.

“Ouvi dizer que a garota mais bonita de Nova York estava no meu restaurante”, disse ele, “e tive que vir ver com meus próprios olhos”.

Ele colocou a comida na mesa e se inclinou para beijá-la.

“Frank está certo,” disse Zoe. "Você parece bem."

Santiago virou-se para Frank e colocou a mão grande em seu ombro. “E esse cara! O cabelo é *muy guapo* .”

"Uh-uh, não mude de assunto", disse Frank. “O que está acontecendo com você, cara? Você parece bem. Você até *cheira* bem. O que há de novo?"

"Nada de novo! Eu só tenho comido bem, sabe, fazendo meus exercícios, e...”

“Você conheceu alguém, não foi,” disse Zoe.

Santiago sorriu. “Tenho um novo amigo, sim.”

"Você está me escondendo!" exclamou Frank. "Quem é ela? Quando eu posso conhecê-la?"

“O nome dela é Dominique”, disse ele. “Já estivemos em três encontros.”

"E?" perguntou Zoe.

“Ela é quente como o sol.”

"Uau, cara", disse Frank. “Por que você não me contou?”

“É novo”, disse. “E com você e Cleo, eu não queria...”

"Ei", disse Frank. "Pare com isso. Só porque terminamos, não significa que não posso ficar feliz por meu amigo quando ele encontrar o amor.”

Santiago puxou uma cadeira de metal e sentou-se sobre ela. "Eu aprecio isso, irmão", disse ele. “Agora, Zoe, diga-me, ele já chorou para você? Ele precisa chorar. Quando um casamento termina, um homem deve derramar lágrimas como as batidas do coração.”

“Não quero falar sobre isso”, disse Frank.

“Ele não quer falar sobre isso,” disse Zoe.

“Mas você deve falar sobre isso”, disse Santiago. “É a única maneira de curar.”

Zoe, na verdade, nunca tinha visto Frank chorar. Ele costumava brincar que a mãe deles ficava tão enojada com as lágrimas que ela o livrou do hábito aos cinco anos de idade.

“Você vai continuar casado?” perguntou Santiago. "Pelo visto dela?"

"Se ela quiser", disse Frank. “Honestamente, eu não sei. A última vez que ouvi dizer que ela estava com Quentin. Quem eu tenho certeza que está fazendo um bom trabalho em colocá-la contra mim.

"A última vez que você *ouviu* ?" exclamou Santiago. “Por que você não liga para ela, cara? Lembro-me da comida que fiz para o vosso casamento como se fosse ontem. Foi *ontem* . Ela ainda te ama, eu sinto isso. Uma garota como Cleo ama para sempre.

“Não tenho certeza se isso é verdade para alguém”, disse Frank.

"Pssh." Santiago tentou tapar os ouvidos de Zoe com essa opinião pouco romântica. "Eu tenho tentado ligar para ela", continuou ele. “O hospital não me deixou dar a ela meu pudim de arroz. Eu queria fazer isso para ela de novo.

"Hospital?" perguntou Zoe.

Frank deu a Santiago um olhar furioso. Zoe percebeu que ele corou

imediatamente.

“Não é hospital!” ele exclamou. “Desculpe, meu inglês fica confuso. Eu quis dizer … equipe de hospitalidade! Minha equipe não me deixou dar a ela minha receita secreta de pudim de arroz. Eles podem ser muito rigorosos.”

“Isso é estranho,” disse Zoe. “É a sua receita.”

Zoe olhou para Frank, que estava se encolhendo na cadeira, segurando o peito novamente. Ela podia sentir em seu estômago que Santiago estava mentindo. Seu primeiro instinto foi atormentar Frank implacavelmente até que ele não tivesse escolha a não ser contar a ela - ela era uma criança do teatro, afinal, e tratava os segredos como uma questão vital. fonte de sustento - mas ela se conteve. De repente, ela pôde ver exatamente como Frank era quando criança. Aquela expressão esperançosa e medrosa enquanto olhava o mundo por trás dos óculos. Ela queria estender a mão sobre a mesa e segurar o crânio dele em suas mãos. Ela queria que ele soubesse que ela sempre o escolheria, sempre ficaria do lado dele, e mesmo que ele nunca contasse o que aconteceu com Cleo, ela entenderia. Porque ele era seu irmão e ela era sua irmã. Era tão simples e tão complicado.

“Santiago, esses ovos parecem incríveis”, disse ela.

Ela sentiu que o maior ato de bondade que poderia fazer por Frank agora era tirar Santiago do assunto Cleo, e isso seria mais facilmente alcançado falando sobre comida. Ela deu outra mordida.

“Isso é páprica?”

“Você tem que falar com ela, cara”, disse Santiago.

“Os melhores ovos da cidade”, disse Frank, enfiando na boca o que parecia ser metade do prato.

“Adicionei um pouco *de ají panca* também”, disse Santiago, cedendo.

"Eu posso dizer", disse Frank, engasgando com o guardanapo.

“Vamos falar sobre Zoe então.” Santiago se virou e passou o braço em volta da cadeira dela. “Diga-me, como é possível que uma garota como você não tenha namorado? Precisamos encontrar um bom garoto para você. Você não conhece ninguém, Frank?

“Até onde eu sei, Zoe está morrendo virgem.”

“Não se preocupe, *meu amor* .” Santiago piscou para ela. “Vou encontrar um cara legal para você.”

Zoe odiava falar assim, em parte por causa de um medo crescente de que ela não fosse uma boa garota. Garotas legais coravam e davam risadinhas quando bebiam, podiam pedir vinho e deixar uma meia-lua de líquido ainda no copo. Garotas legais iam para a aula de spinning e tinham contas de poupança. Eles não tiveram convulsões. Eles não tinham dívidas. Eles não deixavam os velhos fazerem sexo com eles em quartos de hotel e saírem antes de acordarem. Eles não só viram o irmão porque precisavam de dinheiro.

“Acho que não quero um namorado”, disse Zoe.

"Ótimo", disse Frank. “Concentre-se nos seus trabalhos escolares.”

“Claro, foco”, disse Santiago. “Mas a juventude e a beleza são coisas terríveis de se desperdiçar.”

Frank começou a dizer alguma coisa, pensou melhor e continuou comendo seus ovos.

“Bem, está um lindo dia e estou feliz em ver vocês dois.” Santiago pousou a mão na mesa entre eles. “Que cerveja é essa que você está bebendo?” Ele balançou a cabeça e chamou o garçom, que estava limpando ansiosamente o tampo brilhante do bar. “Uma garrafa de prosecco para meus amigos!” Ele se virou e sorriu para eles. “Para que mais servem os sábados, hein?”

O dia já estava terminando quando Zoe abriu a porta de seu apartamento. Tali estava fora e o lugar cheirava a incenso, cigarro e lixo. Ela precisava descansar. Se ela fosse dormir cedo, ainda poderia ter um dia inteiro amanhã, talvez visitar um museu e depois ir para a escola na segunda-feira revigorada pelo menos uma vez. Deitou-se na cama e ouviu a multidão de sábado do lado de fora da janela.

Mas sua mente se recusava a se acomodar. Em vez disso, continuou tentando preencher as lacunas da noite anterior. Ela se lembrava de abrir uma garrafa do frigobar com os dentes, espalhar M&Ms no chão acarpetado, ficar de joelhos... Tirou os sapatos com um estremecimento violento. Ela precisava pensar em outra coisa. Ela abriu seu laptop, e a tela brilhou em seu extrato bancário. Ela fechou os olhos. Ela não havia pedido o dinheiro a Frank. Ela não faria.

Ela estava afundando em um sono agitado quando o som de seu telefone tocando em sua bolsa a acordou. Era uma mensagem da mãe dela, perguntando como estava indo o estágio. As mensagens da mãe eram piores do que nenhuma mensagem. Ela jogou o telefone de volta na bolsa, abriu a gaveta da mesa e inspecionou o cartão de Portia. Não foi a primeira vez que ela pensou em usá-lo desde que a conheceu no grupo Climaxing to Consciousness, mas foi a primeira vez que ela se sentiu desesperada o suficiente para agir sobre isso. Ela o tirou de seu esconderijo e o levou junto com seu laptop para a cozinha. Não havia vinho ou cerveja sobrando, então ela pegou o meio vazio garrafa de rum com especiarias de cima da geladeira e derramou um pouco em sua caneca Tisch azul. Então ela deslizou com as costas contra os armários até o chão e digitou o endereço do site.

A imagem de um casal atraente de black-tie apareceu na tela abaixo das palavras “Encontre um relacionamento mutuamente benéfico…” . A maioria foi tirada pelas próprias garotas, fazendo biquinho olhando para uma lente de câmera levantada acima de suas cabeças, mas também havia garotas na praia, garotas em carros, garotas no sofá, garotas em barcos, garotas na cama. No alto da página lia-se: “Quer fazer companhia em troca de ser mimada como a princesa que você é? Inscreva-se aqui e conecte-se instantaneamente!” Zoe esvaziou sua caneca e clicou.

Ela preencheu seus dados de forma rápida e mecânica. Em religião ela colocou “Marlon Brando”. Quando pediu para ela fazer upload de uma foto, ela percorreu suas fotos e escolheu uma foto sua em um vestido preto de alcinhas, tirada após sua noite de estreia em *Antigone* . O sol havia bronzeado sua pele e riscado seus cachos de ouro; ela parecia cor de mel e saudável. Ela pressionou enviar e seu perfil foi preenchido no site. Dificilmente um processo de triagem rigoroso, observou ela. Ela se deitou no chão frio de ladrilhos. Tinha sido quase fácil demais.

Ela ainda estava deitada ali, equilibrando a garrafa vazia de rum na testa,

quando seu laptop apitou com uma mensagem. Zoe ficou surpresa ao conseguir um tão cedo. Esses homens ficaram sentados esperando que novas garotas aparecessem? Ela rolou para ficar de frente para a tela, a garrafa batendo atrás dela. Era de um homem chamado Jiro Tanaka. Ela clicou no perfil dele antes de ler a mensagem. Ele era japonês, trinta e tantos anos, com um rosto largo e bronzeado que enrugava ao redor dos olhos. Em interesses, ele listou esqui, esportes aquáticos e Tina Turner. Ele não era o que ela esperava. Ela pensou que os homens no site seriam grisalhos e manchados, como criminosos sexuais em ternos mais bonitos. Zoe deitou de bruços e abriu a mensagem.

Olá Zoé!

Que nome lindo você tem. E você é muito fofo! ☺

Você estará livre para uma bebida esta noite? Conheço um excelente bar de saquê no centro da cidade, acho que você vai gostar.

Jiro.

Ela esfregou os olhos e leu a mensagem várias vezes. Muito lentamente, usando dois dedos, ela digitou uma resposta.

Oi Jiro,

Você também tem um nome legal. Estou livre para me encontrar esta noite.

Ela fez uma pausa, substituiu os pontos por pontos de exclamação e apertou enviar. Ele respondeu quase instantaneamente com o endereço e sugeriu que se encontrassem às 19 horas. Isso deu a Zoe pouco mais de uma hora para se arrumar e caminhar até lá. Tudo estava acontecendo muito mais rápido do que ela esperava. Ela pressionou a bochecha contra o chão e gemeu.

Zoe disparou para o norte na Bowery e procurou alguém para queimar um cigarro. Três garotas com casacos cor de joia passaram deslizando, deixando um rastro de perfume. A garota esmeralda no final tinha um cigarro preso entre os lábios. Zoe se virou para abordá-los, mas eles se afastaram, rindo, refratando como a luz. Sob o casaco de oncinha, ela usava o mesmo vestido preto da foto e desejou ter usado outra coisa. Ela tentou enfiar a mão na bolsa para pegar o batom, mas continuava perdendo o equilíbrio. As pontas de seus dedos tocaram a calçada. Que diferença o batom poderia fazer? Ela riu. Ela era o que era!

O bar de saquê ficava no fundo de um prédio estreito em uma rua residencial. Ela parou em uma delicatessen na esquina, para comprar chiclete, pensou, mas em vez disso saiu com uma lata de cerveja. Ela caminhou até o meio do quarteirão e ficou do outro lado da rua do bar nas sombras. Ela segurou a jaqueta fechada com uma das mãos e bebeu. Através das janelas iluminadas, ela podia ver uma fileira de pessoas sentadas no estreito balcão dourado. Apenas um homem estava sozinho, seu cabelo era um preto escuro e brilhante. Cachos de flores de cerejeira cor-de-rosa pendiam da tela de papel acima de sua cabeça como pensamentos. Em que aventura ela estava. Assim como um personagem de um filme. Ocorreu-lhe que a vida adulta era infinitamente dura e excitante, algo ser dominada repetidamente, como uma onda batendo nela enquanto ela tentava se levantar.

Jiro em carne e osso não era, para seu alívio, drasticamente diferente de sua fotografia. O mesmo rosto largo de bronze e olhos curiosos. Na verdade, ele

parecia um pouco mais jovem do que na foto. Ele tinha o que Frank chamava de “brilho do dinheiro”, um bronzeado de inverno realçado por uma camisa social de aparência cara e a leve maciez que vem de comer bem e com frequência. Ele estava observando-a se aproximar pela barra estreita quando seu rosto momentaneamente se contorceu em um olhar extravagante de espanto; suas sobrancelhas saltaram uma polegada, seus olhos esbugalhados, sua boca escancarada. Zoe piscou e as feições dele voltaram ao olhar anteriormente sereno. Era o tipo de cara que alguém faria para uma criança para entretê-la ou assustá-la, embora tenha passado tão rápido que ela se perguntou se havia se enganado. Zoe parou a um braço de distância dele.

“Uau, Zoe,” disse Jiro, pulando de seu banquinho. "Estou tão feliz que você poderia se juntar a mim."

Seu sotaque era curto e americano, mas com uma leve ênfase nas vogais. Ele colocou as pontas dos dedos em seus ombros e pressionou sua bochecha contra a dela. Temendo que pudesse cheirar a cerveja, ela se afastou rapidamente. Ela desejou ter comprado chiclete naquela delicatessen. Ela tinha a intenção de entrar na situação confiante e charmosa, para saborear esse pouco de atuação como uma sedutora profissional, mas ela estava tão cansada.

“Oi Jiro,” ela disse suavemente.

“Você é tão bonita quanto na foto”, disse ele.

Zoe notou que ele não havia dito *mais* bonito e ficou imediatamente desapontada. “Igualmente bonita” era praticamente um insulto.

"Você também", disse ela. "Feio. Eu quis dizer... quero dizer, obrigada.

“Tudo bem se você me acha bonita.” Os olhos de Jiro se enrugaram com um sorriso enquanto ele subia de volta em sua banqueta. "Bem, espero que você goste de saquê."

“Você precisa me dar quinhentos dólares”, disse Zoe.

Ela percebeu durante a caminhada que não houve discussão sobre dinheiro. Ela decidira por US$ 500 porque parecia confortavelmente médio, o suficiente para provar que ela não era amadora, mas não o suficiente para assustá-lo. Ela não pretendia deixar escapar naquele *exato* momento, mas algo estava acontecendo em seu cérebro que tornava mais difícil conter os pensamentos.

Jiro inclinou a cabeça para o lado como um pássaro olhando para um pedaço de comida que não tem certeza se pode carregar, então se abaixou para pegar sua jaqueta debaixo do bar. O arrependimento estava em toda parte, instantaneamente. Quinhentos era demais; ela deveria ter mirado mais baixo. Afinal, algumas centenas era melhor do que nada.

Mas Jiro não vestiu o sobretudo. Em vez disso, colocou-o cuidadosamente sobre o colo e tirou um envelope do bolso interno. Ele a abriu, lambeu o polegar e o indicador, separou habilmente uma parte das notas da pilha de dentro e as entregou a ela. Com um puxão bastante físico, Zoe observou-o deslizar o envelope ainda gordo de volta para o bolso do casaco. Então ela pediu muito pouco. Claro.

“E agora isso está resolvido”, disse Jiro. “Você prefere quente ou frio?”

Uma das vantagens do fato de Zoe ter bebido a noite e o dia inteiro era que isso a deixara com uma náusea lancinante que a obrigou a tomar um gole de saquê, uma bebida da qual ela não gostava muito, lentamente, com goles de água

entre os dois. A queda da cocaína a deixou sem fala, então ela também foi capaz de fazer algo que não fazia com frequência, que era ouvir outra pessoa falar sem se concentrar apenas no que ela diria a seguir. Jiro estava contando a ela sobre seu trabalho em algo chamado private equity enquanto Zoe concordava vigorosamente quando ele parou.

“Vamos pegar um pouco de comida também, certo? Vejo que você não é um grande bebedor. A comida do bar aqui é muito boa.”

Zoe tentou assegurar-lhe que não estava com fome, mas ele dispensou suas objeções e fez o pedido generosamente. Ele conduziu uma das tigelas turvas de sopa de missô que rapidamente apareceu em sua direção. Para sua surpresa, o líquido doce e terroso deslizou facilmente por sua garganta, abrindo seu apetite. Um prato de bolinhos fritos em óleo de cebolinha chegou, e Jiro observou com evidente prazer enquanto Zoe comia um após o outro, terminando todos os seis, e então comia em uma tigela de arroz. Em seguida, vieram os pãezinhos de porco branco. Jiro abriu um deles, liberando uma pequena nuvem de vapor. Zoe curvou o rosto sobre o doce ar que escapava e sorriu.

Ele pediu mais e, enquanto ela comia, ele conversava. O que ela ouviu de Jiro foi o seguinte: o sabor da solidão é uma taça de chardonnay e um sanduíche de peru em um bar de aeroporto. A forma da solidão é a cama de solteiro do filho, que ele usa nas raras noites em que está em casa, enquanto o filho dorme no quarto principal ao lado da esposa. O começo da solidão foi se mudar do Japão para Bruxelas quando ele tinha nove anos, depois para Toronto aos onze, depois para Missouri, Paraguai, Suíça... Um novo lar a cada dois anos até os dezessete anos. Ele estava recebendo o apelido de “Oh Wow” em uma das escolas internacionais que ele frequentou, um americanismo que ele aprendeu e usou com frequência, até que as outras crianças começaram a imitá-lo. Foi voltar ao Japão para estudar administração e descobrir que não era mais japonês o suficiente. Foi se casar com uma mulher que ele mal conhecia antes de seu pai morrer para que ele pudesse deixar este mundo em paz. Foi obedientemente fazendo amor com sua esposa até que ele lhe deu um filho, que por sua vez o substituiu, o que o tornou livre e sozinho mais uma vez.

“É por isso que você usa o Papai Querido?” perguntou Zoe. “Porque você e sua esposa não... mais?”

Jiro balançou a cabeça com um olhar de desgosto. “Não farei isso com ninguém além de minha esposa. Isso não seria apropriado.”

Zoe tentou esconder o sorriso de alívio que surgiu em seu rosto.

"Então você só usa para... sair?"

“Gosto de saber o que os jovens fazem nas cidades que visito.”

Zoe ergueu as sobrancelhas. “Os rapazes também?”

"Não." Ele sorriu. “Estou menos interessado no que eles fazem.”

Zoe havia terminado toda a comida que Jiro pediu e agora olhava surpresa para a variedade de tigelas e pratos à sua frente. Jiro seguiu seu olhar.

"Oh, uau", disse Jiro. "Você fez muito bem."

“Uau!” Zoe riu.

"Sim." Jiro limpou com o guardanapo uma porção de molho de soja no balcão à sua frente. “É um apelido apropriado para mim. Muitas vezes me surpreendo com as coisas.”

"Isso é uma coisa boa", disse ela. “Muitas vezes fico desapontado com as coisas.”

“Você é muito jovem para ficar desapontado.”

“Ficar desapontado faz parte de ser jovem. Minha geração tem expectativas mais altas do que a sua.”

Jiro olhou para ela. “Você quer saber qual é a chave para uma vida feliz, Zoe?”

“Há apenas um?”

“Apenas um que importa”, disse Jiro. “Sem expectativas. Sem preferências. Se você preferir um resultado a outro na vida, provavelmente ficará desapontado. Prefiro nada e sempre me surpreendo.”

"Então, você está dizendo que se você tivesse duas opções agora, uma que eu te beijasse e a outra que eu desse um soco na sua cara, você não teria preferência?"

“Eu tentaria não fazer isso, não.”

"Mas no fundo do seu coração você preferiria o beijo, certamente?"

“Talvez você me beije e eu fique com uma afta. Talvez você me dê um soco e me traga uma nova perspectiva sobre a dor. Se não tenho preferência, o resultado me mostra o que é benéfico ou prejudicial em minha vida. Eu não imponho esse valor.”

“Você é budista ou algo assim?”

"Não. Eu sou apenas mais velho que você. Aprendi algumas coisas.”

"Quantos anos você tem?"

"Trinta e oito."

“Sim,” disse Zoe pensativamente. “Isso é muito antigo.”

Jiro jogou a cabeça para trás em uma risada. Sua garganta era da cor de cobre.

“Você quer tomar um sorvete comigo?”

A sorveteria estava silenciosa e quente, com uma luz que parecia caramelo. Zoe e Jiro sentaram-se em banquinhos altos na janela, à mostra. Ela cutucou a massa de sorvete em sua bóia de Coca-Cola com um canudo e sorriu. Algo inesperado estava acontecendo; ela estava se sentindo melhor. Talvez fosse o conhecimento das cinco notas de $ 100 novinhas aninhadas no bolso do casaco, ou a primeira refeição de verdade que ela fazia em dias, ou talvez fosse a combinação paliativa de açúcar e cafeína que ela estava consumindo no momento, mas ela sentiu que mente e corpo se unem pela primeira vez no que pareceu muito tempo.

“Veja, acho legal você ter chá verde”, disse Zoe, enfiando a colher na xícara de Jiro e encostando-se no ombro dele. “Sem medo de aderir ao estereótipo, sabe?”

“Porque eu sou japonês?” Jiro riu. “Você sabe, o chá verde se originou na China. E, por favor, note que também pedi chocolate.

“ *Todo mundo* pede chocolate.”

“Você pediu baunilha!”

“Sim, mas em um carro alegórico de Coca-Cola. Isso é antiquado.” Zoe lambeu a colher de metal e sorriu. “Eu poderia dizer algo inapropriado agora, mas não vou.”

“Sobre sorvete?”

“Sobre você claramente gostar de chocolate.” Zoe levantou uma sobrancelha. "Porque, você sabe, você está em um encontro comigo."

"Você acha que é por isso que eu entrei em contato com você?"

“Acho que isso deve fazer parte. Quero dizer, cara, você listou Tina Turner em seus interesses.

“Gosto da música dela”, disse Jiro. Ele se mexeu na cadeira para que não se tocassem mais.

“E sua negritude,” disse Zoe.

“Você se considera negra, Zoe?”

“Não me *considero* negro. Eu sou negra. É um fato, não uma opinião.”

“Mas você também é branco, não?”

“Minha mãe é branca. Meu pai é negro. Então sim, eu também sou branco. Mas isso não me torna menos negro.”

“Parece-me que é exatamente isso que ele faz.”

"E o que você sabe sobre isso?" Zoe podia sentir seu rosto ficando quente.

“Minha mãe é meio coreana”, disse Jiro. “Então eu entendo um pouco. Foi muito difícil para ela crescer no Japão. Acho que ela sempre se sentiu, não tenho certeza... menos que.”

“Bem, *eu* não me sinto menos do que,” disse Zoe. Sua voz estava ficando mais alta.

“Claro”, disse Jiro. Ele tentou colocar a mão sobre a dela, mas ela a afastou. “Espero que nunca o faça. Estou apenas contando a experiência de minha mãe.

"Bem, eu não sou a porra da sua mãe."

“Por favor, acalme-se”, disse Jiro. “Eu não vejo as coisas dessa forma. A raça não é importante para mim. Eu estava simplesmente—”

"Oh vamos lá." Zoe revirou os olhos. “Isso é como os homens que dizem 'eu amo as mulheres!' Se eles sentem necessidade de dizê-lo, é porque não o fazem. Qualquer um que diga que não se importa com a raça obviamente se importa. Bastante."

“Você conhece a piada sobre café e opiniões?” perguntou Jiro. Zoe balançou a cabeça. “A diferença entre o café e a sua opinião é que eu pedi café.”

“ *Que seja* , cara.” Zoe bateu a colher na mesa. Um casal com cabelos loiros combinando olhou para eles em alarme. “Você vem de um dos países mais racistas do mundo. Vocês são como cremes para clarear a pele e guarda-sóis e odeiam os chineses.

"Você já esteve no Japão?"

"Não mas-"

"Então talvez devêssemos ter essa conversa quando você tiver."

“Só porque eu não estive lá não significa que eu não saiba sobre isso.”

"Talvez. Mas esta não parece ser a conversa mais produtiva para nós neste momento. Especialmente porque seus julgamentos até agora parecem estar baseados em” — Zoe ficou satisfeita ao ver Jiro perder um pouco da calma aqui — “em não sei o quê! Desenhos animados, eu acho.

"Tudo bem", disse ela. “Não precisamos conversar.”

"Se você preferir."

“Aproveite seu sorvete e seu racismo latente”, disse ela.

Ela imediatamente se arrependeu, se arrependeu de todo o rumo da conversa, mas não ia se desculpar. Zoe olhou para o conteúdo de seu copo e bateu com a colher até que o sorvete se dissolvesse em um redemoinho marrom espumoso. Do outro lado da rua, um grupo de crianças da idade dela caminhava em direção a um bar. Um dos meninos carregava uma menina nas costas e eles estavam rindo. Ela havia esquecido que era sábado à noite.

Jiro estendeu a mão por cima dela para pegar um canudo. Ele removeu o invólucro de papel, amassou-o em um cravo apertado, e colocou o pedaço de papel amassado na frente dela. Em seguida, colocou a ponta do canudo em seu copo d'água e cuidadosamente deixou cair uma gota sobre o papel. As dobras se abriram e começou a deslizar ao longo do balcão. Tornou-se um papel contorcido minhoca. Jiro deixou cair outra gota, que cresceu novamente, girando em direção a Zoe. Ela se virou para olhar seu rosto aberto e cheio de expectativa.

"Uau?" ela disse.

"Oh, uau", disse ele.

“O que você acha de explodirmos essa barraca de sorvete?”, disse ela. “Eu vi um lugar na rua onde podemos tomar uma bebida.”

Zoe acordou em outro quarto de hotel, este uma esfera de vidro raiada de luz. Ela acariciou seu corpo. Sua jaqueta, vestido e meia-calça ainda estavam. Ela estava sozinha na cama. Ela se sentou e examinou a espaçosa suíte. Janelas de fábrica com vista para o rio Hudson, uma elegante escrivaninha e bar, uma mesa de centro adornada com flores e uma pilha de revistas brilhantes. Tudo luminoso e arejado e moderno. Jiro estava sentado a certa distância em uma carruagem cinza de pelúcia, ainda de terno, lendo o jornal. Um cobertor e um travesseiro estavam cuidadosamente dobrados ao lado dele. Ele olhou para cima e sorriu para ela.

“Bom dia, Zoe,” ele disse.

"Ei", ela resmungou.

Uma garrafa de vidro com água foi colocada ao lado dela no criado-mudo. Ela abriu a tampa e tomou um longo gole.

“Você bebeu um pouco demais ontem à noite. Espero que sua cabeça não esteja muito mal hoje.

Zoe passou as mãos pelos cabelos. Um matagal de emaranhados.

"Ainda assim consegui vencer você na sinuca", disse ela.

“Isso é vergonhosamente verdade.” Jiro riu. “E você dançou comigo – como é que se diz? – *debaixo da mesa* também.”

Zoe soltou uma gargalhada. “Você teve alguns movimentos. Eu vi você trabalhando naquele robô.

Jiro improvisou uma mini versão deste movimento de dança do sofá.

"Você está apenas sendo gentil", disse ele em uma voz de robô.

Zoe sentou-se na cama, ainda rindo. “Você dormiu no sofá?”

“Foi bastante confortável”, disse Jiro. “Estou acostumada com camas pequenas, como você sabe.”

“Obrigada,” ela disse. "Realmente."

“Receio não ter conseguido decifrar seu endereço.”

“Sério, você poderia ter me colocado em um táxi.” Zoe suspirou. “Eu sou bom em chegar em casa sozinho.”

Jiro franziu a testa para ela. “Eu não permitiria isso”, disse ele. “E você também não deveria.”

Zoe revirou os olhos e caiu contra a pilha de travesseiros atrás dela. "Tudo bem, pai."

“Vou lhe dar o número da conta do meu carro, só por precaução”, disse Jiro. “Você pode usá-lo para voltar para casa a partir de agora.”

Zoe piscou sonolenta para Jiro. "Tudo bem, papai", disse ela mais lentamente.

Jiro riu e desviou o olhar. “Então, como é a sua agenda hoje?”

Ela sentou-se na cama. Seu cabelo estava arrepiado ao redor de seu rosto enrugado de um jeito que ela esperava que parecesse despenteado e bonito e não simplesmente eletrificado. Ela pôs o dedo na bochecha, fingindo pensar, depois sorriu.

"Nada", disse ela.

“Não tenho compromissos até a tarde. Vamos tomar café da manhã juntos?”

“Você trabalha no domingo?”

"Eu trabalho todo dia."

“Este é o hotel em que você costuma ficar?”

Jiro assentiu.

"O que você acha?"

"Muito bom", disse Zoe, juntando as mãos atrás da cabeça. “Mas sempre julgo um hotel pela banheira.”

"Você gostaria de tomar um banho antes de ir para o café da manhã?"

“Estamos em um *hotel* , Jiro,” Zoe exclamou, saindo da cama. “Estamos pedindo serviço de quarto.”

E assim começou o que foi para Zoe uma manhã perfeita. Ela esvaziou uma garrafa cheia de espuma de banho na banheira de mármore preto e se molhou até ouvir o barulho do serviço de quarto chegar. Jiro tomou banho e ela ficou livre para comer panquecas e bacon na cama com os dedos enquanto assistia a um reality show. Ela bebeu um bule inteiro de café com duas jarras de creme. Quando ela reclamou do estado de seu cabelo, Jiro ligou para a recepção e pediu que trouxessem uma escova de cabelo para ela, que foi trazida com um floreio em uma bandeja de prata. Mais tarde, ela e Jiro se deitaram lado a lado em cima da colcha, cada um enrolado em um roupão felpudo branco, vendo filmes.

“Lixo, lixo, lixo”, disse Zoe. “Vamos aos clássicos.”

“Você tem muita certeza de suas opiniões”, disse Jiro.

“Eu já vi *de tudo* ,” disse Zoe. “Você pode conhecer fundos de hedge, Jiro, mas eu conheço filmes.”

“Vi em seu perfil que Marlon Brando é sua religião.” Jiro balançou a cabeça e riu. “O que você gosta tanto nele?”

“Seus maneirismos, sua emoção, a maneira como ele *respira* .” Zoe chutou as pernas no ar para dar ênfase. “Tenho o pôster dele em cima da minha cama desde os dez anos.”

“E você sempre quis ser atriz?”

— Claro que sim, Jiro.

"Por que?"

Zoe deu de ombros. "Eu simplesmente amo isso."

"Mas por que?"

“Eu acho... bem, quando você é um ator, você pode ser visto e não visto ao mesmo tempo. Você está falando, mas não suas próprias palavras. Você expressa sentimentos, mas não seus próprios sentimentos, ou pelo menos não normalmente. Você pode interpretar um personagem sem ser julgado por seu próprio personagem. É libertador, sabe? Liberdade de ser você mesmo.”

"Você não quer ser você mesmo?"

Jiro olhou para ela e, de repente, suas feições se contorceram na mesma expressão exagerada de surpresa que ela vira quando se conheceram. Era como observar o estalo de um raio ziguezaguear no centro de seu rosto. Zoe olhou para baixo, brincando com o cordão do roupão.

“Que cara é essa que você faz?” ela perguntou.

Ele levou a mão levemente à bochecha.

“Isso já vem acontecendo há alguns anos”, disse ele. “Desde que meu pai morreu. Ninguém sabe ao certo por quê.”

“Isso te incomoda?”

"Muito."

“Eu tenho algo mais ou menos assim”, disse Zoe. “Bem, pior realmente. Eu tenho esse tipo de... convulsão às vezes.

Jiro virou o rosto para ela e arregalou os olhos. “Você tem epilepsia, Zoe?”

Zoe sentiu um nó na garganta ao assentir. Ela raramente dizia a palavra em voz alta.

“Lamento saber disso”, disse Jiro. “Isso assusta você?”

Ela engoliu em seco. Foi um esforço para colocar as palavras para fora. "Muito", ela conseguiu dizer.

Jiro assentiu lentamente. “Sabe, Aristóteles acreditava que as convulsões eram um sinal de genialidade. Ele os teve, e seus professores Platão e Sócrates antes dele.”

Zoe sorriu tristemente. “Mas esses são todos homens brancos mortos.”

Jiro riu. “E ocidentais! Mas ainda podemos considerar o ponto dele.

“Eu definitivamente não acho que sou um gênio,” disse Zoe.

“Quem sabe o que você será? Você ainda está se tornando.

Zoe alisou o roupão sobre o colo e apontou os dedos dos pés. “Eu acho que isso é verdade,” ela concedeu.

“É por isso que você foi ao grupo de meditação sobre o qual estava me contando ontem à noite? Onde você ouviu falar do Papai Querido? Para ajudar com as convulsões?

"Oh Deus! Eu te contei sobre isso? Zoe enterrou o rosto nas mãos. “Só fui porque meu colega de quarto me arrastou. É uma longa história."

“Você parecia bastante emocionado com isso”, disse Jiro. “Parecia uma experiência especial.”

Zoe se mexeu na cama. Ela não se lembrava de ter falado sobre isso com Jiro. Ela fechou os olhos. Ela se perguntou se era o novo remédio para convulsões que estava tomando que causava essas lacunas em sua mente quando ela bebia, como um rolo de filme que de repente fica sem filme, crepitando na escuridão. Ou talvez fosse apenas o jeito que ela bebia. Da mesma forma que Frank bebia. Da

mesma forma que sua mãe aparentemente bebia, quando ela bebia.

"Você acredita nessas coisas, então?" ela perguntou. “Chegando ao clímax para a consciência?”

“Isso eu nunca tinha ouvido falar. Mas sim, acredito nos benefícios da meditação. Quando tenho tempo, pratico zazen, que vem do Zen Budismo.”

“Veja,” disse Zoe, cutucando-o no ombro. “Eu sabia que você era budista.”

Jiro riu. “Você gostaria mais de mim se eu fosse um monge zen?”

“Os monges não têm serviço de quarto”, disse Zoe. “E eu gosto de você do jeito que você é.”

“Eu também gosto de você como você é, Zoe,” disse Jiro.

Eles se olharam e sorriram.

"Tudo bem", disse ele. “Assistimos ao seu filme favorito de Marlon Brando e depois vou para a minha reunião. Negócio?"

Zoe enrolou alegremente o cordão do roupão.

"Negócio."

Quando Zoe acordou novamente, o quarto estava banhado em sombras. As persianas haviam sido fechadas sobre as janelas, mas um fraco quadrado de luz ainda brilhava em suas bordas. Então ainda era dia. Ela rolou e encontrou sua bochecha esmagada contra uma nota no travesseiro ao lado dela.

Eu não queria te acordar (é bom para você dormir, eu acho). Estarei de volta da minha reunião às 6 e trarei comida caso você esteja com fome. Se você tiver que ir antes, por favor, não hesite.

PS Marlon Brando é minha religião agora também ☺

O relógio no criado-mudo emitia seu brilho digital. Já eram 17h30. Ela deve ter cochilado durante o filme, mas isso nunca aconteceu. Normalmente Zoe tinha que estar bêbada para dormir com um homem. Ela se sentou contra a cabeceira da cama e esticou os braços à sua frente, girando os pulsos. Ela sentiu um grunhido de fome em seu estômago e algo ainda mais baixo, algo novo. Ela colocou as mãos sob as cobertas até a virilha. Ela podia sentir uma dor de prazer enquanto pressionava. Essa era a nova sensação. Zoe já havia se tocado ali antes, mas nunca se sentira assim. Depois de um tempo, ela simplesmente desistiu de tentar. Ela sempre presumiu que parte de seu corpo estava quebrada, assim como seu cérebro epiléptico. Ela acordou, no entanto, sentindo-se diferente.

Zoe voltou para a cama grande e abriu o roupão abaixo da cintura. Ela hesitou, olhando novamente para o relógio. Ela morreria se fosse abordada, mas calculou que tinha tempo mais do que suficiente antes que Jiro voltasse.

“Quadrante superior esquerdo,” ela disse suavemente para si mesma.

Ela guiou os dedos para o lugar certo e fechou os olhos. Respiração profunda. Seus dedos circularam lentamente. Nada estava acontecendo. Então. Algo estava acontecendo. O tempo passou, o tempo começou a desaparecer. Não parecia muito... até que parecia tudo. Como descrevê-lo, este florescente? Uma agonia requintada, cada parte dela tensa em uma rigidez insuportável, os dedos dos pés abertos rígidos, uma concentração paralisante, a certeza de que se ela relaxasse um pouco, mesmo tanto, ela poderia perdê-lo, ele poderia perdê-la... Mas não, ela não podia porque estava aqui, ela estava bem na borda, suspensa

agonizantemente acima dela, ela estava perto, tão perto, e então, sim, era agora, estava aqui, ela estava caindo, afundando, precipitando-se no vermelho doce centro dela, como veludo, como veludo, uma onda após a outra, puro prazer, lá estava ela novamente, aquela intensidade imensa, aquela imensidão intensa, e novamente a onda aveludada veio, além das palavras e melhor do que qualquer palavra, tinha aconteceu, ela estava lá, ela estava aqui, e ela era uma garota de verdade, uma garota de verdade, uma garota de verdade...

Ela abriu os olhos e deixou a mão cair. Uma nova umidade cobria seus dedos. Ela se sentia vazia e cheia ao mesmo tempo. Uma ternura deliciosa entre as pernas. Então *era* disso que se tratava, pensou ela. E então ela estava rindo, pressionando o lado do rosto no travesseiro quente. Uma poça de prazer, isso é o que ela era.

Quando ela ouviu a porta abrir um pouco mais tarde, ela ainda estava derretida na cama. Jiro estava parado na porta, com uma sacola em cada mão, sorrindo.

"Eu sei que você vai dizer que sou um clichê", disse ele. “Mas eu tenho sushi.”

Ele fez uma pausa, olhando para ela. Ela podia sentir que suas bochechas estavam quentes e rosadas, seus olhos extraordinariamente brilhantes. Ela tentou sorrir para ele, mas a risada voltou, crescendo dentro dela como uma multidão de balões coloridos. Jiro largou as sacolas e começou a rir também. Eventualmente, quando ambos ficaram sem fôlego, ele se sentou na beirada da cama e olhou para ela.

"Agora", disse ele, enxugando os olhos. “Por que estamos rindo?”

CAPÍTULO QUINZE

Poderia

Cleo estava hospedada na casa de Audrey há uma semana, quando percebeu que o vizinho a observava pela janela. Ela tinha acabado de tomar banho e estava nua no quarto de Audrey, aplicando loção corporal, quando ergueu os olhos e o viu. Ela congelou. Fechar as cortinas significaria avançar para ele; recuar apenas ofereceria a ele uma visão alternativa de seu traseiro. Em pânico, ela se jogou no chão e se arrastou de volta ao banheiro em estilo militar, deixando um rastro brilhante de hidratante nas tábuas do assoalho atrás dela.

Ela fechou a porta com o dedo do pé e sentou-se curvada no chão de ladrilhos. Não era só que ele a tinha visto nua. Era a cicatriz dela. A fina trincheira roxa que ia do pulso ao cotovelo, trinta pontos como os trilhos de uma ferrovia. Por que ela se importava se ele visse? Ele não era ninguém. Mas sua cicatriz parecia mais nua do que nua, mais secreta do que seu sexo. Ninguém tinha visto, exceto Frank. E ela não via Frank há dois meses.

Quando ela abriu a porta do banheiro novamente, o vizinho havia sumido. Cleo vestiu-se rapidamente com jeans vintage de cintura alta e uma das jaquetas de seda que ela havia pintado no início daquele ano, estampando pavões gigantes e corvos pretos brilhantes nas costas. Ela trouxe alguns na mala quando saiu da casa de Frank; ela embalava qualquer coisa com mangas compridas. Ela verifiquei as mangas da jaqueta agora. Eles estavam ligeiramente soltos, deslizando para cima e para baixo em seu braço livremente. Ela o tirou e vestiu uma camisa de malha de mangas compridas por baixo, depois amarrou a jaqueta. Ela estava grata pela primavera ainda não ter esquentado.

Audrey estava descansando no sofá, com seu novo namorado Marshall esfregando seus pés, quando Cleo entrou na sala. Marshall era alto e de cabelos castanhos, com um rosto quadrado e simétrico. Ele tinha o que Cleo uma vez ouviu ser chamado de “boa aparência”, uma beleza genérica que carecia de qualquer falha ou caráter perceptível.

“Uau, você está ótima”, disse Audrey.

“Acho que seu vizinho estava me olhando nua”, disse Cleo. Ela se empoleirou no braço do sofá para trançar o cabelo.

“Pervertido”, disse Audrey. “Eu o peguei nos observando fazendo sexo outro dia.”

"Querida, é porque você se recusou a fechar as cortinas", disse Marshall.

“Bem, eu prefiro minha aparência na luz natural, meu amor.”

“Tudo o que estou dizendo, *linda* , é que não foi muito particular.”

Cleo sorriu intimamente com essa troca. Quanto mais petulantes eles ficavam um com o outro, mais melosos seus apelidos se tornavam. Isso, junto com o dom de Marshall para oferecer o insight psicológico mais básico possível em qualquer situação (“Relacionamentos são complicados”, “As pessoas são cheias de surpresas”), era uma fonte confiável de diversão para ela.

“Essa é a loucura de Nova York”, disse Audrey. “Nem mesmo seu quarto é privado. O mundo inteiro é um palco, eu acho.

“E os homens e mulheres apenas cobravam demais dos locatários”, disse Cleo.

“Nova York é *muito* cara”, disse Marshall.

Audrey acariciou a bochecha de Marshall afetuosamente com o dedão do pé. Eles se conheceram no primeiro restaurante de Santiago, onde ela ainda era recepcionista e Marshall até recentemente era garçom. Agora Marshall ganhava a vida importunando alegremente turistas para que comprassem ingressos para clubes de comédia na MacDougal Street, onde ocasionalmente também se apresentava com seu grupo de improvisação. Cleo foi poupada de assistir a essas apresentações por Audrey, que não acreditava em teatro onde, como ela disse, “ninguém se preocupou em aprender suas falas”. Marshall foi o primeiro namorado de Audrey, o primeiro homem com quem Cleo a conheceu mais de uma vez, na verdade.

“De qualquer forma,” disse Audrey. “Eu deveria começar a me preparar também. Você parece tão bem, Cleo. Eu quero usar algo assim.”

"Realmente?" disse Cléo. “Tenho mais alguns se você quiser dar uma olhada na pilha ao lado da minha mala.”

Audrey saltou e desapareceu no quarto.

“Vantagens de ter Cleo como colega de quarto!” ela cantou.

“Apenas hóspede!” chamado Cléo. "Eu prometo que vou sair do seu sofá em breve."

"Não se preocupe", disse Marshall. "Nós adoramos ter você aqui."

Cleo levantou uma sobrancelha. Nós? Pelo que ela sabia, Marshall morava em um loft em Red Hook com outros seis atores desempregados. Audrey saiu do quarto vestindo uma das jaquetas sobre um vestido tão curto que acabou parecendo um roupão minúsculo.

“Ta-da!” Audrey girou em seus saltos altos pontiagudos. "O que você acha? Bom o suficiente para a festa do ano?

Eles estavam indo para a noite de abertura do novo show do artista Danny Life, *Deathly Revelations.* Danny e Cleo cursaram a pós-graduação juntos quando ele usava aparelho para adultos e ainda chamava-se Danny Rodriguez, e foi assim que ela conseguiu colocá-los na lista para aquela que era indiscutivelmente a festa mais badalada e exclusiva de uma círculo de artistas conhecidos por produzir festas exclusivas e badaladas.

Localizado em um depósito de bebidas abandonado em Randall's Island, o evento estava sendo patrocinado por incorporadores imobiliários na esperança de angariar apoio para duas torres de luxo que planejavam erguer no lugar do depósito. Foi o impulso central de um esforço para rebatizar o bairro como um lar viável para profissionais urbanos criativos, a maioria dos quais nunca tinha ouvido falar de Randall's Island. Mas Cleo não estava atrás do hype, da lista de

convidados ou do prazer de poder contar aos não convidados que ela estava lá. Frank estaria lá. Ela estava indo ver Frank. Ela estava indo para que Frank a visse.

Adivinhando corretamente que uma viagem de metrô de uma hora deteria a multidão que eles esperavam cortejar, os organizadores da festa providenciaram uma frota de ônibus escolares amarelos para transportar os convidados da Union Square até o depósito. Os ônibus estavam alinhados ao longo da Fifteenth Street, perto de uma barraca que vendia flores de manga em palitos, um caminhão de kebab e uma mulher oferecendo leituras de mãos. Essa era a coisa sobre Nova York, Cleo pensou enquanto eles caminharam em direção aos ônibus. Nunca soube o que você queria, por isso ofereceu-lhe tudo.

"Você vai ficar bem se encontrarmos Frank?" perguntou Audrey.

“Pode ser difícil ver um ex”, disse Marshall.

“Ele não é meu ex”, disse Cleo. "Ainda."

Depois que voltaram do interior do estado, eles concordaram que seria uma boa ideia passar algum tempo separados. Desde então, Cleo voltou a tomar os antidepressivos e finalmente estava começando a se sentir ela mesma novamente. Seria bom para Frank vê-la em algo social onde ela pudesse parecer despreocupada e normal, mais como quando ele a conheceu, pensou Cleo. E Frank certamente estaria lá. Ele comprou uma das primeiras pinturas de Danny e nunca perderia uma festa dessa magnitude. Cleo desfez a trança e começou a trançá-la. Ela esperava que ela parecesse bonita. Ela deveria ter usado mais maquiagem.

“Uau, é tão *suburbano* ”, gritou Audrey enquanto eles subiam no ônibus escolar.

Cleo examinou os assentos. Não Frank. Ele provavelmente estava em outro ônibus. Ela seguiu Audrey e Marshall pelo corredor, passando por um homem com uma cacatua-de-crista-salmão empoleirada no ombro. Ele estava vestindo uma camiseta com uma foto do que parecia ser a mesma cacatua impressa nela.

“Camisa legal”, disse Audrey quando passaram por ele.

Ele deu a ela um olhar de desaprovação e então se virou, em uníssono com sua cacatua, para olhar pela janela.

Quentin já estava sentado no fundo, parecendo nervoso e dando tragadas furtivas de um cigarro pela janela. Ao lado dele estava Alex. Cleo passou a maior parte dos últimos dois meses com Quentin até que Alex, o amante russo que ele conheceu por algum meio obscuro que Cleo sabia que não devia interrogar, apareceu. Ele alegou que estava sendo despejado de seu apartamento perto de Brighton Beach, e Quentin prontamente o convidou para ficar, o que Cleo interpretou como uma deixa para se mudar para a casa de Audrey.

Alex era lindo, mas devastado, como abrir um brilhante casaco de pele de vison para encontrar um forro manchado e carcomido por traças. Ele observava Quentin constantemente com olhos cautelosos e assombrados, aceitando sem agradecer qualquer droga, bebida ou comida que Quentin lhe oferecesse.

“Ele não é um cachorro vadio”, Cleo repreendeu Quentin. “Você não deveria ter que alimentá-lo para mantê-lo por perto.”

Mas isso apenas levou Quentin a apelidar de Alex *Pies* , o nome polonês para cachorro. Como Alex raramente falava perto dela, Cleo nunca soube como ele se

sentia em relação ao novo nome.

“Isso não é divertido?” disse Quentin quando ela o alcançou. “Como ir em uma viagem escolar. Exceto com drogas.”

Quentin usava um espartilho sob uma jaqueta de couro com jeans pretos justos e botas de salto alto. Os ossos da clavícula se projetavam nitidamente acima do decote profundo da blusa, e suas maçãs do rosto naturalmente altas tinham uma qualidade oca e magra. Ela não podia acreditar que ele havia encolhido tanto em apenas algumas semanas. Cleo nunca o tinha visto usar nenhuma de suas roupas femininas fora de casa e teve o cuidado de não deixar que seu rosto registrasse muita surpresa.

“Você está maravilhosa”, disse Cleo. “Tem certeza que vai conseguir andar?”

“Tenho praticado”, disse Quentin e piscou para ela. Suas pálpebras brilhavam com glitter preto.

Alex, Cleo notou um tanto alarmada, estava inteiramente vestido com as velhas roupas de menino de Quentin. Cleo olhou nos olhos dele e percebeu que ele estava observando ela registrar sua roupa com satisfação.

"Woof", disse ela e sentou-se perto da janela atrás deles.

O ônibus criou a combinação ideal de nostalgia infantil e folia adulta; uma atmosfera de excitação quase frenética o invadiu enquanto os convidados passavam garrafas para cima e para baixo pelos corredores e tentavam, sem sucesso, cantar junto com os sucessos dos anos 1990. Cleo se viu, infelizmente, sentada ao lado de Guy, um maquiador francês e velho amigo de Frank que ficou tão bêbado no jantar de casamento que foi até a lixeira do prédio e vomitou no ralo.

"Olá, Guy", disse ela, incapaz de resistir a pronunciar seu nome à maneira americana, que ela sabia ser uma irritação particular dele.

“Vamos lá, é *Guy* como na gui-lhotina”, disse ele. “Há quanto tempo nos conhecemos agora?”

“Tempo suficiente para saber melhor.”

Ela sorriu, pressionando sua bochecha contra a dele. Ela tinha o cuidado de respirar pela boca, já que Guy fumava como um verdadeiro francês: constantemente. Mas, para sua surpresa, ela só cheirava a xampu. Ela esperava que ele não perguntasse por Frank. Ainda não era de conhecimento público que eles não estavam mais morando juntos. A melhor tática, ela sabia, era fazê-lo falar sobre si mesmo.

"Você está ótimo", disse ela.

"Eu sei", disse ele. “Estou sóbrio há quase seis meses.”

"Seriamente?" Audrey se esticou em seu assento para olhar para ele. “Achei que os franceses deveriam poder beber e fumar o resto de nós debaixo da mesa.”

“Eu costumava dizer o mesmo”, disse Guy. “Mas então eu saí em turnê.”

Quando o ônibus entrou na FDR Highway, ele contou sobre os quatro meses que passou fazendo maquiagem para uma grande banda de rock em uma turnê de um ano pelos Estados Unidos e Europa. O ciclo interminável de bebida e drogas gratuitas que o cercavam, a briga de bar em Amsterdã onde ele perdeu metade do lóbulo da orelha, a prostituta em Bruxelas que o roubou sob a ponta de uma faca e, finalmente, a vez em que acordou completamente nu no corredor de um hotel , sem saber que horas eram, em que quarto estava hospedado ou mesmo se

estava no hotel certo. Ele cambaleou pelo corredor sem fim, perdido, nu e em pânico. À sua frente, viu uma luz brilhando na porta entreaberta de um armário de vassouras. Como se estivesse em transe, ele caminhou em direção à luz. Ele abriu a porta. Lá dentro, ele encontrou um robe branco e fofo em um cabide. Lá dentro, ele encontrou Deus.

"Então foi isso?" perguntou Audrey. “Você vestiu um roupão e parou de usar drogas?”

"Não." Guy deu de ombros. “Eu voei para o México para tomar ayahuasca e viajar por três dias. Então parei de usar drogas.”

"Como foi isso?"

“Primeiro”, disse Guy, erguendo um dedo manchado de tabaco, “você vê a cor laranja. Então” — ele imitou uma explosão de cada lado da cabeça com as mãos — “você percebe que nunca amou de verdade.”

“Uau”, disse Marshall. “Um momento pode mudar sua vida para sempre.”

Quentin se virou para olhar para Cleo e revirou os olhos.

“Agora, sou viciado apenas em meditar”, disse Guy.

“Meditação como remédio”, disse Audrey, evidentemente satisfeita consigo mesma.

“ *Exação* ”. Guy assentiu. “Meu objetivo é um dia possuir apenas uma tanga e uma tigela de canto.”

“Não se esqueça da escova de dentes”, disse Quentin.

Cleo ficou em silêncio, olhando pela janela para o East River escuro que passava correndo, as luzes de Long Island City além, o letreiro art déco da Pepsi-Cola em sua dramática escrita vermelho-rubi. Ela estava pensando no dia em que saiu do hospital. Frank a despiu no banheiro escuro do interior do estado, deslizando a camisa sobre os braços erguidos como se ela fosse uma garotinha. Ela colocou as mãos nos ombros dele quando ele se ajoelhou para tirar o jeans dela pelos tornozelos e pés. Ela podia sentir o ar sussurrando em torno de seus pontos. Ele tirou a calcinha dela. Ela saiu deles cautelosamente. Seu corpo parecia drenado de todo sexo. Ela voltou a ser criança. Ele descansou a testa na encosta abaixo do umbigo dela. Ela pegou seu crânio em suas mãos, seu lindo cabelo encaracolado brotando entre seus dedos. Devocional. Essa era a palavra para dois corpos assim. Eles deveriam ter sido mais dedicados; ela entendia isso agora.

“Cleo?” Era Quentin olhando para ela. "Você está bem?"

"Estou bem", disse ela. “Talvez enjôo.”

“Só estou checando, você sabe,” ele disse. “Ser um bom amigo.”

Ela queria dizer a ele que um amigo realmente bom não sentiria a necessidade de apontar o bom amigo que ele estava sendo para ela o tempo todo, mas ela deixou passar. Quentin voltou-se para Alex, cujos olhos amarelos permaneceram fixos nele. Sem olhar para ele, Quentin tirou um saco plástico do bolso e colocou no colo de Alex. Dentro havia o que pareciam ser cacos de gelo. Ela podia ver, em sua visão entre os assentos, apenas o canto da boca de Alex se contorcendo em um sorriso.

“Olha, lá está Zoe!” disse Audrey.

Eles estavam ultrapassando um dos outros ônibus escolares indo para a festa. Pela janela, eles podiam ver a bela cabeça encaracolada de Zoe apoiada no

ombro de um homem asiático mais velho vestindo um terno. O ônibus acelerou e ela desapareceu atrás deles.

“Aquela garota é um enigma”, disse Audrey, balançando a cabeça.

Quentin jogou os braços acima da cabeça e balançou as mãos.

"Já estamos lá?" ele gritou.

Audrey riu. “Você não pode estar seriamente entediado.”

“Você me conhece”, disse Quentin. “Prefiro estar chorando em uma limusine do que rindo em um ônibus.”

Trinta minutos depois chegaram aos portões de entrada do armazém e estacionaram perto de um grande pátio. Do outro lado do rio escuro, o horizonte pontiagudo de Manhattan piscava para eles. Os foliões se amontoaram e foram conduzidos por uma passarela alinhada com tochas acesas em direção a duas mulheres esculturais segurando pranchetas. De cada lado deles havia uma linha de guardas de segurança com cara de pedra. Cada um deles deu seus nomes para as garotas altas na frente, exceto Alex, que ficou ali olhando desafiadoramente para eles.

“Ele não vai entrar”, disse a garota com a prancheta.

“Esta é a ex-namorada de Danny”, disse Quentin, empurrando Cleo na direção dela. “Ele é o convidado dela.”

Isso era um exagero, mas Cleo dormiu com Danny intermitentemente por mais de um ano até que, no que acabou sendo a jogada mais inteligente de sua carreira, ele começou a namorar a filha de um dos maiores proprietários de galerias de arte contemporânea em Nova York. . Ela levou o pai para a mostra de sua tese de pós-graduação e, dois anos depois, Danny era o jovem artista de maior sucesso comercial da cidade, vendendo uma pintura por um quarto de milhão de dólares quando tinha apenas 26 anos. Mas recentemente a carreira de Danny deu uma guinada, e uma série de shows de vendas fortes, mas criticados pela crítica, provocaram murmúrios de que ele estava se tornando o exemplo mais recente de como o sucesso precoce pode arruinar a integridade da carreira de um artista.

Depois que Cleo provou com uma série de mensagens de texto apressadamente puxadas que Danny a havia convidado pessoalmente, a garota da prancheta permitiu a contragosto que todos entrassem. Eles passaram por um cais de paralelepípedos ladeado por dois grandes bares ao ar livre, junto com food trucks e uma estação de fotos. No centro havia uma escultura de gelo de Danny segurando uma garrafa de um dos patrocinadores da festa. A escultura era comicamente pequena, do tamanho de uma criança, com apenas alguns de seus dreadlocks característicos brotando de sua cabeça.

“Eles não poderiam gastar em tamanho real?” disse Quentin, apontando para a escultura. "Quero dizer, eles têm gelato."

Enquanto Cleo olhava em volta, uma sensação líquida de fracasso surgiu dentro dela. O que ela tinha feito nos últimos anos? Ela já estava tão atrás. A técnica de Danny era menos desenvolvida do que a dela na escola, mas ele já havia conseguido tudo isso. Ela não tinha feito nada, não fez nada de si mesma.

“Você sabe o que eu amo nas festas de arte?” disse Quentin. “Você pode olhar

em volta e ver pelo menos três pessoas usando gola alta preta a qualquer momento.”

“E pelo menos um chapéu ridículo”, disse Audrey, quando um homem de fez passou.

“Tudo bem, vamos testar essa teoria”, disse Marshall. Ele esticou o pescoço ao redor da multidão e então começou a rir. "Sim, eu tenho três gola alta."

Cleo olhou em volta e contou um, dois... E lá, no terceiro, estava Anders. Ela examinou as pessoas de cada lado dele. Ele estava sozinho. Não Frank. Ele parecia, impossivelmente, mais jovem do que ela já tinha visto antes, magro e bronzeado. Típico, pensou Cleo. Ele estava empurrando a multidão em direção a ela. Então ele a estava puxando para ele, envolvendo seus braços ao redor de suas costas e batendo seus lábios contra o topo de sua cabeça. O cheiro dele. Ela não aguentou. Ela se afastou. Seus braços caíram frouxamente para ambos os lados enquanto um olhar de embaraço dolorido passava por seu rosto.

"Estou feliz em ver você", disse ele, virando-se para os amigos dela para cumprimentá-los com seu sotaque dinamarquês. “Oi, oi.”

“Estávamos vendo quantas pessoas de gola rulê preta conseguíamos contar neste lugar”, disse Quentin.

“Bem,” disse Anders, olhando para seu torso como se tivesse acabado de perceber o que ele estava vestindo. “Você me pegou! O que isso significa?"

“Que você é um clichê”, disparou Quentin. "Estou brincando."

Cleo sentiu a conhecida dupla sensação de orgulho e humilhação; orgulho pelo modo como Quentin a protegia, humilhação pela maneira sarcástica como ele demonstrava isso.

“Você já notou”, disse Anders, virando-se para Cleo, “que sempre que um americano diz 'Brincadeira', ele nunca está realmente brincando?”

“Olá, sou polonês”, disse Quentin.

Anders pegou o braço de Cleo enquanto falava com Quentin. “Vou pegar seu amigo emprestado agora.”

Ele puxou Cleo com ele para uma área tranquila perto das tochas. Eles ficaram de frente um para o outro, a luz do fogo lambendo seus rostos. De perto, Cleo viu que sob o bronzeado o rosto de Anders não parecia mais jovem, na verdade, mas sulcado pela exaustão. A luz do fogo não alcançou seus olhos.

"Como vai você?" ele perguntou. "Você parece bem."

"Você também", disse ela. “Muito... californiano.”

"Ah, sim", disse ele, esfregando a bochecha. “Moro perto da praia agora. Eu até surfo às vezes.”

"Jonah deve adorar isso", disse ela.

“Na verdade, Jonah ainda não saiu.” Ele olhou para os pés.

“Ah, eu pensei que ele...”

"Isso não é um problema." Anders acenou com a mão na frente dele. “Você conhece os adolescentes.” Ele deslizou o telefone para dentro e para fora do bolso nervosamente. “Mas eu amo isso lá fora. O ar fresco... tudo. E, você sabe, eu conheci alguém.

"Eu ouvi", disse Cleo.

Na verdade, ela tinha visto. Ela descobriu sobre sua nova namorada através de algumas pesquisas imprudentes no Google. Ela era linda, é claro, uma modelo.

Havia duas fotos deles juntos, ambas do mesmo evento para sua revista em LA. O primeiro estava do lado de fora com as mãos entrelaçadas, as cabeças levemente inclinadas uma para a outra. Então eles estavam dentro da festa, segurando taças de champanhe, ambos no meio da risada. Cleo estava sentada enroscada no sofá de Audrey, banhada pelo halo azul de luz da tela do computador, o som de Audrey e Marshall fazendo amor permeando suavemente as paredes, e clicando para frente e para trás entre as imagens deles sorrindo e rindo, rindo e sorrindo …

"Ela está aqui?" perguntou Cléo.

“Não, infelizmente ela viaja muito a trabalho”, disse ele. “Ela está nas Bahamas agora.”

Cleo deu a ele um sorriso fino. "Boa vida."

“Na verdade, estou aqui apenas no fim de semana”, disse Anders. “Eu esperava levar Jonah ao cinema hoje à noite, mas ele queria ver seus amigos, é claro. curso." Ele evitou os olhos dela e olhou por cima da cabeça dela, registrando a presença de outra pessoa que ele conhecia na multidão. Ele acenou com a cabeça para quem quer que fosse e murmurou um olá.

"Onde está Frank?" ela perguntou.

“Frank?” Anders voltou a concentrar sua atenção nela. “Ele não achou que seria apropriado, já que Danny era seu colega de escola.”

Ele passou as mãos pelos cabelos. Estava mais claro agora, com listras quase brancas em alguns lugares pelo sol.

“Entendo”, disse Cleo. Ela se concentrou em manter sua expressão o mais neutra possível. A decepção, foi tão física, que ela estava preocupada que seu rosto pudesse realmente perder a cor. Ela se sentia desesperada para ir para casa, para ficar sozinha de novo, sem todo aquele fingimento. Mas onde? Ela estava muito longe de qualquer lar.

“Ele achou que você ficaria aliviado”, disse Anders.

"E você?" ela perguntou, erguendo a cabeça para encará-lo. "Você não achou que deveria ficar longe também?"

"Eu queria ver você. Eu queria ter certeza de que você estava bem.

“ *Agora* você se importa se eu estou bem?”

— Vamos, Cléo. Ele puxou o telefone do bolso novamente, incapaz de manter o olhar dela. “Ainda somos amigos, certo? Eu queria te dar espaço, você sabe, para descobrir como você se sentia.

"Espaço?" ela sibilou. “Você chama de nunca mais falar comigo *de espaço* ?”

Muitas vezes ela imaginou como seria ver Anders novamente. Em suas fantasias ela era como metal, brilhante, fria e impenetrável. Mas todos os seus sentimentos, seus estúpidos sentimentos feridos, continuavam borbulhando na superfície.

"O que eu deveria fazer?" perguntou Anders, erguendo as mãos como se fosse se proteger. “Você disse que iria deixá-lo. Você não o deixou. Então eu... acho que tentei seguir em frente.

Cleo queria dizer que não poderia deixar Frank sem a garantia de que Anders estaria ao seu lado do outro lado, uma garantia que ele não poderia dar a ela quando ela pedisse. Ela se odiou por pedir isso. Ela estava com muito medo. E ela realmente acreditava que poderia amar Anders, embora agora percebesse que

simplesmente se apegara a ele porque não via outra saída. Ela odiava pensar nisso.

Ela era a única em seus vinte anos, ela queria lembrá-lo. Ele e Frank estavam na casa dos quarenta. Eles tinham as carreiras. Eles tinham o dinheiro. Eles tinham a cidadania, a estabilidade, o poder. Em comparação, ela não tinha nada além de si mesma.

“Eu liguei para você”, foi o que ela disse.

“Tomei o que pensei ser a melhor decisão”, disse Anders. “Por favor, tente entender meu lado das coisas. Conheço Frank há vinte anos.

Uma corrente de pessoas caminhando em direção ao bar se interpôs entre eles, gritando animadamente uns para os outros. Anders se afastou dela para deixá-los passar.

“Você nem se despediu”, disse ela.

“Sinto muito, Cléo. Eu não sei o que dizer. Fiz o que achei certo.”

Anders olhou para ela, e seu rosto estava cheio de pena. Ele deve pensar que ela era patética. Ela queria estender a mão e afastar a expressão dele como uma folha de papel de desenho, amassá-la entre as mãos. Ela cruzou os braços e se afastou dele. Não havia mais nada a dizer. Ele estendeu a mão para tocar levemente o cotovelo dela.

“Cleo,” ele disse suavemente.

Em sua boca, o nome dela soou como algo caindo, dois saltos em um lance de escada. *Cle-o.*

"O que?"

Ele começou a dizer algo, pareceu pensar melhor.

“Não seja um estranho?” ele disse em vez disso.

“Alguns dos meus melhores amigos são estranhos”, disse ela, e voltou para a multidão.

Ela abriu caminho entre as pessoas que avançavam em direção às grades e entrou na primeira sala do armazém. Um caixão crivado de buracos de bala girou em uma órbita lenta de uma grossa corrente de metal suspensa acima de um monte de espelhos quebrados. Ela olhou para baixo e viu centenas de fragmentos de seu rosto refletidos, uma lasca de bochecha, de garganta, de olho. Quem era ela? Um artista que não fazia arte. Uma esposa sem marido. Uma criança sem mãe.

"Aí está você!" Quentin agarrou o braço dela. Seus olhos eram esferas pretas brilhantes. — Você viu Alex?

Cléo balançou a cabeça. O aperto de Quentin era forte o suficiente para machucar. Ela pôs a mão sobre a dele e afastou os dedos dele. "Você está bem?"

"Maravilhoso!" Quentin disse com um sotaque britânico e jogou a cabeça para trás em uma risada dramática de boca aberta. Ele virou a cabeça para a frente, seu rosto de repente severo. Seus olhos não refletiam nenhuma luz. “Preciso encontrar Alex.”

“O que você pegou?” Cleo perguntou, mas Quentin estava se afastando dela no meio da multidão. Ela manteve a visão de sua cabeça por todo o caminho até a sala principal do armazém antes de piscar, e ele desapareceu no enxame de corpos.

Ela passou por um corredor onde os convidados arrancavam deliciosamente as

tábuas do assoalho como crostas de pele. A pista de dança já estava lotada, a multidão dançando ao som de uma música que Cleo não conhecia. Ela podia sentir o baixo puxando os pelos de seus braços, vibrando contra sua pele. Ela viu Audrey e Marshall pulando juntos na parede.

"Por aqui!" chamado Audrey. Ela passou a ela uma garrafa de água. "Quer um pouco? Colocamos alguns hits nele.

Sim, ela queria um pouco. Ela queria algo que a atravessasse como uma inundação, lavando anos inteiros de sua vida. Aqueles últimos meses de esperança acreditando que sua mãe estava melhorando. Perdido. A noite em que ela conheceu Frank, seu sorriso, seus elogios, sua mão serpenteando sob seu vestido para encontrar um ninho entre suas pernas. Perdido. Aquelas semanas com Anders. Perdido. Todo homem, de fato, que se enterrou nela, beijou-a e fodeu-a, entrou nela, nela. Ela os queria fora. Ela queria um rio cheio de corpos de homens sugados para fora dela. Ela queria a morte por inundação.

Ela pegou a garrafa e bebeu, gotas de água escapando de ambos os lados da boca.

"Uau, calma", gritou Marshall. “Essa coisa é forte.”

"Bom."

Ela jogou a garrafa de volta para ele e passou por eles na massa de dançarinos. Ela estava sendo acotovelada e empurrada por todos os lados. Todos se sentiam mais altos que ela. Um homem com uma tatuagem de caveira cobrindo a cabeça raspada agarrou sua cintura e começou a dançar com ela, esfregando seus quadris contra os dela. Ela se firmou contra ele por um momento enquanto ele a puxava para mais perto, empurrando seu rosto úmido em seu pescoço. Ela agarrou os braços dele, então cravou as unhas nele o mais forte que pôde.

“Que porra!” ele gritou, empurrando-a para longe dele. Ela podia ouvi-lo gritando quando ela voltou para a multidão. *Cadela louca.*

Ela encontrou seu caminho até a borda e se abaixou em uma sala lateral cheia de altas velas de vidro pintadas com imagens da Virgem Maria. A sala inteira brilhava em amarelo. E ali, no centro da luz, estava Danny Life. Ele estava todo vestido de branco, um macacão feito sob medida e botas de trabalho de couro imaculado. Com ele estava um crítico de arte que Cleo reconheceu. Ele segurava ansiosamente um dispositivo de gravação na frente de Danny, embora parecesse ser ele quem falava mais.

“Até que ponto seu trabalho é autobiográfico?” perguntou o crítico.

“O que você quer dizer com autobiográfico?”

“Você sabe”, disse o crítico. “Como suas próprias experiências com a violência nas ruas influenciaram seu trabalho? Você-"

“Ouça, cara,” Danny interrompeu. “Eu cresci em Pound Ridge. Minha mãe é epidemiologista. Pesquise se você não sabe o que é isso.”

“Mas as armas…”

Cleo ficou atrás dele e fingiu dar um tiro na cabeça com os olhos vesgos. O belo rosto de Danny se abriu em um sorriso. Seus dentes brancos brilhavam.

"Se você me der licença." Ele empurrou o crítico e deu um abraço em Cleo. “Cleo, a gata. Eu esperava ver você.

"Olhe para você." Cléo sorriu. “A coisa mais gostosa da cidade.”

"Esse sou eu." Ele riu. "Como vai você?"

O crítico deu a Cleo um olhar fulminante e se afastou.

"Morador de rua." Ela deu de ombros. “Desempregado. Solteiro. Você?"

Ela podia sentir algo dentro dela se soltando, como as primeiras rachaduras nas paredes antes de um terremoto.

“Merda, cara. Fazendo melhor do que você, com certeza.”

Cléo riu. Danny não era propenso a simpatia, algo que ela sempre gostou nele. *Carinho* era a melhor palavra que ela conseguia pensar para descrever o que eles sentiam um pelo outro. A ternura era quente, mas não morna, da cor do âmbar, mais afetuosa que a amizade, mas menos complicado do que o amor. Nos tempos de escola, eles se deitavam juntos enrolados em seus lençóis, jogando cinzas de seus baseados em uma lata de Coca-Cola ao lado de sua cama e conversando confortavelmente sobre seu trabalho, os artistas que estavam pesquisando, as outras pessoas com quem dormiam.

“Você é um sem-teto sério?” perguntou Danny. “Acabei de me pedir para nomear alguém para esta residência em Roma. Você quer fazer isso?

Cleo não sabia o que queria. Ela foi salva de responder por uma garota vestindo um sutiã de couro e calças correndo em direção a Danny e pulando em suas costas.

"Te amo, Danny", ela gritou, beijando o lado de seu rosto.

"Também te amo, querida", disse Danny. "Mas eu vou precisar que você saia de cima de mim agora."

A garota se afastou dele, rindo, e foi se juntar às amigas para tirar fotos. Danny olhou para Cleo e pegou a mão dela.

"Você quer vir comigo? Eu preciso de uma pausa dessas pessoas. Eles me deram meu próprio trailer. É louco."

O trailer era forrado com carpete grosso e continha um grande sofá de veludo e uma penteadeira com fileiras de garrafas de bebida e champanhe. Ouviu, um lustre piscou para ela. Ela podia sentir sua luz como penas em sua pele. Ela sentiu como se seu sangue tivesse sido carbonatado. Danny olhou nos olhos dela e caiu na gargalhada.

“Você está tomando alguma coisa?” ele perguntou.

Cléo assentiu.

"Você quer uma bebida?"

Cleo assentiu novamente. Ela podia sentir o brilho do candelabro aquecendo-a por dentro. Ela estendeu a mão e tocou uma das lágrimas de cristal. Um arco-íris de luz passou por seu rosto.

"Como você está se sentindo?" ele perguntou.

Ela fechou os olhos.

"Bom", disse ela. “Deveríamos usar mais essa palavra. *Groooooovy* .

"Aqui."

Ele se aproximou e desenganchou um cristal de seu fio no lustre. Muito gentilmente, ele removeu o pino do lóbulo da orelha direita e empurrou o fio do cristal pelo buraco. Ela podia sentir o puxão repentino em seu lóbulo quando ele afastou as mãos, o peso desconhecido em sua bochecha.

“Agora você também parece legal.” Ele pegou uma garrafa de champanhe e bebeu direto do gargalo, depois passou para ela. "Você está com fome?"

Eles se sentaram no sofá e Danny passou a ela o maior pacote de batatas fritas

que ela já tinha visto. Ele pegou um punhado e os mastigou.

Ele encolheu os ombros. “Patrocinadores”.

“Isto é maior do que a sua escultura de gelo”, disse Cleo.

Eles começaram a rir, e o riso ganhou força até que eles não conseguiram parar, impotentes estrondos de lágrimas, tirando toda a respiração de seus corpos. Cada vez que um olhava para o outro, começava de novo. O estômago de Cleo doía por causa disso. Fazia tanto tempo que ela não ria assim. Depois que os últimos espasmos diminuíram, Danny enxugou os olhos e olhou para ela com seriedade.

“Então,” ele disse. “Você acha que eu me vendi?”

Cleo tocou o pingente de candelabro pendurado em sua orelha e olhou para ele. "Eu acho que você vendeu", disse ela.

“É a mesma coisa, de acordo com eles.” Ele acenou com a cabeça para a porta do trailer, então a deixou cair no sofá. “Todo mundo quer que eu seja o próximo Basquiat. Basquiat cercou-se de brancos e depois suicidou-se. Deus me ajude se eu acabar como Basquiat, cara.

“Eu começaria evitando drogas intravenosas”, disse Cleo. “E os brancos.”

“É mais fácil dizer do que fazer,” disse Danny, apontando para ela.

"Verdade", disse Cleo.

Ela tomou outro gole de champanhe e passou a garrafa de volta para ele. Ele tomou um gole e continuou.

“Às vezes é como se eles *quisessem* que você ficasse chapado o tempo todo. Minha agente atiraria em mim se achasse que eu venderia melhor.

“Pelo menos você tem tudo isso”, disse Cleo. “Agora você só tem que decidir o que fazer com isso.”

Danny assentiu lentamente e comeu outro punhado de batatas fritas.

"E você?" ele perguntou. “Você aparece em algum lugar? Sabe, você foi um dos melhores do nosso programa. Todos os professores pensavam assim. Eu me lembro do seu último show. Foi... majestoso, cara. Ele tomou um gole. "Fodidamente majestoso", ele repetiu e arrotou.

Cleo virou o corpo para encará-lo. Ele havia espalhado migalhas de batatas fritas por toda a frente. Ela estendeu a mão para limpá-los. Danny abriu seu boca para dizer alguma coisa, então agarrou seu pulso. Ela seguiu seu olhar. Era sua cicatriz, projetando-se de sua manga como um ponto de exclamação. Ela viu seus olhos se alargarem para absorver seu comprimento. Cleo puxou seu antebraço gentilmente para longe de seu alcance. Danny olhou para ela, e seus olhos eram escuros e líquidos, incrivelmente ternos.

"Você quer falar sobre isso?" ele perguntou.

Cleo baixou a cabeça. Muito gentilmente, ele beijou sua testa. Eles ficaram assim, os lábios dele descansando contra a linha do cabelo dela, pelo que pareceu um longo tempo. Ele se afastou lentamente.

“Vamos”, disse Danny. “Há algo que eu quero que façamos.”

Ele pegou a mão dela e a puxou para fora do trailer e de volta para a festa. Eles abriram caminho pela sala principal e saíram para o corredor. Danny pegou uma tábua de madeira de uma pilha que os convidados haviam arrancado do chão e fez sinal para que ela fizesse o mesmo, depois a conduziu de volta para o pátio. Ele caminhou em direção a sua escultura de gelo e, em um movimento

rápido, separou sua cabeça do corpo com a prancha de madeira. Ele se virou para ela e sorriu.

"Sua vez."

Cleo pegou a prancha com as duas mãos e acertou o torso da escultura. A reverberação do impacto estremeceu seus braços. A metade superior do corpo quebrou e deslizou sobre os paralelepípedos. Fragmentos de gelo voaram como faíscas ao seu redor. Danny derrubou as pernas e pés restantes no chão e continuou a quebrá-los em pedaços menores com sua prancha. As pessoas estavam se reunindo para assistir e tirar fotos.

“Isso faz parte do show?” ela ouviu alguém perguntar.

Danny abriu caminho pela multidão, ainda segurando a prancha acima da cabeça. Ele correu em direção ao armazém e bateu na primeira janela que viu. O vidro se estilhaçou ao redor de seus pés e nas pessoas reunidas atrás dele.

“Estrela dançante, porra!” ele gritou.

A energia passou pela multidão como uma corrente elétrica. Alguém subiu no caminhão de taco e começou a atirar comida pela janela do balcão. Um burrito explodiu contra a parede do armazém com um estrondo. Corpos colidiam e ricocheteavam uns nos outros, todos lutando para ficar perto de Danny, o flautista anárquico. Uma tocha acesa pegou empurrado quando uma multidão de foliões invadiu o armazém. Cleo virou na direção oposta.

Ela o viu por trás. Anders alto, Anders bonito, Anders brilhante para quem as dificuldades da vida se esvaíram como um vestido de seda escorregando de um cabide. Alguém estava chamando seu nome. Ela não se importava. Ele pensou que ela era Cleo, a boneca de porcelana, Cleo que rachou e quebrou sob a pressão, Cleo que ficou oca. Não mais. Ela largou a prancha e pegou um balde de gelo prateado de onde alguém acabara de tirar uma garrafa de vodca. Ela colocou o balde no ombro, sentiu seu peso inclinar para trás por um momento vacilante, então empurrou toda a sua força para trás para derrubá-lo sobre a cabeça de Anders. Água gelada espirrou sobre seus ombros. O balde pousou perfeitamente sobre sua cabeça como um boné de burro. Cubos de gelo deslizaram pelo chão ao redor de seus pés. Ele se esforçou para levantar o balde e se virou para olhar para ela, seu cabelo escuro e pingando, uma expressão de profundo choque em seu rosto pálido. Alguém a agarrou por trás.

— Jesus, Cleo. Zoe estava segurando seus ombros, examinando seu rosto. “Você enlouqueceu?”

A segurança os cercou. Anders havia jogado o balde para o lado e estava curvado pela cintura com as mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. Seus olhos não deixaram Cleo. Ele olhou para ela através de uma mecha de cabelo. Ela podia sentir suas mãos sendo puxadas para trás, seus pulsos apertados juntos. Então ela estava sendo baixada para o chão, suas pernas nocauteadas debaixo dela.

"Deixe ela ir!" gritou Zoe.

A bochecha de Cleo estava contra os paralelepípedos frios. O pulso surdo de um baixo pesado viajou pelo chão sob sua orelha. Ela estava completamente mole, esgotada de toda a luta. Seus pulsos estavam sendo fechados com algemas de plástico. Sua cicatriz. Ela esperava que eles não vissem sua cicatriz. Acima dela estava gritando, o barulho de metal, passos correndo. Riffs elétricos de

guitarra serrilhavam o ar. Uma multidão gritava o nome de Danny. Em algum lugar, uma garota gritava por Danny, fora do ritmo das outras, em um gemido longo e doloroso.

Cléo fechou os olhos. Quando ela os abriu novamente, o rosto de Zoe estava ao lado do seu. Ela tinha se arrastado para o chão ao lado dela, então eles estavam ao nível dos olhos. Ela pôs a mão na bochecha de Cleo e fez pequenos ruídos para se calar. Acima deles, um guarda de segurança estava dizendo para ela se levantar. Sua voz soava como aço inoxidável.

"Apenas respire, Cleo", disse Zoe. “Eu não vou deixar você. Eu não irei a lugar nenhum. Você está seguro."

Cleo sorriu para os olhos dourados de Zoe. Tudo o que ela sempre quis ouvir de um homem era dela da boca de uma garota. Os olhos de Zoe eram da cor do Xarope Dourado de Lyle. Cleo adorava isso quando criança e derramava em tudo. O logotipo era antiquado, mesmo para os padrões ingleses, uma ilustração de um leão morto cercado por um enxame de abelhas. Abaixo dela estavam as palavras “Do forte saiu doçura”. Era assim que Zoe era. Um leão cheio de abelhas.

“Linda e forte Zoe,” disse Cleo.

Os olhos de Zoe se abriram em um sorriso.

"Linda e forte Cleo", disse ela.

"Que porra está acontecendo aqui?"

As botas brancas de Danny apareceram na linha dos olhos de Cleo. Nem um arranhão. Zoe se levantou com dificuldade.

“Senhor, esta mulher acabou de agredir um homem.” Aquela voz dura de homem novamente. “Tivemos que contê-la.”

“Agredido?” disse Zoé. “Ela jogou um balde de gelo nele. Grande negócio do caralho.

"Quem é você?" disse Danny.

“A cunhada dela. Quem é *você* ?

“Sou Danny Fucking Life. Espere um pouco, a cunhada dela é *irmã* ? Eu pensei que ela se casou com um velho branco?

"Eu fiz", disse Cleo no chão.

"Senhor, vamos ter que pedir que você se afaste para que possamos deter esta mulher."

“Olha, isso não está acontecendo. Eu contratei vocês. Você não é a polícia.

“Ela poderia ter ferido...”

"Não, ela não poderia ter." A voz de Anders soou dura e resignada. "Apenas deixe-a ir."

Cleo foi levantada a seus pés. Ela olhou para Anders. Anders olhou para ela. Ela embalou aquele rosto em suas mãos, beijou suas pálpebras, apertou sua bochecha contra a dela, circulou a caverna escura de sua boca com a língua. Ela conhecia seu rosto. Ele conhecia o dela. Não havia como desfazer isso. Anders estava abrindo a boca para falar quando o crítico de arte de antes correu em direção a eles com um olhar selvagem nos olhos.

“O armazém está pegando fogo!” ele gritou. “O armazém está pegando fogo!”

Atrás dele, a parte de trás do prédio estava de fato canalizando uma nuvem negra de fumaça no ar. Cleo viu uma única chama laranja lamber o céu negro.

“Oh merda,” disse Danny, e correu para o trabalho de sua vida.

Vinte minutos depois, os convidados da festa estavam todos reunidos à beira d'água em um banco de entulho e pedras. As luzes dos caminhões de bombeiros iluminavam seus rostos com flashes escarlates e azuis. O fogo foi contido rapidamente, mas todos foram evacuados mesmo assim. É claro que o drama disso só tornaria a festa mais lendária. Marshall foi procurar Alex e Quentin no meio da multidão, deixando Cleo parada entre Audrey e Zoe. Eles olharam através do East River escuro para Manhattan. Um cobertor cinza que um bombeiro forneceu inexplicavelmente estava pendurado sobre os três ombros.

“Acho que aquelas pinturas que ele fez com gasolina não vão sobreviver a isso”, disse Audrey, tremendo em seu vestido minúsculo. “O que você acha que Danny vai fazer?”

Zoe deu de ombros. “Chama isso de arte performática?”

Audrey riu.

“Comece de novo”, disse Cleo.

Eles observaram a fumaça dar uma cambalhota na água.

“Então,” disse Zoe. Ela colocou o braço em volta de Cleo sob o cobertor. "Você e Anders?"

Cleo olhou para os pés e assentiu.

“Garota, eu já passei por isso”, disse Zoe.

“Eu também”, disse Audrey. “Esse homem tem um balde de gelo vindo há muito tempo.”

Todos os três riram. Cleo acenou com a cabeça para um homem asiático em um terno caminhando em direção a eles com uma expressão hesitante.

"Acho que alguém está procurando por você", disse ela.

"Quem é ele?" perguntou Audrey.

“Apenas um novo amigo,” disse Zoe, rindo, e correu para encontrá-lo.

Ele sussurrou algo em seu ouvido, e ela sorriu.

“Enigma”, disse Audrey, balançando a cabeça. “Eu provavelmente deveria ir encontrar Marshall. Você está bem aqui?

Cleo assentiu e se voltou para a água. As sirenes dispararam, banhando o rio de luz. Vermelho. Manhattan se estendia diante dela como um punhado de joias. Azul. A cidade que nunca quis que você fosse embora. Vermelho. Então ele ofereceu a você tudo, qualquer coisa. Azul. Era a hora de ir.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Agosto

Não tão milagrosamente, não tenho mais emprego. Não fui, no entanto, “convidado a sair”, o que é um avanço em relação à última vez. Na verdade, eu me convidei. De alguma forma, vir à cidade todos os dias para escrever sobre desenvolvimentos de condomínios, esfoliação corporal e bebidas energéticas não parece mais tão importante. Meu pai está doente. Mais doente do que doente, ele está morrendo. Primeiro, ele fraturou o quadril ao escorregar no chão de linóleo do That Home. Então ele pegou pneumonia. Parkinson não mata pessoas, seus médicos continuam nos lembrando. Tudo o resto faz.

*

Minha enfermeira favorita no hospital é Stacy, de Trinidad. Ela usa cores como verde kiwi e fúcsia neon e me conta as melhores piadas de enfermeira. *O que a enfermeira disse quando encontrou um termômetro retal em seu bolso? Algum idiota está com a minha caneta!*

*

Minha mãe está folheando uma das revistas na sala de espera enquanto meu pai faz mais uma rodada de testes.

“Nada disso faz sentido para mim”, diz ela.

Presumo que ela esteja falando sobre a doença dele, a precariedade da vida, saúde e riqueza e todas as suas implicações, mas ela aponta para uma página de anúncios na revista.

"Para que servem estes?" ela pergunta.

"Oh, isso é fácil", eu digo. “Este é para TPM. Este é para um relógio chique. E este é para uma velha tendo uma convulsão.

"Você tem um dom", diz ela.

“Menos de um ano em publicidade, baby.”

*

Frank e eu não nos falamos desde que saí da agência. Já se passaram três meses. Ainda sonho com ele, admito. Ontem à noite, por exemplo, sonhei que ele estava escovando meu cabelo. Minha cabeça estava descansando em seu colo, e eu me senti feliz. Então levei a mão ao couro cabeludo e senti apenas a pele. Olhei para o chão e meu cabelo estava espalhado ao nosso redor como algas marinhas.

Quando me sentei, Frank havia sumido. Eu era careca e sozinho. Não sou Carl Jung, mas isso não parece auspicioso.

*

Meu pai ainda tem todo o cabelo, pelo menos. Isso é algo de que me orgulho. Você ficaria surpreso com o quão raro é uma cabeça cheia de cabelo ou um conjunto de dentes por aqui. Espero que seus dentes ainda estejam intactos também. Acho que se ele sorrir de novo, eu vou saber.

*

Estou na sala quando minha mãe chama da cozinha algo que sinto falta.
"O que é isso?" Eu grito do sofá.
"O que você disse?" ela grita de volta.
"O que!"
"O que?"
"O que!"
"O que?"
"Deixa para lá!"

*

Envio os dois primeiros episódios de *Human Garbage* para meu agente em LA. Surpreendentemente, ela nunca me demitiu, mesmo depois que chamei o showrunner do show clarividente de gato de boceta. Ela, no entanto, ainda não respondeu. Eu acho que um programa sobre dois parasitas chamados Scrip e Scrap vivendo em uma pilha de lixo no fim do mundo não tem o mesmo apelo comercial do programa para o qual ela queria que eu escrevesse, que era sobre um contundente, mas sexualmente disponível advogada tendo um caso com seu traficante.

*

Saio do hospital para tomar um pouco de ar fresco. Ao meu redor, idosos se inclinam para a frente em suas cadeiras de rodas e fumam seus cigarros com determinação impiedosa. Se eles querem convencer os adolescentes a não fumar, deveriam fazê-los ficar aqui. Apenas tente ainda achar sexy fumar depois de ver um homem de oitenta anos com manchas hepáticas desenganchar trêmulo os tubos nasais de seu tanque de oxigênio para poder acender um.

*

Stacy passa com uma bandeja de cateteres. Hoje ela está vestindo laranja manga.
"Como você está, bebê?"
"Oh, eu estou bem", eu digo. "Como está seu filho?"
“Ele tem três namoradas.” Ela revira os olhos. “Diga-me, como dei à luz meu ex-marido?”
Eu ri.

“Seu pai está em cirurgia?” ela pergunta.

Concordo com a cabeça e sinto meus olhos arderem.

"Você tem que se distrair", diz ela. "Ele não quer você sentado aqui se preocupando."

"Eu sei", eu digo. "Eu vou."

“Boa menina.”

Ela dá um aperto no meu ombro. “O que as enfermeiras de transplante mais odeiam?” ela pergunta.

"O que?"

"Rejeição!"

*

Aceito o conselho de Stacy e vou até a loja de presentes para encontrar algo para ler. Abro uma revista de moda. Bem no topo do mastro está o nome do amigo de Frank, Anders. Penso em seu rosto bonito na festa de fim de ano do escritório, piscando no ritmo das luzes da árvore de Natal. Parece-me absurdo agora, parado na áspera fluorescência da loja de presentes do hospital, que eu tenha conhecido tal pessoa. Coloquei a revista de volta na prateleira.

*

Meu pai acorda da cirurgia. Ele está, fomos informados, com uma dor tremenda. Eu pairo ao lado de sua cama, observando-o, mas ele não pode me ver. Ele abre e fecha a boca em protesto mudo. Seus olhos rolam pelo teto. Seu pescoço é sinuosamente fino, não consegue levantar a cabeça, mas sua boca continua trabalhando, buscando palavras. Ele se parece com a antiga tartaruga que minha turma do jardim de infância tinha como animal de estimação; costumávamos segurar uma pétala de rosa fora do alcance de sua boca e observá-lo enquanto ele a agarrava, muda e determinadamente, repetidas vezes.

Minha mãe se levanta e se inclina sobre o rosto dele, para que ele possa vê-la. Ela acaricia os vincos entre as sobrancelhas dele com o polegar e diz "Pronto, pronto". Ela beija sua têmpora. Lágrimas estão vazando de seus olhos para suas enormes orelhas macias. Eu saio da sala.

*

“Enquanto houver frango à parmegiana no freezer”, diz uma senhora ao telefone enquanto passa por mim, “tudo ficará bem”.

*

Meu pai está dormindo. A enfermeira noturna usa um crucifixo no pescoço, brincos de crucifixo nas orelhas e um anel de diamante em forma de crucifixo.

“Você acha que ela está *passando* dos limites?” Eu digo a mim mesmo.

A máquina de trocadilhos segue em frente.

*

Nossa máquina de lavar louça barulhenta finalmente foi embora, então minha mãe e eu estamos lavando a louça à mão. Ela lava, eu seco.

“Por que você ainda cuida dele?” Eu pergunto. “Você não é casado há anos.”

Minha mãe olha para mim com o canto do olho e continua esfregando. Eu cutuco seu cotovelo. Ela abaixa a esponja.

“Quando alguém fica doente como seu pai”, diz ela, “é muita responsabilidade. A família dele nunca ajudou muito, como você sabe, e não acho justo que o fardo caia sobre você e Levi.

"Espere um minuto", eu digo, olhando ao redor da sala. “Levi esteve aqui o tempo todo? Devo precisar de um par de óculos mais forte.

“Tudo bem, é muito para *você* .”

"Eu aprecio isso", eu digo. "Mas eu estou bem, mãe, sério."

“As pessoas que sentem a necessidade de dizer 'estou bem' nunca estão bem, querida”, diz ela.

*

Meu pai não fala, não se move, não lê nem escreve, mas ouve. Eu li para ele metade de *Moby-Dick* , pulando algumas das seções mais longas sobre a anatomia da baleia porque quem tem tempo? Na verdade, nós fazemos. O tempo passa tão devagar neste hospital, é como se tivéssemos um dia de bônus todos os dias. Há uma frase em Shakespeare, não sei qual peça, em que um personagem é descrito como tendo “um rosto tão comprido quanto o domingo”. Aqui é assim. Todo dia é domingo.

*

Jacky vem me visitar. Como agora moro no hospital, não há outro lugar para entretê-la a não ser o corredor perto das máquinas de venda automática. Sentamo-nos em duas cadeiras de plástico e sorrimos um para o outro. As máquinas emitem um zumbido baixo ao nosso lado como se estivessem meditando.

“Aqui está, querida.” Ela me entrega um sanduíche de pita do meu lugar favorito de falafel na cidade. "Comer. Então, como está seu pai? Como *você* está?”

"Estou bem. Ele é...” Eu dou de ombros.

“Você sabia que meu pai morreu quando eu estava na faculdade?”

“Eu não. Desculpe."

Olho para a sacola sem abri-la.

"Aneurisma cerebral. Apenas caiu morto um dia. Só cinquenta anos, pobre filho da puta.

"Você sente falta dele?"

Jacky balançou a cabeça e sorriu. “Ele não estava por perto o suficiente para errar. Isso foi o que eu achei mais difícil. Eu não era próximo do meu pai, e então ele morreu. Fim da história. Pelo menos enquanto ele estava vivo, havia essa esperança de que um dia isso pudesse mudar. E então aquela esperança se foi, sabe? Isso é o que eu sofri, eu acho.

Eu concordo. Ouvimos um pouco mais o zumbido baixo das máquinas de

venda automática.

“Meu pai trocou minha mãe por uma lésbica”, digo.

Jacky acena com a cabeça sem julgamento.

"Coma", diz ela.

Eu desembrulho a folha de prata e dou uma mordida. Tem gosto de Frank. Este foi o nosso local favorito. Jacky me olha com sua perspicácia habitual.

"Eles se separaram, você sabe", diz ela. “Ela foi para a Itália com uma bolsa de pintura.”

Engasgo um pouco com a boca cheia de falafel.

“Não que isso seja do seu interesse, certo?”

Eu como em silêncio até que Jacky bate palmas exasperada. "Basta ligar para ele", diz ela. “Parem com essa saudade, vocês dois.”

“Ele não está ansiando por mim.”

"E como você saberia?"

“É tarde demais para tudo isso.”

“Pssh. Nada é tarde demais quando você é jovem.”

“Tenho trinta e sete anos. E meio."

“Querida, isso é *jovem* .”

Inexplicavelmente, meu rosto fica molhado. Jacky puxa um lenço da manga e me entrega. Ela esfrega minhas costas e faz um *shhh suave* ruídos. Fico maravilhado, mais uma vez, com a forma como Jacky está preparado para todas as situações, grandes e pequenas.

*

Stacy e eu estamos fazendo os exercícios de circulação de meu pai, dobrando cada uma de suas pernas na altura do joelho, girando seus tornozelos, flexionando seus braços, girando seus pulsos. Eu realizo cada tarefa com gosto gentil. A palavra mais temida que ouvi aqui é *escaras* .

“Você já viu muita gente morrer?” Eu pergunto.

"Mm-hm", diz ela.

“E isso te deixa triste?”

“Mm-hm.”

“O que você faz para não se sentir triste?” Eu pergunto.

“Eu me deixei sentir triste.”

*

O que você dá a um homem que tem tudo?

Antibióticos.

*

Outro jantar para dois, outra noite lavando pratos.

“Como é que você nunca se casou de novo?” Eu pergunto a minha mãe.

“Sabe, há um estudo que diz que as mulheres viúvas são o grupo demográfico mais feliz.”

“Você não é viúva. Ainda."

“Eu queria tentar algo novo.”
“Ser uma divorciada?”
“Acho que chamaria isso de ser minha própria pessoa.”
"OK. Então o estudo está certo? Você conseguiu ser feliz?”
“Bem, eu fui o assunto da sinagoga por alguns anos até que o filho do rabino saiu do armário. Isso foi alguma coisa.
"Foda-se essas pessoas", eu digo.
“Cuidado”, diz minha mãe. “Essas são as suas pessoas.”
“ *Você é* meu povo.”
Ela aperta minha mão.
“Pendure os panos de prato para secar, ou eles vão cheirar”, diz ela.

*

Passo a ler a poesia de meu pai. Li os livros que encontrei em sua velha estante — Rudyard Kipling, WH Auden, Wallace Stevens. E, como são todos homens brancos mortos, deslizo alguns para ele da minha estante - Anne Sexton, Terrance Hayes, Tracy K. Smith. Nunca é tarde demais para expandir seus horizontes, eu acho.

*

Meu pai está sendo lavado, então faço uma pausa na leitura para sentar no corredor. Uma mulher de cabelos brancos passa por mim arrastando os pés, arrastando seu soro ao lado dela. Ela me olha de cima a baixo.
“Estou tentando eliminar gases”, diz ela. "Você se importa?"

*

Ninguém está na sala de recreação do hospital, então pego o controle remoto atrás da TV e passo pelos canais. Ainda há muita vida acontecendo lá fora, pelo que vejo. Um jovem de 21 anos conseguiu um adiantamento de um milhão de dólares para um livro e gastou o dinheiro sem escrever o livro. As taxas de seguro de saúde atingiram um recorde histórico. A *pessoa* mais bonita do ano é um cachorro. O divórcio de um casal de Hollywood ficou feio. Há uma nova razão para não comer queijo.

*

Eu preciso ganhar dinheiro. Preciso escrever hoje. Preciso limpar o banheiro. Eu preciso comer alguma coisa. Eu preciso parar de açúcar. Eu preciso cortar meu cabelo. Preciso ligar para a Verizon. Preciso saborear o momento. Preciso encontrar o cartão da biblioteca. Preciso aprender a meditar. Eu preciso tentar mais. Preciso tirar essa mancha. Preciso encontrar um seguro de saúde melhor. Preciso descobrir meu cheiro característico. Preciso fortalecer e tonificar. Eu preciso estar presente no momento. Eu preciso aprender francês. Eu preciso ser mais fácil comigo mesmo. Preciso comprar unidades de armazenamento organizacional. Eu preciso ligar de volta. Preciso desenvolver um relacionamento com um Deus da minha compreensão. Preciso comprar um

creme para os olhos. Eu preciso viver de acordo com o meu potencial. Eu preciso me deitar.

*

“Certo”, diz minha mãe. “Você vai sair.”

Estou cochilando em uma das cadeiras do corredor do hospital, um pacote de Fritos aberto no meu peito. Ela dá um chute indelicado em minhas pernas.

“Não é bom para você ficar deprimida aqui dia e noite”, diz ela.

“Mãe, não estou *deprimida* ”, digo. “Meu pai está morrendo.”

“Sim, e ele ainda estará morrendo amanhã. Aqui...” Ela mastiga um maço de dinheiro na palma da minha mão. “Vá para a cidade. Encontrar um amigo. Ver um show da Broadway. Apenas esteja em qualquer lugar menos aqui, por favor.

“Mas mamãe—”

"Boa noite e boa sorte!"

Minha mãe dá meia-volta e vai embora.

“Eu nem gosto de shows da Broadway!” Eu grito atrás dela.

"Bom! Noite! E! Bom! Sorte!" ela grita por cima do ombro.

*

Pego o trem PATH para a cidade. Alguém vomitou no final do vagão. O vômito no trem é um evento geralmente confinado a feriados importantes como o Dia de São Patrício, ou pelo menos um fim de semana prolongado. Já sinto saudades da assepsia clínica do hospital, onde todas as rebeldias do corpo são contabilizadas e escondidas.

*

Desço do trem na Sexta Avenida e paro na esquina. No ano passado, a livraria fechou e a lanchonete virou uma casa de sucos. Há um casal viciado com um pit bull implorando por troco do lado de fora da loja de produtos naturais, mas até eles sentiram a necessidade de especificar que são veganos em sua placa de papelão. Eu não me importo. Não tenho saudade da velha Nova York, com suas prostitutas, viciados em heroína e ameaças constantes de roubo ou estupro. Fico feliz em sacrificar fast food e livros de capa dura pela segurança pessoal em geral, o que acho que me torna o mais chato possível.

*

Eu ando para o sul em direção às quadras de basquete perto de West Fourth. Percebo que não tenho para onde ir e ninguém para ver. Passo pelo bar subterrâneo de karaokê na Cornelia onde fui com uma gangue do escritório alguns meses atrás. Myke revelou ter um belo barítono e executou uma versão de “It's Not Unusual” de Tom Jones que fez Jacky e eu simplesmente nos matarmos de tanto rir. Eu meio que espero encontrá-los lá quando eu entrar, mas o bar está quieto. Que diabos, penso, e reservo um quarto particular para mim.

*

Bebendo uma margarita do que parece ser um aquário e cantando três músicas de Stevie Nicks seguidas. Apenas tente me dizer que não sei como me divertir.

*

Do lado de fora, uma mulher queima a luz de um homem e o olha de cima a baixo.

"Sua camisa está me dizendo que você mora no Brooklyn", diz ela.

*

Estou tentando decidir se é tarde o suficiente para satisfazer minha mãe ou se devo matar mais uma hora fazendo uma massagem nos pés em um dos lugares da Eighth Street. Gosto de qualquer forma de massagem que não exija nudez.

Estou olhando para cima para verificar em que rua estou quando um táxi passa. Dentro dela está Frank. Ele está de perfil, inclinando-se para a frente para dizer algo ao motorista. É apenas um flash. O táxi passa pelo sinal verde e ele se foi. Leva tudo em mim para não cair de quatro e perseguir o táxi pela cidade como um cachorro solto.

*

Sento-me no trem PATH e tento não pensar em Frank. Isto é impossível. Em vez disso, tento me concentrar em listar de cabeça todos os diferentes tipos de queijo que conheço. Queijo Camembert. Gouda. Suíço. Cheddar. Manchego... Será que ele realmente está com saudades de mim? Mas se fosse, por que não me contaria que Cleo havia se mudado? Talvez ele pense que eu não me importo? Como ele pode pensar que eu não me importo? Provolone. Feta. Stilton. Mozzarella… Nem me despedi dele no dia em que saí da agência. Mas ele sabia como entrar em contato comigo... Brie. Pecorino. Ricota. Americano. Ele não pensa em mim, ou teria me procurado. Essa coisa toda está na minha cabeça. Jaque de pimenta.

*

Não satisfeita com minha travessura pela cidade, minha mãe insiste que eu a acompanhe à aula de bonsai. O professor está vestido como um velho escoteiro, com as meias apertadas sobre os joelhos e o short apertado na altura do umbigo. Sua única ajuda de ensino é um pedaço de papel coberto com esboços de bonsai de várias formas, segurado trêmulo à sua frente. Ele tem a tendência de dizer "Isso é o que chamamos de…" sobre as coisas mais óbvias — *Isso é o que chamamos de folha* — mas termos como *ramificações* e *broto apical* , aparentemente, não precisam de explicação adicional.

*

"Então o que você acha?" pergunta minha mãe no caminho para casa. "Aposto que você nunca mais vai olhar para um bonsai da mesma maneira, hein?"

"Isso é o que chamamos de perda de tempo", digo, apontando para o carro, essa conversa, o estado de Nova Jersey, o mundo inteiro.

“E isso”, diz minha mãe, gesticulando para mim, “é o que chamamos de babaca.”

*

Meu irmão Levi vem do interior do estado.

“Cara, eu odeio hospitais”, diz ele, arrastando os calcanhares no chão de linóleo.

"Este não é tão ruim", eu digo. “As enfermeiras são legais e têm uma sala de TV.”

“Ellie”, diz ele, “é um lixo. Papai merece algo melhor do que isso.

Tenho vontade de socá-lo rapidamente no pescoço, mas me contenho. Era típico de Levi, esquivando-se habilmente de qualquer responsabilidade e aparecendo no último minuto para oferecer uma crítica cuidadosa.

“Esse é um ótimo feedback, Levi,” eu digo. “Você quer que escrevamos uma crítica do Yelp ou algo assim?”

Levi me dá um olhar indignado.

“Mamãe te contou que fui banido do Yelp?” ele diz. "Eu *especificamente* disse a ela para não fazer isso."

*

Estou lendo para meu pai um de seus volumes cheios de orelhas de poemas reunidos quando paro em uma página ligeiramente marcada a lápis. Ele sublinhou duas estrofes de um poema de Derek Walcott muito bem, quase timidamente, como se tentasse não bagunçar a página.

Dias que segurei,
dias que perdi,
dias que crescem, como filhas,
meus braços acolhedores.

Ao lado deles há uma marca de seleção desbotada. Um pequeno cheque contido. Meu coração.

*

Não consigo dormir, então fico acordado até tarde assistindo a um documentário sobre os americanos médios e sua batalha contra o vício em metanfetamina. O homem que está sendo entrevistado atualmente tem feridas vermelhas e secas em todo o rosto, que ele cutuca distraidamente, quase com ternura, enquanto fala.

“Eu nunca tive um aniversário de verdade”, diz ele. “Sem presentes ou nada. Meus pais não se importaram. Mas com metanfetamina posso fazer aniversário quando quiser. Posso fazer aniversário sete dias por semana.

*

Levi está tocando seu novo álbum solo *Table for One, Not by the Window* bem alto nos alto-falantes da sala de estar.

“Desligue essa raquete!” grita minha mãe.

Ele abaixa o volume, não totalmente, mas o suficiente para que a casa não

vibre mais.

“Meus tímpanos, meu Deus”, diz minha mãe, caindo no sofá de comer.

“Não é raquete”, diz Levi.

“É a definição de raquete”, diz minha mãe.

"Ouça", diz Levi. “Quando os primeiros programas de rádio chegaram à Índia durante o domínio britânico, as pessoas se reuniam de todas as partes, sentavam-se e ouviam programas de rádio ingleses. Foi a primeira vez que muitos deles ouviram música ocidental, basicamente. Depois que os programas terminavam, havia longos períodos de ruído branco, apenas estático. E todos os índios ficavam e ouviam isso também.”

"Seu ponto?" pergunta minha mãe.

“Eles nunca tinham ouvido isso antes, então para eles isso também era música.”

"Então?" diz minha mãe.

“Então, você não vê que tudo é apenas *perspectiva* , mãe? Nosso ruído branco era a música deles. Sua raquete é minha obra-prima.”

“Isso é um fato legal, Levi,” eu digo diplomaticamente. “Sobre os índios.”

“Você vai ter que viajar muito além da Índia para encontrar alguém que ache isso uma obra-prima”, diz minha mãe.

*

Ele morreu.

*

Do lado de fora do hospital, espero minha mãe e Levi chegarem. Ao meu lado, uma senhora idosa enrolada em um cobertor rosa, apesar do calor, suga o cigarro entre grandes tosses secas.

"Posso queimar um desses?" Eu pergunto.

“Troco você por um dólar”, diz ela.

"Eu não tenho um dólar", eu digo. “Meu pai acabou de morrer.”

Ela olha para mim por baixo de suas sobrancelhas finas.

“Nesse caso”, diz ela, “não”.

*

Minha mãe dirigiu até aqui para falar com o irmão de meu pai. Levi está lá em cima falando ao telefone com a namorada. Sento-me no jardim e observo os pássaros voando ao redor do comedouro. Hoje está quase pronto. O céu é damasco com nuvens douradas. Um coro de gafanhotos me cerca. A terra está viva. Eu estou vivo. Espero sentir o que devo sentir, mas nada acontece.

*

Eu pratico maneiras de contar as novidades às pessoas. Ele não está mais conosco. Ele partiu. Ele está a sete palmos de profundidade. Ele é falecido. Ele faleceu. Ele resmungou. Ele descansa em paz. Ele não é mais deste mundo. Ele foi ao encontro de seu criador. Ele comprou a fazenda. Ele está com o

grandalhão no céu. Ele está levantando margaridas. Ele expirou. Ele está morto como um prego. Ele chutou o balde. Ele não existe mais. Ele reencarnou, não sabemos como, mas esperamos qualquer coisa, menos um fã dos Jets.

*

"O rabino ligou", diz Levi. “Ele quer saber por que não estamos sentados uma semana de shiva.”

"O que é da conta dele?" Eu digo.

“Eu cuido disso”, diz minha mãe.

"O que você vai dizer?" pergunta Levi.

“Eu vou dizer, 'Quem tem energia para tanto tempo sentado?'”, diz ela.

“E se ele discordar?” Eu pergunto.

Minha mãe dá de ombros. "E daí?"

"É isso?" diz Levi. “Dez anos de escola hebraica, e chega a isso? E daí?"

“Deixa eu te contar uma coisa”, diz minha mãe. “Essas são duas das palavras mais poderosas da língua inglesa. Bem entre eles está uma vida livre e feliz.”

*

Meu pai foi enterrado. Estou na garagem procurando alpiste para minha mãe. Eu escalo pilhas de detritos da vida. Caixas de anuários escolares. Uma bicicleta estacionária enferrujada. Um vaso que Levi fez no ensino médio. Finalmente vejo um saco de alpiste na prateleira de cima.

Estou tentando pegá-lo quando tropeço em algum fio elétrico e escorrego os joelhos no chão de cimento. Estou de quatro. A dor dispara através de mim. Pego o taco de beisebol e o uso para me sustentar. Então eu começo a bater. Eu soco uma caixa de papelão cheia de decorações natalinas. Eu bato na bicicleta ergométrica. Eu bati uma bola de futebol murcha como uma pinhata. Eu bato na porta de metal da garagem até ela amassar. Ele envia reverberações pelas paredes que são tão fortes que o vaso de Levi balança e cai da prateleira. Ele se estilhaça no chão assim que Levi aparece na porta. Ele olha para o vaso, depois para o taco e depois para mim.

“Alpiste,” eu digo.

*

Encontro Levi agachado no chão do porão, colando seu vaso de volta.

“Deus, Levi,” eu digo. "Desculpe. Não sabia que você se importava com isso.

Ele olha para mim, um caco de vaso na mão. "Eu não." Ele dá de ombros. “Estou fazendo kintsugi.”

"O que?"

"Kintsugi", diz ele. “É a arte japonesa de consertar cerâmica quebrada.”

"De novo o que?"

“Eles usam uma laca especial de ouro, então o vaso consertado fica mais bonito do que antes de ser quebrado.”

“Mas você está apenas usando supercola,” eu digo.

"Sim", diz Levi. “Mas o princípio ainda permanece.”

Sento-me no chão em frente a ele. “Como você sabe tudo isso?”

"Que coisas?"

“Sobre a Índia e o Japão e tudo mais. Você nunca deixou a América.

“Estive no Canadá.”

"OK."

Levi olha para mim da peça que está colando distraidamente. “Passo o dia todo sentado atrás do balcão de comida quente”, diz ele. “E eu li.”

Eu concordo. “Você realmente acha que o vaso vai ficar mais bonito agora?”

"Ah, sim", diz ele. “Mais personalidade.”

"Bom", eu digo.

Levi continua colando com concentração silenciosa. Suas mãos grandes e nodosas são iguais às do meu pai.

“As pessoas também são assim, sabe”, ele diz finalmente. "Nós quebramos. Nós nos recompomos. As rachaduras são a melhor parte. Você não precisa escondê-los.”

“Você realmente acredita nisso?” Eu digo.

"Mm-hm", diz ele, sem olhar para cima. "Acredite. Veja isso em você.

“Isso é muito especial da sua parte depois da escola, Levi,” eu digo.

“O que posso dizer?”, diz ele. “Eu sou um filho da puta sentimental.”

*

Estou tentando escrever outro episódio de *Human Garbage* quando um e-mail aparece na minha tela. Quase caio da cadeira. Só de ver o nome dele parece que levei um soco na vagina.

Prezado E,

Jacky me disse que seu pai faleceu. Por favor, saiba o quanto fiquei triste em ouvir isso. Lembro-me de você falando sobre ele e ele parecia um bom homem. Eu sei que você vai sentir falta dele. Eu gostaria de estar lá para confortá-la porque... Bem, Jesus, Eleanor, sinto sua falta.

Por favor, deixe-me vê-lo novamente.

F.

*

É o dia da shiva e metade da sinagoga está chegando. Minha mãe e eu acordamos cedo para terminar de preparar os bagels, gefilte fish, cream cheese e uma variedade de outras comidas bege.

“Eles não vão achar estranho estarmos segurando aqui?” Eu pergunto. “Na casa da ex-mulher?”

“O que eu te disse sobre o que as outras pessoas pensam?” pergunta minha mãe.

“'E daí?'”, eu digo.

"Exatamente."

*

A namorada de Levi veio passar o dia. Parece que há algumas coisas que Levi esqueceu de nos contar sobre ela. Primeiro, que ela é uma mulher coreana muito pequena, o que eu acho que não é algo que necessariamente precise ser mencionado. Em segundo lugar, ela está grávida, o que provavelmente está no topo da lista.

"Mãe, Eleanor", diz Levi. “Esta é a Min.”

Chocado. Essa é a única palavra que consigo pensar para descrever o rosto de minha mãe.

“É um prazer conhecê-lo”, diz Min. “Você tem um lugar onde eu possa conectar meu babyliss?”

*

Aquele cara com quem eu saí, filho do corretor da amiga da minha mãe, está aqui na minha casa, junto com a amiga da minha mãe e o corretor. Nada disso é uma boa notícia.

“Que a memória dele seja capaz de cantar, você ainda está solteiro”, diz a amiga da minha mãe, sem mais nem menos, sem respirar, depois passa o batom na minha bochecha.

*

O filho do corretor vem e me encontra mais tarde, parecendo tão presunçoso como sempre.

"Sinto muito pelo seu pai", diz ele.

"Obrigado", eu digo.

"Ele era bem velho, certo?" ele diz.

“Na verdade não,” eu digo. "Final dos anos sessenta."

“Isso é antigo para alguns padrões”, diz ele.

“Certo,” eu digo.

"Então", diz ele. “Você ainda deseja poder cortar os pênis dos homens?”

"Nem todos os homens", eu digo. “Apenas os estupradores.”

"Meu erro", diz ele. “Isso é muito mais razoável.”

“Você realmente deveria aprender a ouvir,” eu digo.

“E você provavelmente deveria aprender a filtrar”, diz ele.

"Ok", eu digo. "Boa noite."

Ainda não é meio-dia.

*

O irmão mais novo de meu pai, Bernie, tropeça. Toda família tem um bêbado. Bernie é nosso. Quando criança, eu era encantado por ele. Ele cheirava a schnapps de pêssego e tirou moedas de trás das minhas orelhas. Agora me sinto menos generosamente inclinado.

“Elly Belly, como você está?” ele calunia.

“Meio órfão,” eu digo. “Mas aguentando. Como vai você?"

"Psssh", diz ele. "Órfão? Meus pais sobreviveram aos campos. *Eles* sabiam uma ou duas coisas sobre órfãos.

Minha mãe passa correndo, segurando uma bandeja de salame kosher assado, e me dá um olhar compreensivo. "Apenas continue oferecendo a ele seltzer", ela murmura.

"Lá vai ela", diz Bernie, acenando com a mão frouxamente em sua direção. “Ocupado, ocupado, bzzz bzzz.” Ele se inclina conspiratoriamente em minha direção. Posso sentir o cheiro quente e fermentado de cerveja em seu hálito.

“Posso te contar uma coisa?” ele diz. "Um segredo."

"Você deve?" Eu pergunto.

"Sou estranho." Ele dá de ombros. “Você provavelmente notou que eu sou um pouco estranho.”

Eu dou um vago tipo de aceno de cabeça.

“Bem, *eu* sempre soube que era esquisito”, diz ele. “E agora eu sei por quê. Os médicos me disseram.

"Eles fizeram, não é?" Olho ao redor da sala para ver se consigo arrastar minha mãe de volta, mas ela desapareceu na cozinha. Bernie me puxa para mais perto.

“Eu tenho um cromossomo feminino extra”, diz ele. "Acabou de descobrir. Meu! Seis quatro! Forte como um boi. Mas explica muita coisa, explica.”

“Certo,” eu digo. "Uau."

"Mmm", diz ele. “Estranho, hein?”

Eu consigo um aceno de cabeça.

“Tenho um compromisso no dia 10 para saber mais”, diz ele.

"Então amanhã."

“No décimo.”

“Sim, o décimo é amanhã.”

“Amanhã, você diz? Então saberei mais muito em breve”, diz ele com satisfação.

"Bem, boa sorte com o médico." Estou tentando me afastar.

“Isso explica muita coisa”, diz ele novamente. "Para ter certeza."

Com um movimento rápido de cobra, ele empurra a cabeça na minha direção e empurra sua boca quente contra minha orelha. "Eu tenho um pequeno conjunto de seios", ele sussurra.

“Seltzer?” Eu pergunto. "Você quer um seltzer?"

"Não, não precisa", diz ele, dando um tapinha no meu ombro. “Mas você é uma boa menina. Você entende tudo. Boa menina.

*

O filho do corretor está conversando na sala com alguns velhos da sinagoga.

“Abaixe-se para conquistar”, ele está dizendo. “É isso que estamos fazendo com a orla de Randall's Island. Comprar com prejuízo para, eventualmente, triplicar o lucro. É verdade sobre propriedade e” — ele me dá um olhar indiscreto — “mulheres. Às vezes você tem que cair para sair por cima.”

“E ainda,” eu digo enquanto passo, “você não parece que você já caiu em uma mulher em sua vida.”

*

O rabino está vindo em minha direção com seu sorriso benigno, orelhas enormes e ar educado e respeitoso. Eu gostaria de cair de quatro e rastejar sob a toalha de mesa de papel.

“Que Deus os conforte entre os outros enlutados de Sião e Jerusalém”, diz ele.

“Obrigado, rabino,” eu digo.

Ele pega minha mão na dele. Sua pele macia como papel me lembra as pitadas de flocos de comida seca que eu costumava alimentar nosso peixinho dourado. “Sentimos sua falta na sinagoga.”

"Eu sei, me desculpe", eu digo. “É que... eu não sou realmente um crente.”

“No que você não acredita?” ele pergunta.

"Você sabe", eu digo, evitando seus olhos. "Deus. Oração. Esse tipo de coisa.”

“Você não reza?” o rabino pergunta suavemente.

"Hum, não", eu digo.

"Isso é uma pena", diz ele. “Pode ser um grande conforto.”

“Eu não tenho nada para orar.”

“Você não precisa orar a Deus”, diz ele. “Às vezes ajuda apenas falar com o ar da sala.”

*

Mimi, uma das amigas da minha mãe do bridge, se aproxima e me dá um beijo empoeirado na bochecha. Ela cheira a Chanel No. 5 e Werther's Originals e álcool isopropílico.

"Desculpe pelo seu pop-pop", diz ela. “Você está se cuidando?”

"Eu sou", eu digo.

"Milímetros." Ela inspeciona meu rosto. “Olhe para essas olheiras. Você está dormindo?"

“Chega,” eu digo.

“Você está se masturbando?”

"O que?"

“Se masturbando,” ela diz novamente. “É o melhor sedativo, você sabe. Se você não está dormindo, precisa se masturbar mais.”

"Por favor, pare de dizer masturbe-se", eu digo.

"Filme, melatonina e masturbação", diz ela, batendo as palavras na minha mão com o dedo. “Melhor noite de sono que você já teve.”

*

Pego Levi escondido na cozinha com um prato de salada de batata.

“A amiga da mamãe, Mimi, acabou de me instruir a me masturbar mais”, digo.

“O primo do papai, Ezra, me disse que pegou clamídia duas vezes no ano passado”, diz Levi. “Ele tem oitenta e dois.”

"Você ganhou", eu digo.

“Aparentemente está em todas as instalações de vida assistida. Viúvos e viúvas brincalhões, você sabe. Ele ficava me perguntando se eu estava usando proteção.”

"Bem, claramente não", eu digo.

“Desculpe, eu ia contar sobre Min e o bebê”, diz ele. “Mas então papai morreu.”

"Isso mesmo", eu digo, batendo na minha testa. “Pai morto! Eu esqueci!"

Levi revira os olhos cansado para mim. “Mamãe também me deu uma bronca sobre isso. Então ela chorou e tentou me dar dinheiro.”

“Eu já disse parabéns e toda essa porcaria?”

"Não."

Puxo Levi para um abraço. “Parabéns,” eu digo. “E toda essa porcaria.”

*

O rabino está saindo quando eu toco seu cotovelo suavemente.

"O que eu diria?" Eu pergunto. “Se eu quisesse, sabe, rezar?”

Dois dos amigos da sinagoga de minha mãe me olham com ciúmes do outro lado da sala. Eu morreria se alguém ouvisse essa conversa.

“Bem, existem livros. Mas você também pode apenas dizer o que está em seu coração. Diga o que parece certo para você.

"Mas... por onde eu começaria?"

“Oh, você pode começar muito simples”, diz ele. “Duas das minhas orações favoritas são 'Ajude-me' e 'Obrigado'.”

"Essas são orações?"

“Essas são orações excelentes.”

Ele sorri e começa a recuar, então se vira para mim mais uma vez. “Você quer saber uma das minhas orações favoritas?”

"O que?"

"Uau", diz ele.

*

Minha mãe e eu estamos no pátio, aproveitando a última hora quente do dia, quando Levi sai.

“Onde está Min?” Eu pergunto.

"Cochilando", diz ele. “Acho que ela ficou impressionada com toda a conversa sobre o Holocausto. Ela está voltando para o sono.

“Mulher esperta”, diz minha mãe.

Levi puxa uma cadeira para perto de nós e tira um baseado de trás da orelha. Ele o acende, dá uma longa tragada e o estende para nós.

“Levi Jeremiah Rosenthal”, diz minha mãe. "O que diabos você pensa que está fazendo?"

"Ma", diz ele enquanto exala a fumaça. "Vamos. Papai está morto. Eu estou tendo um bebê. Tome uma porra de um golpe.

“Nunca é tarde para uma primeira vez,” eu digo e pego o baseado.

Minha mãe balança a cabeça e emite o que só pode ser descrito como uma gargalhada. "Primeira vez! Quem você pensa que está enganando? Quando seu pai e eu estávamos no colégio costumávamos fumar maconha e fazer para os discos de Bob Marley. E não acabou por aí! Quando eu estava fazendo meu treinamento de professores e ele estava na residência, adorávamos fumar um pouco de grama à noite. Como você acha que vocês dois foram concebidos?

"Bruto!" Eu grito.

“Mãe!” diz Levi.

Minha mãe pega o baseado de mim, inala profundamente e sopra um anel de fumaça perfeito. Eu pego o olhar de Levi e levanto minhas sobrancelhas. Passamos por ele mais uma vez e vemos o sol se pôr atrás das cercas vivas do vizinho.

“Uau, meu bebê está tendo um bebê”, diz minha mãe baixinho.

“Minha mãe costumava *ser* um bebê”, diz Levi.

Nenhum de nós sabe por que estamos rindo.

*

Naquela noite, vou ao meu computador e abro meu e-mail. Se Levi pode ter um filho e Bernie pode ter um cromossomo extra e Mimi pode se masturbar até ficar inconsciente, eu devo ser capaz de fazer isso. Peço ajuda ao ar da sala, abro o e-mail de Frank e digito uma palavra.

Vir.

*

Levi e Min estão voltando para o interior do estado. O balcão de comida quente, aparentemente, não espera por ninguém. Minha mãe insiste em amarrar um travesseiro em volta da barriga de Min para o passeio de carro, como se isso pudesse proteger o bebê de tudo que a vida vai jogar nele. Ficamos na entrada da garagem abraçados enquanto eles se afastam. Acho que é assim que a vida deve ser; partindo em uma longa viagem de carro com todas as suas preocupações e esperanças amarradas ao seu redor, as pessoas que mais o amam acenando freneticamente enquanto você parte.

*

Estou pesquisando como fazer um queijo grelhado, imaginando que diabos estive tão ocupado fazendo toda a minha vida que nunca aprendi isso, quando a campainha toca. Frank está parado na porta. Ah, aqui está o homem que eu amor, eu acho . O pensamento vem tão rápido, tão assumidamente, que quase o digo em voz alta. Em vez disso, digo, com um nível insano de alegria: “Nova Jersey lhe dá as boas-vindas!”

*

Frank e eu puxamos duas cadeiras e sentamos olhando para o jardim. A mobília do pátio é velha e parcialmente coberta de cocô de pássaros. Eu considero ficar envergonhado por isso, então decido que não vale a pena o esforço.

“Você cresceu aqui?” Frank pergunta.

Eu concordo.

"Você tem sorte", diz ele.

Um flash esmeralda dispara em direção ao alimentador de pássaros à nossa frente.

“Você sabia que o néctar do beija-flor é apenas açúcar fervido em água?” Eu

digo.

Frank começa a rir.

"O que?" Eu pergunto.

“Por que tornamos a vida tão complicada?” ele diz.

*

Estamos no jardim há cerca de uma hora, conversando de maneira geral e não reveladora sobre o que está acontecendo no escritório, e depois caindo em silêncios significativos cheios de sorrisos tímidos, quando minha mãe chega em casa. Nós dois pulamos como se fôssemos adolescentes que foram pegos fazendo sexo oral um no outro e nos viramos para as portas de tela.

"Querida, você pode me ajudar com isso!" ela grita.

“Mãe, tenho uma visita!” Eu grito de volta.

“Um o quê?” ela grita.

"Um visitante!" Eu grito.

Abro as portas e levo Frank de volta para dentro.

"Este é Frank", eu digo.

Minha mãe se vira do berço de madeira que está arrastando pelo chão da sala.

"Frank quem?" ela diz.

“Frank do trabalho,” eu digo.

"Oh!"

Ela move os olhos para cima e para baixo tão rapidamente que seria imperceptível para qualquer um, exceto para mim.

“É um prazer conhecê-lo”, diz Frank. "Posso ajudá-lo com-"

"Não!" Minha mãe levanta a palma da mão. “Você é nosso convidado. Vou pegar o chá.

Isto não é um bom sinal. Quanto mais solícita minha mãe é com uma pessoa, menos ela gosta dela. Entre nas boas graças dela, e você estará limpando a sarjeta. Caia fora deles e ela insistirá em fazer um chá de ervas para você. É um fato contra-intuitivo, mas inegável. Nós a seguimos até a cozinha enquanto ela põe a chaleira no fogo.

“Que berço lindo”, diz Frank.

“Para meu novo neto”, diz minha mãe. “Então ele ou ela terá um lugar para dormir aqui quando nascer.”

Frank olha para o meu estômago com alarme.

"Meu irmão", eu digo.

"Ufa", diz Frank. "Quero dizer, parabéns."

"Você tem filhos?" pergunta minha mãe.

“Não que eu saiba”, diz Frank.

Minha mãe funga e puxa a caneca melro da prateleira. Ela só dá o melro para quem ela não gosta.

"Frank tem que ir agora", eu digo. "Está tarde."

"Eu faço?" diz Frank.

"Uh-huh", eu digo, conduzindo-o para fora da cozinha e em direção à porta da frente enquanto ele se despede de minha mãe.

“Posso ir te ver de novo?” ele diz. "Amanhã?"

"Amanhã."
Volto para a cozinha e pego a caneca de melro e jogo no lixo.
“Que diabos…”, diz minha mãe.
"Precisamos conversar", eu digo.

*

Eu pego o sofá de comer. Ela pega a do visitante.
“Ele ainda é casado?”
"Não. Bem, tecnicamente, sim. Eu penso. Ela se mudou para a Itália.
"E agora ele quer ficar com você?"
"Eu penso que sim."
"E você quer ficar com ele?"
"Eu penso que sim."
"E você está apaixonado?"
“Mãe, nós nunca nem nos beijamos.”
"E isso tem alguma coisa a ver com isso?"
"Certo, tudo bem. Acho que sim. Mas não conte a ninguém. Nem repita para si mesmo.”
"Por que?"
“Porque é humilhante.”
“Querida, o amor *é* humilhante. Ninguém nunca te disse isso?”
“Quem teria me dito isso?”
“Você sabia que a palavra *humilhar* vem da raiz latina *húmus* , que significa 'terra'? *É assim* que o amor deve ser sentido.”
“Gosta de homus?”
“Como a terra. Isso fundamenta você. Toda essa bobagem sobre o amor ser uma droga, fazer você se sentir alto, isso não é real. Deve segurá-lo como a terra.
“Uau, mãe.”
"O que? Eu tenho um coração, não tenho?”
“Você também tem uma caneca de melro.”

*

No dia seguinte, faço algo que quase nunca faço, que é cortar o cabelo. Honestamente, um tratamento de canal seria preferível. Pelo menos não há espelhos no dentista. Eu aguento uma hora e meia ensaboando, penteando, cortando e conversando, enquanto evito contato visual com o cabeleireiro ou comigo mesmo.
"Então", diz o estilista. “O que achamos da franja?”
"Eu não sei", eu digo. “O que pensamos?”
"Você tem um rosto ótimo para franja", diz ele.
"Claro", eu digo. "Vamos endoidecer."

*

Louco, é isso que eu sou. Louco. Ninguém fica bem com franja. A franja é apenas uma barba na testa, um chapéu de cabelo que você nunca consegue tirar.

Assim que entro no carro, verifico o espelho retrovisor para ver se está tão ruim quanto pensei. Mesmo nesse pequeno fragmento de reflexão, os resultados são claros: sou um ovo cozido de peruca.

*

Frank aparece naquela noite logo após o trabalho.

“Por que você está usando um boné de beisebol?” ele pergunta quando eu atendo a porta.

*

Felizmente, tenho menos tempo para me preocupar com o que Frank está pensando do meu cabelo, porque agora estou preocupada com o fato de minha mãe ter insistido em fazer o jantar para nós. O jantar é frito no wok, que é a única coisa que minha mãe sabe fazer, exceto bolo de carne.

“Parece ótimo”, diz Frank quando vê o que está acontecendo na cozinha. “Wok'n'roll.”

“Você *é* um anunciante”, diz minha mãe, depois manda que ele encontre os talheres e ponha a mesa.

*

"Você está bonita esta noite", diz Frank enquanto estamos limpando os pratos. “Você mudou seu cabelo?”

“Pareço um ovo cozido de peruca”, digo.

"Ei", diz ele, agarrando meus ombros. “Quero que tentemos algo.”

Estamos olhando diretamente um para o outro, suas mãos apertadas em mim. Este é o mais longo que já nos tocamos. Meu coração é uma britadeira.

"Ok", eu digo.

“Vou dizer 'Você está bonita'”, diz ele. “E então você vai dizer 'obrigado'.”

"Mas-" eu digo.

“Sem piadas sobre ovos cozidos”, diz ele. “Sem piadas de qualquer tipo. Apenas 'obrigado'. Você pode tentar isso para mim?

Eu aceno silenciosamente.

"Eleanor", diz ele. “Você fica muito bonita com seu cabelo assim.”

Quero deslizar pelo ralo, ligar o triturador de lixo e me triturar até a inexistência.

"Obrigado", eu engasgo.

Ele ri.

"De nada", diz ele. “Vamos tentar de novo amanhã.”

*

Esqueci de contar a Frank o que o rabino disse sobre “obrigado” ser uma oração. Uma oração pode ser uma esperança, um pedido de ajuda e um ato de fé. Quando digo isso a Frank, “obrigado” definitivamente parece uma oração.

*

Alguns dias depois, estamos de volta ao jardim. A mangueira está espalhada entre nós, regando preguiçosamente o arbusto de rododendros de minha mãe. As abelhas tecem alegremente de flor em flor. É a última semana do verão.

"Tem sido diferente sem você", diz Frank. “No escritório, quero dizer. Ninguém para me dar merda sobre meus trocadilhos ruins. Minha confiança está disparando.”

"Soz sobre isso", eu digo.

"O que é isso?"

“Soz.” Eu dou de ombros. “É como os adolescentes britânicos pedem desculpas.”

“Quão triste você pode sentir se não consegue nem saltar para a segunda sílaba?”

“Desde quando comprimento de palavra é sinônimo de sinceridade? 'Eu odeio isso' soa muito mais sincero para mim do que, digamos, 'eu anatematizo isso'”.

Frank ri. “Como 'há verdade nisso' versus 'há verossimilhança'?”

"Exatamente. Ou 'eu te amo' versus…”

Eu paro. Então eu disse isso. Acidentalmente e para ilustrar um ponto linguístico, claro, mas eu disse isso.

“... não consigo pensar em uma maneira mais longa de dizer isso,” eu digo.

"Adore", diz Frank suavemente. "Estimar."

“O amor é melhor,” eu digo.

"É", diz ele. “E eu também. Te amo, quero dizer.

*

Eu estou em seus braços.

“Soz sobre como eu agi depois que pegamos o Kapow! conta. Eu era um idiota. E com medo.

“Então, eu desapareci em você. Soz eu não disse adeus.”

“Então, eu deixei você ir. Eu deveria ter lidado com isso de maneira diferente.

“Então, eu não te dei a chance.”

“Então esperei o verão inteiro para te contar que Cleo foi embora.”

“Soz Cleo foi embora.”

“Soz, seu pai morreu.”

“Então você nunca o conheceu.”

“Então, eu fiz uma bagunça com tudo isso.”

“Mas não para isso? Você não é soz agora, não é?

"Não. No momento, nunca estive menos soz por nada na minha vida.

E depois ele me beijou.

*

Frank me conta como sua mãe costumava buscá-lo bêbado na escola. Ele me conta como a mãe de Cleo morreu. Ele me conta sobre encontrá-la sangrando no chão da sala. Ele me conta o que aconteceu com o planador do açúcar. Não é bonito. Ele me conta que há algumas semanas parou de beber e começou a frequentar as reuniões. Ele me disse que sempre pensou que iria odiar AA por causa de sua mãe, mas na verdade ele sente que está começando a se entender

pela primeira vez, talvez em toda a sua vida.

“Você poderia…”, diz ele. "Você poderia ficar com um homem que fez tudo isso?"

Eu coloquei minha mão na dele.

“Você já ouviu falar de algo chamado kintsugi?”

*

Surpreendentemente, meu agente me respondeu por e-mail sobre meu programa de TV animado *Human Garbage* .

Você é estranho, biscoito. Mas me dê mais três episódios e acho que posso vendê-lo.

*

Hoje eu vou escrever.

"Vamos ver sobre isso", eu digo, e vou preparar um banho.

“É melhor acreditar,” eu digo, e ligo o chuveiro.

“Nunca vai acontecer,” eu digo, e volto para a cama.

"Apenas me tente", eu digo, e marcho até a mesa.

*

Frank e eu vamos ao cinema juntos e nos beijamos por duas horas seguidas. Visitamos as galerias em Chelsea. Vamos jogar boliche no Brooklyn. Comemos ovo e queijo num pãozinho no Washington Square Park. Trocamos livros. Voltamos a enviar e-mails engraçados um para o outro. Vamos a um clube de jazz, percebemos que nenhum de nós gosta de jazz e saímos para comprar sorvete. Fazemos caminhadas. Comemos fatias de pizza.

Mesmo que esteja ficando frio, pegamos a balsa para Rockaway para assistir ao pôr do sol. A essa distância, toda a cidade é um grande reflexo do céu. Arranha-céus cor-de-rosa como templos de sal do Himalaia. Parece uma cidade mítica para os deuses, o que de certa forma é.

“Na verdade, a balsa é apenas o ônibus público com uma vista melhor”, digo.

“É isso que eu amo em você”, diz Frank. “Cínico mesmo diante do pôr do sol.”

*

Vou para o Rose Reading Room na Biblioteca Pública de Nova York para trabalhar. Além das cadeiras barulhentas, é o paraíso dos escritores. Na verdade, os céus estão literalmente pintados no teto acima. Céus azuis empoeirados e nuvens ensaboadas. Sento-me em uma das longas mesas de mogno pontilhadas com lâmpadas de leitura esmeralda e sorrio para meus colegas de trabalho. Quem sabe quantos shows de sucesso e romances best-sellers foram escritos dentro dessas paredes forradas de livros? Estou entrando no meu fluxo quando um homem se senta na minha frente, abre uma enciclopédia em seu colo e começa a se masturbar furiosamente embaixo dela.

*

Frank me deixa usar uma sala de conferências disponível na agência para escrever. Pelo menos assim, diz ele, a única pessoa com quem tenho que me preocupar em me masturbar na minha frente é ele.

*

A melhor parte desse novo acordo é que Jacky e eu podemos almoçar de novo.

"Então, você está transando com o chefe", diz ela quando nos sentamos no restaurante. “ *Prato* .”

"Nós não estamos transando", eu digo. “Estamos namorando.”

"Que colegial da sua parte", diz ela. “Vamos ser maus e dividir algumas batatas fritas.”

Eu respiro fundo. “Na verdade, na escola eu namorei um homem de quarenta anos,” eu digo. “Ele costumava me obrigar a fazer coisas como lavar sua roupa e engolir seu esperma.” Eu expiro. “Não foi ótimo.”

Jacky se inclina para mim sobre nossos enormes menus pegajosos de lanchonete. "Oh querida", diz ela. “Em umas férias de primavera no ensino médio, fiquei bêbado e um grupo de alunos do último ano trancou a mim e a outro garoto no armário de um hotel e me disseram que me dariam cem dólares se pudessem me ver fazer um boquete nele.”

"Isso é horrível", eu digo. "Você fez isso?"

Ela dá de ombros tristemente. “Gostei de um dos meninos que estava do lado de fora da porta e pensei... não sei o que pensei. Eu tinha dezesseis anos e cento e dez libras e tinha acabado de descobrir o chá gelado de Long Island.

Ela pega minha mão sobre a mesa e aperta.

“Sinto muito pelo que aconteceu com você, Jacky,” eu digo.

“Sinto muito por você também.” Ela balança a cabeça. “Foda-se aquele velho.”

“Bem, ele morreu em um acidente com o cortador de grama,” eu digo. “Portanto, há um final feliz, pelo menos.”

“Deus nem sempre é justo”, diz ela. “Mas ele tem senso de humor.”

Nosso garçom chega e pedimos nossas saladas e batatas fritas.

“E um shake de chocolate para mergulhar.” Jacky pisca para mim. “Acho que precisamos disso.”

Nós dois nos recostamos em nossas cadeiras e olhamos um para o outro, sorrindo.

"Você recebeu os cem dólares pelo menos?" Eu pergunto.

“Ah, sim, querida.” Ela ri. “Levei minhas amigas para jantar em Benihana. Esses vulcões de camarão valeram a pena!”

*

As folhas viraram, estou vestindo uma jaqueta, tempero de abóbora está por toda parte e alguém realmente me convidou para colher maçãs. É definitivamente, oficialmente outono.

*

Estou esperando na fila do café na Cooper Square e ouvindo os alunos da escola de arte na minha frente falarem.

“O que aconteceu com aquele cara, o artista performático islandês?” o primeiro amigo pergunta.

“Nós terminamos.”

"Por quê?"

“Ele dormia com uma camisola vitoriana, teve um bebê chamado Jean-Pepe com suas vizinhas lésbicas e gritou 'Olhe nos meus olhos!' toda vez que ele vinha.”

"Então... Como assim?" pergunta o primeiro amigo.

*

Frank está sóbrio há noventa dias. Ainda não dormimos juntos. Ele quer esperar, e eu não me importo. Acho que já esperei tempo suficiente por ele. O que são mais alguns meses? Comemoramos da melhor maneira que sei com alguém celibatário e abstinente. Fogos de artifício ilegais.

*

Não acredito, mas meu agente gostou dos novos episódios. Ela está apresentando-os a um estúdio de animação no Japão. *Japão!*

*

Acontece que meu pai me deixou algum dinheiro. Não é muito, mas é o suficiente para eu sair de Nova Jersey e conseguir uma casa própria em a cidade. Agora tudo o que tenho a fazer é encontrar um apartamento e uma maneira de dizer à minha mãe que estou me mudando. Eu me pergunto se eu poderia dar a notícia a ela incluída na taxa do corretor?

*

Frank e eu passamos um domingo olhando as casas abertas no centro da cidade.

“Todos parecem apartamentos em que pessoas foram assassinadas”, ele sussurra para mim.

“Eu acho que os apartamentos de 'morte natural' estão fora da minha faixa de preço,” eu digo.

“Alguns meses em um desses lixões e você não terá que se preocupar com isso”, diz ele. “Porque você terá se enforcado no teto.”

"Não seja ridículo", eu digo. “Nenhum desses lugares tem tetos altos o suficiente para isso.”

“Acho que poderia encontrar um lugar com tetos mais altos do que este”, diz ele.

"Nós?" Eu digo.

"Você e eu", diz ele. “Um novo começo em algum lugar novo. Pense nisso."

*

Eu penso sobre isso. Eu penso nisso por uma semana direto. Encontro minha mãe no jardim plantando suas plantas perenes de outono. Ela olha para mim e esfrega terra na testa com as costas da luva de jardinagem.

“Você sabe como Nietzsche definia uma piada?” ela diz. “Como um epigrama sobre a morte de um sentimento.”

“Mãe,” eu digo. “Quero falar com você sobre uma coisa.”

“Isso não é brilhante? Nietzsche balança meu mundo.”

“É sobre a minha situação de vida.”

“Eu lhe dei *Assim Falou Zaratustra* quando você tinha quinze anos e estava tendo sua primeira crise existencial”, diz ela. "Você ainda o tem?"

“Frank me perguntou uma coisa outro dia.”

“Nietzsche tinha alma de poeta”, diz ela. "Como você."

Pego uma espátula e começo a cavar. Eu nunca vou embora.

*

Um grupo de corujas é chamado de parlamento. Um grupo de emus é chamado de mob. Um grupo de cotovias é chamado de exaltação. Um grupo de pombas é chamado de piedade. Um grupo de corvos é chamado de crueldade. Um grupo de flamingos é chamado de extravagância. Um grupo de pavões é chamado de ostentação. Um grupo de papagaios é chamado de pandemônio. Um grupo de estorninhos é chamado de descida. Um grupo de rolas é chamado de pena. Um grupo de tentilhões é chamado de amuleto. Todas essas palavras também podem descrever um grupo de mulheres judias.

*

Vou buscar Frank em sua reunião noturna do AA na Perry Street. Lá fora, as pessoas fumam e riem. Eles parecem bem normais para mim. Alguns ternos, alguns tipos de artistas mais antigos do Village. Uma pessoa parece estar em trajes cirúrgicos.

Vamos ao restaurante italiano da Tenth Street, onde o péssimo atendimento é inversamente proporcional à excelente comida. Frank enfia o guardanapo na camisa antes de começar a refeição, como costuma fazer, e tira um pedaço de pão do prato que está à nossa frente.

“O melhor pão da cidade”, diz ele, girando-o no azeite.

"Como foi a reunião?" Eu pergunto.

"Incrível. Tão comovente. O orador tinha vinte e cinco anos e era muito apto espiritualmente. E *grato* , sabe? Sua prática de oração e meditação estava fora de questão.”

Eu levanto uma sobrancelha. Frank esfrega a testa e ri. "Eu pareço louco", diz ele.

"Você parece feliz", eu digo.

"Eu sou", diz ele. “Ainda parece estranho dizer isso.”

"Bem, acostume-se com isso, baby", eu digo. “Você não vai, graças aos céus, ser o tio Bernie da sua família.”

“Quem é minha família?”

"Meu tio Bernie tem um problema com a bebida", eu digo. “E, aparentemente, um cromossomo feminino extra.”

"Certo", diz Frank. "Você quer compartilhar uma entrada?"

“A salada de tomate parece boa,” eu digo.

“Que tal os aspargos?”

"Você precisa ir ver Cleo", eu digo.

Frank engole o pedaço de pão com dificuldade. "Eu preciso do quê?"

"Você precisa ir ver Cleo", eu digo novamente. "Sua esposa."

“Eu sei quem ela é.”

"Em primeiro lugar. Você ainda é casado, o que torna o que estamos fazendo agora tecnicamente um caso extraconjugal.

“Não fazia ideia de que você era tão puritano.”

“E em segundo lugar. Você precisa ter certeza de que ela está sendo cuidada por lá.

"Cleo pode cuidar de si mesma", diz ele.

“Se ela pudesse fazer isso,” eu digo baixinho, “o que aconteceu não teria acontecido.”

Ele olha para mim e vejo como essa experiência trouxe uma tristeza aos seus olhos que nunca havia antes. "Prossiga."

“Ela ainda é muito jovem e não tem muita família, o que significa que você e eu somos a família dela. Temos a responsabilidade de garantir que ela esteja configurada.

“Você quer dizer financeiramente? Posso mandar dinheiro para ela.

“Algumas coisas exigem um pouco mais do que dinheiro.”

“Eu nunca soube que você estava tão preocupado com o bem-estar dela. Isso é alguma coisa *do First Wives Club* ?

Eu tento não olhar para ele como se ele fosse o homem mais estúpido do planeta.

"Não, Frank", eu digo muito lentamente. “É irmandade.”

Frank pega minha mão gentilmente na sua por cima da mesa.

"Eleanor", diz ele. "Você é uma boa mulher."

“Estamos pegando a salada de tomate,” eu digo.

*

Minha mãe e eu passamos uma noite assistindo a uma temporada antiga de *Sing Your Heart Out* . Nós nos tornamos, eu acho, talvez excessivamente investidos no sucesso do jovem Harold, que colocou suas aspirações de canto em espera para cuidar de sua mãe diabética e doente. Toda vez que ele se apresenta, eles reproduzem a mesma filmagem dos dois juntos em sua pequena e caótica casa em Nova Orleans.

“Ele é meu único orgulho”, diz a mãe em seu grande vestido floral. “Meu coração bate por ele.”

Minha mãe se vira para mim e coloca a mão na minha.

"Frank me ligou", diz ela. "Ir."

*

Frank veio ajudar minha mãe a preparar uma refeição de despedida. Incrivelmente, não parece envolver um wok. Passei o dia inteiro fazendo as malas e preciso de um pouco de ar, então visto um casaco e saio para o jardim. É muito quieto, escuro e quieto. Minha respiração forma pequenas nuvens cinzentas na minha frente. Acima da minha cabeça, as estrelas mal são visíveis. Eu posso sentir o cheiro da terra. Posso ouvir Frank e minha mãe rindo na cozinha. Em algum lugar, um cachorro late. Eu posso sentir a noite pressionando contra minha pele. Está frio, mas estou quente. Minha respiração encontra o ar.

*

Uau.

CAPÍTULO DEZESSETE

Janeiro

Roma estava no meio de seu inverno mais ameno em cinquenta anos quando Frank chegou. Uma brisa com uma cadência tropical lambeu-o pela janela do táxi enquanto ele se dirigia para o Instituto de Belas Artes, onde Cleo morava. O prédio que encontrou era pintado de um fúcsia desbotado, com altas palmeiras plantadas em torno de seus portões. Um palácio rosa. Parecia antigo e mudo, precioso e ligeiramente esquecido. Ele não poderia imaginar um lugar melhor para ela estar.

Fora de vista por trás do caixilho da janela, Cleo observou-o subir o caminho de pedra até a entrada com seu familiar andar saltitante. Fazia tempo que ela estava esperando que ele chegasse, o coração batendo como um pássaro preso dentro do peito. Ela observou de cima Frank chegar à porta e procurar na lista de nomes, apertando o botão ao lado dela. Ele deu um passo para trás para olhar para a janela vazia de onde ela acabara de correr.

Passos, o som de dedos arranhando a madeira, xingamentos sussurrados, uma fechadura raspando, e lá estava Cleo. Seu coração inchou como uma onda voltando para sua costa.

Ela havia cortado o cabelo comprido em um coque, um capuz dourado emoldurando seu rosto. Seu lindo rosto em forma de coração, ele queria tomá-lo em suas mãos e segurá-lo contra a luz como um globo de neve. Ela estava vestindo jeans desbotados pelo sol e um cardigã de caramelo que ele reconheceu. Seus tornozelos finos apareciam acima dos sapatos de lona salpicados de tinta. Que garota adorável ela era. Como uma borboleta branca em um raio de sol.

"Seu cabelo", disse ele.

"Curto", disse ela e passou os dedos por ele.

"Bom." Ele assentiu.

"Não tão curto?" ela perguntou.

"É lindo", disse ele. “Como a touca de uma freira.”

“Você quer dizer véu. A touca é o que eles usam no pescoço.

"Ver! É por isso que preciso de você na minha vida. Quem sabe há quanto tempo venho cometendo esse erro. E se eu tivesse falado com uma freira *de verdade* ?

Cleo saiu pela porta e segurou seus ombros para vê-lo entrar. Algo em seu rosto estava diferente. Seus olhos pareciam mais claros; ela podia ver agora que eles não eram marrons, como ela sempre pensara, mas de uma avelã dourada. Era como se as luzes tivessem acendido dentro dele. Ela colocou os braços em

volta do pescoço dele e o puxou para ela até que eles estivessem lado a lado. Ele se sentiu como uma grande tenda desmoronando ao redor do mastro central do corpo dela.

"Venha para dentro", disse ela em seu ouvido.

Frank a seguiu até o hall de entrada escuro e fresco. Ela o conduziu escada acima até um patamar iluminado pelo sol, apontando para a cozinha e a lavanderia com o orgulho tímido de um estudante no Dia dos Pais. Espalhadas na mesa da cozinha estavam várias garrafas de vinho vazias da noite anterior, anéis carmesim marcando a superfície da madeira. Frank olhou para eles com uma mistura de alívio e desejo. Ele nunca mais se sentaria depois do jantar assim, falando apaixonadamente sobre absolutamente nada assim, enchendo copo após copo enquanto a noite se transformava em noite. Cleo seguiu seu olhar. Frank disse a ela que havia parado de beber quando ligou de Nova York para sugerir uma visita. Seis meses, ele disse, mas ela teve dificuldade em acreditar. Agora, ela podia ver que ele estava diferente, sóbrio, mais suave. Qualquer defesa que o álcool lhe deu se foi.

"Você quer água?" ela perguntou. “Ou chá? Leite? Chá *com* leite?

"Estou bem", disse ele. “É apenas a primeira vez que viajo assim, sabe. me sinto um pouco…”

"Macio?"

Frank sorriu. "Sim", disse ele. “Essa é exatamente a palavra para isso.” Eles se entreolharam e um frisson de calor passou entre eles. “Por que você não me mostra seu quarto?” ele perguntou.

Seu quarto parecia uma mistura de quarto de hospital e dormitório, com piso de linóleo salpicado e uma cama de solteiro coberta com um edredom rosa. Cartões postais de pinturas de Lee Krasner e Jay DeFeo cobriam a parede acima de sua pequena mesa. O Instituto de Belas Artes parecia a Frank um internato para adultos, um espaço ao mesmo tempo pessoal e impessoal, refletindo um grupo de habitantes que necessariamente iria embora. Cleo adorou por isso mesmo; era um lugar dedicado à criação.

Frank empoleirou-se na cama e sentiu algo duro embaixo dele. Ele enfiou a mão sob o cobertor e tirou uma pedra lisa e oblonga. Era um rosa pálido opalescente com veios brancos, mais ou menos do comprimento de sua mão, frio ao toque e pesado de segurar. Ele olhou para Cleo, que riu. "Opa, não sabia que ainda estava lá."

Ela o ergueu da palma da mão dele e o deslizou para dentro de uma gaveta bagunçada da escrivaninha. Dentro havia folhas de papel mata-borrão grosso com listras de aquarela, uma pena branca afilada, uma caneta com um girassol de plástico na ponta.

"O que é?" Frank perguntou.

“É um cristal.” Cleo encostou-se na mesa para encará-lo. Uma fina faixa de barriga apareceu entre a camiseta e a calça jeans, como o sol espreitando entre as nuvens. “Para colocar dentro de você. Na verdade, Zoe me contou sobre isso. Você pode usá-lo para abrir seus chakras, curar traumas, esse tipo de coisa… Você está revirando os olhos.”

"Eu não sou!"

“Você está enrolando-os por *dentro* . Eu posso dizer.

"Você não pode."

Mas ela podia. A capacidade de Cleo de ver dentro de Frank sempre o irritou e emocionou. Ele nunca se sentira visto, realmente visto, até conhecê-la.

“Colocar dentro de você como?” ele perguntou.

"Bem, eu não engulo."

"É uma coisa de sexo?"

“É uma coisa curativa.”

"Você precisa disso?"

Cléo sorriu. “Eu preciso de tudo.”

“Esse é o dom de ter vinte e seis anos”, disse Frank. “Você pode tentar qualquer coisa e parecer esperançoso. Aos quarenta e cinco anos, você é simplesmente ridículo, até para si mesmo.

Cleo bufou. "Que absurdo! Olhe para você e suas reuniões. Você é uma pessoa totalmente nova!”

"Você acha mesmo?"

“Você está mais leve. É uma coisa boa."

"E você!" exclamou Frank. “Você cortou todo o seu cabelo.”

Cleo sacudiu seu bob em forma de tulipa. “Acho que também estou mais leve”, disse ela.

Frank assentiu, sorrindo. “Zoe te contou sobre aquele grupo feminista positivo para o sexo que ela começou com as crianças de Gallatin?”

Os olhos de Cleo brilharam de diversão. "Ela com certeza fez."

“Se ela exaltar o poder do orgasmo feminino para mim mais uma vez…”

Cleo jogou a cabeça para trás em uma risada. Zoe realmente a presenteou com histórias sobre isso na última vez que se falaram. Ela se comportou como se fosse a primeira mulher a descobrir o clitóris, mas seu entusiasmo juvenil também era encantador.

“É bom para ela”, disse Cleo. “Ela está explorando, você sabe. E... Ela olhou para ele timidamente, com orgulho. “Agora também tenho um terapeuta.”

"Você faz?"

“Ela é uma lésbica budista da Irlanda, mas vive na Itália há anos.”

“Eu não poderia imaginar uma descrição melhor de um terapeuta para você.”

"Eu confio nela", disse ela. “Ela é a primeira pessoa em quem confio há muito tempo.”

"Eu entendo", disse Frank. “É assim que me sinto em relação ao meu padrinho.”

"Uau, Frank", disse Cleo. “Olhe para nós formando relacionamentos saudáveis.”

Eles se olharam em silêncio por um momento, tão familiares e desconhecidos um para o outro ao mesmo tempo.

“Estou feliz em ver você,” ele disse eventualmente.

Na verdade, ele sentiu uma mistura giratória de euforia, terror e alívio ao vê-la, assim como Cleo ao vê-lo, mas nenhum dos dois se sentia pronto para entrar nisso ainda.

"Eu também", disse ela. “Achei que não iríamos até o ano que vem.”

"Por que isso?"

“Casamento de Santiago e Dominique.”

“Ah sim, claro! Dá para acreditar que isso está acontecendo?

"Eu posso. Ele me escreveu duas cartas até agora, e ambas são odes ao seu amor por Dominique, além de uma receita de macarrão.

Frank riu. “Ele é o último romântico vivo. Lembra do discurso que ele fez no nosso casamento?

"Eu faço. Ele disse que nós dois éramos feitos de ouro ou algo assim.

“Eu não sei sobre mim, mas você certamente é.”

Cléo sorriu. Ela realmente parecia dourada para ele.

“Quer ver meu estúdio?” ela perguntou. “Fica no outro prédio.”

Frank a seguiu para fora da sala e pelo corredor. Ele observou seu andar fluido e macio.

“Alguém mais esteve aqui para visitá-lo? Quentin?

“Não nos falamos mais”, disse Cleo baixinho.

Frank esperou que ela elaborasse. Ela parou de andar e se virou para encará-lo.

“Metanfetamina”, disse ela. “Eu acho que Alex o colocou nisso. Ele não está bem.”

A última vez que Cleo viu Quentin, ela explicou, ele a convidou para um hotel barato no centro da cidade. Quando ela chegou, havia três outros homens de olhos fundos andando pela sala com ele. Quentin estava seminu e maníaco, seu corpo magro e pálido estremecendo como se fosse elétrico. Ele precisava de dinheiro, ele disse. Ele havia esgotado a substancial mesada mensal que sua avó fornecia e ainda faltava uma semana para o mês. Quando ela tentou fazer com que ele fosse embora, ele a atacou. *Não se atreva a me julgar, seu filho da puta.* Cleo saiu da sala e ligou para Johnny, mas ele não ajudou e ela não tinha o número de nenhum membro da família de Quentin. Não havia nada a fazer senão deixá-lo lá. Frank balançou a cabeça enquanto ela contava isso.

"Eu não fazia ideia."

“Ele nos deu cocaína como presente de casamento. Você não achou que ele poderia ter um problema minúsculo com drogas?

“Ele é um personagem?” ofereceu Frank. “Eu só não pensei que ficaria tão ruim para ele. Quero dizer, se fumar um pouco e beber demais faz de você um viciado, então todo mundo que conhecemos...” Frank parou e beliscou. sua testa. “Jesus, Cley. Todo mundo que conhecemos em Nova York é viciado, não é?

Cleo assentiu severamente. "Parece que sim."

"Você não tentou alcançá-lo novamente?"

Ela deu a ele um olhar de dor.

“Sim, claro que sim. Inúmeras vezes. Liguei para a reabilitação e encontrei camas gratuitas, mas ele se recusou a ir. Então seu número foi desconectado. Neste ponto, não tenho certeza com quem eu estaria entrando em contato.

— Você quer dizer que outra pessoa conseguiu o número?

"Quero dizer, eu não sei mais quem ele *é* ."

"Você está bem?"

Ela olhou para ele com seu sorriso exausto. “Um de nós tem que ser.”

“Você teve sorte de ter saído de Nova York quando saiu.”

"Pela pele dos meus dentes", disse ela.

Ela o guiou até seu estúdio, que era pequeno e desordenado, não exatamente o

espaço de fábrica cheio de luz que ele estava imaginando. Vigas baixas de madeira no teto, o cheiro químico de diluente no ar, um piso de concreto empoeirado com listras vermelhas escuras. O coração de Frank deu um salto. Foi sangue? Não. Era tinta, claro. Ele viu a mesma cor de ferrugem nas telas que revestiam a parede.

Frank lembrava-se do trabalho de Cleo como floreado e carnal, as cores de um hematoma na parte feia da cura, amarelos azedos e violetas escuros e cremes tingidos de carmesim. Essas telas eram muito mais simples, linhas vermelhas limpas em fundos brancos ou cinza. Ele olhou com mais cuidado e viu que as linhas eram partes abstratas de corpos de mulheres, nádegas gêmeas abertas, uma barriga curvada, a curva pesada de um seio.

Ele nunca soube realmente se ela era boa como artista. Ela certamente tinha sido infeliz o suficiente para ser boazinha. Mas o que isso significava? Pessoas talentosas geralmente eram infelizes, mas pessoas infelizes nem sempre eram talentosas. Frank sempre achou que o principal dom de Cleo era seu jeito de ser. Ela era excepcionalmente atraente, não apenas em sua aparência, mas em sua essência. Ela tinha um jeito de trazer a luz para dentro de uma sala com ela, como uma janela sendo escancarada.

Cleo observou Frank enquanto ele se ajoelhava para examinar uma pequena tela quadrada e o objeto, que antes era a curva de um joelho dobrado com o movimento humano, tornou-se apenas uma linha. Eram corpos apresentados como ausência; conforme você se aproximava, eles recuavam. Ela tinha orgulho dessas pinturas, que eram menos obviamente figurativas do que seus trabalhos anteriores, emprestando-lhe a liberdade e o anonimato da abstração. Ela observou seu rosto, tentando decifrar seus pensamentos.

Frank ergueu os olhos e viu que Cleo o observava com aquela curiosa intensidade dela. Ela esperava algo dele, ele sabia, alguma resposta que ele não sabia como dar. O que ele entendia era a linguagem. Marca. Que palavrão se tornou, mas havia uma franqueza que beirava o sublime para ele. Todas as interações eram, no fundo, transacionais; pelo menos a publicidade não fingiu. Esse mundo sutil de sombras e linhas que Cleo ocupava, ostensivamente tão cheio de significado, potencialmente tão sem sentido... Frank sentiu como se estivesse tentando abrir um pacote com as instruções escritas dentro.

"É muito inteligente, Cleo", disse ele. "Tão... artístico."

Cléo riu. Ela podia ver que ele estava perplexo, mas ficou surpresa ao saber que se importava menos com a reação dele do que esperava. Independentemente do que ele pensasse, ela estava satisfeita com o trabalho.

“Vou fazer um show no mês que vem”, ela disse, incapaz de esconder o orgulho em sua voz. “Em uma pequena galeria em Monti.”

“Você tem um título?”

“ *Linhas da Vida* ”, disse ela.

“Apropriado.”

"Como assim?"

“Apenas apropriado,” ele disse novamente vagamente. "Para você."

"Há uma peça de instalação também", disse ela. “Acho que é a melhor parte. Quer ver?

Ela era tão sincera, tão esperançosa. Frank sentia por ela. Não havia garantia

de que ela teria sucesso nisso; na verdade, provavelmente ela não o faria. Ele se lembrou da primeira vez que a conheceu, andando pelas ruas de Nova York declarando que ela era uma artista com um pequeno e orgulhoso movimento de cabeça. Ele viu a mesma confiança na luta de Zoe para se tornar uma atriz, explorando sua juventude e beleza, desgastando-as sem retorno. Eles ainda não sabiam o que ele fazia. Que você pode ser talentoso, trabalhador, tenaz, até tocado por um pouco de sorte, e *ainda* não ter sucesso, ou se você fez, não durou. Que nunca experimentar realizações proporcionais ao seu talento, nunca receber pagamento adequado por seus esforços, era uma coisa terrível e desmoralizante.

Frank seguiu Cleo até o pátio que separava os prédios. A brisa quente do Mediterrâneo os envolveu como um gato se esfregando em seus tornozelos.

“A instalação fica no galpão”, disse Cleo. “Eu só queria fumar um cigarro primeiro.”

Ela enrolou um cigarro e passou para ele, depois fez outro para ela.

“Eu não fumo,” ele disse, colocando-o entre os lábios.

Ela sorriu. “Todo mundo que para de beber começa a fumar, só um pouquinho.”

Estava quieto, exceto pelo som metálico de um rádio vindo de uma janela aberta acima deles. Cleo enfiou a bolsinha de fumo no bolso de trás e cruzou os braços. Era hora de falarem sobre o que ele tinha vindo aqui para falar.

“Então,” ela disse. “Conte-me sobre Eleanor. Não sua mãe.

Frank tossiu a fumaça que acabara de inalar. Ele presumiu que seria ele quem criaria Eleanor. Ele não sabia que Cleo tinha ouvido falar sobre o relacionamento de Zoe semanas antes. Para Cleo, ouvir que Frank estava apaixonado por outra pessoa era como ser picado por uma água-viva; depois que a primeira dor surpreendente passou, havia apenas uma dor surda. Nunca mais doeria tanto. E Cleo estava determinada a ficar feliz por ele, mas primeiro eles tinham que conversar sobre isso.

“Eu li seus e-mails no ano passado.” Ela encolheu os ombros, um movimento em partes iguais de contrição e rejeição. “É engraçado porque eu estava muito chateado, mas também estava rindo. Eu gosto dela." Cleo forçou um sorriso. "Talvez até mais do que eu gosto de você."

"Eu também", ele administrou. "Certamente mais do que eu gosto de mim."

O que ele poderia dizer sobre Eleanor? Ela era bonita, não bonita, e não atraía a atenção que Cleo atraía apenas por entrar em uma sala. Mas ela era feita de material mais profundo e resistente. O melhor senso de humor que ele já encontrou em uma mulher, em qualquer pessoa, exceto talvez em sua mãe. Mas ela era mais gentil do que a mãe dele, mais terna também, com a verdadeira capacidade de empatia de um escritor.

“Nós... gostamos muito um do outro”, disse ele.

“Eu percebi isso. Vocês estão juntos há pouco tempo, não?

Cleo estava tentando manter a voz casual, mas tinha um tom duro de interrogatório.

“Acabamos de conseguir uma casa no Brooklyn”, disse ele. “Eu ia te contar.”

“Brooklyn!” A voz de Cleo saltou uma oitava. “Uau, as coisas devem estar sérias.”

Frank esfregou a nuca com a mão. "Não muito longe do Brooklyn", disse ele. “Do outro lado da ponte.”

"Brooklyn", Cleo repetiu para si mesma, incrédula. “Isso é muito adulto. Bem, acho que vocês dois *são* adultos. Qual a idade dela?" De alguma forma, ela havia sido perturbada por toda a graciosidade pretendida.

"Trinta e poucos anos", disse Frank, igualmente abalado. “Isso realmente importa?”

"Eu só estava pensando", disse Cleo. “Ela parece madura, só isso. Mais maduro do que eu.”

Isso poderia ter sido uma piada, mas sua voz era prática.

“Ela faz trinta e oito anos na semana que vem”, disse Frank, inquieto.

Cleo deu uma tragada profunda no cigarro. As brasas caíram pela perna de seu jeans.

"Isso é ótimo", disse ela, batendo ferozmente as cinzas de seu joelho. “Diga a ela feliz aniversário por mim. *Buon compleanno* , Eleanor!

Ela estava se esforçando para ser alegre, mas havia passado dos limites e acabou no território da mania. Frank deu-lhe um longo olhar, depois largou o cigarro e deu um passo em sua direção. Ele apertou seus ombros estreitos em suas mãos.

“Sinto muito por não ter contado antes de vir.”

Cleo olhou para os pés. “Você não me deve nada.”

Ele balançou sua cabeça. “Devo tudo a você”, disse ele. "E eu sinto muito."

Cleo ergueu os olhos para ele e sua expressão se suavizou.

“Saí do país, lembra?” ela disse. “Você tem permissão para sair de Manhattan.”

Frank suspirou. Agora era a hora de trazer à tona o divórcio. Não poderia ser um momento mais natural. Afinal, Cleo foi parar no hospital tentando acabar com o casamento; em contraste, o divórcio era uma abordagem notavelmente gentil. Mas algo o deteve.

"Na verdade, foi Eleanor quem sugeriu que eu viesse aqui", disse ele em vez disso. “Para ter certeza de que você estava bem.”

As sobrancelhas claras de Cleo se franziram. "Ela fez? Você não quis vir pessoalmente?

“Claro que sim,” ele disse rapidamente. “Eu só quis dizer... Não há animosidade da parte dela, é o que quero dizer. Ela se preocupa com você. Acho que ela te admira. Ele falava demais, mas não conseguia parar. "Ela gostaria de conhecê-lo se, hum, as circunstâncias permitirem."

A testa de Cleo franziu ainda mais. Então Frank veio por causa de Eleanor. Claro que não tinha sido para ela. E lá estava o sentimento que ela estava tentando negar, o ciúme sombrio e oleoso crescendo dentro dela de que Frank faria por Eleanor o que nunca faria por ela. Eleanor pegou *essa* versão de Frank, o homem sóbrio e atencioso que aceitava suas sugestões, enquanto Cleo suportou o antecessor bêbado como um tolo.

O desejo de perfurar a superfície lisa de seu novo amor atravessou-a. Não teria sido difícil; ela havia conhecido Eleanor, afinal, e sabia que ela dificilmente era o tipo de pessoa brilhante em que Frank gostava de se ver refletido. Apenas uma observação, e ela poderia perfurar sua felicidade como uma agulha com ponta

envenenada.

Mas ela se conteve. Ela só iria se arrepender. E em seu coração, ela sabia que Eleanor era boa para ele. Ela não estava mentindo quando disse que gostava dela. Cleo e Frank não conseguiam fazer um ao outro feliz, por mais que tentassem. Melhor deixá-lo ir, melhor despachá-lo com seu amor nas costas como a brisa morna de Roma, mesmo que o levasse para outra pessoa.

"Eu gostaria de conhecê-la também", disse ela. "Ela parece... sensacional."

Frank sorriu aliviado. “Ela vai gostar de ouvir isso,” ele disse. "E ela é. Vocês dois são.

"Vocês dois... vocês *estão* felizes?" Cleo examinou o rosto dele com sua concentração habitual.

Frank pensou em como responder honestamente sem machucá-la. A primeira vez que ele e Eleanor dormiram juntos, ele pensou que poderia morrer de felicidade. Ele nunca esperou para fazer sexo com ninguém antes, certamente nunca se apaixonou por eles de antemão. Ele esteve incrivelmente nervoso, assim como ela. Tudo deu errado; ele não conseguiu desabotoar o sutiã dela, ela deu uma cotovelada no estômago dele, meio enrolando-o, e então quando ele finalmente a penetrou, durou cerca de trinta segundos antes de explodir. Os dois riram até as lágrimas rolarem. Ela caiu sobre o peito dele, os braços dele apertados em suas costas, e adormeceu bem ali, bem no centro dele, o coração dela batendo contra o dele, e ele também dormiu, preso embaixo dela, feliz, sim, feliz afinal.

"Estamos tentando ser", disse ele finalmente. "E você? Você está feliz aqui?”

Cleo lançou os olhos ao redor do pátio. Ocorreu-lhe que de alguma forma, milagrosamente, ela era. Nos sete meses desde que chegou a Roma, ela fez arte todos os dias, redescobrindo os prazeres da solidão e da comunidade. Ela tomava o café da manhã na cozinha com os outros artistas em residência e se reunia com eles todas as noites para discutir o trabalho do dia com vinho e macarrão. Ela tinha visto a cama de solteiro onde Keats deu seu último suspiro e caminhou com o rosto voltado para cima pela Capela Sistina, devorando a mistura de ouro, carne e céu.

Ela amava Nova York, mas não era sua cidade, ela sabia disso agora. Convinha a ela fazer parte dessa intrincada rede de capitais européias, cada uma a apenas algumas horas de distância das outras, cada uma contendo seus Caravaggios, Sorollas e Soutines. Ela até começou a conversar mais com o pai, agora eles estavam separados por apenas uma hora de diferença.

E estava descobrindo que o ritmo mais lento de Roma a acalmava. Ela era trabalhadora, mas nunca exausta. Ela dormia profundamente e sozinha. Ela ainda não tinha um amante, embora um dos outros artistas, um tímido designer suíço de sua idade, tivesse confessado seus sentimentos por ela tarde da noite no estúdio. Ela precisava de mais tempo, ela disse a ele gentilmente. À tarde, ela tomava café expresso em pé no bar e observava os italianos se agitando como borboletas. Ela finalmente aprendera a ficar sozinha em público sem pensar no que os outros pensavam dela. Foi um alívio finalmente viver de dentro para fora.

"Tentando também", disse ela.

Frank assentiu, satisfeito. “Você quer me mostrar a peça de instalação?”

Ela o levou a um pequeno galpão atrás do prédio do estúdio. Cleo abriu a

porta para revelar uma sala branca quadrada com um projetor instalado no centro voltado para o teto. Solo escuro cobria o chão. O cheiro o atingiu em uma onda nauseante, terroso, rico e doce.

"Cley ..." Ele pairou na porta.

“Eu sei,” ela disse. "Por favor. Apenas deite-se.

Ele se deitou na terra, ainda enjoado com o cheiro dela. Cleo ligou o projetor e a sala ficou vermelha. Ela se deitou ao lado dele. A luz carmesim ondulava no teto como as rugas de uma pétala de papoula. O cheiro de terra estava por toda parte, puxando-o de volta para aquele momento...

O que o surpreendeu foi a onda de raiva que sentiu voltando a isso. Fora *ele* quem a encontrara e chamara a ambulância, ajoelhado no chão todo enegrecido com o sangue dela, e agora ali estava Cleo, transformando isso em arte. Enfiar um cristal em si mesma e chamá-lo de cura. A sala havia se tornado um carmim encharcado de sangue. Bem, bom para ela. Ele estava feliz por se livrar dela. Ele havia usado essa violência também, para se impulsionar para fora de seu casamento para um relacionamento com uma mulher sã. Graças a Deus. Ele queria sentar e contar a ela sobre os papéis do divórcio. Ele queria uma bebida. Ele queria mil drinques. Ele queria pegar punhados de terra e esmagá-los em seus olhos e gritar como um bebê. Ele queria sua mãe, não sua mãe de verdade, aquela bêbada egocêntrica, mas sua mãe de verdade, ainda não encontrada, a mulher que realmente poderia cuidar dele. Ele queria Eleanor.

"Cleo", ele se sentou. “Não posso, não posso.”

Cleo pôs a mão no braço dele, mas ele a afastou. “É demais , Cley.” Ele se chocou ao começar a chorar. "Demais."

Ele baixou a cabeça entre as mãos e soluçou. Ele não conseguia se lembrar da última vez que havia chorado. Foi um exorcismo de lágrimas. Cleo o puxou para frente e aninhou a cabeça dele em seu colo. Ela não queria machucá-lo, mas precisava que ele visse isso. Durante todo o casamento, ela se submeteu às versões dela de outras pessoas, refugiando-se na forma de seus desejos. Ela pensou na promessa de Frank no dia do casamento. *Quando a parte mais escura de você encontra a parte mais escura de mim, isso cria luz.* Agora ela havia concluído esse processo por conta própria. Ela conheceu a parte mais sombria de si mesma e criou isso.

Ao redor deles, a sala mudou de cor para um âmbar profundo. A música começou a tocar. Foi um rolo compressor ondulante de guitarras agudas e sintetizadores, um som profundo, expansivo e expansivo. Então o galpão ficou de um azul brilhante. Eles estavam em uma caixa de céu, listrada com os vapores brancos das nuvens. *Linhas da Vida* . Aqui estavam os dela. Ela havia encontrado uma maneira de escolher sua vida. Ele também deve.

"Divórcio", disse ele em seu colo.

"Eu sei", disse ela, acariciando seu cabelo. "Eu sabia."

Eles se sentaram do lado de fora de um café perto da Piazza di Spagna enquanto uma luz rosada banhava as ruas. O dia de trabalho terminara e a languidez da noite pairava pesada no ar como pólen. Após a intensidade da instalação de arte de Cleo, foi um alívio estar no suave burburinho da vida pública. Uma facilidade

havia retornado entre os dois.

“É lindo aqui”, disse Frank. “Nem sempre tive as melhores associações com a Itália por causa do meu pai. Mas agora que você mora aqui, vou pensar de forma diferente.

Cleo mordeu um dos círculos salgados de salame que havia sido colocado diante deles sem cerimônia ao se sentar. Seu rosto brilhava na luz cor de pêssego do entardecer.

"Estou feliz", disse ela. “Ele não deveria tirar a Itália de você.”

Um garçom adolescente veio oferecer-lhes um aperitivo, claramente encantado por ter a oportunidade de praticar seu inglês. Frank deu a Cleo um olhar de pânico, mas ela pediu duas limonadas espumantes em italiano com uma suavidade impressionante.

“Nunca pensei que seria capaz de visitar Roma e não beber”, disse ele, enquanto os copos de contas eram colocados diante deles.

“O vinho é a parte menos interessante de Roma”, disse Cleo. "E de você."

Frank deu a ela um sorriso indefeso. “Obrigado, Cleópatra.”

"De nada, Frankenstein."

E lá estava, de repente, a lembrança do primeiro Halloween que passaram juntos surgindo na mente de Cleo. Eles se fantasiaram de seus apelidos, Cleópatra e o monstro de Frankenstein. Cleo passou a tarde inteira se arrumando, pintando um enfeite de cabeça dourado e prendendo um vestido de linho solto. Ela usava uma longa peruca preta com grossas camadas de delineador de carvão, transformando-se em sua própria irmã gêmea morena.

“Você se lembra do Halloween?” ela perguntou de repente.

Eles tinham ido com amigos a uma festa no Anders's, todos amontoados em um táxi, brigando para decidir qual estação de rádio tocar, o primeiro saquinho sendo passado pelo banco de trás como um bilhete de amor.

"Claro", disse Frank. “O que te fez pensar nisso?”

Cléo deu de ombros. Sua mente ainda tinha o hábito de lançar memórias dolorosas, um lembrete, ela supôs, para seguir em frente. Ao contrário de Frank, ela não era propensa à nostalgia.

“Quando penso em beber, tenho o hábito de me lembrar da melhor parte de cada noite”, disse Frank, como se estivesse lendo sua mente. “Meu padrinho diz isso para mim: 'Toque a fita para a frente'. Tenho que continuar lembrando até chegar ao ponto em que deixou de ser divertido.”

"Tudo bem", disse Cleo. “Então, jogue para a frente. Você sabe como aquela noite terminou.

Frank avançou para a festa de Halloween, onde se sentiu desconfortável com sua fantasia, que consistia em uma máscara de monstro que cheirava a cloro. Anders estava vestido, de forma devastadora, como uma espécie de assassino sexy. Avanço rápido para me sentir feia e esquecida, como um monstro de verdade, para beber demais, para brigar com Cleo a caminho de casa, para o som dela chorando no travesseiro enquanto ele estava deitado ao lado dela, observando o teto virar. Sim, havia as fronhas de manhã, todas manchadas de maquiagem preta que não saía com a lavagem; ele os enfiou no fundo do lixo, como costumava fazer quando criança com seus lençóis encharcados de mijo, para que sua mãe não os encontrasse. Era por isso que ele odiava lembrar.

Avanço rápido e ele sempre chegava à corrente escura correndo por baixo de cada noite aparentemente feliz, à tristeza secreta no coração de Cleo que ele não conseguia curar, às cicatrizes negras nos lençóis brancos que ele não conseguia tirar.

“Tenho vergonha de me lembrar disso”, disse ele. “Como eu te machuquei.”

Cléo assentiu. "Você fez", disse ela. "Mas havia uma vantagem naquela noite." Ela deu a ele um de seus olhares misteriosos e conhecedores. “Você estava com tanta ressaca no dia seguinte que finalmente ganhei o Pinch Punch.”

Frank começou a rir. Certa vez, Cleo mencionou de improviso que era uma tradição na Inglaterra no primeiro dia do mês dizer "Pinch, punch, first of the months!" Enquanto o vencedor declarou “E sem retorno!” depois, eles estavam livres para decretar esses beliscões e socos sem retaliação. O perdedor então teve que esperar um mês inteiro antes de ter a chance de dizê-lo primeiro novamente. Frank, que tinha um gosto pelo absurdo, havia saltado para este jogo com uma competitividade fanática, acordando cedo no primeiro dia de cada mês e pairando sobre a figura adormecida de Cleo até que, ao menor sinal de despertar, ele lançaria seu ataque, gritando a rima cantada com o tipo de zelo que, Cleo tinha certeza, causava ataques cardíacos em homens de meia-idade.

"Eu esqueci disso." Ele riu. “Você foi péssimo no Pinch Punch.”

“Porque eu não queria programar meu alarme para o raiar do dia primeiro de cada mês como um maníaco!”

Frank a olhou sério. “Isso é o que é preciso para ser um campeão do Pinch Punch, Cleo.”

Ele tentou manter uma cara séria, mas ambos foram rapidamente reduzidos ao riso.

"Bem, agora você pode brincar com Eleanor", disse Cleo, quando a diversão diminuiu.

Frank balançou a cabeça, sério novamente. “Eu não faria isso. É o nosso jogo. De qualquer forma, ela não é britânica.

Cleo olhou para ele com ternura. "Tudo bem", disse ela. “Continua sendo nosso.”

"É estranho para você?" ele perguntou. “Que estou com outra pessoa? Você pode ser honesto.

"É um pouco", disse ela lentamente. “Mas de uma forma estranha, você e Eleanor me dão esperança. Isso me faz sentir que posso encontrar o que você tem um dia também.

“Isso não será um problema para você. Você terá homens fazendo fila.

Frank terminou sua limonada com um gole satisfeito.

“Gostaria de me casar de novo”, disse ela. “Durante mais um pouco da próxima vez.”

"Você irá. Só não escolha alguém como eu.

Cléo levantou uma sobrancelha. "Você quer dizer um alcoólatra ativo quase vinte anos mais velho que eu?"

“Pá!” Frank caiu para trás contra a cadeira como se tivesse levado um tiro. “Mas sim, é exatamente isso que quero dizer”, disse ele, voltando à vida.

“Você não escolheu alguém como eu.”

"Não. Eleanor não é como nenhum de nós.

“Como ela é diferente?”

"Você realmente não se importa de falar sobre ela?"

"Estou curioso."

“Ok, bem, Eleanor tem essa mãe. Ela me intimidou no começo porque ela simplesmente... ela é *feroz.* Ferozmente amoroso. E Eleanor cresceu em uma casa nos subúrbios com um jardim e algo chamado sofá do visitante e, você sabe, três tipos diferentes de comedouro para pássaros.

Cléo assentiu. “O auge da domesticidade.”

"Exatamente. E não era perfeito - seus pais se divorciaram quando ela era jovem e ela teve um relacionamento estranho quando adolescente com um cara mais velho - mas eu poderia dizer que ela se sentia segura naquela casa. Ela cresceu se sentindo segura e ferozmente amada.”

Quando ele olhou para cima, ficou surpreso ao ver que os olhos de Cleo estavam vidrados com uma fina película de lágrimas. "Isso soa bem", disse ela calmamente.

“E você e eu não conseguimos isso, não porque não merecíamos, apenas recebemos outra coisa. Mas as pessoas que receberam esse amor cresceram e se tornaram diferentes de nós. Mais seguro. Talvez eles não sejam tão brilhantes ou bem-sucedidos quanto você e eu sinto que devemos ser. Mas não é porque não são interessantes. Eles simplesmente não acham que precisam fazer o sapateado, sabe? Eles não precisam se *provar* o tempo todo para serem amados. Porque sempre foram.

Cleo sorriu tristemente. “Mas como parar de sapatear se você é como nós?”

“Fiquei muito cansado, Cley”, disse ele. “Os sapatos não serviam mais. E quando parei, Eleanor estava lá comigo. E acho que você merece estar com alguém assim, que pode te dar aquela segurança e aquela tranqüilidade de uma forma que eu nunca consegui. Mesmo que Deus saiba que eu queria, Cleo. Eu realmente queria isso.”

Cleo pegou a mão dele por cima da mesa. As mãos sardentas de Frank. Ela se lembrava deles sempre em movimento, esvoaçando pelas superfícies, ajustando seus óculos, acentuando as palavras no ar com um gesto enfático de palma aberta que era, apenas, *ele* . Ela apertou os dedos dele entre os dela.

"Eu sei que você fez", disse ela. "Eu queria fazer isso por você também."

O jovem garçom trouxe o cheque para assinar e, como Frank costumava fazer quando se sentia um pouco deprimido, tentou levantar o ânimo com um explosão de generosidade desnecessária ao colocar uma gorjeta de cinquenta euros dentro da nota.

Enquanto o menino o retirava, uma pequena comoção começou a acontecer na praça. Um jovem casal corria com os membros soltos pelas grandes pedras planas e ria alto, gritando um com o outro sem motivo, ao que parecia, a não ser a alegria de ser jovem e bonito em algum lugar antigo e bonito. Eles não são muito mais novos que Cleo, pensou Frank. Eles são muito mais novos do que eu, pensou Cleo. Um velho barbudo pelo qual passaram também ria e acenava com a bengala, chamando-os em italiano. Cleo e Frank observaram os rostos do casal, corados e livres, enquanto eles passavam correndo.

"Você entende o que o homem estava dizendo?" Frank perguntou.

Cleo balançou a cabeça quando o garçom apareceu ao lado dela.

“Signor, isso não está certo!” A nota estava aberta entre suas mãos como um livro de orações. "É muito!"

“Não, não, está tudo bem”, disse Frank. "É para você. Você ouviu o que aquele homem estava dizendo? Para as crianças correndo?

“Sim, acho que sim”, disse o menino. "Mas isso-"

“Você pode traduzir?”

“Mas essa gorjeta”, disse o menino. “É... americano demais.”

Cleo riu quando viu a conta. “Estou feliz que nem todos vocês mudaram,” ela disse.

“Você pode me dizer o que ele disse?” Frank perguntou novamente.

“Como vocês são estranhos,” disse o menino olhando de um para o outro. “É um ditado italiano. É algo como 'onde quer que você vá, ele está esperando por você.'”

"Onde quer que você esteja indo, está esperando por você?" repetiu Frank.

O menino virou-se para Cleo desculpando-se.

"Não soa tão bem quando ele diz isso", disse ele.

Cleo e Frank saíram do café e desceram de braços dados a Escadaria Espanhola em direção ao hotel, onde os papéis do divórcio estavam esperando. Do lado de fora dos restaurantes, aglomerados de pessoas sentavam-se para aproveitar o bom tempo, suas taças de vinho brilhando na luz. Acima deles, um bando negro de estorninhos preenchia o céu. As pessoas viraram o rosto para cima para assistir. Os pássaros giravam e pulsavam, contraindo-se em um denso enxame negro, depois girando descontroladamente em um redemoinho flutuante, uma constelação solta de Vs. Frank ficou hipnotizado enquanto eles se transformavam de uma nuvem dançante em uma onda pulsante para um pulmão inspirando e expirando.

“Chama-se murmuração”, disse Cleo, surpreendendo-o, novamente, com a amplitude de coisas que ele não sabia que ela sabia. “É mais quente aqui na cidade, então eles voltam todas as noites dos arredores.”

"É lindo", disse ele.

“E destrutivo. Eles cobrem tudo de merda. Você pode ver pessoas por toda a cidade pela manhã lavando seus carros e ciclomotores.”

“Mas como eles fazem isso? Todos se movem juntos?

Cleo tinha lido sobre isso quando se mudou para cá e ficou feliz em saber a resposta. “Cada estorninho só está ciente de cinco outros pássaros”, disse ela. “Um acima, um abaixo, um na frente e um de cada lado, como uma estrela. Eles se movem com esses cinco, e é assim que eles se mantêm em formação.”

“Mas quem é o líder? Quem decide para onde eles vão?”

"Não há um." Cléo sorriu. “Esse é o mistério.”

Eles caminharam por uma praça onde os turistas descansavam ao redor de uma fonte de mármore. Uma brisa morna levantou os cabelos de suas nucas. O ar cheirava a gasolina e azeitonas. Eles passaram por um beco de paralelepípedos salpicado de sombras onde dois adolescentes se beijavam contra uma motocicleta. Na outra ponta, uma cigana levantou a saia e urinou em uma poça. Eles seguiram em frente.

"Quem são seus cinco, então?" perguntou Cléo. “Aqueles que você assiste?”

“Minhas cinco pessoas?” Frank pensou por um momento. “Bem, Zoe é um, é claro. Santiago também. Ele olhou para o chão, que de fato estava marcado com cocô de pássaro. “E Anders.”

"Estou feliz", disse Cleo, falando sério.

“E agora Eleanor.” Frank olhou para ela com o canto do olho. Ela estava balançando a cabeça lentamente.

"E você. São cinco.

"Meu?"

"Você", disse Frank. "Sempre tu."

Eles se entreolharam. O rosto de Cleo estava sereno como uma catedral. Ao redor deles, a cidade estava se preparando para a noite. Uma criança chorou por sua mãe. Uma garrafa se abriu. Uma moto rugiu. Os estorninhos continuaram voando.

AGRADECIMENTOS

Este romance levou mais de sete anos para ser concluído, durante os quais foi nutrido e aprimorado por muitas, muitas pessoas. Sou grato ao seguinte:

Minha agente Millie Hoskins, que entendeu o cerne dessa história e a defendeu desde o início. Meu desejo para todos os escritores iniciantes é que tenham a sorte de encontrar uma Millie.

Minhas editoras Grace Mcnamee e Helen Garnons-Williams, que fizeram da edição dessa história muitas vezes complicada uma verdadeira colaboração e uma alegria. É muito melhor por ter as duas mentes brilhantes nele (tem até um enredo agora!). Também Jordan Mulligan e Sade Omeje, que embarcaram com tanto entusiasmo para vê-lo até a publicação.

O programa NYU MFA, em particular meus professores Amy Hempel, Nathan Englander, Darin Strauss e Rick Moody. Esses dois anos mudaram minha vida irrevogavelmente para melhor.

Minha coorte de redação Isabella Hammad, Steve Potter, Liz Wood e Allison Bulger por suas percepções e edições após o MFA.

Meus amigos maravilhosos Adam Eli, Olivia Orley, Zoe Potkin, Sophia Gibber, Sean Frank, Dayna Evans, Corey Militzok, Margot Bowman, Max Weinman, Maya Popa e muitos outros. Obrigado por me encorajar a continuar, e por tudo mais.

A comunidade sóbria do centro de Nova York, que realmente me amou até que eu pudesse me amar. Estou aqui porque você me carregou.

Emily Havens, por todos os telefonemas e por sempre me lembrar que existe um plano infinitamente melhor do que o meu.

Karen Nelson, por fornecer um lugar seguro para ir mais fundo e ser honesto. Sou uma pessoa melhor, e escritora, por te conhecer.

Minha mãe, minha primeira leitora, que me ensinou a lançar o coração para frente e correr ao seu encontro. Este livro é para você.

Meu pai e o amor pela linguagem que você incutiu em mim. Obrigado por saber que eu era um escritor antes de mim.

Minha engraçada, linda, inteligente e audaciosa irmã mais velha, Daisy Bell. Eu sempre serei seu gatinho.

Meus amados irmãos maiores, Holly e George, e minha prima Lucie, por me mostrarem o caminho.

Minha avó Judy, de quem herdei o amor pelo açúcar e pela travessura.

Minha avó Edie, que nunca conheci, mas cujo sonho de ser escritora vive em mim.

E, finalmente, meu Henry. Obrigado por me amar, por se casar comigo e por criar uma vida comigo muito doce e harmoniosa para ser uma ficção

interessante. Sou seu.

Sobre o autor

Coco Mellors cresceu em Londres e Nova York. Ela tem um MFA da Universidade de Nova York, onde recebeu o Goldwater Fellowship. Ela atualmente mora em Los Angeles, Califórnia, com o marido.

HarperCollinsPublishers

Sobre a Editora

Austrália
HarperCollins Publishers Australia Pty. Ltd.
Nível 13, 201 Rua Elizabeth
Sydney, NSW 2000, Austrália
www.harpercollins.com.au

Canadá
HarperCollins Canadá
Bay Adelaide Centre, East Tower
22 Adelaide Street West, 41º andar
Toronto, Ontário M5H 4E3, Canadá
www.harpercollins.ca

Índia
HarperCollins Índia
A 75, Setor 57
Noida, Uttar Pradesh 201 301, Índia
www.harpercollins.co.in

Nova Zelândia
HarperCollins Publishers Nova Zelândia
Unidade D1, 63 Apollo Drive
Rosedale 0632
Auckland, Nova Zelândia
www.harpercollins.co.nz

Reino Unido
HarperCollins Publishers Ltda.
1 London Bridge Street
Londres SE1 9GF, Reino Unido
www.harpercollins.co.uk

Estados Unidos
HarperCollins Publishers Inc.
195 Broadway
Nova York, NY 10007
www.harpercollins.com